

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JOSÉ NILTON DE ALMEIDA

**TESSITURAS DA PELE:
JUVENTUDE(S), RELAÇÕES RACIAIS E EXPERIÊNCIAS
SOCIAIS**

**FLORIANÓPOLIS
2010**

JOSÉ NILTON DE ALMEIDA

**TESSITURAS DA PELE:
JUVENTUDE(S), RELAÇÕES RACIAIS E EXPERIÊNCIAS
SOCIAIS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade de Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Olga Celestina da Silva Durand

**FLORIANÓPOLIS
2010**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

L533i Almeida, José Nilton de
Tessituras da pele: Juventude(S), Relações Raciais e Experiências Sociais
[tese] /José Nilton de Almeida,
Almeida; orientadora, Olga Celestina da Silva Durand - Florianópolis, SC,
2010.

296 p.: il., graf.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Relações raciais; 2. Juventude; 3. Jovens negros(as)
. I. Durand, Olga Celestina da. II. Silva, Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

CDU 37

José Nilton de Almeida

**TESSITURAS DA PELE: JUVENTUDE(S), RELAÇÕES
RACIAIS E EXPERIÊNCIAS SOCIAIS**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de “Doutor em Educação”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 13 de outubro de 2010.

Prof^ª. Dr^ª. Célia Regina Vendramini
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Olga Celestina da Silva Durand
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dr^ª. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva
Universidade Federal de São Carlos

Prof^ª. Dr^ª. Ida Mara Freire
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Dr^ª. Luíza Mitiko Yshiguro Camacho
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof.^a. Dr.^a. Beatriz Bittencourt Collere Hanff
(Suplente)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a. Dr.^a. Denise Maria Botelho
(Suplente)
Universidade de Brasília

Dedicatória

*À Athanásio Soares de Almeida,
Maria José de Almeida,
Paulo Roberto de Almeida e
Carlos Luciano de Almeida,
partes e partidas,
quando as palavras nada significam,
senão a expressão dos incompreensíveis
mistérios
da vida passageira.*

AGRADECIMENTOS

‘Asas do Desejo’, de Win Wenders, foi um dos filmes mais poéticos dos anos 1980. Nele, o cineasta alemão fez uma paródia extraordinária sobre as desventuras humanas e as divinas. Há um singular momento do filme em que há uma revelação existencial perturbadora para um dos personagens: anjos não são a mensagem, apenas mensageiros. Esta é uma imagem gratificante, desprovida de qualquer vínculo religioso, que pode expressar o sentido de meus agradecimentos por tantos gestos humanos, profundamente solidários, fraternos e afetuosos. Quando se chega ao término de um trabalho desta natureza, não nos iludamos imaginando que o produto final expressa somente escolhas, decisões e reflexões solitárias. Este processo testemunha infinidade de encontros que tornou possível constituir um repertório de diálogos, interrogações e idéias. Assim, há muitas dívidas e agradecimentos por fazer, todavia desejo registrar alguns.

Em primeiro lugar, agradeço profundamente minha orientadora e amiga Prof^a Olga Durand. Seria difícil, em poucas palavras, conseguir pronunciar tudo que passamos. Quando a pesquisa era apenas uma idéia, ela confiou; quando percorreu as histórias singulares de jovens, se emocionou e se entusiasmou; quando tudo parecia muito amargo e intrincado por perdas afetivas, instigou para se encontrar um porto final. Muito obrigado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, assim como às/aos professoras/es e colegas com os/as quais tive a oportunidade do encontro e do diálogo.

Aos professores que estiveram presentes em minha banca de qualificação e que aceitaram o convite para a defesa, em especial, as Prof^a Petronilha Gonçalves da Silva, Prof^a. Luiza Camacho, Prof^a Ida Mara Freire, Prof. Paulino Cardoso, que nos presentearam com sua generosa atenção e arguta análise sobre esta produção acadêmica. Obrigado por compartilhar o reconhecimento do valor inestimável do diálogo plural.

Às pessoas, cujos nomes verdadeiros não serão revelados por motivo de confidencialidade, que se dispuseram a compartilhar suas histórias singulares, expondo experiências sociais muito íntimas. Por vezes, tais confidências com forte carga emotiva vinham, não raro, em

narrativas com uma voz embargada ou com lágrimas incontidas percorrendo as faces. Sou grato a todos/as pela confiança, afeto.

Aos meus queridos familiares mais ao norte: Maria Eugênia, que fez um exaustivo e inestimável trabalho de transcrever as entrevistas e que tanto se entusiasmou com a leitura destas histórias singulares; a Idalto, Juliana, Thiago, Pedro Guilherme e Vinicius, e a Maria Luisa, Camila e Vera. Também aos meus queridos familiares mais ao sul: Vilma e Franciolino, Suzana, Josana e Diogo. A todos agradeço pelo carinho, estímulo e torcida por esta realização.

Agradeço às/aos amigas/os de primeira hora, em especial, Roseli, Karen Rechia, Karen Nóvoa, Ângela, Rosane, Márcia, Bel Gomes, Néli, Alexandre, Dora e Ângelo, Lara e Francisco, Glória e Marcelo, Shaiane, Marcelly, pessoas que, de algum modo, estiveram distantes e próximas, mas sempre se manifestaram solidárias nos bons e nos difíceis momentos da vida.

À Maria Isabel, que conheci no momento que muito precisava, pela atenção e por compartilhar as interrogações extraordinárias da condição humana.

Aos membros do Núcleo de Estudos Negros/NEN, pois parte desta pesquisa tem sua dívida com diálogos e reflexões em torno da ação antiracista, mesmo que as divergências tenham exigido caminhos diversos. Em particular, desejo lembrar de Raquel, mulher de muitos sonhos e interrogações, e Vicente, homem de muitas guerras, umas vencidas, outras ainda não, mas, felizmente, sempre estando lado certo.

Por fim, agradeço imensamente à amiga e companheira Vânia Beatriz, que sempre é capaz de surpreender com gestos singulares de carinho incondicional e, ao mesmo tempo, compartilhar a sua formidável sagacidade intelectual. Em comum, professamos o desejo de enfrentar uma realidade social que se torne proclamadora de princípios de justiça, igualdade e pluralidade. Tenho a convicção que ela está presente em muito dos acertos presentes neste trabalho.

Espero que o texto consiga traduzir com justiça muito da gratidão pelo afeto, solidariedade, e encontros que esta pesquisa me proporcionou.

*A grande aspiração do negro brasileiro é ser
tratado como homem comum.*

Milton Santos

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada **TESSITURAS DA PELE: JUVENTUDES, RELAÇÕES RACIAIS E EXPERIÊNCIAS SOCIAIS**, a partir de repertórios conceituais interdisciplinares, localiza-se na interface dos campos de estudos sobre juventude e relações raciais. Assim, seu objetivo central é investigar as experiências sociais de jovens negros em relação aos seus processos identitários e de pertencimento racial na interação singular com os espaços de socialização e sociabilidades na região metropolitana de Florianópolis/SC. Quando nos voltamos para Santa Catarina, vamos (re)encontrar a experiência social da(s) juventude(s) negras(s) em face dos desafios impostos por desigualdades sociais combinadas com desigualdades raciais permanentemente a exigir capacidades adaptativas de indivíduos e de grupos. Como os sujeitos se movimentam neste cenário? Deste modo, analisa a heterogeneidade da experiência de constituir-se jovem - e negro/a - em um estado onde se concentra a menor densidade da população negra (10,6%) e onde os mecanismos ideológicos tenderam e persistem em reforçar a sua invisibilidade. Metodologicamente, com aproximações etnográficas, a pesquisa ancorou-se em narrativas de 6 (seis) sujeitos sociais para focar a atenção sobre diferentes dimensões sociais: a diversidade dos arranjos familiares, os percursos referentes à escolarização, à constituição de trajetórias individuais e coletivas, ao mercado de trabalho, às sociabilidades, à religiosidade, às estratégias juvenis em face de discriminações. Para tanto, dialoga-se com repertórios analíticos e conceituais com Stuart Hall, Melucci, Dubet, Lahire, Santos e Scott. Como um de seus resultados, a pesquisa aponta para exigência da produção de conhecimento como estratégia para uma compreensão mais aguçada e refinada sobre as condições sociais complexas (frequentemente impiedosas) relacionadas às experiências sociais do racismo como fenômeno onipresente na constituição dos processos identitários de jovens negros.

Palavras-chave: 1. Relações raciais; 2. Juventude; 3. Jovens negros(as)

ABSTRACT

The current research, entitled **CONTEXTURES OF THE SKIN: young people, race relations and social experiences**, looked at from the point of view of interdisciplinary conceptual repertoires, is situated at the interface of youth and race relations studies. Thus, its main objective is to investigate the social experiences of young black people with regard to their identity processes and racial belonging in their unique interaction within socialization spaces and sociabilities in the metropolitan region of Florianópolis/SC (State of Santa Catarina), Brazil. When we look at Santa Catarina we (re)encounter the social experiences of young black people in face of the challenges imposed by the combined effect of social and racial inequalities which constantly demand from individuals and groups adaptive skills. How do subjects move within this scenario? The work analyses the heterogeneity of the experience of being young - and black - in a state which has the smallest black population density (10.6%) in Brazil and where ideological mechanisms have tended and continue to reinforce their invisibility. Methodologically, through ethnographic approximations, the research based itself on the narratives of 6 (six) social subjects in order to focus attention on different social dimensions: the diversity of family arrangements, educational pathways, the make up of individual and collective trajectories, the employment market, sociabilities, religiosity, and young people's strategies in face of discrimination. In order to do this, I discuss the analytical and conceptual repertoires of Hall, Melucci, Dubet, Lahire, Santos and Scott. Research results point to the need to further knowledge as a strategy for a deeper and more refined understanding of the complex (frequently ruthless) social conditions relating to the social experiences of racism as an omnipresent phenomenon in the make up of young black people's identity processes.

Key words: 1. Race relations 2. Young people 3. Young black people

RESUMEN

Esta investigación, titulada productos de TESSITURA PIEL: La juventud, las relaciones raciales y la experiencia social, de los repertorios conceptual interdisciplinario, que se encuentra en la interfaz de los campos de estudios sobre la juventud y las relaciones raciales. Por lo tanto, su objetivo central es investigar las experiencias sociales de los negros jóvenes en relación con sus procesos de identidad y pertenencia en la interacción racial con los espacios naturales de sociabilidad y de socialización en el área metropolitana de Florianópolis. Cuando nos dirigimos a Santa Catarina, que (re) encontrar la experiencia social (s) de la juventud (s) negro (s) de cara a los retos planteados por las desigualdades sociales junto con las desigualdades raciales permanentemente requieren capacidades de adaptación de los individuos y grupos. Como los sujetos se mueven en este escenario? Por lo tanto, el análisis de la heterogeneidad de la experiencia de convertirse en una pareja - y negro / a - en un estado donde se concentra la menor densidad de la población negro (10,6%) y donde la tendencia ideológica de persistir y reforzar su invisibilidad. Metodológicamente, la investigación con aproximaciones etnográficas se basa en los relatos de seis (6) sujetos sociales a centrar la atención en diferentes aspectos sociales: la diversidad de arreglos familiares, las vías relacionadas con la educación, la formación de trayectorias individuales y colectivas, el mercado de trabajo, la sociabilidad, la religiosidad, las estrategias de los jóvenes en la cara de la discriminación. Con este fin, el diálogo con repertorios analíticos y conceptuales con Stuart Hall, Melucci, Dubet, Lahire, Santos y Scott. Como un resultado, la investigación apunta a la necesidad de producción de conocimiento como estrategia para un más refinado y perfeccionado en las complejas condiciones sociales (a menudo implacable) relacionados con las experiencias sociales del racismo como un fenómeno omnipresente en la constitución de los procesos de identidad del joven negro.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Universo total da produção discente e produção sobre juventude no âmbito de mestrados e doutorados, por área de conhecimento, de 1999-2006	
Tabela 2 - Tamanho da População - Brancos, Negros, Outros /2000	
Tabela 3 – Tamanho da População urbana – Brancos, Negros, Outros por sexo e faixa etária/2000	

SUMÁRIO

1. Introdução: veredas de uma investigação	
1.1. A construção das veredas da pesquisa	
I PARTE: PAISAGENS E SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO	
1. Do campo de estudos sobre relações raciais no contexto brasileiro	
2. Do campo dos estudos sobre Juventude (s) e juventude(s) negra (s)	
3. Da (s) juventude (s) e relações raciais em Santa Catarina	
II PARTE: FIOS E MISSANGAS	
1. Esboço de perfis de nomes próprios e seus retratos narrativos	
2. Auto-retratos narrativos de vidas singulares	
Auto-retrato I: MICHAEL AROEIRA: um pipa solta que pensa na vida	
Auto-retrato II: IVONE GUARAPUVU, o samba é o meu dom	
Auto-retrato III: JOÃO JEQUETIBÁ e os anjos fingidores	
Auto-retrato IV: MARIANA CARVALHO e onde se chega assim	
Auto-retrato V: JÚLIA FIGUEIRA e todos os sonhos do mundo	
Auto-retrato VI: ÁLVARO PEROBA, um negro que não sabe tocar na	
III PARTE: TESSITURAS DA PELE	
1. Sobre comboios de cordas de homens comuns	
1.1. As experiências associadas às instituições sociais (família, escola, trabalho e religiosidade)	
1.2. Experiências associadas à sociabilidade e à constituição juvenil (relações afetivas e matrimoniais, relações geracionais, e estética)	
1.3. Certezas e sonhos: projetos de futuro incertos	
Considerações finais: Urdaduras do Tempo Presente	

INTRODUÇÃO: VEREDAS DE UMA INVESTIGAÇÃO

*“- As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso,
mas nem um nem outro bastam para sustentar as suas muralhas.
De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta sete
maravilhas,
mas a resposta que dá às nossas perguntas.
- Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder...”*
(Ítalo Calvino, *Cidades Invisíveis*)

As respostas podem – e com frequência assim procedem – esconder, na exposição de uma pesquisa, as perguntas fundamentais que as tornaram possíveis. Isto é, em face das familiaridades do pensamento (‘... e à mente apavora o que não é mesmo velho’, diria uma canção), tornam-se raros os momentos em que evocamos as interrogações que forjaram respostas. Como se aquelas deixassem de existir a partir do lampejo da emergência destas últimas ou, ainda, diante das sucessivas enunciações, as respostas fossem de tal forma se distanciando das interrogações fundantes, que as perdessem como o cintilar de uma fagulha da labareda em plena escuridão. O processo de uma pesquisa guarda sugestiva similiaridade com esta epígrafe de Ítalo Calvino.

Há, apesar disso, que se buscar perguntas às nossas respostas prontas.

Por outro lado, devemos reconhecer que as interrogações fundantes também alocam as suas sombras ou as suas margens respostas cruciais que lhes dão as devidas dimensões para pensar, sentir, perceber e viver das relações humanas em espaço e tempo determinados; cumprem um ordenamento lógico ao sugerirem abalos sísmicos que irrompem em suas superfícies, ainda que todos os planos arquitetados sejam almejar um incontido desejo de clarividência ou de afirmação de certa ‘cientificidade’ reclamada para proceder a leitura da realidade social.

Há, ainda, que se buscar as interrogações para nos obrigar a responder.

Estas observações preliminares inspiram-se, também, em alguma medida na filósofa Marilena Chauí (2001) quando, argumentando, nos instiga a pensar sobre uma possível perspectiva para compreender as

novas e diferentes demandas sociais que irrompem na sociedade contemporânea. Isto porque o reconhecimento de que estas demandas sejam novas e diferentes não é simplesmente uma afirmação de não terem tido existência anterior e sim, sobretudo, porque são novas e diferentes daquelas já existentes, uma vez que fazem expressar novos posicionamentos de sujeitos sociais que reclamam por sua existência e, nessa medida, as afirmam e as fazem ser reconhecidas pela sociedade em sua dinâmica histórico-social. Na expressão de Milton Santos (2001): “*cada época cria novos atores e atribui papéis novos aos já existentes*” (p. 134)

Entretanto, ainda nesta perspectiva, e antes de anunciar algumas das interrogações que nos moveram, imaginemo-nos, por um momento, na posição de Foucault (2000) diante de um texto do escritor argentino Jorge Luís Borges: “[...] *o riso que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades do pensamento – do nosso: daquele que tem nossa idade e nossa geografia...*” (idem, p. ix). O texto de Borges descreve “*uma certa enciclopédia chinesa*”, na qual se encontra uma classificação completamente aleatória e caótica de coisas e seres, sem obedecer nenhuma coerência previsível e distante de qualquer similaridade. A partir dele, com verve aguçada, Foucault nos indica o quanto a forma de pensar na sociedade é uma das formas possíveis, e que estas são mais bem compreendidas no interior dos espaços e tempos sociais em que são construídas tendo os homens como sujeitos-chave na elaboração destes construtos.

O sociólogo Norbert Elias (2008), em uma mesma direção, também nos faz observar que há simplicidade nas suposições comuns das teorias sociológicas do conhecimento e que

... elas podem ser condensadas na afirmação de que a estrutura da “consciência”, das idéias, do conhecimento, do pensamento, da percepção ou de qualquer que seja o ângulo que possamos escolher é, primordialmente, determinada pela estrutura dos grupos humanos pelos quais são produzidas, não pelos “objetos” da consciência ou pela própria consciência, chamemos a isso “lógica”, “razão” ou o que quer que seja, (idem, p.515).

Torna-se, deste modo, inteligível que interrogações e respostas não valham por si mesmas. É na urdidura das tramas sociais que ambas explicitam e adquirem dimensões e profundidades, sentidos e significados. De fato, tanto as interrogações quanto as respostas se fazem mais compreensíveis se nos questionarmos pelos sujeitos que as fizeram emergir, porque estes podem expor as novas e diferentes demandas que reclamam existência. No presente estudo, não somente os sujeitos sociais que se deseja evidenciar com o seu modo de se posicionar diante do ato de interrogar, mas, o seu peculiar exercício de interrogar (e responder) e, sobretudo, os papéis novos que são solicitados aos sujeitos existentes. Sob o viés de uma investigação científica, nos informará Martins (2000),

Os novos problemas surgem sempre da possibilidade de novas indagações, propostas a partir dos “vazios” contidos nos sistemas de conhecimento. (...) Em relação à sociedade, não há como tomar consciência de (novos) problemas e em conseqüência propor socialmente o delineamento do que pode vir a ser um novo objeto e conhecimento, sem que eles proponham, também, de certo modo, à consciência do homem comum. (p. 94-95)

Por certo, interrogar sujeitos e realidade social torna-se imprescindível para corroborar ou deslegitimar um conhecimento instituído histórico e socialmente, na medida em que ele também imprime benefícios ou direitos que passam a vigorar por um tácito consórcio de interesses, por vezes, difuso, mas impregnado tanto das diferentes manifestações das relações de poder constituído quanto de suas configurações. Por isso, indiretamente, esta pesquisa transita com o esforço de perscrutar a realidade de um país com o histórico de ter tido o maior contingente de homens e mulheres em situação de escravidão nas Américas e, além disso, de ter sido a última nação do ocidente onde o estatuto da escravidão foi revogado e as suas gerações seguintes terem sido lançadas na sua história por conta e risco. Por conseguinte, é preciso interrogar a respeito desta história, e se ela não estaria visceralmente comprometida com as aspirações existenciais ou relacionada com as mazelas e desvantagens sócio-econômicas, pelas

quais passa a população afrodescendente, importante parcela da sociedade brasileira.

Entretanto, retornando ainda à epígrafe inicial de Calvino: nem as obras da mente nem o acaso bastam para sustentar as muralhas de uma cidade ou de uma sociedade inteira.

1. A construção das veredas da pesquisa

A centralidade desta pesquisa se dirige a dois campos de estudos distintos, mas com profundos pontos de articulação: o dos estudos sobre as relações raciais e aquele referente aos estudos sobre jovens e juventude brasileiros. Estes dois campos guardam entre si uma relação de complexidade, sobretudo, se os tomarmos precisamente a partir de um de seus pontos possíveis de interseção: juventude negra. Ora, o que se indaga quando ponderamos sobre a articulação entre estudos raciais e estudos de juventude ou, inversamente, sobre a articulação dos estudos de juventude com os de relações raciais? Interrogar por esta articulação se constitui em uma forma de pensar cada jovem na experiência de sua condição juvenil e, ao mesmo tempo, na experiência de sua condição de negro. Estamos persuadidos de que se devem considerar as diferenças complexas entre estas duas formulações: “*Sendo jovem, como experiencio a minha condição de negro?*” ou “*Sendo negro, como experiencio a minha condição juvenil?*”.

À primeira vista, tais interrogações poderiam se apresentar despojadas de sentido, todavia, elas carregam desdobramentos complexos merecedores de atenção conscienciosa. Como procuraremos demonstrar adiante, neste início de século XXI um fato é notório: os estudos sobre relações raciais e sobre juventude no Brasil cresceram extraordinariamente de modo quantitativo, com uma multiplicidade de temas e recortes e, igualmente, qualitativo, com o refinamento das perspectivas analíticas. Este reconhecimento, contudo, não sugere consensos político-metodológicos entre pesquisadores e os resultados de suas investigações.

Veredas: questões norteadoras da pesquisa

Nossa investigação dispôs-se a transitar nos campos de estudos sobre juventude e relações raciais, a partir de repertórios conceituais

interdisciplinares, sob o seguinte pressuposto: *a experiência social de juventude(s) negra(s) passa, necessariamente, pela compreensão das particularidades das relações raciais construídas na sociedade brasileira*. Com tal compreensão nos desafiamos para o problema central desta investigação: *ao consideramos o racismo onipresente nas relações humanas e sociais, perguntamos como os jovens negros percebem/vivenciam a sua experiência em diferentes dimensões sociais, a respeito da sua constituição identitária, em face de seu pertencimento racial?*

Assim, procuramos investigar as experiências sociais de jovens negros em sua interação com os espaços de socialização e sociabilidade na região da Grande Florianópolis/SC¹. Para isto analisamos as referidas experiências sociais destes jovens, em relação ao seu pertencimento racial e às suas estratégias e lógicas de ação na constituição de seus processos identitários e, por fim, buscamos identificar a elaboração e flexibilidade sobre as formas de pertencimento e as ações por eles assumidas, sob a onipresença do racismo.

Interessa-nos, nesta medida, explicitar o mapa investigativo materializado no exercício e na escritura final deste estudo, que denominamos de **Tessituras da Pele: Juventude(s), Relações Raciais e Experiências Sociais**. Apresentamos a seguir um conjunto de reflexões para dialogar com o tema e o problema da pesquisa. Para tanto, entendemos que a sinalização de alguns aspectos de nossa trajetória pessoal, das demandas institucionais da pesquisa acadêmica e, também, do contexto atual das políticas de promoção de igualdade e cidadania e das ações de diferentes expressões de movimentos sociais, particularmente, os negros, contribui para informar como toda esta conjuntura afetou, enfaticamente, na aproximação daqueles dois importantes campos de estudos e, com isto, explicitar a sua intencionalidade de estar sintonizada com uma agenda contemporânea que solicita a compreensão da realidade social brasileira tendo o racismo e a discriminação étnico-racial como um de seus fatores estruturantes.

¹ Apesar da região da Grande Florianópolis corresponder a 17 municípios, no caso específico desta pesquisa, estamos considerando somente os municípios de Palhoça, São José e Florianópolis, propriamente, locais de residência dos sujeitos entrevistados.

Veredas singulares no exercício da pesquisa

Em 1990, quando da participação da seleção para ingressar no mestrado em Fundamentos da Educação, na Universidade Estadual de Maringá, foi apresentado um projeto de pesquisa que tematizava questões raciais nos contextos educativos. Com estas questões pretendia abordar problemas relacionados ao ordenamento do trabalho docente e às práticas educativas constituídas em escolas da educação básica, por acreditar que a escola, enquanto instituição social, tinha um peso decisivo para enfrentar e superar as permanências de processos sutis de discriminação, que interferiam em trajetórias escolares de crianças e jovens negros, homens ou mulheres. Era, na época, um tema que em certa medida dialogava com a experiência pessoal no engajamento coletivo em ações protagonizadas pelos movimentos sociais e negros. Ancorava-se na compreensão da exigência de uma formação mais refinada em termos teórico-metodológicos sobre racismo, discriminação e relações raciais e sua interface com os contextos educativos e escolares. Porém, a aprovação e ingresso no curso ficaram condicionados a mudança do foco de estudos e temática simplesmente porque, naquele momento, tal investigação não tinha ressonância no contexto do mesmo, bem como professores/as orientadores/as.

Esta experiência, que poderia parecer singular, foi bastante emblemática a respeito do quanto as discussões sobre pertencimento étnico, identidade negra e discriminação racial, mesmo não sendo temas emergentes, tinham pouca aderência no ambiente da produção acadêmica, principalmente em um programa de pós-graduação novo como era o do curso em questão. Assim, a partir do acesso a discussões e a estudos teóricos mais diversos do campo dos interesses iniciais, houve o direcionamento para outras tematizações com potencialidade de orientação. Sem dúvida, os diferentes balanços sobre a produção, particularmente acadêmica com o escopo de estabelecer o estado da arte em diferentes áreas do conhecimento, sejam das humanas ou das ciências sociais e econômicas, são capazes de traduzir que as políticas institucionais na pós-graduação, tomando a educação como parâmetro, tinham, pronunciadamente, um preciso sentido de coesão. Em alguma medida, é sobre isto que alude Carvalho (2005) quando apresenta contundentes considerações sobre o que seria para ele um *silêncio histórico* a respeito da exclusão do negro na academia, observa:

Apesar da universidade pública brasileira ser um dos poucos redutos de exercício do pensamento crítico em nosso país, se a observamos a partir da perspectiva da justiça racial, impressiona a indiferença, a insensibilidade e o desconhecimento da classe universitária a respeito da exclusão racial com que, desde sua origem, convive. (idem, p. 14).

No programa de mestrado, nesta medida, houve a participação do grupo de pesquisa em torno de projetos que pretenderam constituir repertório de estudos e pesquisas sobre temas educacionais com aportes e referências analíticas do materialismo histórico. Deste grupo originaram-se pesquisas que se ocupariam com temas tais como o escravismo antigo, a sofística, o imperialismo e a democracia atenienses antes da era cristã. Com um sentido de conjunto, pretenderam sugerir o quanto as tematizações em diferentes materiais educacionais, particularmente de história da educação, careciam de historicizar categorias e conceitos utilizados. Desnaturalizar estas compreensões era um modo de afirmar como a realidade educacional e visceralmente fincada em espaços e tempo históricos e constituída pela história de homens na ação e experiência concretas de produzir a sua vida social. Tratar a educação desprovida das turbulências, contradições e dinâmicas seria uma postura metodológica que naturaliza os acontecimentos históricos e pouco, efetivamente, os explica.

Paradoxalmente, entre a pretensão inicial e o trabalho final de mestrado houve uma distância extraordinária. Intitulada *Os gregos rindo de si mesmos: um olhar sobre a Democracia* (ALMEIDA, 1994), o trabalho foi um exercício investigativo que pretendeu um olhar histórico sobre a democracia na Grécia Antiga dos séculos V e IV a.C., percorrendo as obras de um dos comediógrafos mais ilustres do mundo antigo: Aristófanes. A obstinação do coletivo, naquele momento, não era somente uma reflexão sobre o mundo antigo. Pretendia-se dialogar de modo contrastável com parte das leituras e interpretações contemporâneas se dirigiam para o mundo antigo, em especial na área educacional, que tinha tendência de idealizar e naturalizar práticas e processos desencadeados em cenários históricos distintos. Deste modo, a pesquisa tomara a democracia ateniense antiga a partir das obras cômicas de época para este exercício metodológico.

Se, por um lado, estes descaminhos retiraram da direção de estudos e pesquisa com a qual pretendia seguir quando do ingresso, por outro, as experiências obtidas no mestrado, importa reconhecer, propiciaram manusear referenciais teóricos, exercitar análise histórica sobre artefatos, processos e categorias particulares ao campo educacional e, com outras palavras, apreender a arte e ofício da pesquisa acadêmica e científica. Igualmente, derivou daí o envolvimento com a atividade da docência.

Veredas conjunturais e a pesquisa

Atuando em cursos de formação de professores como docente ou gestor, tive a oportunidade de compartilhar, com um coletivo de educadores, princípios políticos educacionais que compreendiam a formação docente em estreita relação entre agência formadora (universidade) e redes de ensino, por intermédio da pesquisa e da prática acadêmica. Deste modo, cria na importância de constituir um diálogo de aproximação entre aqueles contextos educativos e a agência formadora, proporcionando uma trajetória de formação profissional que contribuísse, de um lado, para um processo de prática docente reflexiva a partir da vivência e ressignificação das problemáticas identificadas no cotidiano das instituições educativas. De outro, com a expectativa de efetivar um compromisso entre os contextos educativos, como espaços privilegiados de produção de saberes, conhecimentos e pesquisa acadêmica. Assim, o desejo é o de pensar a formação docente com forte compromisso com as políticas públicas e com ações estratégicas de interlocução com diferentes espaços representativos – não acadêmicos - de reflexões, debates e proposições de políticas educacionais.

Em contexto não acadêmico, por volta de 2003, assumi atividades em uma organização do movimento social negro, denominada Núcleo de Estudos Negros (NEN)². Neste espaço de ação coletiva, com forte papel político e estratégico de intervenção na formulação de políticas públicas educacionais pela promoção de igualdade étnico-racial, atuei exercendo atividades no âmbito de formação de professores das redes municipal e estadual de Santa Catarina; na tematização de

² Núcleo de Estudos Negros (NEN), com base em Florianópolis, é uma organização social do movimento negro criada em 1986 por jovens negros universitários e que se constitui em uma importante referência no campo da luta anti-racista e nas reivindicações de políticas públicas de promoção de igualdade racial, particularmente, no campo educacional.

questões sobre educação para relações étnico-raciais, com ação voltada para implementar conteúdos afro-brasileiros nos currículos da educação básica; na participação em comissões no âmbito do Ministério da Educação e da Secretária Especial de Políticas para a Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Igualmente, atuei na elaboração de materiais educativos, informativos e referenciais para mudanças na ótica de enfrentamento dos problemas que atingem mais sensivelmente as populações afro-brasileiras; e, por fim, representando as organizações dos movimentos negros na Comissão de Acesso com Diversidade Socioeconômica e étnico-racial, nomeada pela Reitoria em meados de abril de 2006, com objetivo de avaliar e elaborar uma proposta de programa de democratização de acesso com recorte sócio-econômico e étnico-racial pelo sistema de vestibular da UFSC. As atividades desta comissão ocorreram até a segunda quinzena de dezembro, quando se formalizou a entrega do documento final à Reitoria da universidade, com uma proposição de um programa de ações afirmativas com reserva de vagas para estudantes negros, indígenas e oriundos da escola pública com ingresso a partir do vestibular de 2007.

Nestas atividades, diretamente vinculadas à organização social, procurei confluir exigências concernentes ao trabalho docente com questões educacionais focadas em processos de discriminação étnico-racial. As demandas e experiências acumuladas nestes diferentes espaços de atuação – docência universitária ou a militância em organização social que privilegiava ações voltadas às políticas educacionais – me instigaram ao refinamento da produção de pesquisas sobre a condição dos negros e os processos que protagonizam, em uma sociedade marcada por desigualdades sociais combinadas com desigualdades raciais. Neste cenário amadureceu a compreensão de que é relevante pensar os eixos formação docente, prática de estudos e pesquisa e atuação político-social para minimizar substancialmente os processos e os efeitos das desigualdades sobre a população negra.

Deste modo, a formulação de minha proposta de pesquisa também se situa em um contexto em que o debate sobre desigualdades raciais acirrou-se, adquiriu uma dimensão bastante pronunciada e, a exigência de refinamento analítico e teórico-metodológico. Como analisa Paixão (2003), há atualmente uma crescente consciência pública da condição social das desigualdades raciais no Brasil. Esta proeminência se intensificou a partir dos finais dos anos 1990 e o início

dos anos 2000, quando as diferentes expressões do movimento negro brasileiros conseguiram forçar o reconhecimento do racismo como um aspecto estruturante e importante para compreensão da sociedade brasileira. Tal conquista se tornou mais notável porque ocorreu em meio às celebrações oficiais em torno dos quinhentos anos dos 'descobrimientos', da América (1992) e do Brasil (2000) e, particularmente, o tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares (1995) um dos maiores ícones da ação anti-racista no Brasil³. Sobre dois aspectos estes marcos históricos recentes e reconhecidos sucessos dos movimentos sociais são, de algum modo, extraordinários! Primeiramente, por exercerem uma ação política para conter os desejos românticos, na expressão de Gilroy (2001), de empregar a cultura e a experiência brasileiras como signos que antecederia a possibilidade de uma convivência sem os marcadores raciais. E, em segundo lugar, por levantar importantes interrogações sobre os objetivos, direção e alcances de políticas públicas voltadas para as populações afro-brasileiras ancoradas fortemente na perspectiva de uma suposta democracia racial.

Deste breve relato procuramos destacar três dimensões: uma que envolve a trajetória profissional, acadêmica e intelectual e nela campos de interesses; outra que informa sobre as experiências em ativismo político no âmbito de organizações do movimento social negro, com seus dilemas, aspirações e estratégias de ação, e, por último, aquela que sinaliza para as agendas contemporâneas em torno da ação anti-racista, de políticas públicas para promoção de equidade sócio-racial e de ações afirmativas nos diferentes níveis e modalidades de ensino do sistema educacional brasileiro. Destas dimensões se originaram as razões da minha escolha pelo Programa de Doutorado e pela Linha de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores como também duas posturas metodológicas - e afirmativas - intencionalmente elegidas para

³ Em 1995, os negros mobilizados politicamente, com apoio de entidades sociais e sindicais, as principais centrais nacionais de trabalhadores e partidos políticos, realizaram a Marcha Zumbi dos Palmares, com o slogan '*Contra o racismo, pela cidadania e a vida*'. Este evento arregimentou em Brasília mais de 30 mil ativistas negros, em diferentes contextos organizativos que iam de movimento negro, sindicais, partidários e religiosos, além de ativistas não-negros comprometidos com uma agenda multicultural e de direitos humanos. Na ocasião, realizou-se uma audiência com o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, em que foi entregue um documento com reivindicações e proposições de políticas públicas para combate ao racismo e promoção de igualdade racial na sociedade brasileira. Também, nesta audiência, foi assinado o decreto presidencial que criaria um grupo de trabalho interministerial com a finalidade de desenvolver políticas para a valorização da população negra.

o tratamento do tema e problema de estudo: a perspectiva não-escolar e a condição de ser um pesquisador negro.

Evidentemente, assim me parece, as razões da escolha pessoal não deixam de pressupor que o reconhecimento do Programa de Pós-Graduação é também uma reverberação daquela conjuntura referenciada anteriormente. Isto é, as possibilidades de diálogos investigativos com a conjugação de interesses teóricos para ampliação do espectro de investigação na educação sobre essa temática e de uma nova compreensão de incorporar novos temas, novos atores sociais e novas demandas sociais no âmbito da política institucional da pós-graduação nesta universidade. Isto comporta um significado político que ressalta o papel social destas instituições de ensino. Sob essa ótica, os interesses de estudos se configuram com a preocupação em construir repertórios de conhecimentos e saberes que se convertam em ferramentas políticas para pensar processos educacionais no âmbito da escolarização e de outros espaços educativos, respeitando a multiplicidade de atores sociais da realidade brasileira. Pode-se considerar como um desdobramento, a capacidade de definir recortes temáticos que auxiliem na compreensão da complexidade dos processos, trajetórias e experiências sociais da população negra em face de discriminação e racismo.

Veredas de uma investigação educacional em uma perspectiva não-escolar

Esta pesquisa transita em debates ainda pouco consagrados no âmbito da educação, não obstante o seu perceptível crescimento na agenda contemporânea da investigação educacional, qual seja: a pretensão de investigação fora do espaço escolar. Sem pretender qualquer balanço bibliográfico sobre o assunto, vale identificar alguns de seus aspectos, pois fornecem a compreensão entre o objeto de estudo e a sua inserção no doutorado, em uma linha de pesquisa denominada de Ensino e Formação de Educadores.

Carrano (1999), quando desenvolve análises sobre ação social da juventude tendo como *locus* os múltiplos espaços da cidade de Angra dos Reis/RJ, observa que o desejo de buscar um diálogo que ultrapassasse fronteiras disciplinares consagradas e, para tanto, o distanciamento relativo da instituição escolar torna-se uma exigência. Ainda, segundo ele,

O reconhecimento da existência de múltiplas práticas educativas e tempos sociais produtores da totalidade histórica e cultural contribui para que o sujeito educacional não seja identificado apenas como um sujeito escolar (o aluno). (...) Ao reconhecermos que as cidades se constituem na multiplicidade de lugares que negociam a homogeneidade e a heterogeneidade das práticas, assim o como a continuidade e a descontinuidade educativa, podemos estar contribuindo para a compreensão da totalidade do processo educacional, da qual a escola faz parte. É neste sentido que podemos considerar os territórios urbanos como redes de relações e práticas que configuram um amplo espectro de fatos sociais educativos. (idem, p. 37)

Entretanto, é com o argumento de Sposito (2007) que obtemos argumentos mais contundentes sobre as pesquisas educacionais em uma perspectiva não escolar, embora esteja dirigindo algumas de suas críticas estritamente ao campo da sociologia da educação.

Ao examinar esse aparente paradoxo contido na junção do “não escolar” com a escola, é preciso considerar uma distinção importante entre a **categoria analítica** – escola – e a **unidade empírica** – escola – objeto de investigação. A relevância analítica da instituição escolar não implica necessariamente o seu estudo empírico, sendo esse o primeiro aspecto da via não escolar no estudo sociológico da escola. O segundo reside na idéia de que, mesmo considerando-se a escola como unidade empírica de investigação, é preciso reconhecer que elementos não escolares penetram, conformam e são criados no interior da instituição e merecem, por sua vez, também ser investigados. (**grifos da autora**) (idem, p.25)

Neste exame sobre a perspectiva não escolar da investigação do campo da educação, as preocupações da autora também se dirigem para um fenômeno reconhecido nas sociedades contemporâneas, que diz respeito à profunda crise da ação socializadora da instituição escolar.

Estes registros merecem ser reconhecidos. Do contrário, uma investigação como esta não encontraria aderência nem tampouco

interesse por orientação. Entretanto, a abrangência e a capacidade dos aportes analíticos e epistemológicos ainda tiveram que ser devidamente enfrentados. Outros desafios a serem plenamente vencidos: um momento em que pesquisas em torno da discriminação, do racismo e de grupos humanos em desvantagens sociais deixem de ser abordados, no âmbito da academia, como temas ignóbeis e pouco nobres na expressão de Bourdieu (1998). E vai mais longe o autor, ao destacar como a academia nomeia e elege os seus temas e como estes mesmos adquirem prevalência por meio de financiamento e, como em círculo viciado, assumem um estatuto de prestígio sobre outros temas considerados menos dignos e bastante desprezíveis⁴.

Veredas de uma investigação na condição de pesquisador negro

No campo das pesquisas e estudos acadêmicos, com relativa frequência localizamos trabalhos acerca da percepção sobre as implicações perversas do racismo e das discriminações, particularmente, aquelas que mobilizam de forma distintiva marcas raciais, biologicamente fixadas, que se apresentam à superfície do corpo (cor da pele, cabelo, lábios e etc.). Diante destes, não é raro um certo tensionamento em torno da associação de uma suposta parcialidade nos resultados de pesquisa quando o pesquisador, sendo negro, demonstrar de modo singular posturas sensíveis ao campo de investigação. Isto se justificaria a partir de uma presunção a respeito de que um pesquisador negro estaria comprometendo a imparcialidade do exercício investigativo no momento de formular as suas interrogações ou na problematização da realidade social a partir de sua condição pertencimento racial.

Entretanto, há uma ambivalência nesta compreensão, pois a mesma exigência metódica e investigativa deixa de ser reconhecida quando o pesquisador não-negro formula suas interrogações sobre a realidade social, campo no qual se encontra incluído de alguma forma

⁴ O Programa de Pós-Graduação em Educação instalou o curso de mestrado em 1984 e o de Doutorado dez após, em 1994. Com mais de vinte e cinco anos do curso de mestrado, é nos últimos cinco que concentram pesquisas tematizando a situação do negro e relações raciais na educação: Adão (2006); Albuquerque (2009); Barbosa (2007); Botega (2006); Carvalho (2006); Silva (2007). Particularmente, no âmbito do doutorado, nos dezesseis anos de existência do curso podemos computar uma tese versando sobre população negra e mais especificamente sobre juventude negra (PASSOS, 2010).

por marcadores que não lhe são alheios (classe, gênero, etnia-raça, etc.). De fato, aqueles marcadores sinalizam que nos diversos enunciados de um observador estão impregnados de tal modo que cada observação, por definição, se torna um ato de intervenção (MELUCCI, 2005). Entretanto, os estudos em que a perspectiva singular dos pesquisadores seja mobilizada, não significam que os seus resultados serão mais adequados se os sujeitos que formulam as interrogações sejam pertencentes ao grupo dos sujeitos pesquisados. Somente se deseja expressar o quanto os registros de pertencimento de gênero, de raça e de etnia, entre outros, não devem ser excessivamente relativizados ou negados sobejamente. Na conjuntura atual, as diferentes tensões em torno da produção conhecimento – e sua imprescindibilidade – sobre relações raciais e, conseqüentemente, sobre a direção e destinos desejados para a sociedade brasileira, também expressam tensões geradas pelas relações de poder historicamente constituídas. 6.6.

Em outra perspectiva, também devem ser consideradas as advertências de Simmel (1983) para aquilo que denominara de marcas sensíveis da especulação filosófica. Marcas que podem muito bem expressar porque o sociólogo Norbert Elias tenha demorado mais de dezesseis anos após o fim da II Guerra Mundial para escrever uma *'biografia'* dos alemães⁵: “...*O quadro de eventos elaborado por alguém que é pessoalmente afetado por eles difere usualmente, de modo característico, daquele que se forma quando observados com a imparcialidade e o distanciamento de um pesquisador.*” (ELIAS, 1994, p.15). Ou ainda, de forma mais contundente, tal como cogita na introdução deste estudo: “...*não é fácil pra uma pessoa distanciar-se destes eventos. Tem-se freqüentemente a impressão de que o furúnculo Hitler ainda não estourou. Lateja, mas o pus ainda não saiu.*” (idem, p.31).

A história humana e a realidade social trazem exemplos pródigos a respeito da intrincada relação entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador, principalmente, quando este carrega consigo marcas de seu pertencimento com o grupo pesquisado. E não há porque ser diferente, embora o estranhamento e um certo distanciamento metodológicos se

⁵ Elias nasceu em Wroclau (hoje Breslau), na Polônia, e conviveu com o pesadelo da Segunda Guerra Mundial. Como filho de judeus alemães, fugiu para a França e depois Grã-bretanha. Ele experienciou os genocídios sob o regime nazista tendo sua mãe assassinada nas câmaras de gás de Aushwitz.

imponham como indispensáveis para reflexão. Os sujeitos sociais não estão alheios às interrogações e formulações de resposta que produzem. Deste modo, estamos concordes com Hall (1996), para quem:

Todos nós escrevemos e falamos a partir de um lugar e de um tempo em particular, a partir de uma história e de uma cultura que são específicas. Tudo o que dizemos é sempre “em contexto”, isto é, posicionado. (idem, p.68).

Nesta medida, transitar pelas narrativas e histórias singulares dos jovens negros – homens ou mulheres – busca fornecer toda a complexidade do significado daquilo que Ecléa Bosi (1994), citando Jacques Loew, nomeia como necessário para que se forme uma comunidade de destino: “*significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados*”(idem, p.38). As experiências sociais daqueles jovens negros, diante de seus delicados processos identitários e de pertencimento, com o afloramento não só de constrangimentos, percalços e dilemas, como também de esperanças e aspirações, expressões próprias da condição humana.

Veredas temáticas e os campos de estudos

Assim sendo, consideramos as duas áreas temáticas – relações raciais e juventude e, em especial, juventude negra – por perceber nelas dimensões emergentes para os estudos acadêmicos. Não estamos a sugerir que estas temáticas em si sejam recentes, mas somente o modo como vem sendo abordada. Por exemplo, durante a primeira década dos anos 2000, cresceram substancialmente ações, tanto em diferentes níveis do Estado como em diversos setores da sociedade, voltadas para jovens com idade acima de 18 anos. O foco anteriormente, nas décadas dos anos 1980 e 1990, os focos se dirigiam mais para a defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, sejam em função das demandas sociais para programas e políticas públicas dirigidas para aquelas faixas etárias ou da promulgação do Estatuto das Crianças e Adolescentes, nos início dos anos 1990. Desde modo, a crescente atenção, nos últimos anos no Brasil, às demandas atinentes aos jovens e o seu reconhecimento não como destinatários de ações, mas, fundamentalmente, como portadores de direitos, tanto por parte da opinião pública, das pesquisas e

instituições acadêmicas, como por parte da ação pública estatal, de instituições governamentais e não governamentais, que prestam serviços sociais.⁶

No âmbito das pesquisas e instituições acadêmicas, há importantes balanços que examinam a produção sobre juventude nas universidades brasileiras, que nos proporcionam não só uma visão temporal das pesquisas e dos principais resultados destas investigações, como também a identificação das temáticas e abordagens prevalentes com a visualização dos campos pouco explorados nos estudos, e, ainda, dos autores mais mobilizados. Adiante iremos explicitar estes balanços.

Os estudos e pesquisas se voltaram, com mais centralidade para: contextos urbanos, privilegiando temas como evasão escolar, violência e criminalidade, abandono social, sexualidade, dificuldade inserção ou inserção social precária no mercado de trabalho, dilemas e limites das políticas públicas voltadas para este segmento, produção cultural em diversos segmentos e aos estilos e produtos culturais associados aos jovens, conflitos que se apresentam associados à demandas geracionais entre outros tantos temas. Por sua vez, os balanços bibliográficos produzidos como um estado da arte destes estudos e pesquisas evidenciam uma pronunciada carência de abordagens com enfoque sobre questões associadas ao racismo e discriminação para além da dimensão social experienciada por parcela significativa de sujeitos negros – homens e mulheres – que se compõe, aproximadamente, por 50 milhões de jovens de 15 a 29 anos na sociedade, conforme os dados oficiais do IBGE (2000).

Assim, circunscrevendo a fronteiras mais particulares do interesse acadêmico, os estudos referentes às temáticas em torno de homens e mulheres negros e, por decorrência, das questões das relações raciais no Brasil, concentraram suas perspectivas de análise para as formas de desigualdades socioeconômicas, por um lado, ou em preconceitos étnico-raciais e atitudes, por outro. Esta constatação é também perfeitamente possível estender para o contexto da América Latina, principalmente, para países como Colômbia e Venezuela, onde há uma alta densidade populacional de negros e pouca ressonância

⁶ Cf. o trabalho coordenado por Sposito (2007) nos fornece um dos mais expressivos panoramas sobre as ações dirigidas para jovens pelo poder público em cidades de regiões metropolitanas.

político-cultural e econômica de suas demandas. Sem menosprezar a relevância e pertinência de muitos dos estudos empreendidos, eles não abarcaram devidamente as dimensões e registros do racismo tampouco os complexos processos de sua reprodução e ressonâncias nas relações humanas cotidianas (VAN DIJK, 2008).

Com recorrência, nos resultados dos balanços, emerge o reconhecimento da ausência de enfoque substantivo em torno do tema juventude negra, como de recortes possíveis e necessários para aprofundar análises abrangentes e conjunturais sobre a realidade social deste estrato da sociedade brasileira. Este reconhecimento também explicitava, entretanto, outra marca peculiar dos estudos existentes: a frequência como os estudos associavam ou articulavam juventude negra com espaços de sociabilidade - família, escola, lazer, mercado de trabalho e acesso e manuseio de equipamentos culturais e a cadeia de produção de bens culturais juvenis - e criminalidade, violência.

De início, suspeitamos que este não fosse o caminho mais adequado, do ponto de vista analítico e metodológico, para expor o problema de estudo. Nosso dilema implicava demonstrar que, para a delimitação do campo de estudo, deveríamos nos colocar em face da exigência de um enfoque diverso e, supostamente, ausente nos procedimentos analíticos do campo de estudos sobre juventude.

Veredas metodológicas: os sujeitos da pesquisa e os procedimentos

Diante dos objetivos anunciados anteriormente, adotamos, para compor a construção dos dados, procedimentos que fossem além dos estudos bibliográficos sobre os campos de estudos de juventude e de relações raciais. Em relação ao campo empírico, trabalhamos, segundo Lahire (2004), que sugere que os dados sejam trabalhados sob a exigência de um exercício meticuloso, de não abordá-los em um jogo apressado, para extrair deduções e inferências à revelia do próprio campo. Isto é, o procedimento era evitar cair no equívoco de “...o que se supõe é deduzido do que se pretende supor”, como nos alerta outro pesquisador, Pais (2001). Este sociólogo português igualmente adverte a respeito do cuidado que o pesquisador deve ter para não se tornar, de um lado, refém de seus próprios encantamentos, provocados por uma hipótese sedutora e uma bela teoria, e, de outro, de não se perder na realidade social pela insuficiência de hipóteses e teorias que sejam

capazes de explicá-la. Em suas próprias palavras, aconselha ainda: *“Desgraçadamente, o acto de teorizar é cada vez mais um modo de submeter grupos de acontecimentos a alguma legitimidade e cada vez menos uma tentativa de os enfrentar através de questionamentos e problematizações”* (idem, p. 12).

Melucci (2005) é outro autor que procura alertar para a compreensão de que não estamos distantes da realidade social, para a qual nos dirigimos como pesquisador, posto que cada ato de observação é, em alguma medida, sempre uma intervenção. Assim, a relação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa não comporta a compreensão de uma idéia de objetividade cega como espalhamento da realidade pelo ato metódico de observar a realidade (p. 335).

Com tais elementos nos propusemos construir a abordagem do universo da experiência de sujeitos negros em contextos sociais distintos, buscando, contudo, reconhecer a diversidade e as articulações entre estratégias, expectativas, conquistas e perdas, enfim, reconhecer os distintos e complexos modos de produção da existência na sociedade brasileira. De início, acreditávamos que algumas decisões deveriam ser tomadas para enfrentar os desafios do campo empírico da pesquisa, isto é, no momento de definição do universo de sujeitos a serem interrogados e de realização das entrevistas propriamente. Como pensar a escolha dos sujeitos e quais os critérios seriam submetidos? Tínhamos duas perspectivas metodológicas. A primeira avaliava a pertinência de privilegiar uma dimensão geracional na escolha dos sujeitos. Deste modo, as entrevistas contemplariam sujeitos de uma mesma família com duas escolhas possíveis: filhos/pais/avós ou pais/filhos/netos. Neste caso, a investigação teria um caráter de estudo longitudinal que abrangeria a experiência de ser jovem negro em três gerações de uma mesma constelação familiar.

A segunda perspectiva metodológica avaliava uma escolha que, em certa medida, ainda manteria um caráter geracional, todavia, os sujeitos seriam definidos a partir de diferentes constelações familiares sem quaisquer vínculos afetivos ou de parentescos entre si.

De fato, tomamos esta direção nos passos preliminares, mas em virtude de que a pesquisa poderia assumir uma direção que escaparia aos nossos desejos e objetivos constituídos ao longo do processo investigativo. Por isso, em cada momento de processo, estas definições

foram constantemente interrogadas porque acreditávamos que a atitude mais adequada seria de enfrentar os desafios propostos pelos diagnósticos do campo empírico sem tomá-los como definitivos. Experienciamos que a realidade social não é passível de se deixar capturar por alguma razão instrumental.

Assim, considerando cuidadosamente estes princípios norteadores, definimos o desenvolvimento dos estudos tendo como ferramenta as entrevistas narrativas, na perspectiva orientada por Jovchelovich e Bauer (2002), que as sugerem como um importante instrumento de análise da realidade social. Segundo os autores, as entrevistas narrativas se constituem em uma maneira de contar histórias, pois, por meio delas:

(...) as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em sua seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (idem, p. 91)

As narrativas de histórias singulares, do mesmo modo, procuram privilegiar a dimensão pessoal, singular dos indivíduos na fronteira da dimensão social. Deste modo, elas tentam apreender a realidade do que é experienciado pelos sujeitos sociais – homens e mulheres; propõem representações/interpretações particulares do mundo; expressam uma perspectiva de uma situação específica no tempo e no espaço, e estão, por fim, sempre inseridas no contexto sócio-histórico referenciado (idem, p. 110)

A entrevista semi-estruturada, com questões previamente preparadas, serviu como fio condutor no desenvolvimento da pesquisa. Com isto, procurou garantir que os diversos sujeitos respondessem relativamente a interrogações semelhantes sem exigir uma ordem rígida de apresentação e de respostas. Nesta medida, foi necessário desenvolver cada entrevista adaptando-a às condições dos locais de encontro, visto que a maioria deles foi definido exclusivamente pelos próprios entrevistados. Com cada entrevistado tivemos, em média, três

encontros de duas horas e meia, mas sempre se procurou atender à disponibilidade de tempo e à adequação do local de encontro. Dois entrevistados sugeriam suas próprias residências para entrevista; o cirurgião dentista o seu consultório em um horário que estivesse com a agenda sem clientes; entre as mulheres universitárias, uma sugeriu encontros no próprio campus da UFSC e a outra indicou lugares públicos na região central da cidade em horários noturnos entre a saída do trabalho e o início de suas aulas de graduação. As perguntas semi-estruturadas respeitaram os interesses e desejos de responder de cada entrevistado e procurou sempre manter flexibilidade na exploração das respostas para não criar nenhum constrangimento nem tampouco provocar alguma sensação de ser evasivo.

Por detrás de várias interrogações trazidas do campo empírico, havia um sentido a perseguir para tentar captar as experiências sociais singulares dos jovens negros, com suas trajetórias particulares, imersos em distintos espaços de sociabilidade e distantes territórios de mobilidade social.

Alguns dos sujeitos escolhidos e – posteriormente entrevistados - foram acompanhados também em outras atividades públicas, em espaço de lazer, trabalho ou espaços sociais diversos (reunião, eventos, escritos), antes de iniciar os primeiros encontros individuais; outro critério da eleição, é que, exceto aqueles escolhidos da mesma família ou vínculo familiar, não tivessem entre si nenhuma relação de amizade, de convivência profissional ou escolar.

Inicialmente, a formulação das questões semi-estruturadas, como as escolhas e os procedimentos quanto às entrevistas propriamente tiveram grande inspiração em Bernard Lahire (2002). À maneira deste sociólogo, nossa preocupação era garantir os princípios metodológicos subjetivos a cada entrevista. Isto é, procurar tratar cada um dos retratos narrativos, não como uma simples ilustração, mas como esquemas interpretativos na prática, que pudessem ser lidos como histórias singulares de sujeitos.

Segundo aquele autor,

De alguma maneira, cada indivíduo é o “depositário” de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou

menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais (idem, p. xi)

Articula-se a esta concepção a proposta teórico-metodológica pela qual Joan Scott (2005) defende a não oposição entre o conceito de indivíduos e o de grupos para as interpretações atuais acerca de direitos e da construção social de cada pessoa. Para ela, cada indivíduo move-se com autonomia, provida, contudo, por padrões de grupos nos quais interage (p. 13-14). Desta ótica, torna-se uma exigência conceptual da pesquisa, lidar com as narrativas a partir do reconhecimento de que em cada caso se poderia colher esquemas interpretativos acerca de ambientes, processos coletivos, objetos e outros elementos da experiência social – como sujeitos negros e negras - no território comum da grande Florianópolis.

Com a mobilização de tais referências, construiu-se um repertório de questões e de observações para o trabalho empírico da pesquisa. As entrevistas semi-estruturadas perseguiram temas relacionados à família (transitando em questões que vão das experiências de infância à vida conjugal e materna/paterna eventualmente vivida pelo/a pesquisado); a escolaridade (acompanha referências sobre a trajetória escolar, com as diferentes experiências (ou não) de instituições de atendimento à infância até ao momento, com ou não permanência nestas instituições); ao trabalho e atividades profissionais (reconstrói o percurso profissional, considerando o entendimento do entrevistado com a questão do trabalho/ emprego/ ocupação); às sociabilidades (abrange neste campo as experiências de amizades e vivências juvenis, antigas e presentes); ao lazer-cultura (remonta às primeiras experiências quanto ao lazer e atividades culturais, tentado situar no passado a origem de suas práticas e envolvimento atuais); e, por fim, tema sobre o corpo (compreendendo os cuidados de si quanto aos estilos, vestimentas, adornos).

De partida, a pesquisa teve dois critérios fundantes para a definição da escolha dos seus sujeitos: primeiro, a questão de gênero procurando manter a equidades entre homens e mulheres. Segundo, embora se considere que a faixa etária não seja um fator determinante,

procurou-se estabelecer a idade entre 15 a 29 anos, como referência para compor o universo da investigação⁷.

Explicitando os outros critérios, não menos importantes, que contribuíram para definição dos sujeitos da pesquisa: a) os sujeitos deveriam, a princípio, ter condições e situação da experiência juvenil bastante diversas e distintas, ainda que pudessem ter tido experiências solidárias e comuns; b) ser residente na região da Grande Florianópolis, isto é, não necessariamente nativo desta região; c) não ser ativista em movimentos sociais negros, anti-racistas, partidos políticos e sindicais; d) não estar envolvido em atividades públicas organizadas referentes às ações anti-racistas; e) evitar que os sujeitos escolhidos tivessem reincidência de laços parentais.

Veredas: registros de aportes de autores

Há autores que possibilitaram dar sentido e direção, para muitas das reflexões desta investigação, que podem não estar presentes nominalmente. Contudo, há alguns autores que instigaram interrogações e contribuíram para a definição do caminho mais adequado para a formulação de nossas preocupações investigativas.

Stuart Hall (2006) é um pesquisador que nos chama a atenção para discussão em particular: a concepção de racismo precisa ser ampliada de tal forma que se reconheça a forma pela qual, em sua estrutura discursiva, o racismo biológico e a discriminação cultural são articulados e combinados. Isto é, o racismo biológico e a discriminação cultural não constituem dois sistemas distintos, mas dois registros do racismo ou duas lógicas do racismo. Nesta concepção, diferenças biológicas e culturais estão em jogo simultaneamente. Também são suas as observações a respeito da política identitária como algo pelo qual vale a pena lutar, mas que não resulta em libertação da dominação.

⁷ Até 2006 o Brasil adotava a definição de jovem convencional em 1985, Ano Internacional da Juventude, pela Assembléia Geral da ONU, como aquele com idade entre 15 e 24 anos. Em 2006 as diretrizes do Plano Nacional da Juventude da Câmara Legislativa Federal e do Conselho Nacional de Juventude passaram a considerar jovens aqueles que se encontram em idades de 15 a 29 anos, assim compreendidos: adolescentes-jovens (entre 15 e 17 anos), jovens-jovens (entre 18 e 24 anos) e jovens-adultos (entre 25 e 29 anos). (CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE, 2007).

Alberto Melucci (1999) integra o rol de apoio com suas reflexões sobre novos movimentos sociais, sujeitos coletivos e identidades coletivas e individuais. Seus estudos contribuíram de modo decisivo para a apreensão dos movimentos sociais como criadores e instauradores de novos valores sociais, novas identidades e novas práticas. Isto exigiu a construção de análises que se detivessem somente em suas formas aparentes de expressão da ação política. Mas, fundamentalmente, a contribuição deste autor foi importante para pensar sobre uma dimensão pouco explorada: a dimensão pessoal da vida social. Ele afirma estar convencido "*de que as pessoas não são simplesmente moldadas por condições estruturais*", que elas "*sempre se adaptam e dão um sentido próprio às condições que determinam suas vidas*". Portanto parece bastante sugestivo o estabelecimento de um vínculo entre as mobilizações coletivas visíveis e as formas menos evidentes de ação que realizam os indivíduos em suas esferas mais íntimas de experiência.

Joan Scott (1999), pesquisadora estadunidense já citada anteriormente, em um texto provocador e seminal, nos incita a refletir sobre o manuseio da categoria *experiência* e sobre como ela deveria ser mobilizada meticulosamente para análise da realidade social. Com isto, a autora destaca aportes importantes para o refinamento dos estudos teóricos sobre gênero e relações raciais.

Por sua vez, Bernard Lahire (2004) tornou-se uma referência relevante por suas considerações metodológicas a respeito das múltiplas experiências socializadoras que os indivíduos estão impregnados e, desta maneira, eles podem ser definidos pelo conjunto das relações, compromissos, pertencimentos e propriedades singulares constituídas na vida cotidiana. Este autor serviu como inspiração para constituir o protocolo de princípios, procedimentos e critérios para abordagem do campo empírico, como também a elaboração dos retratos narrativos dos sujeitos da pesquisa.

Outro autor que tomamos como referência, foi Michel de Certeau (2007) Com esta decisão dialogamos com algumas inferências de suas elaborações teóricas contribuem para o refinamento dos repertórios interpretativos que desejávamos mobilizar. Particularmente, a sua compreensão do quanto é necessário se interessar pelas formas, ou melhor, pelas operações dos sujeitos diante dos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens. Com ele partilhamos a compreensão a

respeito de como as práticas cotidianas dos sujeitos sociais se expressam nas multiplicidades de táticas operadas com astúcias em face de reapropriar o espaço organizado pelas diferentes produções socioculturais.

François Dubet (1996) e Bernard Charlot (2000). Interessamo-nos por estes autores para, com o primeiro, dialogar em torno de questões associadas à sua compreensão de experiência social, a qual define como uma combinatória de lógicas de ação que vinculam o ator a cada uma das dimensões de um sistema. O ator deve articular estas lógicas de ação diferentes e a dinâmica que resulta desta atividade constitui subjetividade do ator e sua flexibilidade. Por sua vez, Charlot nos instigou a pensar os sujeitos como ser humano aberto ao mundo, como um ser social que ocupa uma posição no espaço social e um ser singular que tem história e dá sentido ao mundo e às suas relações humanas e sociais.

Milton Santos (1988) nos proporcionou uma perspectiva bastante promissora para pensar algumas interrogações a respeito da reflexão sobre o negro no Brasil.

Com as reflexões de Helena Abramo (2004), e Marília Sposito (2010) são sinalizadas importantes questões pertinentes ao campo de estudos sobre juventude no Brasil, sejam aquelas com foco na produção acadêmica como aquelas voltadas para os eixos e princípios presentes na formulação e execução das políticas públicas direcionadas para a juventude. Mas, de algum modo, nos provocou a percepção de Juarez Dayrell (2003) sobre algumas tendências presentes nos estudos sobre culturas juvenis, como uma postura que forçar uma perspectiva de apreensão dos jovens muito vinculados às forças do campo coletivo e, ainda, reduzir os jovens apenas ao campo da cultura, sugerindo que eles expressam sua condição juvenil estritamente quando envolvido em atividades culturais.

Veredas: esquadrinhando da pesquisa

Ainda inspirado em Calvino, se desejamos a sua maneira esquadrinhar “... *as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder*”, dispoño-as em um mapa de navegação que exponha para o leitor os caminhos por onde se pretendeu percorrer com a pesquisa; os autores com os quais se desejou estabelecer interlocuções; os repertórios

teóricos que nos vimos na exigência de enfrentar metodologicamente no sentido de compartilhar de suas contribuições e aportes ou a de abandoná-los para melhor exercitar as reflexões em face das reivindicações mais teóricas ou mais empíricas.

Assim, a pesquisa tese, ficou dividida, além da introdução, em três partes, a saber:

Na introdução, intitulada *Veredas de uma Investigação*, procura-se descrever o percurso desenvolvido na construção de todo o trabalho e os caminhos intencionalmente assumidos com a distinção dos elementos e processos implicados no trabalho, os quais vão apresentando o posicionamento teórico e político impregnados na atividade intelectual da pesquisa.

Na seqüência, com a primeira parte, denominada de **Paisagens e sujeitos da investigação**, teve-se a intenção subsidiar o leitor com informações que pudessem contextualizar o campo de estudos e os sujeitos da pesquisa. Encontra-se dividida em três momentos, a saber, no primeiro, *Do campo de estudos sobre as relações raciais no contexto brasileiro*; no segundo, *Do Campo Dos Estudos Sobre Juventude(S), Juventudes(S) Negra (S)*, procurou-se informar indicadores a respeito de discussões em torno dos dois campos de estudos privilegiados nesta investigação. Por fim, com o terceiro momento, *Das juventude(s) e relações raciais em Santa Catarina*, a intenção foi fornecer um contexto social da narrativas e histórias singulares.

Na segunda parte, denominada de **Fios e Miçangas**, definimos dois momentos, o primeiro, *Esboço de perfis de nomes próprios e seus retratos narrativos*, são apresentados linhas delimitadoras desde as escolhas dos sujeitos entrevistados até a construção e tratamento para as entrevistas realizadas. Após, em *Auto-retratos narrativos de vidas singulares*, emergem os seis auto-retratos narrativos, com os quais procura-se delinear os traços das histórias singulares dos sujeitos da pesquisa em depoimentos, sob a forma de narrativas fluidas. Torna-se importante assinalar que os auto-retratos estão apresentados nesta disposição para estar em conformidade à metodologia proposta por sociólogo Bernard Lahire e assumida neste trabalho. E, ainda, em uma perspectiva sugerida por Stuart Hall, a respeito de como a composição de retratos narrativos torna-se um interessante caminho para *identidades mínimas* de sujeito social em dimensão relacional.

Na terceira parte, **Tessituras da Pele**, onde em um único momento - *Sobre comboio de cordas de pessoas normais: tessituras da pele* - destacaremos em três seções, *As experiências associadas às instituições sociais (família, escola, trabalho e religiosidade)* e *Experiências associadas à sociabilidade e à constituição juvenil (relações afetivas, matrimoniais, relações geracionais, e estética)* e, por fim, *Certezas e sonhos: projetos de futuro incertos*, para destacar alguns eixos de análises que remanesçam das narrativas e histórias singulares dos sujeitos sociais que fossem ao encontro de suas experiências sociais.

E, por fim, nas considerações finais, intitulada **Urdaduras do Tempo Presente**, procuramos sinalizar ponderações e aproximações para realçar elementos que nos percursos de pesquisa realizada estão inelutavelmente interdependentes.

I PARTE

PAISAGENS E SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

1. Do campo de estudos sobre as relações raciais no contexto brasileiro

*“sou porque nós somos”
(provérbio bantu)*

O economista Marcelo Paixão (2004), em sua tese de doutorado, *Crítica da Razão Culturalista: relações raciais e a construção das desigualdades sociais no Brasil*, se ocupa de investigar o modo pelo qual a moderna tradição culturalista brasileira refletiu sobre o tema das desigualdades sócio-raciais no Brasil. Para tanto, percorre, meticolosamente, a produção dos cientistas sociais mais renomados, e ao fazê-lo esboça alguns elementos nucleares que contribuem para pensar realidades empíricas e saberes produzidos a respeito das relações raciais. Como consequência, nos oferece elementos para considerar alguns fios metodológicos para traçar os contornos de nossa pesquisa. Informa-nos que o *“tema das relações raciais, especialmente entre brancos e negros, guarda uma longa tradição no interior do pensamento social brasileira. Esta realidade, em parte, obedece à própria evolução histórica de nosso país.”* (idem, p.247).

Não obstante, as intrincadas contendas, as profundas controversas e os inconciliáveis antagonismos entre as diferentes matrizes e ferramentas interpretativas, pode-se afirmar, a partir de uma expressão cara a Sansone (2002), que o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil foi – e não tem deixado de ser – um campo saturado de tensões. Afirma, ainda, o autor:

Este campo tem se configurado desde o começo (...) como algo denso de tensões, agendas, pontos de vista, olhares e desejos. Um campo de pesquisa em torno do qual também se juntam importantes demandas de cidadania e que vive em constante problemática sinergia com a luta anti-racista. (idem, p.7).

Para visualizar elementos deste movimento trazemos Paixão (2004), quando descreve três períodos da produção intelectual sobre os estudos das relações raciais em nosso país, com base em Laraia (1979) e Vilhena (1997). O primeiro deles corresponderia ao debate marcadamente racista entre o médico da Escola de Medicina da

Bahia, Nina Rodrigues, e o literato sergipano Sílvio Romero sobre o tema da mestiçagem do povo brasileiro e seus efeitos sobre a sociedade brasileira. Destaca o autor

Evidentemente, [destaca o autor] a gama de autores que refletiram sobre esta questão não se reporta apenas aqueles dois pensadores, incluindo também outros tantos como, por exemplo, Euclides da Cunha, Roquette Pinto e Oliveira Viana cada qual ao seu modo preocupado com o tema da mestiçagem e do branqueamento da população brasileira. (PAIXÃO, 2004, p.248).

As categorias *assimilação*, *mistura*, *miscigenação*, entre outras, foram palavras-chave presentes nos discursos nacionalistas e nos debates intelectuais que associava o tema da assimilação à miscigenação enquanto processo histórico definidor de uma civilização em progresso (SEYFERTH, 1996). Nina Rodrigues e Sílvio Romero foram alguns dos intelectuais mais expressivos nestas tematizações. Se o primeiro, com uma avaliação mais pessimista, cria na miscigenação racial como causador de uma irreversível degenerescência da população brasileira, o segundo acreditava na possibilidade do branqueamento racial como um processo seletivo de miscigenação que produziria, em um prazo não tão longo, uma população de fenótipo branco, “*plenamente adaptado (racial e culturalmente) aos trópicos*” (PAIXÃO, 2004, p. 248). As políticas de imigração e colonização na região sul do país beberam nesta fonte e traduziram, com vigor e maestria, a cantilena que ressoava nos recantos mais refinados e eruditos como também naqueles em que os projetos republicanos em curso se esquadrihariam.

O segundo momento, marcado por uma produção intelectual assentada em uma tradição culturalista, foi capitaneado pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre e pelo médico alagoano Arthur Ramos. Apesar das diferenças, os escritos destes dois intelectuais se aproximavam, em ao menos duas questões: a compreensão de que os fatores raciais eram secundários em face das variáveis de ordem sócio-cultural e “... *a perspectiva culturalista [que] apontava para o caráter fundamentalmente harmonioso do padrão brasileiro de relacionamentos inter-raciais, o que levou Freyre a classificar nosso país como uma democracia étnica (ou, usando um termo mais usual, conquanto pouco mencionado pelo autor, democracia racial).*” (idem, p. 248). Paixão

observa outro aspecto marcante associado a este momento que contribuiu no reforço da perspectiva de sua produção intelectual: a presença e influência de autores estadunidenses ligados á tradição da Escola de Chicago passaram “a entender, de forma solidária à democracia racial, a sociedade brasileira como multirracial e de classes” (idem, p. 248). Entre alguns destes autores, estão Pierson, Wagley, Frazier e Landes.

Segundo ainda o autor, o terceiro momento de reflexão sobre as relações raciais no Brasil é associado ao aporte inaugurado pelos estudos de Florestan Fernandes – posteriormente seguido por Octávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso entre outros. Para ele a partir de Florestan:

[...] as relações raciais brasileiras deixavam de ser lidas pelo enfoque de uma pretensa harmonia racial, pelo contrário, passando, a democracia racial, a ser classificado como um mito, tanto no passado, quando as relações senhor e escravo teriam se caracterizado pelo seu aspecto cruel e coisificado, quanto no presente, quando as ideologias raciais tradicionais acabavam sendo traduzidas como um meio de preservação das distâncias sociais entre negros e brancos.(idem, p. 249)

Neste período, os estudos iniciais desenvolvidos por Florestan Fernandes e Roger Bastide, entre outros, tiveram uma inspiração muito evidente e se tornariam conhecidos graças à contribuição e ao interesse da UNESCO. Esta agência, após a segunda guerra mundial e em face das atrocidades do holocausto, construiu uma agenda de pesquisa que focaria na realidade sócio-racial brasileira na busca de esclarecimento sobre um suposto convívio harmonioso entre as diferentes raças. A tese em vigor era que o panorama racial brasileiro tinha um caráter significativamente diverso da experiência dos EUA e em outras partes do mundo como, por exemplo, a África do Sul, onde ainda vigorava o regime de segregação racial, o *Apartheid*.

Neste ponto, uma inflexão é oportuna. Primeiro, os anos 1960 e 1970 testemunharam um refluxo bastante expressivo nos estudos acadêmicos tematizando “relações raciais”, com a categoria “raça” se diluindo na de “classe” (SPRANDEL, 2004), enquanto que os temas

“preconceito racial”, “discriminação racial”, “racismo” no Brasil desaparecem da agenda de pesquisas acadêmicas, particularmente nas ciências sociais, mesmo que os estudos coligidos por diferentes autores, neste momento, pudessem ser expressos nestas conclusões de Florestan:

Ninguém ignora o quanto a heterogeneidade cultural e racial afetou, está afetando e continuará a afetar as possibilidades de desenvolvimento da “civilização ocidental” no Brasil. Sob esse aspecto, as questões pertinentes ao assunto possuem o caráter de problema nacional... (CARDOSO, 2000, p. 23).

Hasenbalg (1996), percebendo o desaparecimento destas discussões e, mais intensamente, das agendas de estudos e pesquisa, nos chama a atenção ao fato que, em meados dos anos 1960, o tema racial (e das relações raciais) passou a ser considerado uma questão de segurança nacional, sendo inibida a pesquisa sobre o assunto. Concomitante a isto, observa ainda aquele pesquisador, grande parte dos destacados pesquisadores envolvidos nesta pesquisa foi compulsoriamente aposentada.

Entretanto, para esta mesma situação, Ianni (2004), um dos principais pesquisadores envolvidos com o tema no período, levanta uma ponderação, que não será objetivo de análise, neste momento, mas que exigirá ao longo de nossos estudos, algumas reflexões pausadas, pois se apresenta no mínimo instigadora para compreensão sobre a produção do conhecimento na área das relações raciais:

O impacto desses estudos [de Florestan e Bastide] foi assimilado de modo traumático porque havia na ideologia brasileira e na academia, como ambiente cultural, um certo compromisso com a tese da democracia racial. Com os trabalhos de Roger Bastide e Florestan Fernandes, em Negros e brancos em São Paulo, é que foi revelada a realidade do preconceito racial de par em par com o preconceito de classe e, portanto, o preconceito racial constitutivo da sociabilidade na sociedade brasileira. (idem, 2005, p. 11)

Assim, somente com alguma reserva as conclusões de Bandeira (1988) poderiam, efetivamente, ser subscritas:

Com as pesquisas sobre relações raciais, patrocinadas pela UNESCO, a problemática do negro acaba por invadir a cena nacional, deslocando-se da Bahia para São Paulo, o mais importante centro de produção e emissão de estímulos intelectuais do País. Impondo-se como preocupação de brilhantes cientistas sociais, ganhou espaço nos currículos e programas das universidades e, sob a inspiração da Universidade de São Paulo, instalou-se definitivamente como tema de investigação e problema em debate. (idem, p.18-19)

Prosseguindo na caracterização da produção investigativa sobre o campo das relações raciais, Paixão identifica um quarto momento não demarcado por Laraia (1979) e Vilhena (1997). Este período tem como marcas peculiares: i) a utilização de indicadores demográficos para fundamentar pesquisas, e ii) uma concepção sobre o funcionamento do racismo a brasileira. A partir dos anos 1980, os trabalhos pioneiros desenvolvidos por Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva exerceram grande influência e se tornaram referências recorrentes entre os estudos. De modo diferente dos estudos anteriores, nestes novos estudos, debruçaram sobre diferentes fontes, mais particularmente os indicadores sociais produzidos por agências oficiais, notadamente o IBGE, e procuraram enfatizar as praticas racistas e discriminatórias presentes e perpetuadoras das desigualdades sócio-raciais na sociedade brasileira. Estes autores desenvolveram pesquisas abordando diferentes aspectos das relações raciais, tais como: mobilidade social (SILVA, 1988; HASENBALG, 1988); casamento inter-racial (SILVA, 1991); (HASENBALG, SILVA & BARCELOS, 1989), indicadores de escolaridade (HASENBALG e SILVA, 1992), mercado de trabalho (HASENBALG, 1992); desigualdades sócio-raciais (SILVA, 1992), vitimização e participação política (HASENBALG e SILVA, 1993), processos de classificação racial (SILVA, 1994 e 1996).

As pesquisas de Hasenbalg e Silva influenciaram, sobremaneira, toda a produção intelectual ao longo da década de 1990 e os primeiros anos do século XXI, ampliando a consciência pública sobre a situação

social de negros/as e das desigualdades sócio-raciais no Brasil. Aspectos dessa conjuntura evidenciam-se no âmbito da academia por uma maior disseminação do debate e retorno à produção de pesquisas em diferentes campos de conhecimento sobre a condição do negro e as consequências provocadas pelas desigualdades que imperam em distintos espaços e instituições sociais. Assim, teses, dissertações e, ainda, estudos desenvolvidos em núcleos acadêmicos⁸ passam a tornar visível um extenso mosaico temático e teórico-metodológico a confluir no reconhecimento do racismo como fenômeno constitutivo da sociedade brasileira. Destacam-se, entre esses trabalhos, pesquisas sobre pobreza e indigência (HENRIQUES, 2001), mercado de trabalho (BASTISTA e GALVÃO, 1992; SOARES, 2000; TELLES, 1990 e 2003; MARTINS, 2003a e 2003b); indicadores educacionais (ROSENBER, 1991; BARCELOS, 1992; BELTÃO e TEIXEIRA, 2004); padrões de nupcialidade (BERQUÓ, 1991; SCALON, 1992; PETRUCCELLI, 1999), as razões de mortalidade dos grupos raciais (BATISTA, 2002); mortalidade infantil (CUNHA, 1998); mortalidade materna (MARTINS, 2004), desigualdades de raça e gênero (BAIRROS, 1991), classificação censitária da variável raça/cor (WOOD, 1991, PETRUCCELLI, 2002), Índice de Desenvolvimento Humano (PAIXÃO, 2003a), esperança de vida (WOOD e CARVALHO, 1994, PAIXÃO, 2004), trabalho infantil (PAIXÃO, 2003b); questão agrária (PAIXÃO, 2005b), penalização (ADORNO, 1995), ações judiciais contra práticas de racismo (GUIMARÃES, 1998), mobilidade social (OSÓRIO, 2003).

Destacam-se, ainda, pesquisas de caráter sócio-demográfico produzidas no âmbito de agências governamentais como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas), entre outros, e não-governamentais DIEESE (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos), CUT (Central Única dos Trabalhadores), fundações e institutos inscritos no âmbito da sociedade civil, e, por fim, movimentos sociais de diferentes expressões políticas, particularmente, negro. Muitos estudos têm ocasionado impactos expressivos em discussões que perpassam diferentes áreas de conhecimento, em especial: educação, sociologia, história, antropologia, economia e saúde. Em algumas áreas há um

⁸ Importante destacar que além da produção científica em espaços tradicionais como a Pós-graduação, as universidades, particularmente, as públicas têm ampliado a constituição de Núcleos de Estudos Afro-brasileiros, como um *locus* privilegiado de pesquisa e estudo acadêmicos.

repertório importante de estudos revelando um acúmulo de pesquisa como é o caso da história e da educação e, em outras, assistimos um quadro mais incipiente como nas ciências da natureza.

Quanto aos diferentes estudos e bases de dados levantados sobre o tema das disparidades raciais até o momento no Brasil, Paixão (2004) salienta que há coerências em seus resultados em dois aspectos: primeiro, em todos foram constatadas fortes desigualdades separando as condições de vida dos negros e dos brancos em nosso país, ou seja, estas disparidades estão presentes nos mais distintos planos da vida social (no mercado de trabalho, no acesso à educação, aos bens de uso coletivo, saúde, mortalidade, acesso à justiça, vitimização, acesso a terra, entre outros.); e, segundo, as desigualdades raciais estão presentes invariavelmente no interior de todas as regiões geográficas do Brasil. Entretanto, conclui: “O fato de haver uma evidente coerência nos indicadores das desigualdades raciais de nosso país não quer dizer que exista propriamente um consenso no interior do pensamento social brasileiro em relação à leitura destes dados.” (idem, p. 251).

Dito de outro modo, o que se evidencia é que a peculiaridade do racismo no Brasil combina desigualdade na estratificação social com práticas discriminatórias em uma dinâmica que ora acentua a pobreza do negro, ora acentua a desvalorização da sua condição étnica. Isso significa dizer que o racismo no Brasil incide na população negra determinando duas condições sociais, a pobreza e a discriminação racial. (SANTOS et al., 2004, p. 292). Obviamente, essa realidade resulta de complexos e interativos mecanismos desencadeados no interior da sociedade, com impactos diferentes, para diferentes segmentos sociais e gerações.

Por certo, passar em revista algumas formulações referentes ao campo das relações raciais no Brasil nos remete, também, ao indispensável exercício, à maneira de Hall (2006), de ‘perturbar’ o modo como as categorias raça, racismo e anti-racismo sendo usadas recorrentemente nas discussões e nos diferentes campos investigativos. Ainda, nos valendo de uma expressão cara a este autor, são termos de tal forma enredados que só é possível utilizá-los sob ‘rasura’, isto é, num procedimento meticuloso e intencional de escavação para desnudar as diferentes camadas de significados e sentidos constituídos histórico e socialmente: são categorias discursivas que em seu entorno se organiza

um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão (idem, 2006).

Embora Hall dirija suas observações para o contexto da sociedade britânica, traz interessantes contribuições para o estudo. Ele destaca que as transformações provocadas pelo surgimento da questão multicultural vêm produzindo certa ‘racialização’ diferenciada de áreas centrais da vida e da cultura britânica. Isto é, cada vez mais, com o crescimento da visibilidade das comunidades étnicas, se questiona a idéias de homogeneidade da cultura. Não sem razão o centro desta crise atinge a compreensão de uma suposta identidade nacional britânica. Num cenário multicultural como este o que se observa mais fortemente é que a categoria “raça” opera em nova configuração com etnicidade. Esta nova configuração acrescenta Hall, expressa o deslocamento epistêmico que constitui um dos efeitos mais fundamentais na questão multicultural. Isto porque, segundo Hall, o racismo biológico e a discriminação cultural não constituem dois sistemas distintos, mas dois registros, ou melhor, duas lógicas do racismo.

Em outras palavras, os discursos de diferenciação biológica e cultural estão em jogo simultaneamente (idem, 68). Raça, conceitualmente, não é uma categoria científica, mas uma construção política e social e, como prática, se apresenta, com uma lógica própria que se expressa no modo como justifica a existência das diferenças por meio de distinções genéticas e biológicas. Entretanto, estas diferenças não perceptíveis e são “materializadas” nos significantes corporais visíveis: cor da pele, características físicas do cabelo, feições do rosto (nariz, lábios, etc). Por seu turno, “eticidade” define as diferenças fundadas sob características culturais e religiosas. O termo etnia é mais utilizado para trazer referências de marcas culturais como língua, religião, costume, tradição e normalmente se centra na compreensão de relação de parentesco e no casamento endógeno. Contudo, o que Hall (2006) procura destacar quando descreve “raça” em nova configuração com etnicidade é que as duas categorias já não operam de modo autônomo e independente:

Assim, tanto o discurso da “raça” quanto o da “etnia” funcionam estabelecendo uma articulação discursiva ou uma “cadeia de equivalentes” (...) entre o registro sociocultural e o biológico, fazendo com que as diferenças em um sistema de

significação seja inferidas através de equivalentes em outra cadeia (...). Portanto, o racismo biológico e a discriminação cultural não constituem dois sistemas distintos, mas dois registros do racismo. (idem, p. 68)

Por fim, Hall (1996), nos faz ver que as questões ligadas à categoria raça devem estar necessariamente, articuladas com outras categorias como classe, gênero e etnicidade.

Por seu turno, nesta discussão também identificamos contribuições de Paul Gilroy (2001) para nossa pesquisa. No livro *O Atlântico Negro*, Gilroy vale-se da imagem do oceano como *locus* e expressão da experiência da escravidão moderna e de sua herança racializada espalhada pelo Atlântico, que estão de tal modo indissociável da cultura e identidades negras. Situado no campo dos estudos pós-coloniais, este sociólogo inglês afirma a necessidade de se pensar sobre uma cultura negra que considere as diferentes experiências dois lados do Atlântico. A partir de seus estudos, parece-nos importante considerar duas contribuições imprescindíveis: i) reafirmar o reconhecimento que devem “*os negros[devem ser] percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual – atributos negados pelo racismo moderno*” (idem, p.40); ii) aprofundar e consolidar a postura de um pensamento crítico sobre a condição negra que escape das armadilhas do essencialismo racial e do relativismo, sem que se negue à categoria de raça sua validade como construção social e cultural e instrumento de luta por igualdade.

No caso brasileiro, como afirma Guimarães (2005), torna-se imprescindível reiterar que o racismo foi, até recentemente, um tabu e que uma questão que vem perturbando pesquisadores de diferentes áreas: “*é legítimo, quer do ponto de vista ético, quer do ponto de vista científico, utilizar o conceito de “raça” nos nossos trabalhos?*” (idem, 62). Pensar os elementos referentes às interrogações e a investidura das posturas político-analíticas decorrentes se apresenta indispensáveis para o refinamento do aporte teórico para perspectivar a realidade social brasileiro em toda a sua complexidade.

Mais que um campo saturado de tensões, como nos lembra Sansone (2002), o estudo das relações raciais solicita, sobremodo, o exercício meticuloso de explicitar as categorias particulares ao campo

temático com o fito de destacar nuances, mutações e dinâmicas do racismo e anti-racismo à brasileira.

Acrescenta ainda Guimarães (2005):

O estudo das relações raciais avançou, portanto, em direção a uma generalização que, ao produzir uma síntese, na descoberta do processo de naturalização, ameaçou diluir sua capacidade analítica. Por isso mesmo, deve-se fazer um esforço no sentido de obter maior precisão dos tipos particulares de discriminação, ligados a diferentes formas de identidades sociais. (idem, p.28)

Por fim, o esforço intelectual de nuançar os significados sócio-políticos daquelas categorias pode contribuir para a construção de um aporte com forte potencial crítico como bem destaca Guimarães (1999).

2. Do Campo Dos Estudos Sobre Juventude(S), Juventudes(S) Negra (S)

*“- inútil fechardes vossas portas (...),
não tenho a menor intenção de entrar
numa Cidade que é toda feita de metal compacto.
Nós, os habitantes do fluido,
só visitamos os elementos que escorrem
e que se mesclam.”
(Calvino, O Castelo dos Destinos Cruzados)*

Após o breve inventário sobre temas e produção intelectual referentes ao campo das relações raciais, importa, neste momento, construir também alguns repertórios que contribuam para evocar outro campo temático desta pesquisa: o campo dos estudos sobre juventude. Isto para estabelecer intersecções entre estes campos imprescindíveis para localizar as interrogações pertinentes ao recorte temático de nosso estudo: jovens em suas experiências sociais, de ser negro e relações raciais. O esforço intelectual consiste, nesta medida, em deslindar formas de pertencimento, construção de identidade, percepção de práticas discriminatórias e enfrentamento desigualdades sócio-raciais. Por isso, tornar-se necessário expandir a compreensão teórica tanto do campo das relações raciais (com suas categorias referenciais como raça, racismo, discriminação racial e anti-racismo) como do campo de juventude para, em certa perspectiva, pensá-los entrelaçados. A simples distinção entre *“situação juvenil, que significa como jovens em classes sociais e origens diversas experimentam a condição juvenil, esta última uma construção social”* (SPOSITO, 2005, p.89) não dá conta de explicitar a experiência social de ser jovem e negro.

Percebe-se, de partida, que a temática juventude, em seus mais diversos segmentos, é emergente nos debates e discussões, tanto nos estudos acadêmicos como fora deles. Lembrar que a compreensão sobre de juventude como um construto histórico-cultural ou como um segmento social complexo, plural e diversificado, enfim, polissêmico e que, portanto, não se traduz como um conjunto social homogeneidade e único, parece ser, atualmente, um lugar comum (NOVAES, 2006; SPOSITO, 1997, 2001, 2003; PAIS, 1993; DAYRELL, 2001, 2003, 2005; CARRANO, 2000; CAMACHO, 2000, 2004).

Abramo (1997), quando elabora um mapa panorâmico sobre a tematização social da juventude, destaca três campos nos quais têm crescido, nos últimos anos no Brasil, a atenção dirigida aos jovens. O primeiro deles são os meios de comunicação que trazem, grosso modo, dois focos diferentes de tematização: i) direcionado mais propriamente aos jovens como consumidores em potencial com oferta de produtos no campo de cultura e comportamento (música, moda, estilo de vida, esporte, lazer, etc.). Neste caso, não chega a ser incomum que os modelos representados se espelham em jovens de classe média e alta, que usufruem da *moratória social*, e recorrem a padrões extraordinários de consumo, situação esta, que reforça as desigualdades entre as classes sociais. Esta questão tem levado autores a afirmar que os setores populares não possuem a referida *moratória* e, portanto, não têm juventude. Segundo Abad (2003, apud CAMACHO, 2004), a *moratória social* significa um benefício ou uma concessão/permissão da sociedade de um tempo para a preparação para a vida adulta (tempo para estudos, para o lazer, para vivenciar a liberdade e a distância das responsabilidades adultas como trabalho, família, filhos). ii) Os jovens aparecem, contemporaneamente, como reflexo dos problemas sociais, que mais afetam a juventude— fazendo dela, por isso mesmo, ser considerada um *problema social*. Estas situações são derivadas da dificuldade de entrada dos jovens no mercado de trabalho.” (Pais, 1993, p. 24) Além destes problemas relativos ao trabalho, há, ainda, os de abandono da escola, da maternidade e paternidade precoces, de associação às drogas e à criminalidade, dentre outros.

Também, neste caso, é perceptível que os modelos representados reforçam imagens estereotipadas de jovens, diferentes daquelas positivadas, aqui o que sobressai são os negros e pobres tipificados como sujeitos perigosos para a sociedade, trazendo representação recorrente entre pobreza e aumento de criminalidade, ainda que estudos informam que as parcelas de negros e pobres que entram na criminalidade sejam tão pequenas (ZALUAR, 1997).

Novaes (2006), quando analisa os efeitos dos projetos sociais dirigidos para juventude, interroga sobre a inadequação de slogans recorrentes como “*tirar os jovens da criminalidade*”. Afirma a autora:

... se é verdade que não se pode minimizar a violência como uma aspecto marcante na experiência desta geração, também não é preciso

considerar todos os jovens como potencialmente criminosos para justificar as ações dirigidas a eles . (...) Ou seja, falar em ‘políticas públicas para a juventude’ é também falar em combate à violência e à corrupção policial e em respeito à cidadania e direitos humanos. Mas é muito restritivo (e chega a ser preconceituoso) fazer a equação juventude = risco de criminalidade, deixando de considerar as experiências da grande maioria de jovens pobres e moradores das áreas carentes e violentas que constroem suas trajetórias sem considerar as redes do narcotráfico alternativas para suas vidas. (idem, p. 115)

O segundo campo que dirige atenção aos jovens é a academia, que depois longo tempo, este tema volta a ocupar a agenda de pesquisas e estudos em diferentes níveis, no entanto, com o foco mais dirigido para a análise dos sistemas e instituições presentes na vida destes jovens (instituições escolares, família, os sistemas jurídicos e penais, no caso, jovens em situação de risco), ou as estruturas sociais que conformam situações “problemáticas” para os jovens. Entretanto, parece ser bastante recente a visibilidade de um número mais pronunciado de estudos voltados para considerar os próprios jovens e suas experiências, formas de sociabilidade e atuação (ABRAMO, 1997; DURAND, 2000; SPOSITO, 2002).

Por fim, o terceiro campo está relacionado às políticas públicas exercidas por diferentes organizações – governamentais ou não – e tem o foco privilegiado, segundo Abramo (1997), em dois grandes blocos, mas todos com a finalidade de diminuir ou diminuir as dificuldades de integração social: i) programa de ressocialização (com educação não-formal, oficinas ocupacionais, atividades de esporte, etc); e ii) programas de capacitação profissionais e encaminhamento para o mercado de trabalho. Observa ainda Abramo: *“pode-se afirmar que a maior parte desses programas está centrado na busca de enfrentamento dos ‘problemas sociais’ que afetam a juventude (...), mas, no fundo tomando os jovens eles próprios como problemas sobre os quais é necessário intervir, para salvá-los e reintegrá-los à ordem social.”* (idem, p. 26).

De fato, quando a partir de meados dos anos 1990, quando irrompe mais pronunciadamente a tematização social sobre juventude,

as preocupações sociais se centram nos problemas vividos ou relacionados basicamente às dificuldades de inserção e integração social, numa conjuntura em que os fenômenos de exclusão decorrentes da crise do trabalho e do aumento da violência abrem profundas dificuldades para os jovens estruturarem seus projetos de vida.

Por outro lado, não deixa de ser perceptível que sob a orientação das políticas públicas encontra-se uma maneira peculiar de compreender juventude identificada por País (1993): para quem a juventude é percebida sob duas perspectivas antagônicas: a primeira admite uma idéia positivada de juventude, enxergando no jovem o “futuro da nação” que exalta o seu dinamismo e a sua vitalidade; a segunda diz respeito à idéias de juventude como problema social.

A distinção entre fase de vida – juventude - e os sujeitos que a vivenciam, os jovens, (ATIAS-DONFUT, 1996, apud SPOSITO, 2003) significou um progressivo enriquecimento da área que, de modo disseminado, utiliza-se da idéias de juventude em seu plural – juventudes. Embora importante, nos parece ainda insatisfatória essa designação uma vez que não recobre, analiticamente, de que diversidade se trata e o seu peso na configuração das práticas, representações e valores dos jovens ou sobre eles. Não basta afirmar que há questões de gênero, etnia e de pertencimentos de classes sociais, compondo essa diversidade. É preciso estabelecer padrões analíticos mais rigorosos sobre o seu peso respectivo ao lado de uma crescente homogeneidade nos modos de vida e de aspirações entre os jovens, decorrentes dos processos de globalização, da disseminação e circulação da informação e dos mecanismos advindos da cultura de massas e do mercado.

Abramo (1997) tentar realizar o que ela mesma denomina de “elenco de anotações” para ressaltar que a atenção focada sobre os jovens como *“emblemas dos problemas sociais, muitas vezes não conseguimos enxergá-los e entendê-los propriamente; e, como consequência, nos livrar de uma postura de desqualificação da sua atuação como sujeitos”* (idem, p. 25), nos faz perceber o seu próprio lapso no dimensionamento social da temática juventude, que nos parece fundamental.

Com o objetivo de ilustrar a tematização da condição e situação dos jovens brasileiros em contextos espaciais e temporais bastantes diferentes, a partir de um plano imaginário, a autora se vale de dois

filmes nacionais: *O que é isso companheiro?*⁹ e *Como nascem os anjos*¹⁰. Nestes dois filmes são tomados para exercitar uma percepção presente na opinião pública e que funciona como pano de fundo para a tematização de juventude, como observa a autora. Aqui nos interessará somente alguns aspectos específicos, pois somos concordes com os elementos destacados pela autora, exceto em um aspecto. Os dois, de fato, exemplificam as imagens juvenis emblemáticas no período representado: jovens politizados nos anos 1960, jovens pobres envolvidos com a criminalidade nos anos 1990.

Observa ainda a autora quanto ao filme '*O que é isso companheiro?*',

E também nos dois casos, encarnam a face mais dramática da juventude no período: nos anos 60, a juventude em evidência eram os jovens de classe média, empenhados em propostas de mudança, tanto mudanças políticas como comportamentais e de valores: estudantes do ensino secundário e universitário, envolvidos nas suas entidades e manifestações públicas, e jovens envolvidos em movimentos culturais e contraculturais, hippies, "tropicalistas" etc. Os jovens que, a partir do endurecimento do regime e do fechamento dos canais de participação democrática, se envolvem na guerrilha, vivendo na clandestinidade, fazendo ações armadas, sendo presos, torturados, exilados e muitas vezes mortos, são de fatos, a face mais dramática dessa juventude genericamente vista em busca de mudança. (idem p. 33)

Por seu turno, os destaques da autora para o filme *Como nascem os anjos*:

Nos anos 90 as figuras juvenis mais em evidência são os jovens pobres que aparece nas ruas,

⁹ Dirigido por Bruno Barreto e lançado em 1997, este filme retrata ações de jovens estudantes na clandestinidade envolvidos com luta armada em confronto com a ditadura militar brasileira instaurada a partir de 1964.

¹⁰ Dirigido por Murilo Salles e lançado em 1996, o filme apresenta as peripécias de um jovem e duas crianças diante de situação de marginalidade, violência e pobreza no contexto dos anos 1990.

divididos entre o hedonismo e a violência: meninos de rua, jovens infratores, gangues, galeras, tribos; e, principalmente, jovens em “situação de risco” (risco para si próprios e para a ordem social), dos quais aqueles envolvidos no tráfico, matando e morrendo muito cedo, é uma das imagens mais dramáticas e ameaçadoras dos nossos tempos. (idem, p.33)

De imediato, uma ponderação torna-se imprescindível neste exercício. Ainda que possa parecer preciosismo, acreditamos que seja pertinente considerar que qualquer recorte analítico da realidade pode se apresentar arbitrário. Caso contrário, pode-se cometer o equívoco de tomar a parte pelo todo, sem dimensionar que a realidade é muito mais complexa, diversa, enfim, rica, que os repertórios conceituais que se constroem dela. Senão vejamos: nos anos de 1960, num universo aproximado de 13 milhões de jovens na faixa de 15 a 24 anos, numa população total de aproximadamente, 70 milhões de pessoas, salta à vista que imagem do jovem estudante universitário, classe média (e branca), neste cenário representava menos que 1,9%. De outro lado, a representação da violência associada ao jovem, como sujeito ou vítima, esteja privilegiadamente referenciada à população negra, ainda que nem sempre seja de todo pronunciada como outra expressão da leitura viesada da diversidade da juventude.

Contudo, neste ponto há um aspecto emblemático presente no exercício proposto por pela autora, ao aproximar a imagem da social da juventude representada nos dois filmes sobre as décadas de 1960 e 1990: o tema jovem negro fugiu e foge da percepção da pesquisadora e que, por consequência, também parecer escapar da sua agenda da produção acadêmica. Isto porque, o modo particular de tematização social de juventude torna invisível a presença da temática jovem negro em toda a sua expressividade e complexidade.

Um breve exame da produção acadêmica pode confirmar este diagnóstico. Atualmente, há alguns balanços importantes que examinam a produção acadêmica brasileira sobre juventude considerando mais estritamente as teses e dissertações, que nos proporcionam não só uma visão temporal das pesquisas como também o reconhecimento dos principais resultados destas investigações, e, ainda, identificar temáticas, abordagens prevalentes e autores mais mobilizados como vislumbrar

lacunas e campos pouco explorados nos estudos. Na área da educação, o trabalho intitulado *Juventude e Escolarização* e coordenado por Sposito (2002) é o mais extraordinário por congregar uma equipe interinstitucional com pesquisadores oriundos de diferentes áreas e, igualmente, pelos seus resultados analíticos alcançados. Este estudo examinou a produção acadêmica na pós-graduação em educação no período de 1980 a 1998, com seu foco central sobre o tema de juventude. Para compor este estado da arte, as teses e dissertações foram classificadas, a partir dos interesses de pesquisa, em dez eixos: i) Jovens, Mundo do Trabalho e Escola; ii) Aspectos Psicossociais de Adolescentes e Jovens; iii) Adolescentes em Processo de Exclusão Social; iv) Jovens Universitários; v) Juventude e Escola; vi) Jovens e Participação Política; vii) Mídia e Juventude; viii) Grupos Juvenis; ix) Jovem e Violência; x) Jovens e Adolescentes Negros. A partir desta classificação se chegou ao seguinte diagnóstico: no universo de 1.167 teses de doutorado e 7.500 dissertações de mestrado, perfazendo um total de 8.667 trabalhos produzidos por quase duas décadas, foram identificados 332 dissertações e 55 teses abordando a temática sobre juventude, em um total de 387 trabalhos, correspondendo a somente 4,5% da produção total na área de Educação.

Outro dado também emblemático: a maioria desta produção, aproximadamente 66,5%, ocorreu nos anos 1990, sendo que 47% do total das pesquisas foram realizadas entre os anos 1995-1998. Estes dados demonstram o quanto a investigação sobre juventude vem crescendo, mas ainda se apresenta bastante sub-representada entre os temas privilegiados nas pesquisas em educação. Entretanto, ao dirigir o foco sobre estes trabalhos e seus alcances em apreender a leitura da diversidade das condições bem como dos perfis e das características da constituição da população jovem na sociedade brasileira, observa-se que somente quatro¹¹ do conjunto das pesquisas são identificadas com o recorte temático tendo como descritores jovens e adolescentes negros sendo, por conseguinte, categorizados naquele balanço entre os temas emergentes, isto é, entre aqueles que revelam um conjunto recente de preocupações acadêmicas e, do mesmo modo, novas possibilidades na produção de conhecimento. Entretanto, as pesquisadoras Corti e Sposito (2002) destacam:

¹¹ Cf. Duarte (1997); Guimarães (1996); Oliveira (1997) e Santos (1997).

No entanto, surpreende o fato de que, apesar de estar relacionado à condição de população negra, ao preconceito e ao racismo, o tema *Jovens e Adolescentes Negros* se constitui questão nova para a escola brasileira, sob o ponto de vista dos estudos sobre Juventude: sua inserção como objeto de pesquisa só ocorre após os anos 90. (idem, p. 204)

Posteriormente, Sposito coordena outro estado da arte sobre a produção acadêmica no âmbito da Pós-graduação, desta feita, com uma cobertura temporal menor, de 1999 a 2006, portanto, sete anos, mas abarcando além da área da Educação, a das Ciências Sociais Aplicadas (Serviço Social) e das Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia). Não obstante, o aumento extraordinário da pesquisa universitária brasileira, a produção da Pós-graduação em Educação em torno da temática sobre juventude corresponde somente a 6,0% do universo da produção discente atual, não muito diferente do balanço anterior em que abarcava aproximadamente 4,5% do total. A tabela abaixo fornece um interessante panorama da produção acadêmica brasileira:

Tabela 1 – Universo total da produção discente e produção sobre juventude no âmbito de mestrados e doutorados, por área de conhecimento, de 1999-2006

Área do Conhecimento	Total/Área (1999-2006)					Total/Juventude (1999-2006)					
	Mest.	%	Dout.	%	Total	Mest	%	Dout.	%	Total	%
1. Educação	12.969	81,1	3.015	18,9	15.984	823	84,8	148	15,2	971	6,1
2. Serviço Social	1.460	78,8	393	21,2	1.853	123	85,4	21	14,6	144	7,8
3. Ciências Sociais	4.547	69,9	1.961	30,1	6.508	243	77,9	69	22,1	312	4,8
3.1. Ciência Política	821	81,0	192	19,0	1.103	10	76,9	3	23,1	13	1,3
3.2. Antropologia	821	75,9	261	24,1	1.082	85	72,6	32	27,4	117	10,8
3.3. Sociologia	2.905	65,8	1.508	34,2	4.413	148	81,3	34	18,7	182	4,1

Fonte: Sposito (2009a).

Por sua vez, outra fonte de informação que pode nos fornecer indicadores sobre a produção acadêmica, é a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPEd, por intermédio de seu principal veículo de difusão: a Revista Brasileira de Educação (RBE). Editada desde os anos 1995, esta revista é uma das publicações mais qualificadas de difusão da produção e dos temas mais consagrados na pesquisa educacional brasileira. Em suas edições de 1995 a 2006, com aproximadamente 263 artigos e, entre eles, encontramos 28 textos abordando em seus títulos *juvens* ou *juventude*, e somente seis títulos contemplando em seu foco *sujeitos negros ou temas referentes à população negra*, contudo, e nenhum deles é possível vislumbrar abordagem explicitamente sobre *juvens negros ou juventude negra*. Vale a pena o registra de que a ANPEd publicou, em 1997, uma edição especial da RBE dedicada exclusivamente para o tema juventude.¹² Decerto, a ausência de aspectos da temática juventude neste período mais uma vez reafirma conclusões presentes nos balanços da produção acadêmica realizados no período entre os anos 1980 e 2006, já sinalizados anteriormente.

Nesta composição do mosaico acerca da produção acadêmica em torno de nossa temática, torna-se importante o registro de uma admirável iniciativa promovida pela ANPEd em parceria com a Ação Educativa, uma organização não-governamental muito atuante no campo das lutas pela democratização da educação, e com o apoio institucional e financeiro da Fundação Ford: o Concurso Negro e Educação¹³. Tal iniciativa expressou, de um lado, o reconhecimento de problemáticas relacionadas à realidade social brasileira que produzem impacto sobre os sistemas educativos e que exigem novos desafios para instituição escolar, e, de outro, a percepção de um conjunto de preocupações acadêmicas que apontam para dimensões pouco visíveis aos enfoques teórico-metodológicos tradicionais do campo educacional como também pouco coberto pelo financiamento e pelas políticas institucionais de formação de pesquisadores.

¹² Esta edição foi intitulada *Juventude e Contemporaneidade* e organizada pelas pesquisadoras Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito.

¹³ Estes concursos se constituem em ações afirmativas destinadas a apoiar a formação de jovens pesquisadores no campo negro e educação, por intermédio de financiamento e formação em seminários, além de orientação individualizada por um período aproximado de 12 a 14 meses.

Por conseguinte, este concurso, com quatro edições no período dos anos 1999 até 2005, financiou em torno de 65 estudos de jovens pesquisadores negros e teve o papel de incentivar a formação de linhas de pesquisas e propiciar a formação e ampliação de novos pesquisadores para a temática das relações raciais e educação.

Entretanto, quando observamos o conjunto das pesquisas produzidas e publicadas nas três primeiras edições, dos 37 trabalhos acadêmicos podemos constatar que somente três deles trazem explicitamente como foco de suas atenções jovens negros. Esta constatação não desconsidera a natureza e campo de atenção dos estudos privilegiados nesses concursos, que, sobretudo, procuraram cumprir dois objetivos tácitos: o primeiro era o de preencher uma lacuna existente na produção acadêmica sobre a realidade da população negra no sistema educacional e, o segundo, o de interferir na agenda da produção e financiamento da produção de conhecimento na educação.

Todavia, a repercussão nos recortes temáticos tornou-se bastante evidente na medida em que a maioria dos interesses de estudos pouco se voltaram para o reconhecimento da condição juvenil para além da experiência discente. Com outras palavras, os trabalhos acadêmicos se centraram mais na condição de *estudante* ou *aluno* da educação básica ou ensino superior, deixando de desvelar os sentidos e as várias facetas que envolvem a experiência juvenil, embora reconheçamos que a condição discente se constitua no principal núcleo do percurso de vida de um jovem.

Ainda na área da produção acadêmica outra fonte bastante respeitável das pesquisas acadêmicas sobre jovens e juventude trata-se do que é socializado no Congresso de Pesquisadores Negros (COPENE). Criado em 2000 e com realização bianual, o COPENE objetiva principalmente congregar pesquisadores negros como também outros pesquisadores que trabalham com temas de interesse direto das populações negras; e de possibilitar a socialização e publicização das pesquisas acadêmicas voltadas para os estudos das relações raciais em diferentes campos disciplinares. Porquanto, o COPENE tem se convertido em um interessante painel destes estudos que nos proporciona dimensionar não só aquilo que vem sendo produzido atualmente nas pesquisas mas também a abrangência e direções que elas estão tomando seja em relação aos enfoques teórico-metodológicos ou propriamente a seus campos de interesse temático.

O III COPENE realizado em São Luís/Ma, em 2004, teve aproximadamente um universo de 184 trabalhos inscritos nas diferentes modalidades (conferência, mesa-redonda, comunicações, mini-cursos, oficinas, pôsteres) e, entre eles, podemos identificar somente quatro trabalhos inscritos expressando em seu título o tema juventude ou jovens negros. Por sua vez, é possível vislumbrar no IV COPENE realizado em Salvador/BA, no ano de 2007, um aumento expressivo não só em trabalhos inscritos, mas também na tematização sobre jovens e juventude negra: entre os 399 trabalhos identificados em seus anais, aproximadamente 26 deles apresentam esta temática. Por fim, no V COPENE, com sede na cidade de Goiânia/Go, em 2008, os trabalhos apresentados chegam ao expressivo número de 434 proposições nas diferentes modalidades já citadas, contudo, proporcionalmente em relação ao evento anterior, há uma diminuição no número de pesquisas que aborda os sujeitos jovens ou juventude negra como foco de estudo, no conjunto temos 24 trabalhos que transitam pela temática sob diferentes abordagens, tais como: jovem negro e educação, jovem e desigualdades sócio-raciais, jovens em contextos culturais (cultura *hip hop*, *axé* musica, *reggae*). De fato, este pequeno inventário apenas tenta sugerir que o campo de estudos sobre a realidade do negro brasileiro tem, cada vez mais, tornado visível uma demanda expressiva por tematização sobre a juventude e evidenciando-a bastante promissora. Pode-se argüir que, aos poucos começa a impactar decisivamente os balanços mais abrangentes como o estado da arte da produção acadêmica na área da educação, serviço social e ciências sociais (antropologia, ciência política e sociologia) tal como sinalizamos logo atrás.

Em todos estes cenários, observa-se o incremento de temáticas sobre a presença do refinamento de conceitos ou categorias analíticas referentes à inúmeros focos: às desigualdades raciais, racismo e preconceitos velados ou explícitos; sobre desigualdades sociais e raciais nos contextos e sistemas educativos, demonstrando trajetórias assimétricas do negro nos diferentes níveis e modalidades de ensino; processos e práticas educativas; sua condição no mercado de trabalho e mobilidade social; sobre marginalização e violência; sobre personagens e fenômenos históricos; questões sobre gênero, condição das mulheres negras e os direitos reprodutivos; sobre memória e identidade; culturas afro-brasileiras urbanas; sobre políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial ampliando perspectivas do debate sobre políticas de

ação afirmativa em diferentes setores sociais. Enfim, há campos temáticos distintos em processo de solidificação, e outros emergentes nos estudos e pesquisas.

Contudo, apesar de seu crescimento e suas contribuições, esta produção teórica apresenta lacunas. Ao constituírem os seus focos privilegiados de análise, tais investigações abarcam diferentes realidades sobre o jovem, mas deixam vazios para a compreensão a respeito do jovem negro, particularmente, tomando-o como sujeito e porta-voz de sua experiência social específica (ABRAMO, 1997), pois pouco sabemos sobre suas trajetórias, seus anseios e seus dilemas.

Se, por um lado, o inventário coordenado por Sposito explicita, no período dos anos 1980 e 1990, um desenvolvimento da pesquisa tematização sobre juventude, de outro, deixa evidente que a tematização com o recorte sobre jovem negro se expressa com uma lacuna emblemática. Por seu outro, os anos 1990 e 2000 vêm se constituindo com ampliação segura e vigorosa da pesquisa com foco em questões sobre a realidade social e histórica do negro brasileiro. Isto tem se expressado, também, no aumento dos espaços de produção marcadamente acadêmicos e na ampliação de pesquisadores/as negros/as a partir da pós-graduação.

Entretanto, algumas marcas lacunares ainda parecem estar presentes no campo da tematização sobre juventude, pois só recentemente vem ganhando certo volume o número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens e suas experiências, formas de sociabilidade e de atuação. Aspectos que não passam despercebidos por Abramo (1997) e Sposito (2002).

Embora com olhar investigativo direcionado para outros aspectos do campo da tematização sobre juventude, Dayrell (2003) aprofunda sobremaneira a percepção daquelas pesquisadoras, qualificando algumas destas marcas lacunares. Ao analisar a produção teórica sobre grupos musicais brasileira, identifica algumas lacunas teóricas importantes. Neste sentido, este autor identifica que, por exemplo, as pesquisas sobre culturas juvenis apresentam duas tendências acentuadas, entre outras: i) a de reforçar sobremodo uma percepção de que os jovens se encontram vinculados a diferentes forças do campo coletivo e, ainda, apresentam uma tendência em descrever e analisar os grupos juvenis em si mesmos; e ii) a de perceber o jovem reduzido apenas ao campo da cultura,

sugerindo que ele expressa sua condição juvenil estritamente quando envolvido em atividades culturais. Tais pesquisas, conclui ele, “*ao construírem o seu objetivo (...) recortam de tal forma a realidade dos jovens que dificultam a sua compreensão como sujeitos, na sua totalidade*” (idem, p. 40)

Estas questões são provocadoras para outras inferências não sinalizadas por Dayrell, pois expandindo as suas reflexões, podemos formular interrogações para campo dos estudos sobre juventude que abordam a presença de jovens negros: podemos até conhecer o jovem como um *rapper* ou um *funkeiro*, pagodeiro, capoeirista, sambista ou qualquer outra identidade que pretendeu ser, mas sabemos a respeito do significado da constituição de cada uma desta identidade em seu conjunto? Ou ainda o que faz, efetivamente, com que cada um destes jovens seja o que é naquele momento?

Por seu turno, o *Perfil da Juventude Brasileira*¹⁴, uma das mais importantes pesquisas de abrangência nacional sobre a juventude brasileira realizada em 2003 pelo Instituto da Cidadania apontou uma outra dimensão lacunar, que não pode ser despercebida para o refinamento dos estudos sobre jovens e juventude, e, particularmente, sobre jovens negros. Segundo ela, quase 85% dos jovens brasileiros, de 18 a 24 anos, se encontram fora de qualquer associativismo ou grupos juvenis reconhecidos socialmente. Este é um dado bastante revelador.

A primeira inferência notável deste dado: há um contingente bastante expressivo que se encontra fora do campo de visão e percepção analítica dos estudos sobre juventude. Se este reconhecimento é razoável, como se afirmam as demandas por constituição identitária destes jovens que se encontram fora das fronteiras da ação coletiva e dos agrupamentos e espaços associativos, formais ou informais, prevalentes na sociedade brasileira? Como se apresentam as experiências vitais destes jovens?

Certamente, é indiscutível que os novos movimentos sociais e, de modo particular, as diversas expressões político-culturais do movimento

¹⁴ Esta pesquisa foi iniciativa do Projeto Juventude/Instituto Cidadania, com a parceria do Instituto de Hospitalidade e do SEBRAE. Foi realizada sob a responsabilidade técnica da Criterium Assessoria em Pesquisas, retomando e ampliando temas e questões investigados em outubro de 1999, na pesquisa A pesquisa "Juventude: Cultura e Cidadania" pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo.

negro, a partir da redemocratização do país, protagonizaram ações em defesa da afirmação de identidades e cidadania. Com isto, possibilitaram também a constituição de novas definições identitárias e de novas subjetividades ao provocarem tensões sobre a perspectiva abstrata dos direitos humanos e sociais. E, neste cenário, afirmaram com contundência a compreensão de que os direitos historicamente construídos deveriam – e devem - apreender a igualização como um dos princípios da cidadania.

De modo especial, a partir dos anos 1970, os movimentos negros se revitalizaram com a exigência política, como destaca Hasenbalg (2005), de garantir a visibilidade de dois temas fulcrais para a mobilização em torno da ação anti-racista: um que expressava na denúncia veemente do racismo e da discriminação racial no país e, outro, na valorização da cultura negra como um eixo de constituição de uma identidade racial positiva. Assim, em seu empenho na denúncia das várias formas de discriminações e seus implacáveis desdobramentos, tais movimentos, inventivamente, construíram repertório importante de princípios e estratégias de afirmação não só de direitos sociais e políticos como também novas identidades coletivas.

Entretanto, em face destes desafios não apreenderam os sinais e registros de todas as possibilidades, expectativas e demandas sociais emergentes. Estes movimentos quando procuraram definir sua agenda de atuação, engajamento e mobilização no momento da redemocratização e revitalização da cena da vida política brasileira e o revigoramento dos partidos políticos, dos movimentos sindicais e movimentos sociais, após a ditadura militar, a fizeram sobremodo atrelada às princípios da ação coletiva, dos sujeitos e atores coletivos. E, não só, esta agenda esmaecia em função da agenda político-partidária, que se impunha mesmo a custo de resistências e conflitos, influenciando os contornos da geografia e estatura política daquelas organizações sociais.

Assim, tanto as demandas em torno da emergência de novas identidades individuais e coletivas como as demandas de cunho cultural, com frequência, subjugavam-se à vontade do estatuto da ação de sujeitos políticos, com uma particular compreensão de consciência política e sob a perspectiva de pertencimento de classe. Toda a agenda social se configurava com excessivo relevo sob a força e mobilização política em diferentes áreas de uma sociedade se expressava cada vez

mais diversa, próspera, mas profundamente excludente com pronunciados registros de discriminação étnica e racial.

Nesta medida, torna-se oportuno rememorar as reflexões de Melucci (1999) sobre novos movimentos sociais, sujeitos coletivos e identidades coletivas e individuais, pois nos parecem bastante sugestivas. Este sociólogo italiano teve um papel notável em configurar um modo particular de apreender os movimentos sociais como inventivos e instauradores de novos valores sociais, novas identidades coletivas e novas práticas políticas. Suas análises insistiam para que não se detivessem somente nas formas aparentes de expressão da ação política destes movimentos. Entretanto, sua contribuição mais extraordinária foi a de sinalizar uma dimensão pouco explorada, melhor, que não ocupa a centralidade das investigações: a dimensão pessoal da vida social. Melucci assevera o quanto é importante considerar "... *que as pessoas não são simplesmente moldadas por condições estruturais*", e que elas "*sempre se adaptam e dão um sentido próprio às condições que determinam suas vidas*". Portanto, segundo ele, parece bastante sugestivo o estabelecimento de um vínculo entre as mobilizações coletivas visíveis e as formas menos evidentes de ação que os indivíduos realizam em suas esferas mais íntimas da experiência social.

Apesar das contribuições que apresentam, tais pesquisas tendem mais a descrever e analisar os grupos por si mesmos, o que acaba por dificultar a compreensão dos jovens como sujeitos sociais que constroem um determinado modo de ser jovem. Exemplificando: "*Podemos até conhecer o jovem como um rapper ou um funkeiro, mas sabemos muito pouco a respeito do significado dessa identidade no conjunto que, efetivamente, faz com que ele seja o que é naquele momento*". (idem, p. 40)

Avança o autor: "quem são esses jovens fora dos grupos dos quais participam? *Como constroem um determinado modo de ser jovem no seu cotidiano?*" (ibidem). As interrogações de Dayrell são bastante pertinentes para compreender a experiência do jovem no mundo e nas relações sociais em que se envolve e está envolvido. De certa forma, Dayrell nos instiga a pensar em um jovem não adjetivado. Isto é, um jovem ser *rapper*, *funkeiro*, *pagodeiro*, diz somente sobre contingências postas em face das experiências sociais que são plurais e diversas, mas que também são e pronunciadamente desiguais. Novamente com Joan Scott (2005) retorna o alerta sobre o quanto a

identificação de uma pessoa com um grupo carrega a armadilha de promover um “*elevado senso de identificação que surge com a redução de um indivíduo a uma categoria (e que) é, ao mesmo tempo, devastador e embriagador*”. (p. 19)

Ainda este autor, quando recorre a Charlot para construir uma resposta para suas interrogações, afirma:

Podemos concluir que o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere. Assim, concordo com Charlot, quando afirma que todo ser humano é sujeito. Mas temos de levar em consideração que existem várias maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é “proibido de ser”, privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente a sua condição humana. (idem, p. 43)

De fato, Mas, precisamos ir mais longe.

Quando Gevanilda Santos, Maria José Santos e Rosângela Borges (2005) analisam a pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, citada anteriormente, sob a indagação o que ser jovem numa sociedade que discrimina e, com isto, procurando dirigir o foco da atenção para jovens e juventude negras, nos fazem observar que na experiência social do ser jovem brasileiro, há dimensões que se tornam imprescindíveis considerar:

(...) quando se fala da juventude negra, imediatamente percebe-se que “ser jovem negro” não é o mesmo que “ser jovem branco” no Brasil. Além dos aspectos socioeconômicos, faz-se necessária uma abordagem que reconheça as diferenças em alguns aspectos, como autopercepção da identidade, do que é ser jovem, do que é ser brasileiro, da discriminação cotidiana, das atividades de lazer, do racismo, da violência e da importância de alguns valores para a construção de uma sociedade ideal. (idem, p. 292)

A emergência da temática sobre jovens e juventude (s) está – não poderia ser diferente – decididamente imbricada com a emergência da temática sobre jovens e juventude (s) negra (s).

Portanto, cumpre expandir a compreensão teórica do campo das relações raciais, trazendo para os espaços do esquadramento da vida e das relações humanas, categorias referenciais (raça, racismo, discriminação racial e anti-racismo), como do campo de juventude para, em certa perspectiva, pensá-los entrelaçados.

3. Das juventude(s) e relações raciais em Santa Catarina

*“O meu passado não é mais meu companheiro.
Eu desconfio do meu passado.”
(Mário de Andrade)*

A Grande Florianópolis, território de referência da presente pesquisa, é composta por diferentes cidades que se multiplicam diante dos olhares. Aos poucos cada uma delas se revela estranha aos seus próprios moradores, quando só conseguem desfiar os fios da memória com muito esforço. Também cada uma delas se mostra estranha aos seus visitantes, que, com seus registros e fotografias, só conseguem enxergar as cidades e suas gentes que não existem inteiramente, porque capturam somente suas exuberantes paisagens e geografia. Ainda, cada uma destas cidades se apresenta estranha aos seus estrangeiros, que nelas residirem, mas que demoram em compreender seus traçados e esboços urbanos, que desvelam nos cantos estreitos, nos contornos inusitados e nas direções e sentidos de ruas, avenidas. Nestas cidades há denominações sobrepostas, e só rasurando as camadas da memória para vislumbrar monumentos de tradições, comportamentos e relações humanas. Em muitos momentos, qualquer atento observador pode se surpreender com denominações apagadas pelas conveniências políticas ou ideológicas.

Cada uma destas cidades, onde transitam os sujeitos desta pesquisa, além do imprescindível *“esforço para retirar das garras do esquecimento ideológico, as marcas da presença africana”* (CARDOSO, 2008), precisa também enfrentar um outro combate, a afirmação da diversidade do gênero humano como um paradigma das relações humanas e de reconhecimento das múltiplas identidades e das experiências sociais dos atores – homens e mulheres – que transitam em suas fronteiras.

A população negra em Santa Catarina corresponde, aproximadamente, a 10,6% da população brasileira. Na tabela abaixo, visualizamos, de modo específico, o tamanho da população da Grande Florianópolis em relação a outros contextos, para expor o universo de representação dos sujeitos de nosso estudo.

Tabela 2 – Tamanho da População - Brancos, Negros, Outros/2000

Raça/Cor	Brasil	Sul	Santa Catarina	Grande Florianópolis
Brancos	91.298.040	20.991.860	4.786.292	723.414
Negros	75.872.424	3.825.959	518.968	72.839
Outros	1.495.707	188.982	20.668	2.894
Total	169.872.844	25.110.337	5.357.852	803.242

Fonte: Censo Demográfico 2002, IBGE - tabulações do LAESER IE-UFRJ

Quando visualizamos as percentagens somente da população urbana considerando, além do recorte racial, a distribuição em relação à composição de faixa etária e sexo, observamos que em todas as faixas de idade em relação ao sexo, a população negra masculina é levemente superior às percentagens das outras faixas.

Tabela 3 – Tamanho da População urbana – Brancos, Negros, Outros por sexo e faixa etária/2000

Localidade	Masculino						Feminino					
	10 a 20 anos			20 a 30 anos			10 a 20 anos			20 a 30 anos		
	Brancos	Negros	Outros									
Brasil	19,62%	22,70%	17,36%	17,09%	18,61%	15,77%	18,57%	21,97%	17,15%	17,09%	18,24%	15,73%
Sul	19,57%	20,73%	16,28%	16,91%	18,33%	15,35%	18,35%	20,28%	16,13%	16,66%	17,30%	15,68%
Santa Catarina	20,00%	21,36%	*	17,37%	18,89%	*	19,14%	21,42%	*	17,24%	17,73%	*
Grande Florianópolis	19,96%	22,24%	*	18,32%	21,64%	*	19,04%	20,70%	*	17,92%	19,15%	*

Fonte: Censo Demográfico 2002, IBGE - Tabulações do LAESER IE-UFRJ

Esta pequena visualização nos serve para pensar algumas inflexões necessárias para traçar uma paisagem sobre o lócus, onde circulam os jovens negros deste trabalho. Todavia, antes de tudo, expandir a perspectiva de nosso olhar pode se constituir em uma estratégia instigante para interrogar como a população negra, de modo geral, é visualizada em um estado onde ela se encontra em menor proporção em relação à população total.



A foto acima saiu publicada no Jornal “A Notícia”¹⁵, em 2005, ocupando meia página de jornal. Ela nada tem nada de especial: uma imagem de criança deitada em um banco, localizado em espaço público, numa rua. Supõe-se que seja uma criança pobre, maltrapilha, dormindo a rua. Isto é reafirmado tanto pelas condições sugeridas em toda a foto e mais pelo cartaz posicionado ao fundo com a seguinte frase: “*troco esta minha cama antiga por um futuro novo*”. A mensagem posicionada na frente também traz uma frase expressiva: “*ou a sociedade acaba com este problema, ou este problema acaba com a sociedade*” e também traz alusão ao dia 21 de março como dia da infância¹⁶. A imagem, apesar de ser dúbia, está sugerindo que há um problema a ser enfrentado: a criança pobre (poderia ser outro, a própria pobreza). Parece simples assim. Entretanto, há algo de desconcertante nesta imagem. Perturbador! Recuperando, novamente, a expressão sugerida por Foucault (2001): *ela desconcerta nossos hábitos de pensar para justamente fazer-nos pensar.*

¹⁵ Este jornal editado em Joinville tem cobertura estadual e, atualmente, pertence ao grupo empresarial RBS.

¹⁶ Dia 21 de março, no calendário mundial, além do dia Mundial da Infância, se refere também ao dia Internacional da Luta Contra a Discriminação

Esta imagem, em muitos momentos, foi utilizada em formação de professores das redes municipais e estadual de ensino com o objetivo de ativar a imaginação para algo que nem sempre é explicitado na comunicação, apesar de reconhecida. Imagem sutilmente reforça um signo, ao fazer uma arbitrária combinação de representação de pobreza com negritude. A criança representada não é somente pobre, ela é negra. Entretanto, poderia se questionar: a maioria da população pobre brasileira é negra, segundo os indicadores sócio-econômicos. Esta afirmativa é parcialmente verdadeira. Ao menos em um caso, não o é inteiramente: o estado de Santa Catarina. E é justamente neste aspecto que se assenta o quanto esta imagem é perturbadora. Senão vejamos: se disséssemos qual a cor da pobreza no estado catarinense, a resposta seria taxativamente: é branca. Dito de outra forma, o censo de 2000 registra que o país tem uma população em situação de pobreza, na ordem de 43,06%, num universo de aproximadamente 169,8 milhões de pessoas, no qual 31,2% são brancos e 57,2% negros. Em Santa Catarina, em um universo de 4.786 milhões de habitantes, em situação de pobreza estão 25,5% deles, nesta realidade social, a pobreza atinge a população branca na ordem de 23,11% enquanto a negra na de 46,8%. Porém, convertidos estes percentuais em números absolutos, teremos o seguinte quadro: 1.037 milhões são pobres e brancos, enquanto 243mil dos catarinenses são pobres e negros¹⁷. Ora, é possível discutir a super-representatividade da população negra no segmento de pobreza, algo que é muito diverso de dizer que ela é a maioria. Sem nos deixar hipnotizados pela questão das quantidades, a inferência possível parecer não ser outra: se pobreza catarinense tiver cor, ela se expressa melhor em sua branquitude.

Uma outra história bastante singular com sentido diferente, mas que nos conduz para o mesmo ponto convergente: o quanto o estado de Santa Catarina é tributário de sua própria história social. Uma professora do interior do estado fez uma questão peculiar em um encontro estadual para discussão da implementação de uma lei federal que introduz o conteúdo de história e cultura afro-brasileiras e africanas nos currículo

¹⁷ Índice de Pobreza: É uma medida de pobreza de abordagem monetária caracterizada pelas linhas de Indigência e de Pobreza. A primeira caracteriza-se pelo valor monetário necessário para a aquisição de uma cesta de alimentos mínima à sobrevivência. A Segunda é o valor da Linha de Indigência acrescido do montante monetário capaz de arcar com despesas básicas de produtos e serviços. Estas são medidas absolutas de pobreza que permitem a identificação do contingente de pobres de um país. **Fonte:** Censo Demográfico, IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, censo 2000.

oficial da educação básica brasileira. Perguntava ela: “*Sou obrigada a ensinar este conteúdo, sendo branca, trabalhando em uma escola estadual onde só há profissionais brancos e onde não crianças negras?*”. É uma questão, de fato, emblemática, pois nos remete a pensar sobre as tensões e turbulências do trânsito dos diferentes repertórios civilizatórios presentes nos mais contextos educativos.

Estas duas imagens - uma que identifica o negro onde não está, e outra que não o reconhece onde deveria estar - expressam sobremodo as representações que foram construídas em torno de Santa Catarina, e que muito se reafirmou, ainda que sob a exigência de as reelaborar em muitos momentos.

A representação construída de que parte do sul do país foi formada por populações ‘genuinamente brancas’ está presente nos relatos dos viajantes que a percorreram ao longo do século dezenove, como observa a historiadora Joana Pedro, em seus estudos sobre a história das mulheres:

A imagem das mulheres do Sul como mais sociáveis que as mulheres de outros lugares do país é recorrente nos relatos dos viajantes. Imagem provavelmente vinculada à composição racial do Sul do Brasil, aos preconceitos raciais dos ditos viajantes, à cultura específica da população que ai se instalou, bem como a uma formação social que proporcionava um modo de vida diferente dos existentes na economia escravista de exportação.

Muitas vezes, ao falarem das mulheres brasileiras, os viajantes referiam exclusivamente as brancas de família abastadas. Alguns ignoravam a existência de filhas de imigrantes pobres, de mulatas e negras livres, enquanto outros sequer as classificam como mulheres (...) (idem, p. 279)

Na mesma obra, adiante, a pesquisadora explicita o pano de fundo que sedimentou o imaginário social de que a região sul e o estado de Santa Catarina, de modo particular, eram genuinamente brancos:

Essa configuração da sociedade, refletida nos textos de Saint-Hilaire, é resultado de um

povoamento vinculado a questões estratégico-militares de defesa e expansão para além do meridiano de Tordesilhas. Grande parte do litoral de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul foi povoado de forma planejada a partir de meados do século XVII, com casais oriundos das ilhas de Açores e da Madeira. Essa forma de povoamento iria se repetir em meados do século XIX, como parte de um projeto de “branqueamento” e de preenchimento de “vazios” territoriais, dando o tom da população e da economia local. (idem, p. 280)

Neste momento, pensamos que seja oportuno fazer uma inflexão, mas para marcar dois aspectos centrais: a) antes de tudo, é crucial reconhecer que no campo da produção historiográfica, ainda que haja alguma resistência, porque nele não há homogeneidade, tem se desferidos os golpes mais contundentes contra a invisibilidade da população negra em Santa Catarina.

Entretanto, do âmbito da produção historiográfica catarinense, fundamentalmente, foram lançados os repertórios mais sofisticados para construção da uma suposta invisibilidade do negro nestas paisagens. Embora analisando com estudos historiográficos diferentes, Serpa (1996) chega a conclusões semelhantes. O historiador estuda o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em seus cem anos de existência, que ao desempenhar sua função de *“coligir, organizar, redigir e publicar todos os dados existentes e necessários para elaboração da história e da geografia do estado”* (idem, p. 64) foi ativo na construção do discurso da identidade catarinense. Assim conclui o autor:

(...) o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, articulado com discursos que se fazia sobre identidade, a nível nacional desde o século XIX, optou pela postura de produção de discursos que fossem plasmando o imaginário dos habitantes de Santa Catarina do que seria, em diferentes épocas, a identidade catarinense. Tais discursos historiográficos (...) induziram práticas que tentaram eliminar as diferenças, que realimentaram de certa forma preconceitos – haja

vista que os descendentes de africanos não se constituíram em objetos de estudo. (idem, p. 77)

Tais conclusões não são desprezíveis. Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso (1960) não foram capazes de escapar destas armadilhas, quando realizaram, em 1960, uma das mais importantes pesquisas sobre as situações de contato inter-racial na região meridional do país. Sua pesquisa combinou estudo de campo e com levantamento de fontes sobre história da cidade de Florianópolis para reconstituição da economia e situação de contato racial, e se constitui em uma das mais importantes produções sobre questões raciais no sul do país. Entretanto, observa o historiador Paulino Cardoso na apresentação do livro *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*,¹⁸ que um dos principais percalços de fundo da pesquisa, foi se basear, de forma acrítica, na produção dos principais historiadores catarinenses daquele tempo, como Henrique Fontes, Carlos da Costa Pereira e, principalmente, Oswaldo Rodrigues Cabral (idem, p. 19).

Destaca, ainda, Paulino Cardoso:

Portanto, se esta obra, juntamente com outros textos da conhecida escola de sociológica de São Paulo, contribuiu para um questionamento frontal do mito da democracia racial brasileira, e para a denúncia das péssimas condições de vida de milhões de afrodescendentes neste país, por outro lado, sua adesão acrítica a alguns marcos interpretativos da historiografia local tradicional tem contribuído para invisibilidade histórica das populações de origem africana em Santa Catarina. (idem, p. 21)

Mas, Santa Catarina, de modo particular, tem outras dívidas a resolver com seu passado muito recente: as questões de fundo que nortearam as políticas de imigração e colonização do território catarinense. Principalmente, por encontrar-se no centro de um debate crucial desenvolvido pronunciadamente nas primeiras

¹⁸ Esta publicação é uma reedição da obra de 1960 de Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni. **Cor e mobilidade social em Florianópolis:** aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional. Entretanto, a edição atual mantém o prefácio de Florestan Fernandes, mas sem o texto de Otávio Ianni.

décadas da República que ainda, hoje, guarda vestígios, mesmo que dissimulados. O imperativo da imigração e colonização europeia no sul do país e em Santa Catarina, de modo específico, foi de natureza racial (SEYFERTH, 1996). Os principais intelectuais que devotam credo ao ideário racista e nacionalista no início da República, como Nina Rodrigues, Silvio Romero, Tavares Bastos, João Batista de Lacerda, entre outros, não só dedicaram esforço intelectual na formulação dos princípios norteadores das políticas de imigração europeia para o país e para o sul, especialmente, como também devotaram expectativas esperançosas e temores singulares em face do processo que se desenrolava por seus diferentes atores sociais nesta região.

Seyferth (1996) aprofunda as informações sobre os diferentes debates de fundo travados sobre a imigração:

No Império as etnias eram classificadas de acordo com sua presuntiva capacidade de produzir uma economia capitalista, uma agricultura moderna, que tinha como modelo o *farmer* americano. Isto não significa inexistência de preocupações com a questão racial, mas certamente o branqueamento da população não era tão imperativo antes de 1888. Nas primeiras décadas da República, a formalização do branqueamento a partir de dogmas associados à ‘ciência das raças’ levou a um novo formato de classificação dos imigrantes europeus, desta vez pela maior ou menor inclinação de cada etnia à assimilação e à miscigenação. Desta forma, os alemães foram excluídos da condição de imigrantes preferenciais diante da organização étnica assumida nas regiões onde ficaram como colonos. (idem, p. 56)

Contudo, todas estas questões reverberam na sociedade local assumindo diferentes perspectivas. Neste sentido, são interessantes as percepções de Campos (2008), quando destaca os temas que permearam os discursos durante o I Congresso de Basilidade, realizado em Santa Catarina, no início dos anos 1940:

Discutindo entre outros temas a unidade étnica do brasileiro, dava-se importância fundamental à

saúde e beleza do corpo, associando-se valorização eugênica com noções de trabalho. Todos esses elementos somavam-se no sentido de que integrados convergissem na direção da unificação da raça ou da unidade étnica. Os discursos que circulavam na sociedade catarinense de então permitem perceber a maneira como a noção de melhoramento da raça esteve presente nas discussões que transcorriam no Estado Novo, traduzindo-se numa economia do corpo. (idem, p. 109)

Entretanto, escapam da percepção da autora os significados dos conflitos entre as políticas desencadeadas pelo Estado Novo, nos anos 1940, com foco em certa idéia de miscigenação e as resistências de assimilação por parte das populações de origem germânica identificada pela autora.

Uma questão que sobressai em face do papel cumprido por Santa Catarina (de adesão ou de resistência) na tematização das relações raciais, envolvendo de modo geral brancos e não brancos, nos parece capital: a democracia racial proclamada a partir dos anos 1940 teve (ainda tem) a repercussão sugerida em diversos outros estados, onde os contatos inter-raciais eram mais pronunciados e os seus efeitos deletérios estavam mais agudos? Ou, então, a democracia racial, nestas paisagens, nem em mito se configurou, mas que cumpriu a função, no âmbito discursivo, de dissimular a invisibilidade que fora lançado à população negra? E como se houvesse momentos oportunos para que os sujeitos negros fossem lembrados, mas a lógica central é de um movimento intencional de ‘esquecimento’. Neste sentido, ‘perturbar’ (no sentido de demovê-lo do lugar em que fora lançado) o problema do negro em Santa Catarina, não se constituiu (e se constitui) em uma peculiar maneira de também ‘perturbar’ o problema do branco? Enfim, das relações raciais que jamais podem ser pensadas senão de um modo relacional.

I PARTE

FIOS E MISSANGAS

*“...ninguém nota o fio que,
em colar vistoso,
vai compondo as missangas.”*
Mia Couto

1. ESBOÇO DE PERFIS DE NOMES PRÓPRIOS E SEUS AUTO-RETRATOS NARRATIVOS

*O auto Retrato
 No retrato que me faço
 - traço a traço -
 às vezes me pinto nuvem,
 às vezes me pinto árvore...
 às vezes me pinto coisas
 de que nem há mais lembrança.
 ou coisas que não existem
 mas que um dia existirão
 e, desta lida, em que busco
 - pouco a pouco -
 minha eterna semelhança,
 no final, que restará?
 Mário Quintana*

O substantivo *tessitura* pode significar tanto os conjuntos de sons da escala musical que melhor convêm à determinada voz ou instrumento como simplesmente textura. Quando estruturamos a disposição dos autorretratos narrativos, este duplo sentido quase se impôs como a melhor expressão do que esperávamos de cada um dos sujeitos da pesquisa. Todos jovens reverberando e produzindo diferentes sons e expondo as multiplicidades de experiências e lógicas de trânsitos e ações.

Os autorretratos narrativos não foram apresentados integralmente, entretanto, a forma de exposição procurou proteger, ao máximo, a fluidez e a linha narrativa de cada sujeito com sua história singular. As inflexões, pausas, mudanças de tema e desencadeamento das idéias não obedecem a um tempo cronológico, isto é, a seqüência do enredo narrativo não está em compasso com o que foi pronunciado e o ordenamento da exposição. Foi intencional que assim fosse feito. Há subjacente um sentido de perseguir a experiencial social de indivíduos nas fronteiras da dimensão social, com as complexidades que isto pudesse sugerir.

Para tanto, a pesquisa observou um protocolo para melhor dialogar com o campo empírico e, também, para servir como orientação no cumprimento dos objetivos do trabalho, como já destacamos

anteriormente, quais sejam: investigar as experiências sociais de jovens negros em sua interação com diferentes espaços de socialização e sociabilidades; analisar tais experiências em relação ao seu pertencimento racial e às suas estratégias e lógicas de ação na constituição identitária; identificar a reflexibilidade destas formas de pertencimento e o quanto impacta as ações assumidas pelos jovens em face da onipresença do racismo.

Seguindo o protocolo, as entrevistas com os seis sujeitos abordam as práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir, agir em diferentes domínios em relação aos seus espaços socialização e de sociabilidades. Procuramos estabelecer um grau de confiança para não criar situações invasivas, em que os entrevistados se sentissem desconfortáveis diante de alguma questão ou forma de abordagem. Por exemplo, o fato de o entrevistador ser um homem poderia desencadear constrangimentos quando fosse uma mulher ou uma cumplicidade, quando homem. Em ambos os casos, os comportamentos poderiam ser evasivos ou gerar desconcentração na resposta. Outro aspecto importante foi atentar à organização de cada momento da entrevista quanto ao grau de conhecimento ou desconhecimento do entrevistado, assim o ritmo e a direção da entrevista eram ponderados para que as perguntas e respostas não inibissem alguém desconhecido ou dissimulassem respostas subtendidas, quando conhecido. Em muitos momentos, as pessoas que expuseram parte de suas intimidades com forte carga emocional, confidências tão íntimas, que não raro vinham em uma voz embargada ou com algumas lágrimas incontidas percorrendo as faces.

Antes do início da primeira entrevista mantivemos contado prévio com cada pessoa escolhida e informamos sobre os eixos e como as questões foram organizadas, mas sem que cada entrevistado soubesse a respeito das hipóteses ou desafios teóricos pretendidos. A abordagem seguia esta lógica: *“Esta é uma pesquisa acadêmica que tem a intenção entrevistar jovens sobre diferentes assuntos: escola, trabalho, família, religiosidade, sociabilidades, lazer/diversões,, estética/cuidados de si, adornos e coletar diferentes opiniões sobre eles”*. Em nenhum momento houve alguma pergunta que solicitasse e autodeclaração de

pertencimento racial. Isto foi intencional, entretanto o critério de escolha obedeceu a uma compreensão com base em heteroatribuição¹⁹.

Todos os encontros se submeteram aos desejos e interesses de cada entrevistado, em média foram três encontros, com aproximadamente duas horas de duração, mas sempre respeitando a disponibilidade de tempo e lugar. Deste modo, seis entrevistas foram realizadas em domicílios (Ivone Guarapuvu e João Jequitibá); duas em consultório odontológico, de acordo com a agenda (Álvaro Peroba); três no Campus da Universidade (Mariana Carvalho) e sete em espaços públicos encolhidos pelos próprios entrevistados, a saber: lanchonete, biblioteca pública, praça ou áreas de lazer (Júlia Figueira, João Jequitibá, Michael Aroeira). Foram realizados registros sobre a forma como o contato foi estabelecido, os locais das entrevistas e a maneira como elas se desenvolveram, contudo, nenhum destes registros foi feito na presença dos entrevistados, justamente, para não gerar um estado excessivamente formal e criar situações de suspeição ou dispersão no diálogo.

As perguntas semi-estruturadas respeitaram os interesses e desejos de responder de cada entrevistado e sempre mantendo flexibilidade na exploração das respostas, buscando para não provocar alguma sensação de estar sendo invadido ou invadida como não forçar a preocupação de manter coerência em suas narrativas.

Em toda a pesquisa esteve subjacente a compreensão de que os estudos das relações raciais e da juventude são mais bem apreendidos numa abordagem relacional com marcadores de gênero, classe, entre outros. Com já foi anunciado, com tal perspectiva, além dos critérios de gênero e faixa etária, foram utilizados também os critérios de os sujeitos não estarem, no momento da pesquisa, envolvidos em ativismo associados a movimentos sociais, inclusive negros, partidos políticos e sindicais; não estar envolvido em atividades públicas organizadas referentes às ações anti-racistas e, ainda, que os sujeitos tivessem laços

¹⁹ Segundo Osório (2003), “*Um método de identificação racial é um procedimento estabelecido para a decisão do enquadramento dos indivíduos em grupos definidos pelas categorias de sua classificação, seja estas manifestas ou latentes. Existem basicamente três métodos de identificação racial, que podem ser aplicadas com variantes. O primeiro é a auto-atribuição de pertença, no qual o próprio sujeito da classificação escolhe o grupo do qual se considera membro. O segundo é a heteroatribuição de pertença, no qual outra pessoa define o grupo do sujeito. O terceiro é a identificação de grandes grupos populacionais dos quais provieram os ascendentes próximos por meio de técnicas biológicas, como a análise do DNA*”.

parentais. Estes critérios, de modo especial, objetivaram perscrutar os jovens negros sem quaisquer experiências em ativismo de diferente natureza e, assim, vislumbrar nestas histórias singulares como enfrentaram (ou não) as constituições de seus repertórios identitários e de pertencimento.

A despeito de muitas possibilidades e diferentes visagens sobre os repertórios de informações constituídos, indicaremos a seguir questões que remanesceram das narrativas e histórias singulares dos sujeitos sociais e que fossem ao encontro de suas experiências sociais. Para tanto, definimos duas fronteiras para conjeturar e sobressaltar as instigantes das experiências daqueles jovens: i) as fronteiras associadas às instituições sociais (escola, trabalho, família e religiosidade), e ii) as fronteiras associadas às sociabilidades e a constituição juvenil (lazer, estética, relações afetivas e matrimoniais). Mas antes, indicaremos alguns traços individuais dos autorretratos para somente depois discorrer mais especificamente a respeito daquelas fronteiras.

Michael Aroeira

Michael Aroeira tem 29 anos, nasceu em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, e mora na cidade de Palhoça há 12 anos. Antes de defini-lo como sujeito deste estudo, tínhamos nos encontrado em diferentes situações: na apresentação de seu grupo de *street dance* em evento de rua e em uma reunião de planejamento para oficinas de dança que iria desenvolver em uma escola pública. Os contatos sempre foram casuais e, com frequência na rua e sucessivamente nestes encontros trajava os seus adornos (boné, calças largas, camisetas com estampas fortes e tênis). Depois, ao longo da entrevista, explicaria isto: se mantinha pronto para qualquer '*parada*' (apresentação ou encontro para ensaiar).

Na primeira entrevista, Michael demonstrou inquietação, depois se soltou. Como em atino de confiança, conversava abertamente sobre qualquer assunto sem se constranger e censurar. Normalmente, os lugares sugeridos por ele foram públicos: praça, rua.

O primeiro local sugerido por Michael foi uma praça de alimentação em um pequeno centro comercial em Florianópolis. Tinha algum sentido, era onde comprava roupas de estilos, encontrava '**parceiros**' e trocava idéias sobre outras pessoas. Assim, em todos os

espaços eram freqüentes acenos, gestos e cumprimentos verbais, que atravessavam o diálogo e a concentração. Mas, se sentia confortável nestas situações: *“eu sou uma pessoa muito conhecida...”*

Em um dos encontros, Michael sugeriu um conjunto residencial Água Branca, em Palhoça, cidade onde morava. Este lugar, curiosamente, é um conjunto de alto padrão em um bairro comercialmente muito valorizado, mas circundado por bairros de comunidades pobres (onde ele morava). Era imensa área verde com lago, bosque, parque, gramado, pista de caminhada. Em conversas, ainda sem iniciar a gravação, Michael me informava que ali era seu espaço de *‘retiro pessoal’* e *‘descanso’*, de encontros com outras galeras, particularmente, aquelas do *hip hop*. Enfim, de ficar ali quando estava muito agitado para relaxar da *‘correria* e das *‘brincas’* do dia a dia. Diz em algum momento: *“Venho aqui quando estou muito estressado; quando as pessoas tentam te dar rasteira. Venho com meu fonezinho e sento aqui debaixo de uma árvore. E paro um pouco para pensar nas coisas... na vida. Claro que não fico mais de cinco minutos com o fone no ouvido! Como te disse, eu sou muito conhecido aqui, e a gente acaba encontrando muitos parceiros. Aí, você encontra um amigo, uma camarada que não via há muito tempo, uma moça para trocar algumas idéias. Mas, este é um lugarzinho muito bom, aonde venho para tirar o stress. Assim, gosto muito de vir prá cá”*.

Contudo, este espaço não era e nem continua sendo tão idílico, carrega ranço de convivência social com indícios conflitivos marcadamente pelos contrastes sociais existentes no entorno. O local fora invadido pelas comunidades pobres a contragosto dos moradores de residências mais requintadas e de alto padrão. Os seguranças privados não permitiam a circulação de “estranhos” ao condomínio. Em diferentes momentos, ele sugere que tais estranhos eram identificados pelos seguranças por seus trajes, calças largas ou objetos de adorno (correntes ou bonés). Com o tempo a presença, segundo ele, se tornou tolerável.

Este pequeno relato dos locais e situações improvisadas de encontro expressa um dos elementos emblemáticos de Michael: uma pessoa que transita em diferentes espaços públicos enfrentando os mais diversos constrangimentos, mas não deixar de circular.

Quando o conheci ministrava oficina de *street dance* para meninos e meninas de 12 a 15 anos em uma comunidade de baixa renda, denominada de Procasa, no município de São José. Ele integrava um projeto social de escola que combinava atividades de reforço escolar com oficina de dança, além de outras para alunos e crianças do bairro. No período, era sua única atividade remunerada.

Um fato curioso ao longo dos encontros com Michael: em nenhum momento estivera sozinho, exceto em encontro que demorou mais de três horas. Inicialmente, me parecia uma situação intrigante. Sempre o acompanhava uma ou mais pessoas com perfil bem mais jovem que ele (entre 15-17 anos) e com atitude repleta de cumplicidade em brincadeiras que aludiam a outras pessoas do círculo da cultura *hip-hop* ou, simplesmente, a trejeitos de movimentação do corpo ou, ainda, a utilização de adornos e vestimentas. Nas falas, ironias quando se referia a outros parceiros da área. Aliás, o termo ‘parceiro’ era utilizado com recorrência para se referir a conhecidos ou transeuntes com os quais cruzava e cumprimentava rua. Michael se achava um típico ‘*Pipa Solta*’, uma expressão juvenil que significa alguém desgarrado, sem vínculos que o deixa de algum modo presa à outra pessoa ou situação.

Ivone Guarupuvu

Ivone Guarupuvu nasceu e mora em Florianópolis e quando foi feita a entrevista ela estava com 24 anos. È a segunda filha mais nova entre quatro irmãs mulheres. A mais nova, de 22 anos, estuda Pedagogia e a mais velha, com ensino médio, morava com a família e tem uma filha de 8 anos. A mãe, viúva, “faz de tudo um pouco”: já foi costureira e agora cozinheira e, atualmente, faz bolos e salgados para festas. Ivone é atendente de sala em uma creche, que está a algumas quadras de sua casa. Não gosta do que faz, como dirá em alguns momentos, ainda que esteja fazendo um curso de Magistério há mais de três anos: “*acho que agora vou terminar...*” .

Ivone tem o um sonho de ser cantora de samba. Atualmente, ela é pastora – atua nos vocais - em grupo de samba formado quase exclusivamente por parentes (a irmã, dois primos, um tio e completa com amigos, ao todo são 7 componentes). A tia mais velha atua como contato do grupo. Ivone está no grupo desde os 12 anos, idade em que a maioria dos parentes tinha no momento de sua criação. Seu desejo é sair

da cidade e tentar a vida como cantora em São Paulo, mas tem esperanças, porque sua irmã e prima, que cantam no grupo também querem ir embora, mas somente após terminarem seus cursos. O seu receio é que a mãe não poderá ir junto.

Ivone sente que o samba é o seu chão, o seu mundo! Desde pequena vivia cercada de música, pois quase todos os seus parentes por parte de mãe tocam ou cantam. Da parte de seu pai, que não conheceu, pois morreu quando tinha 4 anos, a maioria gosta de dançar.

João Jequetibá

João Jequetibá nasceu em São Paulo, mora em Palhoça e tinha 23 anos quando realizamos a entrevista. Veio para Florianópolis, onde morou inicialmente, com sua mãe. Ela estava fugindo marido que bebia e a espancava. João não conhece o pai, porque tinha aproximadamente um ano e nunca mais o encontrou. Sua mãe é empregada doméstica e está em outro relacionamento, com o qual tem uma filha de 19 anos, já casada. Adotou há mais de 5 anos uma menina.

João pertence à Igreja Adventista, onde desenvolve atividades voluntárias com crianças e adolescentes, em uma ação da igreja chamada *Desbravadores*, organização semelhante aos escoteiros. João é recém formado em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina e faz um curso de Jornalismo em universidade privada. No momento da entrevista ele havia trancado matrícula na sexta fase do curso por não ter dinheiro para continuar e concluir esta nova graduação. João estava desempregado e com expectativa de voltar a dar aulas, sendo que antes atuava como professor temporário na rede estadual de ensino de Santa Catarina. Porém, ainda não tinha sido convocado para assumir atividades no ensino. Era início do ano de 2008 quando o primeiro contato foi feito, e ele ia começar atividades em colônia de férias na rede municipal de Florianópolis.

João é cantor e, em algumas escolas, atuou como professor de teatro e música. Seu sonho é um dia ser cantor de gospel e se tornar pastor adventista. Mas, ainda tem dúvidas, por vezes, se apresentam repleta de receios, se é isto que deseja de fato. Isto porque há, segundo ele, muitas renúncias que não sabe se está pronto para assumir. Atualmente, tem uma relação amorosa, mas “às escondidas”. Ele se sente correspondido, mas os pais de sua pretendente, que também

pertencem à Igreja Adventista, não reconhecem a relação: ela é “*loira de olhos verdes*”, em algum momento dirá. Segundo ele, não sabe por que os pais não aceitam.

A alusão de João a anjos fingidores²⁰ expressa uma das características percebidas em sua história singular: o seu trânsito em algumas instituições (igreja, escola, universidade) se apresenta dissimulado com receio de se expor por inteiro, em função redes de constrangimento, alguns associados à sua religião quando transita pela universidade e escola e na igreja quanto às suas relações afetivas e também das amizades dentro e fora dos espaços de expressão de sua religiosidade.

Mariana Carvalho

Mariana Carvalho nasceu e mora em Florianópolis. Quando realizamos os encontros ela estava com 28 anos e no primeiro ano do Curso de Letras/Inglês. Segundo ela, ingressou na Universidade Federal de Santa Catarina pelo Programa de Ação Afirmativa porque um amigo insistiu muito para que fizesse o vestibular para o curso de seus desejos. Mas vive um dilema, porque o ingresso por cotas vai contra os seus princípios: “*ainda eu sou contra*”. Entretanto, está gostando muito de estar fazendo o curso, apesar de ter dificuldades com suas colegas de curso, por que – para ela – são muito “*novinhas*”.

Mariana mora com a mãe e não tem relação afetiva e de convivência com seu pai, que bebia muito e chegou a espancar a mãe. Mariana tinha um ano quando isto aconteceu pela última vez. Atualmente, não sabe onde o pai mora e mesmo se está em Florianópolis. Este foi o assunto que a comoveu, tanta que depois pediu para não mais perguntar sobre isto, pois se sentia muito mobilizada com o assunto.

Mariana tem uma irmã de 19 anos do segundo casamento da mãe com ela mantém uma relação de cuidado e conflitos geracionais, como se verá mais adiante. Já passou por vários empregos, todos na área de serviços e comércio. Ela deixou de gostar de samba, agora está curtindo rock, que, segundo ela, tem mais ver consigo. Seu atual

²⁰ A expressão anjos fingidores não tem aqui nenhum sentido de valoração negativa, somente deseja aludir à uma poesia de Fernando Pessoa: *Autopsicografia*.

namorado toca em uma banda de rock. Ele é “*totalmente oposto do que imaginei prá mim*”.

O namorado é branco e é bem mais jovem que Mariana, e ela está confiante que “dará certo” a relação. Mariana se imagina casada com 35 anos, e com 38 gostaria de ter filhos. O sonho de atuar na área é se tornar escritora e trabalhar como tradução e revisão. Em dezembro de 2008, quando foi feito o último encontro Mariana se sentia muito feliz com tudo que tinha acontecido na universidade: estava com bolsa e queria deixar fazer com alguns “*bicos*” em finais de semana. Seus projetos para 2009 eram de se dedicar exclusivamente ao seu curso. Segundo Mariana, o único problema que está sentindo atualmente na universidade é que ela tem “*falta de atenção*”, isto desde o ensino fundamental, acha que ainda não conseguiu resolver esta condição pessoal.

Júlia Figueira

Júlia Figueira nasceu em Florianópolis, mas mora na cidade de São José, na região da grande Florianópolis. No momento das entrevistas, ela estava com 21 anos e morava com a mãe e uma irmã mais nova, de 17 anos. Os pais estão separados, mas ela e a irmã mantêm contato com o pai, apesar de sua atual esposa não gostar das duas, segundo a própria Júlia.

Atualmente, Júlia faz dois cursos: graduação em Enfermagem e Técnico em Enfermagem. Os dois cursos são feitos em instituições particulares. Expressando-se de modo que sugere atitudes determinadas, Júlia parecer possuir organização e foco em todas as atividades que faz com vista a constituir uma carreira profissional. Segundo ela, sabe que as coisas são difíceis para mulheres negras, como ela. Mas, se sente bastante amparada pela mãe e uma tia, com quais mantém uma relação de muita admiração e referência.

Álvaro Peroba

Álvaro Peroba nasceu e mora em Florianópolis, mas já morou em Foz do Iguaçu e em Curitiba, cidades do Paraná, porque seu pai era do Exército e quando ele era transferido toda a família tinha que ir junto. Também morou em Pelotas, onde fez o curso de Odontologia. Na época

de nossa primeira entrevista, em 2008, Álvaro estava com 42 anos, casado, e com uma filha de 13 anos. Exerce a profissão de cirurgião dentista e possui um consultório no centro da cidade, onde realizamos as entrevistas.

Antes do primeiro contato formal para a entrevista, não tínhamos nenhuma relação de maior proximidade, exceto encontros eventuais de anos em atividades de uma Escola de Samba existente na cidade. Nestes encontros ocasionais tínhamos conversas sobre assuntos efêmeros, que expressavam não mais que uma relação de pessoas que circulavam em espaços comuns, sem que outros laços de proximidade. Por estas circunstâncias e por ser, segundo nosso conhecimento na época, uma das profissões em que raramente se encontra pessoa negra na cidade, assim o incluímos entre os possíveis entrevistados.

Álvaro não se enquadraria no perfil e critérios estabelecidos para a composição do universo da pesquisa. Entretanto, por ter sido a primeira entrevista realizada para pesquisa, ela nos serviu de referências para o tratamento tanto da lógica como da organização dos entrevistados. Lembramos que inicialmente, tínhamos estruturado o trabalho com um recorte geracional e longitudinal para cobrir três gerações distintas que pudessem nos informar sobre as suas experiências sociais de pertencimento racial e constituição identitária.

No primeiro contato pelo telefone, fizemos uma exposição rápida sobre como a pesquisa estava organizada e quais os temas que seriam objeto de atenção. Inicialmente, Álvaro não ficou muito a vontade, apesar de concordar em participar. Após diferentes esclarecimentos, manifestou-se com entusiasmo e disponibilidade, desde que as entrevistas fossem realizadas em seu consultório.

Na primeira fase de entrevista, os depoimentos sobre suas experiências em torno do mundo do samba e, de modo particular, com a Escola de Samba, onde nos encontravam ocasionalmente foi surpreendente: este não é seu espaço predileto de lazer, ainda que circulasse por ele com muita frequência.

Ao longo das diferentes entrevistas, procuramos discorrer, sobre os diferentes temas: família, escolaridade, formação e atividades profissionais, experiências vividas e interesses diversos, com sugestão de aprofundar os temas em momentos futuros. Em vários momentos da entrevistas, Álvaro nos interrogava sobre se estava falando bem; se

“*estava se saindo bem*”; se eu achava as informações sendo importantes para a minha pesquisa. Com estas interrogações, Álvaro parecia se sentir reconfortado e prestigiado por ter sido escolhido para estudo da universidade e, de outro, sentir qualificado por prestar depoimentos sobre si mesmo.

Por fim, conforme anunciamos, a seguir nós apresentamos os auto-retratos construídos a partir das entrevistas desenvolvidas em conformidade com as orientações metodológicas delineadas.

2. AUTO-RETRATOS NARRATIVOS DE SUJEITOS SINGULARES

*“Mire veja:
o mais importante e bonito,
do mundo, é isto:
que as pessoas não são sempre iguais,
ainda não foram terminadas
– mas que vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam.
Verdade maior.”*
João Guimarães Rosa

AUTOR-RETRATO I: MICHAEL, UM ‘PIPA SOLTA’ QUE PENSA MUITO NA VIDA

*“...eu quero, pra começar
dizer que a onda é de quem chegar
... então não to sozinho nessa
A vida é muito curta
Pra que desperdiçar?”*
(MV Bill)

Michael por si mesmo: eu penso muito na vida. Acredito na amizade

Pô! Michael é um cara contente com a vida. Um cara feliz! Gosta prá caramba das pessoas. Ele se apegando muito fácil com as pessoas. Toma muitas rasteiras e não devolve nenhuma. A minha mãe diz que é burrice, mas eu não sou burro... Eu penso muito na vida. Acredito na amizade.

Não conhecia minha mãe

Nasci em Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro, e a primeira vez que estive aqui em Floripa foi com a idade de 6 anos – eu acho! – para conhecer a família de minha mãe. Sempre estive em um bate-volta entre Floripa - Rio de Janeiro, mas eu morei minha vida toda com minha avó e meus irmãos, no Rio de Janeiro. Não conhecia minha mãe porque quando meus pais se separaram eu tinha três meses. ... Fui criado pela minha avó que está hoje com oitenta e dois anos. Ela foi, de fato, minha mãe. Fiquei no Rio por um bom tempo até vir para cá fazer

Escola de Aprendiz de Marinheiro e depois vir morar aqui na Procasa! Voltei ao Rio tantas vezes. Há oito anos voltei e aqui decidi ficar.

Não fomos criados juntos, não temos afinidade

Infelizmente, eu vou ter que falar isso, mas para mim minha família mesmo mora no Rio. Eu considero a galera de lá como minha verdadeira família; o pessoal daqui eu não acho! Não fomos criados juntos, não temos afinidade. Nunca passamos um natal juntos; nunca fizemos festa juntos! Nem pensar! No Rio, não, é diferente, é família mesmo! Lá, a galera toda está mais junta, a gente está mais colada. Não tem jeito! Minha raiz mesmo é carioca. Eh, eu sou de lá!

Irmãos? Até onde eu tenha contado são uns doze, meu papai trabalhou bastante! Isto por parte de pai. Aqui há parentes por parte da mãe, mas eu não conheço muito, não. Conheço uma tia ou outra, mas conheço normalmente de ouvir falar. Assim, várias pessoas quando me encontram aqui no centro (Palhoça): “*e daí, primo!*”. Meu primo? Pá! mas, eu não conheço, não! Minha primeira reação é de susto, depois a gente conversa e, quando tem um tempo, troca algumas idéias, mas eu não tenho muita afinidade com a rapaziada daqui, não.

A família da minha mãe, aqui em Palhoça, parece ser bem grande. Ela tem parentes no Monte Cristo (Florianópolis), na Pinheira (Palhoça), Fazenda do Max (São José), em Biguaçu (cidade). É uma família bem grande mesmo! Mas, infelizmente, eu não conheço todos, nem os que moram na Procasa, onde eu vou bastante.

Eu quero ter uma família normal

Na moral, tenho uma galera aí (referindo-se a filhos). Registrados eu tenho três. Quis registrar porque tive algumas mulheres com quem me envolvi afetivamente, eu gostei muito, outras eu não gostei tanto, mas confesso que sou muito apegado às crianças. Muito, muito mesmo! Eu vivo para as crianças. Só o que me deixa triste é que eu quero ter uma família normal e não por causa de uma menina engravidar, porque quis ficar comigo. As mulheres mentem bastante. Elas diziam que estavam se cuidando e eu acreditei. Eu fui burro porque assim como foi um filho podia ter sido uma doença qualquer. Aí vêm os filhos. Mas no fundo eu amo e convivo com eles. Eh!, ainda eu pretendo ter minha família, para dar o que eu não tive.

Queria ser o que eu sou

Minha situação civil é boa demais! Caracas! Se pudesse morrer e nascer de novo queria ser o que eu sou. Eu vivo do jeito que eu quero: não faço mal a ninguém, ninguém me faz mal. Respeito vocês, vocês me respeitam. Vou onde eu quero e a hora que quero. Graças à Deus, nunca cresci o olho em nada que é de ninguém. Nunca roubei ninguém, e também nunca precisei. Passei por dificuldades que todas as pessoas passam. Não caí em desespero. Ajudo bastante as pessoas; tenho amigos sinceros – uma coisa difícil – a quem eu sei que posso confiar a minha vida. Então, eu acho que seria hoje em dia uma besteira querer me mudar. Já tentei fazer isso, e em várias vezes. Hoje em dia eu não faço mais!

Sei a vida que levo...

Já estive vivendo com uma pessoa, uma mulher, mas é aquela coisa, sempre bate um ciúme. Sei a vida que levo. Sei também que esta vida não é fácil. Para eu ter uma menina hoje em dia, não basta ela me dizer que aceita a minha vida. Ela vai ter que provar, porque ela fala isso por não conviver, não está dentro de uma relação. No dia a dia você vai sabendo quem é quem, e eu não quero mais essa responsabilidade para mim mesmo. Saber se a pessoa vai surtar ali na hora ou não, entendeu? Eu sei que posso ir a qualquer festa, que posso beber, que posso falar qualquer coisa. Eu sei que posso estar ali do meu jeito, o Michael mesmo, em carne e osso, e não vou sair daquilo. Eu sei, eu me conheço. Você não sabe se, de repente, quando for abraçar uma amiga e a tua mina do lado tascar a mão na cara da sua amiga por puro ciúme. Isto já aconteceu comigo. Então, hoje eu estou mais acomodado, mas acho que está legal assim prá mim. Tenho várias namoradinhas e procuro evitar encrencas. Então, está normal. Um dia eu sei que eu vou ter de parar. Mas vou deixar esta hora chegar. Quem diz a hora? A hora quando isto acontecer, a gente aceita. Mas até lá, eu não me apresso!

Eles não te preparavam para o mundo

Cara! Eu fiz até a oitava série. Isso tudo no Rio. No Rio eu estudei até a oitava série, na escola pública perto do Hospital Michael Couto, próximo da Lagoa Rodrigo de Freitas. Logo, após concluir o primeiro grau, eu vim para cá, Florianópolis, para estudar na Escola de

Aprendizes de Marinheiro²¹. Vim porque meu pai era militar da Marinha, ele serviu durante um bom tempo, inclusive na Academia Militar Agulhas Negras, chegando ir à Brasília (eu acho!). Ali ele fez curso durante dois ou três anos. A atividade dele sempre foi ligada à Marinha.

Na Escola de Aprendizes de Marinheiro, eu aprendi muita coisa. Ali eles (os professores) não te davam uma educação legal. Mas, eles te davam o que eles queriam te dar. Ensinavam o que eles queriam ensinar. Tipo: você fazia um curso para ser um bom marinheiro na parte de navio, de submarino e essas coisas assim; ou para ser um bom aprendiz na área de engenharia. Porém, eles não te preparavam para o mundo, não! Ali dentro, meio que te faziam de *cyborg*. Naquela escola, na verdade, a gente aprendia várias coisas: você aprendia Física, Química e por aí fora. Você aprendia coisas que não tinha no 1º grau, mas o ensino era um mesclado de tudo. Era um lugar onde você aprendia, na verdade, muito, infelizmente só aquilo que interessava para os professores.

Queriam que você, lá dentro, virasse homem

Na Escola de Aprendizes de Marinheiro eu entrei com quinze anos e sai com dezoito, fiquei três anos (...). Lembro-me muito bem porque foi uma benção quando sai. Esta escola ainda funcionava como internato. Na época, eles chamavam de agregado. Agregado na marinha era um tipo de *office boy* de aprendiz de marinheiro, porque você fazia tudo o que os caras não queriam fazer, né? Além do mais você como era filhinho de militar eles dizem que você não tinha direito algum e mais nada. Era um internato mesmo! Queriam que você, lá dentro, virasse homem. A parada não foi bem assim. Ali você comia, dormia não saía. Como você não tinha idade para sair, não podia mesmo. E não saía de jeito nenhum! Você ficava de segunda a segunda: tinha que trabalhar muito e nunca deixar de estudar. Porém, não havia um benefício próprio com isto, porque você não usaria tudo aquilo que foi ensinado na sua vida fora dali. Você não usava na rua nunca aquilo que foi aprendido ali. Se você não tiver todo aquele material que tem dentro da Escola de Aprendizes, não vai usar nunca mais o que aprendeu. Então, por isso

²¹ Michael refere-se, neste caso, aos anos finais do Ensino Fundamental.

que eu digo: eles formam pessoas para eles ali dentro, andróides prá eles. Ali eu fiquei 3 anos e não serviu para nada.

Eu conheci as ruas...

Quando eu entrei na dança, nós não a conhecíamos como sendo movimento *hip hop*, não. Havia um outro nome. A gente se chamava de *bonde*. Aliás, ainda hoje em dia é chamado de *bonde*, mas quando você ouve falar de *bonde*, a palavra aparece muito usada no linguajar do *funk*, que é um linguajar na verdade que vem das comunidades carentes do Rio de Janeiro. O *bonde* era assim: a gente montava uma galera com quinze ou mais pessoas todas andando juntas. Vamos falar assim: se havia pessoas do time do Flamengo o que aqueles caras do Flamengo faziam para serem reconhecidos? Eles usavam a camiseta do Flamengo. Então, eles entravam em um clube ou em uma quadra ou em um baile *funk* ou em qualquer outro baile no Rio de Janeiro, e sempre estava aquele *bonde* do Flamengo. Aquela galerinha ali se chamava de *bonde*, por que o *bonde*? Porque estavam divididos como em vagões, correto? A gente andava de *bonde*: o *bonde* do flamengo. Ah! tinha o *bonde* de Olaria, o *bonde* dos ‘alemão’, que são aqueles caras que só saiam para fazer briga; o *bonde* das *cocotas*, que eram as meninas que iam para atacar geral mesmo; o *bonde* das *piriguetes*,²² aquelas que você só pega para ‘desova’; e das ‘normalzinhas’. Sempre tinha esse negócio. A gente criava essas coisas dentro das comunidades. Naquela época, não chamávamos isto de movimento *hip hop*. A gente só era o *bonde*, *bonde* da alegria, porque a gente não precisava de bebida, nem de droga, de nada para curtir as paradas, entende? Fazia o quê? Dançava. Na época a gente curtia MC Batata, funk Brasil, na época em que o DJ Malboro não era o Malboro, era o Romeu Costa. Isto eram os anos oitenta. Nos anos oitenta, ainda não havia troca de tiros como o Rio de Janeiro está entregue agora. Hoje, há uma guerra urbana. O Rio está virado em uma guerra civil. Não era isto que a gente vê hoje. Naquela época, a gente dormia no Posto 11, na praia de Copacabana. Ali a gente dormia e virava a noite, quando saia já era de manhã e ia direto para outro

²² *Piriguite* é uma gíria, com forte conteúdo sexista, mais comumente utilizada no mundo do funk para designa uma mulher que troca de parceiro sexual com frequência, normalmente é jovem e tem uma preocupação excessiva em exibir os nuances de seu corpo

pique²³. O Rio de Janeiro era festa de segunda a segunda, não parava nunca.

Era assim que a gente vivia e ganhava a vida

Nesta época eu morava com meus primos na comunidade do Chapéu Mangueira. Nós saíamos para vender balas nas paradas de ônibus e nos viadutos, vendíamos amendoim no sambódromo. Cara! Eu fazia isto desde os oito anos de idade. Para você ter umas idéias, eu conheci as ruas por lá. Desde sempre eu fazia isso. O pouco tempo que tinha estudava e depois era rua. Não tinha mais o que fazer: eu ia ao Posto 11, na praia de Copacabana, ia à Praia do Pepino, porque eu gostava de ver a galera surfar. Eu gosto de surf. Não sei surfar, nunca fiquei em cima de uma prancha, tenho o maior tesão, mas nunca. Gosto pra caramba! Acho louco! São duas coisas que gosto: prancha e skate, dois bagulhos que eu olho assim, mas não, eu não vou! Não perdia meu tempo, não! Aliás, não achava que fosse tempo perdido! Eu ia e ficava olhando mesmo, porque eu achava aquilo muito legal. Assim, quando era pequeno no Rio de Janeiro como você não tinha família, você saía cedo pra rua e voltava tarde da noite - às vezes nem voltava, voltava no outro dia. Naquela época, a gente já fazia esse movimento. Hoje, chamam de movimento *hip hop*, mas a gente era simplesmente o bonde da alegria. Era isso aí. Éramos os *breackers*. A gente dançava nos faróis para ganhar uma grana para o rango, era assim que a gente vivia e ganhava a vida. De manhã ia pro Posto 11 (na praia de Copacabana), e curtia uma praia; ia para o colégio, passava num farol e dançava, ou ia à casa de um amigo para filar um rango caseiro.

Porra! Aquele filme era a nossa cara...

Já assistiu ao filme *KIDS*²⁴? Porra! Aquele filme era a nossa cara. Era aquilo mesmo! Eu fiquei assim parado quando eu assisti àquele filme. Caralho, meu!! Que loucura! Era bem isso mesmo a nossa vida! A gente se encontrava no alto da Boa Vista, ou na Lapa. Éramos mais de cinqüenta garotos, entende? E dali surgiam várias festas. No

²³ gíria que quer designar outro evento, outra situação.

²⁴ Com direção de Larry Clark e roteiro de Harmony Korine, *Kids* é um filme estadunidense lançado em 1995 e centrado em um dia na vida de um grupo de jovens sexualmente ativos em Nova York e, principalmente, no comportamento deste grupo juvenil diante do sexo e drogas, em um momento que a AIDs começava se apresentar com suas marcas avassaladoras para as gerações juvenis a partir dos anos 1990.

meio daqueles garotos, havia sempre um que conhecia outro, que conhecia outro e assim por diante. Da zona norte a gente ia para a zona sul, sabe? Atravessávamos a ponte Rio-Niterói e íamos para a casa de algum camarada. Caramba! Era assim mesmo nossa vida: completamente sem rumo. A gente tinha casa, tinha lá alguém esperando, mas pô! Só ligava para avisar: ‘*vou a tal lugar*’. E ia mesmo. Presta atenção! Eu tinha oito anos de idade! Já tinha essa malandragem toda de rua. Nos jogos que a gente ia ao estádio do Maracanã, a gente via coisa pra caramba também, que deixava a gente meio maluco, entendeu? O jogo de futebol não é só aquilo que você vê, não, parceiro, tem máfia ferrada, ali a gente via coisa pra caramba, então quando moleque você vê muita coisa, entende? Mas, graças à Deus, taí como você consegue ver o que é certo e o que é errado, entendeu? Então, era assim, nossa vida era assim! A gente fazia o movimento, fechava uma quadra lá na comunidade da Mangueira, a gente gostava muito da Mangueira, eu sou da Mocidade Independente de Padre Michael²⁵, mas passei minha vida toda na Mangueira. Lá foi um dos maiores lugares de bailes *funk* que a gente já teve.

Engraçado que o maluco hoje fala *funk*, né? E não é, era *break-beats*²⁶, não tinha baile *funk*. Isso não é *funk*. Nunca foi! Isso é o que a gente chama de ‘comédia’. *Funk* mesmo era aquilo que os caras usavam: sapato cavalo de aço, o James Brown, certo? Tony Tornado, pô!... Sandra de Sá, que porra! Aquela negona era ‘*responsa*’ prá caramba! Aquilo era *funk* mesmo, não essa palhaçada que tem hoje. Então, naquela época a gente já fazia isso, aí eu via aquilo e me joguei para essa parada. Gostei pra caramba! Agora a gente tá aí. Ela (Sandra de Sá) quando se reunia com o Tim Maia na Lapa, parceiro, reunia gente prá caralho!

Pô! é isso aí que eu quero ser, e fui dançar ...

²⁵ Comunidades ou favelas são povoações com habitações modestas, construídas principalmente nas encostas dos morros das áreas urbanas e geralmente desprovidas de infraestrutura de urbanização. Em algumas comunidades no Rio de Janeiro também se encontram agremiações de escolas de samba com os mesmos nomes como é o caso aqui das Comunidades da Mangueira e de Padre Miguel.

²⁶ *Break-beat* é uma vertente da música eletrônica criada a partir dos anos 1970, no Bronx/EUA. *Breakbeat* é mais conhecido como uma música que se caracteriza pelos *samplers* de ritmos *hip-hop*, *funk* e eletro e que logo se modificam e alteram para criar os denominados *breaks*.

Isso foi quando a gente ‘tava no colégio, e eu não tinha o que dá pra minha mãe, que no caso era a avó, né? Aí, maluco, todos já tinham preparado toda aquela coisa de presente no dia das mães e eu não tinha, até porque eu não parava em casa. Não tinha mesmo! Eu ia pro colégio e só, prá mim era só! Mas, pô, certo dia liguei a televisão... e ‘tava na época de *Off the wall*, o primeiro cd ou LP solo de Michael Jackson, foi então eu vi Michael Jackson dançando. Era só a parte de você copiar! Os movimentos que ele fazia também eram alucinantes, assim! A gente conhecia muito sobre os *Jackson Five*. Mas ainda não era o Michael Jackson na verdade, se bem que o Michael era o cabeça do grupo na época, mas ele estava ali ainda como um coadjuvante! Quando eu vi o cara na televisão eu falei: “*pô! é isso aí que eu quero ser, e fui dançar... dublar o Michael Jackson prá minha vó como presente prá ela no dia das mães*”. Só que não parei... não parei mais. Foi aí que a gente começou. Depois eu fui convidado prá dançar em vários lugares, mesmo sem saber direito o que ‘tava fazendo, mas via que era aquilo que eu queria fazer; também havia a facilidade de conseguir fazer que várias pessoas parassem ali prá te ver, sabe? É ‘loco’ assim! Depois vêm várias perguntas sobre aquilo. né? Eu ‘tava fazendo coisas que eu não sabia explicar direito. Depois eu fui estudar sobre isso, comecei a aprender mais... Aí a gente começou a levar a dança prá bares. Tinha um *pá* de gente te imitando, houve vários concursos para dançar como o Michael Jackson. Cara, eu vi várias coisas! Pô, é isso aí! Tem que ser para mim... é isso aí mesmo! A minha ligação com dança começou assim: presente prá minha vó.

A gente não era ‘falcão’... nem ‘aviãozinho’...

A gente fez o quê? Como no Rio de Janeiro tem aquela rixa, Zona Norte contra Zona Sul, a gente queria catar uma ‘*mina*’ lá da Rocinha não podia; a gente queria também atravessar a ponte Rio–Niterói prá catar as ‘*minas*’ do lado de lá, mas não podia porque não havia união. A gente queria mostrar pros cara que a gente não tinha nada a ver com isso não, pô? A gente não era *falcão*²⁷ de ninguém, nem *aviãozinho*²⁸; nem era moleque que tomava tapa na cara dos grandões. Não tinha jeito, não! Aí a gente fez o quê? Tinham dois caras da

²⁷ *Falcão* é uma expressão que designa o jovem que vigia e protege os traficantes, a “boca” e os moradores da comunidade, normalmente é aquele que atua no tráfico noturno.

²⁸ *Avião* é o indivíduo encarregado de buscar e entregar a droga para um cliente.

Rocinha que a gente gostava demais! Irmão mesmo, né? Ele sempre queria tá com a gente. O que a gente começou a fazer? Montamos um grupo e invadimos a área deles com o grupo, aí os caras de lá da Rocinha, os ‘fontes nervosas’ começaram ver: “Pô! Estes caras só querem fazer outra coisa, vamos fazer o quê? Deixem vir prá cá, e vamos ver se os nossos moleques vão aceitar eles aqui, como uma troca de gentileza”, vamos dizer assim! Aí formou o grupo. Na época a gente se denominava de *Apollo Max*, depois foi prá *DJ Shop*, ainda virou *You Can Dance (YCD)* e depois *Never Stop Dance (NSD)*. Nós tivemos várias formações.

Uma galerinha... saiu das veias de Nilópolis e da Mangueira

O meu grupo de dança, *Never Stop Dance (NSD)*, nasceu nas vielas da Mangueira mesmo. Na verdade fui eu e um parceiro meu chamado Cleber²⁹, que mora aqui em Floripa também. Ele é filho de um policial militar e trabalha, atualmente, no shopping Beira-mar, nas Casas Pernambucanas. Ele também foi criado lá no Rio de Janeiro. Deu certo lá, mas como eu já tinha criado raízes aqui, eu formei o grupo com o Cleber. Depois Cleber teve que sair. Ele ‘se acidentou’ (casou), né? Quando ele teve que sair, eu voltei pro Rio e formei outro grupo lá mesmo. Hoje tem um bonde muito forte lá Rio de Janeiro, que está com a *CUFA*³⁰. Assim, a gente pode criar vários grupos lá. Fizemos vários eventos, porque o grupo de lá é forte prá caramba. Hoje têm alguns que estão fora do país: em Portugal, e até um em Nova York - se eu não me engano - no *Harlem* ou no *Brooklin* mesmo. Tem uma galerinha lá que: saiu das vielas de Nilópolis e de Madureira. Da Mangueira pro mundo! Se a gente encontrar eles, agora, é capaz de trocar umas idéias. A gente fica bem feliz com esse palco. No grupo aqui, no NSD, temos 25 pessoas. Estes são o que chamo de grupo oficial. Mas, fora isso, o grupo é formado de 140 a 160 pessoas.

²⁹ Nome fictício.

³⁰ A Central Única das Favelas é uma organização não-governamental criada em 1999, no Rio de Janeiro, estende sua atuação atualmente em 25 estados brasileiros, inclusive o distrito federal. A CUFA enquanto organização político-cultural tem a cultura hip hop sua principal forma de expressão e ferramenta de integração e inclusão social. A partir de 2007, constitui uma de suas bases na cidade de Palhoça/SC.

Eu saí de casa prá conhecer a vida aí fora

É! Eu saí de casa prá conhecer a vida aí fora, com sete anos de idade. Ah... desde pequeno fui inquieto. Eu não gostava muito de ficar em frente da tevê, vendo desenho. Não era legal! E eu ouvia direto os *pipôcos*³¹: pá-pá-pá (imitando tiro). Tiro prá caramba! Aí minha avó me abraçava:

“*oh, tá ouvindo isso? ‘ tá errado...!’*”, ela me dizia.

“*Pô! Vó, nunca vai me deixar ver nada?*”, eu perguntava.

“*Pô! tá maluco, moleque!*”, ela respondia e me dava logo uns cascudos.

Eu queria saber o que eu não queria ser

Pô! Mas, eu tinha que ver; ver o que é certo e o que era errado prá mim. Aí a gente saía, via os corpos na rua, eu tinha essa necessidade de saber o que era certo e errado. Conhecer o que era droga, sem precisar usar, via o que o que ela fazia com as pessoas; a vitrine que era; a decadência que era. Aí comecei a ir aos hospitais. Tudo isso novo demais, muito novo. Eu queria saber o que eu não queria ser. Sabe, o que a minha vó falava era muito pouco. Ela, me protegendo, me privava de ver as coisas como elas eram. Até que um dia ela confiou em mim e disse: “*Então vai. Vai! Você sabe que tem uma vó que te ama, sabe que tem uma casa, não precisa ficar por nas ruas. Mas, vai prá você saber como é*”. E aí eu fui.

Como negão, a gente já estava esperto no bagulho...

Comecei a trabalhar, eu gostava de ganhar uma grana e dar na mão dela, ficar uma parte comigo prá comprar caderno. Gostava dessa coisa da aventura, de uma hora estar em Copacabana, outra em Ipanema depois Praia do Pepino. Gostava disso, de pegar ônibus 262 ou 275 e atravessar a cidade. A gente trocava uma idéias com o cobrador, quando não tinha grana prá pagar. A gente até tinha a grana prá pagar, mas não queria pagar, porque queria gastar em outras coisas. Então isso tudo foi tido na maior malandragem. De repente, como negão, a gente já estava esperta no bagulho, já respirava aquilo, na verdade. Já fazia formações de colegas. Já tinha aquela rapaziada que me procurava prá gente fazer

³¹ Tiros, disparos de arma de fogo.

aquilo. Eu já era uma referência para eles: “*pô, vamos falar com o Michael!*”; “*o Michael está sabendo!*”; ou, “*Oh! Michael ‘qualé’ a festa?*”. E eu dizia: “*A festa é em tal lugar, parceiros! Vamos embora. Tem grana? Não? Vamos pegar o metrô ‘cumpadre’, em certo horário a gente não paga, não!*”.

Eu vi muita coisa na vida para desperdiçar a minha

Ai de lá, a gente ‘tava na Lapa, o maluco ligava lá perto do horário de Nilópolis, Belfort Roxo: “*tá acontecendo uma festa aqui, cara, vem prá cá!*”. Pronto! Lá íamos nós. Eu já virava uma referência. E foi assim mesmo: me descolei na rua e gostei disso. Vi o que era certo e errado, até hoje em dia tomo a minha cerveja, gosto de fazer festas com os amigos, mas nada de extravagâncias. Eu vi muita coisa na vida para desperdiçar a minha, prá jogar minha vida pela janela como muita gente fez. E não sinto nenhum tesão nisso, passo isso pros amigos. Por isso, hoje em dia, é muito ruim pensar em sair daqui porque não posso levar todos eles. Tenho amigos chegados que não quero perder... e eu não vou perder! Só se Deus deixar! Eles são meus fiéis irmãos. Mas, desde moleque eu aprendi a dar valor à vida.

Não consegui alcançar nenhum objetivo meu

Uma das coisas que me chamou a atenção para voltar pro Rio foi o fato da *CUFA* de lá me oferecer carteira assinada, me dá estabilidade mesmo, e assim posso tocar a minha vida lá na boa. O Rio de Janeiro é assim. Se você está no Rio de Janeiro, você já tá fora do país. É isto que me leva a pensar muito na ida prá lá. Aqui não, aqui eu só vivo de contrato: a prefeitura me contrata de seis em seis meses. Eu acabo ficando dependendo disto, pois eu dependo muito do meu trabalho, de que eu faço. Então, eu acabo tendo que ministrar aulas em vários colégios. Hoje, eu vivo disso! De vez quando pintam alguns trabalhos que a gente faz paralelo a isso, normalmente são os eventos. A filial da *CUFA*, que foi criada aqui em Palhoça, toma conta dos meus grupos de dança. Hoje, eu tenho vários grupos aqui também. Então eu vivo disso, camarada, mas agora tenho contrato com a prefeitura até novembro. Aí é uma graninha legal! Se dá para viver com isto? Dá, não dá não! Por isso a gente procura parceiro direto para trabalhar. Dá prá mim assim me estabelecer, mas até agora eu não consegui alcançar nenhum objetivo meu: comprar uma moto, ter minha casa, ter minhas

paradas, sabe? Ainda não deu! Vai dar um dia! Mas ainda não deu, agora dá para me manter. A vida não é só isso, eu ando muito de um lado pro outro. Ainda não é legal, não!

Antes tive várias experiências de trabalho. Fiz curso de eletricista, trabalhei como pintor, já fui faxineiro, trabalhei também com jardinagem, mas trabalhei muito tempo mesmo, na área de alimentação: McDonalds, restaurante Pizza Hut. Trabalhei em balcão, trabalhei com a grana, fui gerente de área, trabalhando só com grana. Eu formava novos funcionários, fiz tudo para poder me manter, continuar com a grana. Aí fiz cursos, fui prá São Paulo, mas voltei. Cheguei duas vezes na porta para sair do país, não quis, porque tinha uma responsabilidade grande como tenho com os meninos aqui. Essa rapaziada que está comigo eu nunca vou perder, pode ser também que se eu largar os meus parceiros, logo, logo, os ‘caras’ (traficantes) vão querer tomar conta.

Preconceito, descaso - descaso mesmo - a gente vê

Preconceito, descaso - descaso mesmo - a gente vê. É diferente quando eles vêm chamar [referindo-se aos políticos] o NSD prá dançar no evento deles e quando a gente vai lá pedir uma ajuda prá eles a situação muda. Tipo: “*se eu preciso de você tem até cafezinho, se não preciso de você nem te atendo, nego*”. Isso acontece prá caramba! A câmara de vereadores aqui na Palhoça é o que mais acontece com a gente é isso, eles não deixam a gente nem passar pela porta de entrada.

... a gente suporta, não que esteja mais acostumado

Pô! Vou te contar assim na real, na moral! Eu já sofri vários preconceitos. Sofro até hoje. Hoje em dia a gente suporta. E olha que não é que eu esteja mais acostumado, ainda é revoltante. Isto te tira do centro, sabe? Tem hora que você se esquece dos teus objetivos, do que tu ‘quer’ prá tua vida. Não é nada fácil. Olha, é engraçado como os caras tornam um pai de família em um criminoso na hora, porque a idiotice deles é enorme, é enorme assim! Sabe aquela coisa de você entrar numa loja e os caras não quererem saber a cor do seu dinheiro, e nada? Já te olham de um jeito; já te tratam mal prá caramba prá que você saia dali logo e não volte mais. Eu já cheguei aqui, aqui na Palhoça mesmo, um maluco falou que a loja dele não tinha roupa prá mim. Naquele momento, eu não sabia nem o que dizer, sabe? Ele disse isso prá ver se você sai fora logo, vaza. As pessoas falam assim: “*Oh! Tem câmeras*

aqui!". Isso me incomoda. Quando a gente vai a esses políticos aí, que precisam muito da comunidade, e dizemos que aconteceu isso e aquilo, eles nada fazem. É revoltante, cara! Dá uma vontade de quebrar tudo! Tanto que uma vez eu me descontrolei prá caramba, não deu prá me controlar mesmo.

“não, negrinho, você não vai entrar aqui”

Nós chegamos, com o meu grupo inteiro, aqui na Festa do Divino para uma apresentação de dança. Isto há um ano atrás, não faz muito tempo. Na época eu trabalhava com CAIC/Palhoça lidando com quarenta e duas crianças de seis a dez anos e vinte e cinco jovens de treze a dezessete anos. Só que eu nunca me vesti como um professor convencional. Cara, nunca! Eu acho que eu mostro o meu trabalho, faço o meu trabalho. Não acho que tenho que estar vestindo uma farda prá mostrar quem sou. Eu sempre usei minhas roupas, sempre falei do meu jeito (agora perdi sotaque carioca que tinha antes) e quando nós chegamos, é claro, o grupo ‘tava fardado e eu não. Meu grupo entrou e eu fui barrado. Nisso um cara anunciou o meu nome e nosso grupo para iniciar a apresentação. Eu fui barrado na porta e não me deixaram entrar, era uma festa de um político nem me lembro quem era. “*Não, você não vai entrar*”, me disse um segurança, “*você não é professor porcaria nenhuma*”, continuou ele. Olha aquilo foi subindo na cabeça, entendeu? Porque era um negro vestido de roupa larga, era algo extremamente agressivo na concepção deles; prá eles aquilo era agressivo demais e até certo momento levei na brincadeira; eu achei que era brincadeira mesmo, porque não podia ser, porra! Eu era muito conhecido - eu sou muito conhecido aqui - e achei que o cara ‘tava tirando uma onda mesmo na minha cara, porque ‘tava com uma camiseta de um partido ‘filho da mãe’. Certa altura ele falou: “*não, negrinho, você não vai entrar aqui, cai fora!*”. Quando o cara me chamou de negrinho e que eu não ia entrar, eu me descontrolei. Veio a polícia e tudo! Os caras me deram uma chave de braço, começou aquela choradeira de criança e um corre-corre de todos os lados. O maior tumulto, entendeu? E só que quando eles viram que eu era professor mesmo, nada foi feito, não mudou nada. Não houve desculpas. Eles não quiseram se redimir da merda que fizeram. Ainda colocam a culpa em você. Ali eu me descontrolei, cara. Peguei um pedaço de pau dei nos carros, ergui o policial. Fiz errado, né? Eu não fui prá delegacia porque na época minha patroa chegou - claro me deu um puxão de orelha básico, né? Mas ela

viu que naquela situação eu ‘tava com toda a razão, mas achou que não deveria ter feito todo aquele barulho. O preconceito que senti naquela hora me tirou do sério, porque era um negro. O CAIC era um dos melhores colégios que tem em Palhoça - o melhor e o maior-, e atende uma população pobre, onde a maioria é negra. Assim, eles esperavam o que? Um branco alto de olhos azuis? Quando viram um neguinho baixinho, de trança, um cara todo largadão falando diferente. O que aconteceu? “*Tu não vai entrar, tu não é professor, para com isso, da onde?*” Sabe? Eles me xingaram prá caramba, ali. Eu não agüentei e partir prá cima mesmo. Depois daquele dia, eu não fiz mais isto. Mas, só que isto acontece com frequência. Agora aconteceu de novo, outro dia atrás e não faz muito tempo! Você é convidado prá ir a festas fechadas, particulares, e o cara que tá guardando a porta ali te olha de um jeito atravessado, de cima a baixo: “*olha, é você mesmo?*” Não tem como se identificar. É diferente o que eles falam, porque as pessoas falam bem do NSD, mas o nosso grupo de dança não tem cartaz com a cara de cada um, não tem! O NSD é a sigla do grupo e é maneiro isso aí! Mas, qualquer cara fica boladão com isso...

O único problema é que você também fez amigos

O Rio de Janeiro é assim! Agora vai dar prá eu ir para lá, eu divido a minha vida com aquela cidade. Eu fiz – e faço - muitas coisas aqui, por isso, acabei ficando enrolado com casos e pessoas aqui. Eu pretendo ir para o Rio, até mesmo porque eu fui convidado prá trabalhar na CUFA, em Madureira. Vou pensar com carinho nessa parada aí. Vou lá trocar uma idéias com os caras. Talvez, eu vou ficar uns dois três meses por lá. Aí vamos ver como a vida funciona, mas eu sinto falta prá caramba do Rio de Janeiro, né? Meu irmão! E lá não tem como, ver pela televisão te arrepiá mesmo. Ligo prá minha avó, ela está sozinha também. Aí dá vontade de ir, prá caramba! O único problema é que você também fez amigos aqui, então, fica aquela coisa, né? Mas eu vou ficar um tempo lá no Rio, pretendo voltar prá lá.

A polícia não tá ainda preparada

A integração com a polícia eu vejo que é possível também. Em todos os eventos que nós fizemos aqui, eles (policiais) nos ajudaram. E não só com a segurança! Porque quando a gente faz uma parada, a gente acredita que não nada vai acontecer, nada! Mas, os policiais da Palhoça

vêm fazendo uma formação com a gente. Unindo-se com a gente, fortalecendo a gente aí com outras coisas. Tipo: eles dão espaço prá gente, eles nos respeitam. A polícia da Palhoça é diferente da polícia da capital, sim! Digo isto prá você: aqui eles não te param. Lógico que eles não te pedem ‘*por favor*’ prá te dar uma geral. Prá isso não! Mas, eles te tratam com dignidade. A polícia de Palhoça quando te para (eu já fui parado varias vezes, eu ando muito na noite, com essa rapaziada aí, a gente anda muito na noite!) é diferente. Nós vemos a diferença entre a polícia da Palhoça e a da Capital. A polícia na Palhoça – sabe? -, Eles estão fazendo um trabalho maravilhoso aqui, entendeu? Eles não te abordam; não te chamam de vagabundo; não te jogam na parede; não te chutam! Um dia quando fui tomar um geral no Caminho Novo, eu parei e ainda fiquei conversando com um policial mais ou menos uma hora e meia. Eu meio que fiz uma entrevista com ele. Então, ele me falou que a polícia não tá ainda preparada e me contou umas histórias lá. Aí eu falei: cara, aqui é diferente! E dá para ser diferente, você pode ser diferente, você pode ser mais educada, sim. Só que eles não querem mesmo, a adrenalina sobe na cabeça deles quando estão com aquela farda e quando estão com aquela arma na cintura. Aqui na Palhoça a polícia é diferente! Então a polícia daqui tá dando muito apoio para o papo de *hip hop*; tenho visto que a casa (bar) de *hip hop* funciona até hoje. Ela existe há meses, e a polícia ainda nunca baixou lá. Então, temos o apoio da polícia, acredito que vamos conseguir também fazer uma união com eles, trazendo eles para dentro da academia, para que eles possam estar iniciando alguma coisa ali também.

Maluco de comunidade tem duas coisas que tem que se preocupar

Fala-se muito no Rio de Janeiro: “*o que você tá fazendo aqui?*”. No Rio de Janeiro existem duas coisas que você tem que se preocupar - mas se preocupar mesmo! - maluco de comunidade tem duas coisas que tem que se preocupar: primeiro não virar ‘aviãozinho’ dos caras, e outra é a polícia, certo? Você não pode vacilar nestas duas coisas. Não vira amigo de policial porque é uma viagem. Tem policial bom, tem, mas esse a gente não conhece. O policial que vai à comunidade vai prá estuprar as meninas; ele vai prá pega o salário de um pai de família; vai levar droga prós caras; vai levar arma, certo? É rapaz...! E o traficante que te abraça ele quer ver teu fim, cara! Você vira escudo prá ele na hora do ‘*pega prá cá pá*’ mesmo! Na hora dos tiros você vira escudo. Você não dever ser amigo de traficante e muito menos de um policial.

Isso é o que as pessoas não se tocam. Agora, o Rio de Janeiro é um porto. Tem gente de todo o mundo, cara! Então, as pessoas que já estão ali - tanto quem mora na comunidade como quem não mora - sabem que é 'difícil', entendeu? Tem preconceito, tem, mas não descaradamente como é aqui. Veja bem, lá o Rio de Janeiro é das favelas, entendeu? Florianópolis não é das favelas, têm várias mas não é. A Palhoça mesmo: é um lugar que é só você olhar em volta, Palhoça é uma cidade que está crescendo, mas a burguesia impera. Impera e não tem jeito. Eles acham que estamos invadindo as áreas deles. Se de repente, por exemplo, uma mina branca, no meio da rua, começa a gritar e dizer que eu roubei alguma coisa dela, a polícia vai me bater direto, não vai querer nem conversar comigo, nem vai querer saber... e vai lá o Michael provar que é o contrário. No Rio de Janeiro não fazem isso, porque as pessoas sabem que a parada não é assim. Lá não tem burro, na verdade. Então, você entra em qualquer loja. Quem faz o comércio local lá no Rio de Janeiro é a galera da comunidade, então, não tem essa de preconceito, entendeu? Tem preconceito de você entrar numa *Daslu*³², aí é outro papo! Mas entrar em bancos, não, não tem não. Eles vivem apreensivos a todo o momento, mas a gente não é tratada com descaso lá, nunca aconteceu comigo nada nesse sentido.

Eles reparam quem não vai dar em nada...

No Rio de Janeiro, a polícia reconhece muito bem quem é ganancioso, quem é vagabundo. Traficante a mesma coisa. Traficante vê se você é fácil. Você quer mais do que você tem? Ele vai te dá, mas agora eles respeitam muito o cara que 'tá a fim de estudar; eles respeitam muito o cara que 'tá a fim de fazer diferente; eles chegam a oferecer ajuda, mas de outra forma. Então, eles respeitam muito. Mas, agora, o cara que eles reparam que não vai dar em nada, eles catam mesmo. Se você não é de um lado nem do outro, você anda tranqüilamente em qualquer horário. Eu mesmo quando eu andava com meus primos lá, subia e descia qualquer morro em qualquer hora. Passava por cima dos caras que estavam se drogando. Lá tipo assim, não é como aqui que os caras ficam num bequinho te esperando. Lá no Rio não, lá a é uma feira livre de drogas, centenas. O bagulho é neurótico mesmo! Lá você tá saindo do colégio, os caras estão lá com um saco cheio de papelote de cocaína, no chão como os hippies fazem aqui. Lá é

³² A Villa Daslu ou simplesmente Daslu é uma loja de luxo da cidade de São Paulo.

droga prá caramba, lá a parada é a do *crack*! Vendem até canudo de prata, cachimbo. É uma pena! O comércio ao ar livre de porcaria, a gente passa ali numa boa, os caras sabem quem é quem.

Tem muita gente boa... dentro das comunidades

Canudo de prata é canudo de prata mesmo. E é usado para cheirar cocaína. A cocaína é usada de várias formas: com papel com um monte de coisas que dá ferida no nariz. Com a prata não, ela não deixa melar a parada, o bagulho de onde estiver vai direto prá tua cabeça, sobe tudo mesmo. As outras paradas, não, tiram a pureza (se é que se pode falar isso da droga, né?). Se a droga é boa ela vai direto... Deixa mais tempo loucão, na verdade. Ali eles vendem esses canudos, cachimbos. Então, o traficante sabe quem é você. Se você não é um cara ambicioso, um cara que sabe o que tu queres, se o que tu queres é morar na comunidade, por amor à comunidade, quer trabalhar fora, você vai trabalhar fora. Eles estupram uma pá de meninas lá, mas é menina que 'tá no movimento, que às vezes nem é estuprada, ela vai se oferecer por conta da droga, entendeu? Tem um 'pá' de menina linda - linda mesma! - que mora lá, que já virou modelo, e essa aí, nunca ninguém mexeu. Eles sabem quem é quem. Então, é só você não virar amigo de traficante. Você acha de brigar com teu pai (que é o que mais acontece), a maioria dos soldados do morro brigou com o pai em casa ou com a mãe, e a mãe, de repente, usar uma palavra forte no momento e ele correr prá casa do traficante... "*você acaba matando um pai, uma mãe... calma colega, usa isso aqui...*" [imitando com as mãos a montagem de um papelote de cocaína]. Usou ali, já era! Eles descobrem o cara. Eles costumam fazer isso... Começou a briga, a rixa dentro de casa, quer sair, vai trabalhar, vai lá, volta, boa tarde, bom dia, beleza. A polícia dá uma prensa, prá você falar quem é, você não fala porque não tem nada a ver com isso. Tudo isso eu vivi. O Rio de Janeiro é lotado disso. Imagina se todo mundo fosse da banda B ou da banda A, aí ferrava de vez. Tem muita gente boa no Rio de Janeiro, dentro das comunidades, famílias que vivem na laje, que a gente vê no fim de semana, nego, fazendo festa na laje. Há quem não tem o dinheiro no dia-a-dia prá comer, mas que guarda pro final de semana para fazer uma festa. Chama os vizinhos, um leva uma maionese, outro uma carne... Assim é a comunidade no Rio de Janeiro. Dá prá você ficar livre desses dois cânceres do Rio de Janeiro. O que está acabando com o Rio de Janeiro é a política e o traficante.

Eu vejo os caras se matando todo o dia...

Aqui, na verdade, eu acho engraçado, porque tem como a polícia se focar. A polícia de Florianópolis, de Santa Catarina, não acaba, sério mesmo, não acaba com o tráfico nos morros porque não quer. Já mostraram isso uma vez, que daria prá fazer, se assim quisesse - eu não sei porque, também não vou julgar ninguém, mas dentro do que a gente conhece, que a gente vê por aí -, a polícia de Santa Catarina não acaba com o tráfico porque não quer. Não sei o que se passa na cabeça dos caras. Veja bem, porra! Eles estão ainda meio que se formando. A polícia aqui acha uma metralhadora de vez em quando; acha uma submetralhadora, uma UZI³³ de vez em quando. Lá no Rio, eles lidam com isso todo o dia, mas não é uma, são contêineres que chegam! O crime organizado, lá no Rio de Janeiro, está mais organizado que a polícia. Os caras estão com armas usadas nas guerras fora do país. Aqui não, a gente sabe quem é quem, porra! E conheço os caras que movimentam o Morro do Mocotó, o Morro do Vinte Cinco, e a polícia não sabe? Eu já fui à delegacia, eu vi o mapeamento todinho ali. Mas a polícia não faz, entendeu? O que leva você a pensar que tem algo atrás disso. Então tem como mudar prá caramba isso daí? Tem! Não dá prá comparar com o Rio de Janeiro, mesmo, porque o Rio de Janeiro está tomado. Tem gente muito forte por trás disso. A arma não chega lá no morro montada. Chega através de policiais! Isto é, através do comando da Marinha, da Aeronáutica... Caras fortes mesmo! Lá se mexe com gente forte. Aqui não. Aqui são uns carinhas. Aqui é uma entrada por tráfico. Os malucos saem lá da Colômbia, aí vem distribuindo, aí o maluquinho do Morro do Mocotó pega, mas pega na carona... Ele não articulou nada. Alguém ligou prá ele: “*tem entrega, vem aqui e pega*”. Ele tem o dinheiro, paga. O que acontece aqui a gente chama lá no RJ de festa de compadre. É o maluco que botou uns correntões no pescoço, porque o traficante do RJ não anda assim. Ele anda de terno e gravata. Ele não anda com correntões e coisas. Aqui eles andam. Aí aparecem três ou quatro caras vestidos com a roupa da *Cyclone* e acham que são os bandidões, são os grandes traficantes. Não é! A polícia podia acabar com isso, não acaba porque não quer. Têm vários roubos feitos aqui, vários assaltos feitos aqui. Não é gente daqui. Por isso, a polícia até hoje não pegou os caras. Porque eles não são daqui. Tem como acabar, entende? Então, eu vejo isso como uma cumplicidade fácil; vejo com normalidade que a polícia

³³ A Uzi é um armamento da família de pistolas-metralhadoras compactas de origem israelense.

se tornou corrupta e corruptível. A polícia gosta mais é de aparecer na televisão. A gente vê uns depoimentos aí, de um certo coronel, que se fosse no Rio, ele ‘tava morto. O cara que sobe em cima de um camburão prá ditar regras no carnaval. Ele está pedindo prá morrer, colega! Taí a prova que não tem traficante em Floripa. Lá de cima do morro mesmo, nego jogava, colocava ali uma cruzinha e já apagava ele, entendeu? Então o que acontece ou está acontecendo aqui é uma festa de compadre. E a polícia de um lado incentivando. Eu vejo os caras se matando todo o dia, o dia todo, pegando armas emprestadas, porque as armas não são deles. Estão, vai chegar um dia que vai estar forte mesmo, aí vai fortalecer. Começa assim: os caras começam a gostar das coisas, começam a perder o respeito às famílias, ao morto, à vida. Aí deu! Essas drogas dão muito dinheiro prá eles, ainda não ao nível de um Fernandinho Beira-mar³⁴. Mas, o Beira-mar começou assim, fazendo ligações aqui e ali, até se tornar o cara que é hoje.

Alguns parceiros meus que caíram com as drogas...

É muita gente (que está comigo na dança)! Penso muito neles, sabe? Eu perdi alguns deles... Tem um menino que é lá de Pelotas, Rio Grande do Sul, que tá agora internado. O cara ‘tava com um *break* neurótico, Ele tá internado... A gente, como eu falo, a gente não tem condições ainda de dar, voltando aquele assunto da camisa verde laranja³⁵, a gente não tem condição de dar o que eles precisam. De repente, através de parentes deles, a gente consiga uma grana prá comprar um tênis, comprar uma roupa legal; prá ele botar um rango dentro de casa; para ele poder falar “*esse quilo de arroz fui eu que comprei*”. Às vezes a gente não consegue e quando não consegue, a droga toma conta mesmo. Porque é muita carga pro menino de dezesseis anos: ver a mãe sofrer, ver que está sem água, sem luz, sabe? É muita carga. Não tô aqui justificando, mas é muito forte.

Ele está internando. Está no *crack* forte. Está com o rosto desfigurado; tem feridas pelo corpo; não fala nada com nada, está com a

³⁴ Fernandinho Beira-mar é considerado um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina. Atuava principalmente na cidade do Rio de Janeiro, atualmente, encontra-se preso cumprindo pena desde 2002.

³⁵ Referindo-se ao projeto social desenvolvido pela prefeitura de São José, denominado de Juventude Ativa. Michael participou deste projeto como oficinairo de *street dance*.

mente zoadá. Quando eu o vejo, eu choro prá caramba! Isso me abala prá caramba!

Eles não têm o ser humano pelo ser humano

Imagina, você está de mãos atadas, não dá prá gente fazer o que a gente quer fazer. Aí vem revolta com a política! Nós sabemos que a política poderia fazer algo. Eu tenho provas disso. Trabalhei minha vida toda com políticos. Trabalhei ali na Cidade das Crianças, com a Rose Berger. Ela me ajudou bastante. Na época, nós subíamos os morros. Eu saía do meu trampo às duas horas da tarde e ia para o Jardim Zanelato, para o bairro do Ipiranga, do Pedregal³⁶. A gente subia, ia ver lá dentro como é que era, sabe? Ver a vida das pessoas, né? E é forte, cara! A gente sabe que a política tem como fazer. Só que tem que querer, tem querer fazer! Mas, as pessoas não querem mais! Os caras não querem mais fazer isso. Hoje em dia é tudo prá mim, nada por outros, Os caras não vão sair detrás ou sair de dentro dos escritórios confortáveis prá subir um morro e sentir o cheiro de esgoto; ver a miséria. Eles não vão abraçar uma criança, como a gente vê por aí, com ranho prá não sujar o ternozinho deles. Eles não têm o ser humano pelo ser humano, na verdade. Existe somente o dinheiro. Isso é forte, porque enfraquece, me deixa revoltado.

Eu acho que negro não tem uma religião

Eu tenho uma religião, tenho sim. Eu sou negro e adoro ser negro e acho que a cultura negra é muito linda. Eu acho que negro não tem uma religião, ele nasce aquilo. Eu gosto do som do atabaque, eu gosto das vestimentas afro, eu gosto de búzios, até tenho uma sina de búzios na minha vida. Na verdade, eu gosto da umbanda, da história dos negros e dos escravos. Eu gosto daquilo. Mas transitar, eu não transito. Minha vó é da umbanda e vai à igreja. Ela é do tempo antigo, de fazer aquelas misturas de paxá e de rezar em cima do bagulho, bem jeito de macumbeira. Mas ela não cultua santos. Ela sabe os nomes... Minha vó é engraçada... Ela tem quadros, mas de escravos mesmo. Ela se lembra da mãe dela, da avó dela. São fotos de escravos mesmos. A família dela é de Minas Gerais, lá isso é forte mesmo! Ainda os papos sobre escravidão são fortes por lá. A história e a memória sobre isto são fortes também. Daí vem o candomblé, que é uma das festas que eles faziam

³⁶ Bairros de populações de baixa renda pertencentes ao município de São José/SC.

por lá. Então, eu gosto disso! É uma religião que acho bonita, eu não vou muito, mas acho bonita. Gosto de usar guia de proteção. Tenho uma guia que eu uso hoje.

...Essa coisa do negro na flor da pele

Minha vó é ‘*negrérrima*’! Só que ela é uma bugre, assim, uma negra com o cabelo lisão. Ela tem 82 anos, hoje. Ela tem ainda aquelas roupas mais de vovó, cheio de rendas antigas, que não se vê mais hoje em dia. Olha, eu me amarro nela prá caramba! E ela fala dessa paradona [religiosidade]. Então, eu não sei se eu gosto por conta dela, mas eu sinto a negritude rica. Nossa! O atabaque, a capoeira – a coisa mais viva que tem –, eu adoro ver aquela roda bem gingada, bem malandreada! Ah! Eu canto também ponto de umbanda. Onde é que fui mesmo?... Ah, fui lá na Kizomba, em Jaraguá do Sul/SC, um cara cantou música africana. Vou te contar que na hora eu chorei, eu me emocionei prá caramba. Ele cantou com alma, aquela coisa assim de dentro... Foi muito bacana. Então, eu sinto muito essa coisa do negro na flor da pele. Eu gosto da umbanda, acho que tem a ver com a gente.

Sempre me inspirei na cultura ... dos negros americanos

Eu nunca joguei futebol, mas eu joguei basquete. Antes de virar modinha, sempre joguei basquete. Na verdade, assim: sempre me inspirei na cultura da América do Norte, dos negros americanos, não posso mentir, né? As roupas deles, o jeito deles... Então, no basquete tinha os *Globetrotters*, que eu conheci, e quando criança eu queria ser – meio metro de gente, mas queria jogar basquete (risos). Eu sempre joguei. Meu jogo é o basquete. Basquete é um esporte que sei jogar, que eu faço bem. Eu sou meio esquentadinho, se for jogar futebol, o cara bate em mim. Ih! Não vai ser legal! Eu vi um futebol ontem, ali no jardim Madri, na Palhoça, os caras são muito maldosos: carrinhos, porradas, xingos. De repente prá mim isto não é legal. No basquete, não, a gente brinca, joga, se diverte. É claro que tem um ou outro arranhãozinho, mas não como no futebol...

Isto é meio um código, sim

A gente usa muito essa roupa largada, assim. Essa roupa se confunde muito com do *skate*, do gótico, mas uma roupa que vem das prisões dos Estados Unidos. As roupas que a gente usa, quem inventou

foram os mexicanos, e as cadeias norte-americanas. É um estilo chamado de *brookin rock*.

O NSD, por exemplo, tem o estilo dele. O estilo dele é a *Adidas*. Então todo mundo que usa *Adidas* aqui. O nego já sabe que é do NSD. Eles usam muitas listras. Então, é forma de falar: “*o cara é do bonde NSD*”. Quando você tiver chance pode notar: todos do meu grupo têm. Este estilo também vem dos EUA. Eles têm uma banca lá: uns tatuam uma lágrima, outros andam com um lenço solto para marcar de qual grupo é. Isto é meio um código, sim. Então, nós também temos o nosso. A marca *Adidas* é aquela que a gente mais gosta. A marca *Adidas* é uma das marcas mais antigas que tem no *b-boy*. Como *All Star* que foi a primeira marca de tênis feito no mundo prá negro. A *Adidas* foi a primeira para *b-boy*. A *Adidas* sempre, desde sempre, a *Adidas* patrocinou dança. Ela tem esse lado voltado para o lado do negro. Ela é do esporte, mas tem esse lado voltado pro negro. Se você pegar uma filmagem da *Route 66*. Você vai lá ver ali, os caras usando *Adidas*. Isto nos anos 70, 70 mesmo, é *Adidas*!

É uma coisa que a gente segue, é um vício, né?

A gente usa naturalmente. Como eu sou o professor da rapaziada, muitos querem se inspirar em mim. Eles me perguntam: “*onde você compra essa roupa? Como eu faço prá comprar?*” Algumas roupas que eu tenho - eu sempre tenho duas ou três, aí eu dou prá eles. O outro vê o garoto usando, vai lá e compra. Eu até vou ligar para a *Adidas* e falar isso, “*oh! eu to virando garoto propaganda aí de vocês e não tô ganhando nada com isso*”. Mas geral muita gente usa *Adidas* aqui. Quando eu vim prá cá eu usava XL, uma marca de São Paulo, dos coreanos, que é aquela *55 Argon*. Eu vi que aquela não era a minha, que aquilo era mais para MCs³⁷, mais para *skatistas*. Na boa! Eu vi que prá mim também já poluiu a parada toda. Aí eu falei “*não, vamos fazer um bagulho diferente, mais autêntico voltado para dança*”. Assim, eu só uso *Adidas* porque é legal de usar. A roupa padrão da *Adidas* é o preto com as faixas brancas. Esse é o *b-boy*³⁸, o cara não precisa nem dançar, que você já sabe que ele dança, que dá o estilo, que dá a liberdade. Em

³⁷ MC ou mestre de cerimônia na cultura *hip hop* é um artista ou cantor que normalmente compõe e canta seu material próprio e original.

³⁸ O *B-boy* ou *B-girl*, *breakdancer*, *breaker* são os nomes dados à pessoa que se dedica ao *breakdance* e que pratica o mesmo.

movimento que você faz, a expressão vem logo. A gente usa muito o vermelho com branco, o preto com o branco, sempre tem que ter o branco prá dar um destaque legal. Se você faz um *moinho de vento*, aquela parada no chão. Dá um visual legal. As três listas trabalham muito com isto. Elas estão aqui não é só para decorar, não. Quando você faz um *wave*, parece que faz o movimento certinho, porque as listas se movimentam juntinhas. A combinação da cor também é importante porque ela destaca muito. Tipo assim, em qualquer palco que você for se apresentar, elas dão um efeito bem maneiro. Em todos os espaços que você vai dá para fazer movimentos com os braços, que vão de um lado por outro, acaba conseguindo um efeito visual bem maneiro também. Então, a gente usa estas roupas por conta disso. Em fotos, elas ficam muito legais.

Prá falar a verdade, o boné é uma marca registrada do *b-boy*. Ele dá o ar da malandragem, mas não chega ser um acessório necessário, não. Uma das coisas que a gente usava muito, porém não se usa hoje mais, é a luva. A luva sim! A luva tem várias coisas. Ela dá um efeito visual como se você não tivesse osso na mão, dá para você fazer aranha no chão, deslizar de boca. Dá uns efeitos, que a gente consegue fazer umas paradas, tipo meio egípcio. Para isso a luva tem mais a ver. O boné não, ele é mais decorativo. A camiseta tem que ser usada mais para a gente colocar o logotipo, prá contracenar com o outro cara. O bermudão ou a calça devem ser da *Adidas*, só que bem largos. Mas, devem ser de moletom, não de jeans. Muita gente usa o jeans, a gente usa o moletom da *Adidas*. Ah! Tem que ter o tênis. O nosso tênis é o de basquete. Não é qualquer tênis, tem que ser o de basquete.

Corrente a gente não usa, não, porque para dançar a corrente até atrapalha. Ela bate no rosto e assim vai. Se fizer um movimento no chão ela pode enrolar, te estrangular, te machucar. Anel também a gente não usa. Isso aí é bobeira, é a parte marginal da coisa.

Há um estilo de roupa prá dançar e outra para o dia a dia. No meu caso eu tenho, mas não é muito diferente, não. A gente deve estar pronto para dançar a qualquer momento, na verdade! Às vezes a gente está na rua, de repente pinta a oportunidade, e a roupa que a gente estiver usando atrapalha. A gente tem o uniforme do grupo que é para aquela apresentação marcada. Assim, tal dia tem apresentação em tal lugar, aí o uniforme está guardadinho para isso. A gente usa o moletom da *Adidas* e o tênis diariamente. No dia a dia a gente usa também muito

jeans, é claro! Aí a gente usa as marcas *Conduta, XL*, no entanto, a marca *Adidas* tem que estar presente sempre: ou na camiseta ou na bermuda ou nos dois, ou na meia. É uma coisa que a gente segue, é um vício, né? É isso!

Mas pena que as pessoas não quiseram ouvir ainda...

Eu já estou quase conseguindo. Eu sempre quis ter uma casa de hip hop, né? Não é que seja fácil ter, mas pena que as pessoas não quiseram ouvir ainda a idéias. É um ‘bagulho’ que quando eu tiver, vai mudar prá caramba a vida das pessoas; vai mudar muito a violência; vai mudar muita coisa, pode ter certeza! Nós fizemos aqui na Procasa um projeto chamado *Juventude Ativa*. O quê o *Juventude Ativa* fazia? Pô! Era um projeto que não queria dar esmola pro mendigo, ele queria resgatar a auto-estima. Então, o que a gente fazia? A gente cortava cabelo, dava comida, mas não só aquela comida assim... E só. Dava prá ele a chance de ter uma *vida quase que normal*; dava trabalho prá ele; arrumava casas prá que eles pudessem ter uma casa prá pintar ou terrenos prá carpir, certo? Dava escolaridade, dava uma vida prá eles.

A chance de ter uma vida quase que normal

Depois podia olhar prá trás e ver o quê foi feito e ver o quê eles conseguiram. Então, eu tenho um sonho de fazer uma casa de *hip hop*, voltada a isso, prá tirar a galera da rua mesmo, para dar um trampo mesmo, dar uma coisa concreta, não esse papinho que maluco tá falando aí, dizendo que a nós criamos aquele menino lá e ele voltou para a criminalidade! Ele volta, cara! Se você não der assistência, ele volta para a criminalidade. Por isso mais do que dar assistência, é preciso provar que ele é capaz, fazer com que ele sobreviva da força dele mesmo, entendeu? Você ir lá dar uma cesta básica é fazer pilantragem; ir lá dar uma cesta básica pro cara, um ‘tenizinho’... Lógico, moleque vai pegar aquilo mesmo, mas vai ficar ofendido. Essa hipocrisia do “*vamos ajudar...*” Pá! isto é uma grande viagem! Estes políticos embolsam prá eles e ficam com tudo (...). A gente vai tentar fazer aqui uma casa do *hip hop*. Eu tô tentando um prédio aí, talvez a gente consiga através da *CUFA*. Assim, montar uma academia de *hip hop*. Este é meu sonho de consumo! Montar vários grupos... eu tô conseguindo isso, até o final desse ano, se Deus quiser, eu vou conseguir

e a outra a fazer uma casa de hip hop semelhante a que eu conheci em Diadema/SP.

Meu sonho é isso aí...

Então, meu sonho é isso aí, fazer uma academia e também uma casa de ***hip hop***, que não funcionasse só aos sábados e domingos, como a Escola Aberta³⁹ tá fazendo. Infelizmente, a Escola Aberta não vai dar em nada. Também, ela não vai prá frente porque quando você faz um trabalho por muito tempo, muito tempo, acaba batendo na mesma tecla, aí o aluno começa a debandar. Se você não der um atrativo prá estes alunos, se não fizer coisas diferentes, se não tirá-los dali da comunidade para que vejam outras coisas, eles vão debandar, eles vão procurar o que fazer. Então, a gente quer fazer uma ‘parada’ diferente, assim de segunda a segunda, como novidade vamos botar a criançada no palco, quem é de teatro vai para o teatro, quem é da dança é da dança e vai procurar saber mais sobre a dança.

A molecada aí se perdendo...

Também não é só dançar, tem que estudar sobre isso, né? A gente vai procurar o PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência)⁴⁰ prá dar um apoio na parte da prevenção de doenças, drogas, porque é importante! Nestes cursos, as pessoas falam o que todo mundo já sabe. Não, não elas sabem não! A gente vê a molecada aí se perdendo com nove anos! Conheço moleque que fuma craque por não ter o apoio dos pais, tem que ter também psicólogos que vão falar com os pais, porque o moleque sai da nossa oficina volta prá casa e dentro de casa às vezes vê o pai alcoolizado, a mãe usando droga, entendeu? Tem que ser todo um acompanhamento, toda uma estrutura prá família, e é isso que a gente quer fazer, uma casa de ***hip hop*** que faça

³⁹ Escola Aberta é um projeto implementado a partir de 2005 pela Secretaria de Estado de Educação e que tem a finalidade de abrir as escolas públicas em finais de semana para atividades culturais, artísticas, esportivas, recreativas, de qualificação profissional, etc., A escola disponibiliza a sua infra-estrutura e um conjunto de atividades organizadas e coordenadas, com o envolvimento tanto de profissionais voluntários, quanto de poderes públicos e organizações não-governamentais.

⁴⁰ O PROERD é um programa desenvolvido pela Polícia Militar com foco na prevenção ao uso de drogas ilícitas ou não e à violência, com concentração de ações junto a estudantes crianças, adolescentes, jovens em contextos escolares. Este programa começou no Estado do Rio de Janeiro, em 1992, mas, atualmente, encontra-se implantado em todos os estados brasileiros. Em Santa Catarina, iniciou a partir de 1998. (ver RATEKE, 2006)

tudo isso. ... E tem como fazer, né, cara! Esses caras aí (os políticos) se colocassem um pouco a mão na consciência, já teriam feito há muito tempo. Seria bom prá comunidade e prá eles também...

AUTO-RETRATO II: IVONE GUARAPUVU: O SAMBA É O MEU DOM

*“o samba é meu dom,
aprendi a bater o samba no compasso do coração...
É no samba que eu vivo...
E é no samba que eu quero morrer.”
(Wilson das Neves)*

A gente até chama o local de aldeia

Nasci mesmo em Florianópolis e aqui sempre morei. Desde criança moramos neste lugar. Aqui onde moro há onze casas e todos são parentes. Tudo família mesmo! Aqui em minha casa mora um monte de gente também: minhas irmãs – nós somos em quatro, todas mulheres –, uma prima, mais um menino que minha mãe adotou, um tio da parte da mãe e além, é obvio, de minha mãe e meu padrasto. Então, o total é... um, dois, três... [contando nos dedos] são dez pessoas. Ah! Esqueci de minha sobrinha, filha de minha irmã mais velha. Mas, é tudo família mesmo. A gente até chama o local de *aldeia*. Todo mundo do bairro conhece este lugar como aldeia. A *aldeia* composta mais de parentes por parte de minha mãe, de minha vó e de meu vô, pais de minha mãe. Mas há pessoas também da parte de meu pai, mas são poucas.

Minha mãe não tem nenhuma profissão

Minha mãe é nascida em Florianópolis e o meu pai eu não sei... Ele tem família em Joinville, então eu não sei se ele nasceu lá ou aqui em Florianópolis... só sei que ele tem parentes lá em Joinville. Não sei direito, não me lembro porque meu pai é falecido e isto já faz uns dezoitos anos. Na época eu tinha 8 anos. Ele era cabo da Polícia Militar. Minha mãe não tem nenhuma profissão... Ela é do lar. Ela costura e também cozinha. Já fez curso de costura, já fez curso de crochê, de tudo um pouco. Mas a atividade que ela trabalhou mais profissionalmente foi como costureira. Ela até trabalhou prá fora numa loja de confecção, onde se fazia roupa para ginástica. Ela trabalhou um bom tempo lá.

Acho que meu pai tinha o segundo grau completo e que fez vários cursos dentro da Polícia. Eu não lembro não me recordo mesmo... A minha mãe estudou até a sétima série. Assim que meu pai faleceu, passou um tempo, e a minha mãe se juntou com meu padrasto. Eles ficaram sete anos juntos e depois separaram. Ficaram sete anos separados e agora retornaram a viverem juntos. Ele ajuda em casa, ajuda bastante. Ele trabalha numa empresa que colocação de carpetes, de cortinas...

Eu voltei fazer de novo... E de novo desisti

Eu sempre estudei aqui perto de casa, desde primeira série até o segundo grau, quando parei e não fiz mais nenhum curso. Não tinha feito todo o ensino médio, somente até o terceiro ano. Voltei para terminar o colegial e depois comecei a fazer o magistério, desisti... Eu voltei fazer de novo... e de novo desisti. Tô assim até hoje. Estou no terceiro ano do magistério. Em 2003 eu me formei no segundo grau e depois eu optei pelo Magistério. É que eu nem sabia que podia fazer o ensino médio e o magistério juntos, porque, se eu soubesse, eu tinha feito os dois juntos. Isto eu nem imaginava.

O que me levou a pensar no magistério? Foi até coincidência, assim. Quando eu terminei o segundo grau fui me matricular num curso de Magistério porque eu gostava de criança. Eu sempre tive vontade de trabalhar com criança. E, por coincidência, no dia que eu fiz a minha matrícula, uma menina passou aqui em frente de casa e me disse que ‘tava precisando de uma professora auxiliar numa creche bem aqui perto de casa. Foi bem assim, ela me disse: “*nós estamos precisando de professora, mas tem que ‘tá no segundo ou terceiro ano de Magistério*”. Tinha que estar estudando e seria, no caso, para um contrato de estágio. Ah, que coincidência! Fui matricular no curso e tal, e também fui lá na creche e, no mesmo dia, já fiquei empregada. Trabalhei nessa creche todo o ano de 2004. Depois desisti do Magistério, mas continuei trabalhando naquela creche até o final do ano de 2004. Em 2005 eu fiquei parada, só vivendo com a música e ajudando a mãe em casa. Lá pelo mês de outubro de 2005, a creche precisou novamente de uma menina para trabalhar e como eu já tinha experiência de ter trabalhado ali, sou da comunidade e tudo mundo já me conhecia, me chamaram de novo, mesmo não tendo concluído o magistério. Também, era quase final de ano e uma professora, que estava grávida, saiu de licença. Como

ela não voltaria mais, me chamaram para substituí-la. Eu fui e me deu aquela vontade de voltar para o curso magistério... Naquela creche até 2006, cheguei a recomencei o Magistério, mas novamente não consegui terminar porque era um curso... Não sei explicar... Eu gosto de estar na creche, gosto de crianças, mas no colégio assim ó... A impressão que dava ali, à noite, era que tudo parecia muito avacalhado. Então, não dava nenhum ânimo ir fazer aquele curso. Agora eu passei para o turno da manhã e de manhã parece tudo bem melhor. Eu não sei explicar, mas eu sempre estudei de manhã. Todo o meu segundo grau, aliás, desde a sexta série até o terceiro ano... Eh, para mim o horário é melhor, agora tô indo, vamos ver...

Ainda não veio aquela vontade...

Eu gostaria de fazer um curso universitário. Eu pensei em Psicologia, mas nunca tentei. Eu não sei explicar o que me chamou a atenção neste curso. Eu não sei. Mas eu gostaria de fazer Psicologia, não sei... Todo mundo diz que sou meio psicóloga. Não é que eu seja psicóloga, acho que é porque gosto de conversar, né? Sei lá, não sei por que eu... Mas eu gosto de estar ali na creche, de estar com as crianças. Eu gosto mais da educação infantil, não gosto de trabalhar com o ensino fundamental nem com o ensino médio. Mas quanto à Psicologia, eu até pensei em fazer, mas não cheguei a procurar. Ah! Até pensei em fazer Pedagogia a distância, mas eu vi que não valia a pena. Minha mãe sempre fala: “*porque você não tenta?*”. Ainda não veio aquela vontade... Eu sei que um dia vou me arrepender! Eu sei. Só que o meu sonho maior é a música. Eu sei que é difícil a gente viver da música, porque tem que ter uma base financeira, uma estrutura. Só da música é difícil tu viveres. Mas se eu pudesse...

A música entrou em minha vida...

Lógico que eu gosto de estar na sala de aula, mas o meu sonho mesmo é a música. A música entrou em minha vida desde quando eu nasci, porque desde pequena eu cantava. Não sabia que isso ia acontecer, mas a gente sempre brincou de cantar e de dançar. Tanto que foi na primeira série a minha primeira apresentação. Imagine, na primeira série! Eu ainda estava no primário mesmo. Na família toda têm uns que dançam, outros que cantam. Então, desde pequena sempre ouvia muito minha mãe cantando. Por outro lado, a família do meu pai era

mais ligada à dança. Acho que eles todos gostavam do Michael Jackson. Sabe? Lembro que em toda festa da família já se abria aquele espaço e eles dançavam. Agora na família da minha mãe a música era mais presente. Meu avô tocava violão e meu tio também... Assim, desde pequena convivía com isso. Tenho um tio que toca bateria. Daí foi vindo, foi puxando. A gente fazia apresentação de dança no colégio e no carnaval a gente sambava. Depois a gente dizia: “*ah! vamos cantar para as professoras!*”. Sempre ‘tava lá no meio de toda apresentação que se fazia lá no colégio. Em todas datas comemorativas, a gente também ‘tava lá para cantar. Quando eu fiz treze anos veio um pessoal com um projeto social para a comunidade. Uma destas pessoas, que era conhecida nossa, veio conversar para nos colocar no projeto, que tinha como exigência estar estudando.

“Meu Deus, está perfeito! É o samba!”

O projeto era mais voltado para música e precisam de crianças que cantavam. Assim foi a família toda. A maioria das crianças que estava na minha escola foi parar nesse projeto. Na verdade quando a gente entrou, eu, minha prima e minha irmã já sabíamos cantar. A gente só entrou para aprender teoria e um pouco de violão. Com isto, eu cheguei a aprender um pouco de contrabaixo. No projeto havia um monte de coisas, mas o nosso forte era mesmo a música, era cantar. Ali cantávamos todo tipo de música, não tinha uma música específica, não tinha um ritmo específico... Cantávamos MPB e até as músicas do *É o Tchan*. Enfim, cantávamos um monte de música. A minha prima e a minha irmã, naquela época, eram bem pequenas e tinham crianças ainda menores que mais dançavam. Eu e a minha prima já fazíamos parte de um grupo de pagode que também havia meninos que tocavam e as meninas que dançavam. Neste grupo, a gente só tocava pagode, nem samba a gente cantava na época. Era mais o pagode mesmo! Tocava também MPB e *axé music* para as meninas dançarem. A gente cantava de tudo, porque aprendíamos para fazer apresentação. Assim, a criança aprendia um instrumento, aprendia uma música para no final do mês apresentar pros pais ou prá comunidade. Um dia um novo professor novo no projeto começou a dar várias idéias: “*olha, porque a gente não canta isso. Ah! vamos estudar?*”. E veio esta música: “*Isto aqui, ô, ô É um pouquinho de Brasil, Iaiá...*” [cantalorando]. Nesta época, minha irmã mais nova já estava conosco (minha prima e eu), a gente pegou esta música e procuramos ensaiar. Estávamos passando esta música numa

salinha, quando nos demos conta:... a nossa voz... as três juntas... o samba... assim, sabe? A gente chegou a se olhar assim... *“Meu Deus, está perfeito. É o samba!”* Acho que foi ali, naquele momento, que a gente descobriu a harmonia entre as nossas vozes. Tudo começou ali! Cantávamos a maioria das músicas que Beth Carvalho cantava, porque gostávamos muito da sua voz, do jeito como ela cantava. Também porque parecia muito com o nosso jeito de cantar e as divisões que a gente fazia com a música era bem parecido com as que ela fazia. A partir daquele momento, começamos a pegar um monte de músicas de Beth Carvalho e também as de Clara Nunes, de Martinho da Vila... A gente ensaiava, via que ficava legal. Depois começamos a sentir a necessidade de mostrar não só ali, mas mostrar prá fora também. Aí o coordenador do projeto falou: *“vamos fazer um teste, então, lá na Alfândega. Vamos ver como vai ser, não sei o que vai dar...vamos testar”*. A gente chegou lá na Alfândega, havia até uns bêbados lá, dormindo. Pegamos os instrumentos, a caixinha de som, o microfone e fomos lá, depois começamos a cantar. Quando começamos a cantar, o pessoal foi vindo, foi vindo até ficar aquela roda com um monte de gente olhando. Até veio um pessoal dizendo: *“olha, pensei que vocês fossem do Bom Partido”*; *“Bom Partido são três meninas que cantam. Eu vou levar vocês lá. Elas estão ali no Casarão, não sei o quê. O Carlos vai gostar de ver vocês e tal...”*. Bem, o Bom Partido era um grupo de samba raiz que a gente nem conhecia nesta época. De onde estávamos, fomos parar no Casarão. O Carlos⁴¹ pediu prá gente cantar e quando terminamos, ele disse: *“Meu Deus! Como é que pode, o não me sinto, talvez, preparado prá essas normas e exigências mesmo trabalho... e tudo família...?!”*. Ele ficou apavorado quando ouviu a gente. Não me lembro direito, acho que isto foi em 2001.

“Oh! Mãe! vem cá, mãe. Olha! Eu já sei tocar, eu já sei tocar!”

Não. Não o nosso grupo de samba não foi pensado. Na verdade, a gente só brincava, tocava e cantava, mas era tudo ali em família mesmo. A gente gravava tudo num radinho que a minha mãe tinha em casa. Minha vó, quando estava viva, só gritava: *“para de berrar!”*. A gente gravava fitas que hoje não sei onde foram parar. Mas era muito legal! A gente se ouvia e se matava de rir. O meu primo, que faz parte de nosso grupo de samba, aprendeu a tocar com quatro anos de idade só olhando

⁴¹ Coordenador do grupo de samba raiz de Florianópolis, *Um Bom Partido*.

e ouvindo o pai dele. Quando o pai dele saía de casa para um bar, ele corria por quarto, se trancava e ficava lá tocando, até que arreventava as cordas, enquanto minha tia ficava cuidando, porque meu tio não deixava ninguém se encostar nem no cavaco e nem no banjo dele. Ele não deixava que ninguém se encostasse mesmo! Um dia meu primo chamou a tia: “*oh! Mãe! Vem cá, mãe! Olha, eu já sei tocar, eu já sei tocar!*”. A gente cantava e não sabia nem qual era a nota. Não tínhamos nenhuma noção. Só sei que quando meu primo tocava, a nossa voz já seguia o tom... Meu tio quando viu aquilo pela primeira, chegou a chorar. Ele ficou muito comovido. Assim, quando nós entramos no projeto, já sabíamos tocar e cantar. Na verdade, a gente só entrou no projeto porque uma das intenções dele era poder ensinar outras crianças. No entanto o projeto não durou muito, logo ele se acabou. Aliás, acabou a verba para as aulas de música. Este projeto depois virou somente um reforço escolar e nada mais. Embora esse reforço escolar continua a existir, não tem mais aqueles objetivos e, agora, pertence ao *Alfagente*⁴², uma instituição que trabalha com outros interesses e objetivos. Quando tinha a música, o projeto era patrocinado pela Fundação Maurício Siroski, que fornecia a verba para pagar os professores. Como acabou este apoio, não se conseguiu mais manter a parte musical e, por causa disso cada um foi pro seu lado. Na época da música, se conseguiu a adquiriu o terreno onde, hoje, está o Centro Comunitário do bairro. Atualmente, o *Alfagente* só trabalha com reforço escolar e, mesmo assim, não tem muita coisa. Sabe? Nós ficamos muito tristes porque era desejo que as coisas fossem para frente. Se ainda continuasse, até poderíamos ser nós que estivéssemos dando aula. A gente via, quando fazíamos apresentação, que as crianças gostavam muito e se interessavam de verdade. Elas, normalmente, vinham pegar no instrumento, qualquer instrumento que fosse. Aliás, os instrumentos eram a grande paixão das crianças.

A gente simplesmente canta por cantar

Ensinar música eu nunca pensei prá mim. Na verdade, atualmente, nós participamos de um projeto que se chama Grupo da

⁴² *Alfagente* é uma entidade filantrópica fundada em 1978, com sede em Florianópolis, e que, segundo informações de seu sítio eletrônico, tem como objetivo atuar “... nos bairros menos favorecidos da cidade de Florianópolis, atendendo comunidades consideradas de risco social. Desenvolve seus trabalhos tendo como foco a educação de crianças de 0 (zero) a 12 (doze) anos”. Cf. <http://www.alfagente.org.br/>

Kizomba⁴³ e quando vamos aos colégios tocar, os meninos [componentes do grupo de samba] ensinam um pouco da percussão para as crianças através de oficinas. Então, eles gostam de ensinar as crianças a tocar instrumentos, mas nós que só cantamos ficamos assim paradas olhando uma para a outro, porque a gente não sabe como que se faz para ensinar a cantar. A gente simplesmente canta por cantar.

A gente sempre cantou. Nunca ninguém ensinou. Já fiz um pouco de técnica vocal, mas foi na época quando nos convidaram para puxar o samba enredo na escola de samba Copa Lord. Eles pagaram um professor que ensinasse para que, no dia do desfile na avenida, não tivesse nenhum problema. Aprendemos alguns exercícios. Foi nesta atividade que soube que sou soprano 2, que a minha irmã é soprano 1 e que a minha prima é contralto. Antes, a gente não tinha noção, nós sabíamos cantar tudo agudo, mas não que pudéssemos alcançar as notas mais altas. A gente sempre cantou assim, sabíamos que nossa voz era aguda, mas não que era soprano 1, soprano 2. Foi com aquele professor que a gente aprendeu e ele nos dizia: “*Meu Deus, vocês alcançam muito mais*”. Ele era maestro da Associação Coral de Florianópolis e nos fez entrar no coral. Acho que ficamos um mês e depois não deu para ficar mais, porque minha irmã e eu fazíamos o curso de Magistério e minha prima teve que viajar também. Assim, não tivemos como continuar. Da experiência de estar no coral, eu gostei também. Eu ficava no soprano 2 e minha irmã no soprano 1 e só no olhar conseguíamos ler a partitura. Não consigo explicar isto: a gente tinha mais ou menos uma noção porque aprendeu um pouco naquele projeto a ler um pouco, mas também esquecemos porque ficou muito tempo prá trás. As pessoas do coral nos olhavam e nos diziam: “*meu Deus, como vocês cantam e tal*”. Foi assim, mas nunca aprendi nada como cantar, nunca ninguém me ensinou...

Como é que eu vou te explicar?...

Com certeza quero fazer algo profissional com música. Mas, não pensei a chegar a fazer curso universitário de música. Vontade de fazer?

⁴³ Ivone Guarapuvu descreve como um grupo, no entanto, *Kizomba* é a denominação de um projeto de extensão, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Estadual de Santa Catarina, que combina palestras, oficinas e atividades culturais sobre história e cultura afrobrasileira e africana e tem como público potencial professores e estudantes da educação básica de escolas públicas. Já realizado em diferentes cidades (Florianópolis, Bagaçu, Itajaí e Criciúma, atualmente, este projeto está em sua décima edição.

... Eu não sei... Eu também acho que não faria... Eu achei importante aprender, ter noção de notas, chegar numa roda e dizer “*eu quero um dó...*”. A gente sabe cantar por ouvir, agora... como é que eu vou te explicar?... Eu não sei chegar numa roda e pedir uma nota... A gente pede prá tocar e aí a pessoa toca: “*é, é esse tom*”. A gente não pede “*me dá um lá maior, me dá um dó...*” Aí depende do meu primo, tudo é com ele. Têm músicas que a gente já sabe de cabeça qual é o tom e quando o meu primo não está junto, a gente vai numa roda de samba: “*ah, dá prá tu fazer o dó*”, porque a gente já sabe o tom da música...

Essa é a origem do grupo...

Assim que terminou a participação no projeto, resolvemos montar o grupo de samba. O nome do grupo surgiu vendo uns discos antigos que tinham os termos novos e velhos bambas do samba. A gente falou: “*Velhos? Novos? Ah, Novos Bambas*”. A gente achou o nome legal, fizemos uma votação e todo mundo escolheu ‘*Os Novos Bambas*’, e o nome ficou. Hoje, a gente tá ficando velhos (risos), mas vai continuar sendo *Os Novos Bambas*. Ah! E têm os outros também da família, os mais novos estão crescendo... Na época, nós éramos novos também (risos). Todo mundo brinca: “*E aí seus velhos bambas, você já estão todos murchos*” – prá pegar no nosso pé – (risos). Eles brincam com a gente, mas o que gente faz? Nós vamos continuar com esse nome... Claro, essa é a origem do grupo, a gente não esquece.

Nós fizemos a primeira apresentação do Grupo no dia 23 de junho... (mas acho que foi de 2001 ou 2000? Ah, meu Deus, e agora!). Foi lá no Casarão⁴⁴ e é a partir desta primeira apresentação que a gente comemora o aniversário do grupo. O grupo *Um Bom Partido* era o mais antigo de samba, depois surgiu o *Novos Bambas*, em seguida o *Cadência do Samba*, depois vieram o *Coisa da Antiga* e, por último, surgiu o *Número Baixo*. Com estes grupos de samba organizamos encontros de samba na cidade. A partir destes encontros surgiram outros, em Blumenau, Itajaí e outras cidades do interior. Pena que tudo isto terminou. Era um movimento em torno do samba que estava ficando bem forte. Mas, depois cada grupo foi para um lado com um querendo

⁴⁴ *Casarão* era um estabelecimento comercial noturno no centro de Florianópolis. Ele funcionava como bar e restaurante e se constituía, nos finais de semana à noite, em um local de circulação e apresentação de cantores/as e grupos de serestas e samba. Esta casa noturna fechou a partir de 2009.

dar rasteira no outro. No início, os grupos eram muito unidos, mas nós nos decepcionamos com tanta gente que hoje em dia ficou muito difícil. Na época, nós éramos muito novinhos e recebíamos muitos elogios assim como outros. Agora tá cada um por si no seu canto, nós no nosso, o *Bom Partido* no deles e por aí a fora. Já tentamos voltar, mas não tem como, não dá!

Identidade entre as nossas histórias...

Com esse movimento de encontros de grupos de samba se procurou arrecadar dinheiro para trazer uma atração de expressão nacional do samba, mas o dinheiro só deu para trazer um grupo de São Paulo chamado de *Quinteto em Branco e Preto*. Este grupo é afilhado da Beth Carvalho e que, por coincidência, apesar de não conhecê-lo, nos cantávamos muitas de suas músicas. O nosso grupo sabia muitas músicas que a Beth Carvalho cantava e que, na verdade, muitas eram deles. Nós éramos o único Grupo que cantava aqui essas músicas. Quando eles vieram se apresentar aqui, descobrimos tínhamos uma história muito parecida. Como no folder do evento tinha um pouco da história de cada grupo, desde São Paulo, eles já sabiam mais ou menos a história de nosso grupo. Havia uma identidade entre as nossas histórias (eles também tinham começado muitos novos e a partir de um projeto comunitário, etc., etc...) eles nos disseram: “*a gente vai vir mais cedo prá assistir vocês*”. No dia do show no *Arte Brasil*⁴⁵, quando a gente se preparou prá tocar, eles chegaram, largaram as coisas no camarim e tal e no momento que começamos cantar eles ficaram na frente acompanhando. Nós terminamos de cantar, eles nos chamaram para conhecer todo grupo, assim começou uma amizade bem forte. Depois disto sempre mantivemos contato. Um dia, era perto da Páscoa, quase um ano depois, meu tio chegou em casa:

“*Ah, eu tenho um presente prá vocês*”, nos disse.

“*Ah, o quê é, o quê é?*”, perguntamos.

“*Eu comprei as passagens prá gente ir prá São Paulo!*”, respondeu.

“*Mentira, mentira!*”, duvidamos.

⁴⁵ Casa noturna de show em Florianópolis, fechada a partir de 2007.

E era verdade! Fomos eu, meus primos e minha tia nesta viagem. Os outros meninos até gostaram da idéias, mas não tinham aquele interesse. No nosso caso era diferente, tínhamos interesse de estudar, estar conhecendo os compositores. A gente não acreditou. Eu só acreditei mesmo quando cheguei em São Paulo. Até eles também não acreditaram que íamos mesmo. Em São Paulo, quem tinha ido nos buscar no Terminal Tietê foi o Magno, um dos integrantes. À noite, fomos num evento em que o *Quinteto em Branco e Preto* ia se apresentar em São Mateus, bairro da Zona Leste de São Paulo. Quando chegamos lá no evento, sentíamos como se todo o mundo estivesse nos olhando. Acho que o pessoal já sentia que éramos de fora. Nós sentamos e ficando olhando para ver se a gente reconheceria os integrantes do grupo e se eles nos reconheceriam também. O primeiro que veio foi o Magno, que a gente já tinha visto antes, em seguida o Yvison, depois veio mais um e outro. Quando nos viram, eles todos não acreditaram: “*meu Deus – colocaram a mão na cabeça – é mentira, é mentira. Nossa, eu não acredito que vocês vieram ver a gente, meu Deus, que presente!*”. Eles nos deram de presentes um CD e um livro que eles tinham produzido sobre o grupo. Todos os conhecimentos deles foram nos passando. Chegaram a gravar...(tem uma fitinha, acho que está com a minha tia) uma música deles cantando juntos lá num quartinho. Eles pegaram um gravadorzinho e fizeram gravação de nós e eles cantando juntos. Eles diziam: “*a madrinha, quando conhecer vocês... Ah, a madrinha tem que conhecer vocês*” – eles falavam da Beth e a chamavam de madrinha porque ela batizou o grupo. Eles são da periferia de São Paulo, são três branquinhos e dois pretinhos, e todos tocavam chorinho, mas, inicialmente, não se conheciam, porque os branquinhos eram da Zona Leste e os pretinhos da Zona Sul. Bom, eles se encontraram num bar, porque foi o dono do bar falou: “*ô meu,, têm uns caras que vêm tocar aqui, acho legal vocês se conhecerem*”. Aí um dia eles marcaram encontro e a partir daí começaram a tocar juntos. Depois disto, quando a Beth conheceu o Grupo, ela gostou tanto que batizou. Passados dois anos, toda a vez que Beth Carvalho volta a São Paulo, convida eles como banda para os shows. Assim, eles tiveram um monte de trabalho e até hoje estão caminhando sozinhos. Beth Carvalho ajuda bastante o grupo e quando pode ela chama o *Quinteto* porque, como ela mesma diz, sabe que o trabalho é feito. Por isso, eles estão sempre juntos. Acho que todo mundo precisa da ajuda de alguém prá começar.

na cidade é muito difícil cantar samba...

Aqui há muita falta deste tipo de ajuda. Ah! Como falta! De ajuda e também das pessoas, que aqui, no fundo, são muito frias. Aqui na cidade é muito difícil cantar samba. O único lugar bom, e gostoso de cantar é *na Praça 11*. Vão lá as pessoas quem realmente gostam de samba. Não vai prá lá quem não gosta de samba, vai quem gosta, então, é bom. Mas, às vezes a gente está num lugar e alguém fala: “*toca aquela do Sensação, toca aquela de fulano e tal...*” A gente já vai com o nome de samba, samba de raiz, e pessoal fica pedindo prá gente cantar modinha? Não dá, né?

“...aqui não é lugar de vocês, não...”

Ah, já aconteceu de chegarmos a lugares para tocar e porque era samba que tocávamos as pessoas ficarem assim com o olhar atravessado. Eu não sei bem o quê acontece, mas quando começávamos a cantar eles começaram a prestar atenção. E depois de ouvirem, elogiar. Eu não me lembro de estar num lugar e ninguém parar prá olhar o grupo cantar. Normalmente ouvíamos isto: “*olha como eles são todos tão novinhos. E elas como cantam muito bem*”. sabe? ou: “*Olha, aqui não é lugar de vocês, não. Vocês eram prá estarem em São Paulo, Rio... Vocês são nível nacional*”. Todo mundo diz isso.

Nós já gravamos alguns trabalhos aqui Florianópolis, mas não os nossos, só prá outras pessoas ou bandas. Gravamos com sambistas, com os grupos de pagode. Aliás, os grupos de pagode são os que mais nos chamam para gravação. Ah! já gravamos até o Hino do Avaí. Imagina, a gente é tudo Figueira, mas já gravamos o hino do Avaí (risos). É ruim, né? A gente também gravou uma música do Figueirense também para um CD de hino do time em dez ritmos. Nós gravamos em três ritmos: o *reagge*, o pagode e a marchinha de carnaval. Também gravamos para um CD de um médico. Na verdade, ele fez três CDs. Um era só samba, neste participamos de todo o CD, o outro era de bolero, neste fizemos uma música (hummm... agora eu não me lembro direito, mas sei que a gravação não era em espanhol, era em outra língua). Mas ficou muita linda assim na nossa voz.

Beth Carvalho... era o nosso sonho

A nossa ligação com o Quinteto, depois daquela visita à São Paulo, aumentou e eles nos convidaram prá participar da gravação de um CD deles, o segundo trabalho deles. Eles perguntaram se queríamos gravar uma música ou se preferíamos esperar e participar da gravação de todo o CD. Lógico, a gente preferia esperar e gravar todo ele, né? Nesta viagem à São Paulo, fui eu, minha irmã e meus primos para gravar. A gente acabou ficando lá 13 dias e gravamos o primeiro CD. Quase um ano depois, no mês de agosto do outro ano, uns dez dias antes eles ligaram informando que estariam com a Beth em um show que fariam em Curitiba e nos convidaram prá gente dar um jeitinho e ir, pois seria uma oportunidade para conhecermos Beth Carvalho. Isto era o nosso sonho. Chegamos lá no hotel e eles disseram: “*estamos indo passar o som*”. Aí saímos todos, entramos na Topic. Tinha uma capa bem bonita de violão. “*Ai meu Deus, que capa pesada*”. Não tem problema, deixa aqui no nosso quarto, só estávamos nós três. “*De quem é o violão?*”. É o violão dela (Beth Carvalho). “*Não acredito! o violão dela!?!*” (risos). Aí chegamos lá, a produção estava arrumando o palco. Eu não sei como estava o meu cabelo, acho que estava usando um arquinho assim na cabeça. A minha prima disse: “*ó,ó, ó, é ela, lá vem ela!*”. Sem mentira, quando a Beth chegou, minha prima começou a chorar. Eu não sei... a minha cabeça começou a latejar, uma dor muito forte na minha cabeça, eu fiquei nervosa. Beth subiu ao palco e começou a passar o som. E nós ali na frente dela. O local era um salão imenso, com todo mundo arrumando os instrumentos, fazendo a passagem de som. Era um show muito chique! Beth Carvalho olhou prá nós ali completamente paradas e disse assim: “*tá bom aí prá vocês, meninas?*” Nós ficamos totalmente paralisadas olhando prá ela. “*Tá bom ou não tá?*”, repetiu a Beth. E nós: “*tá, tá, tá*” (risos). A gente, na verdade, nem chegou a falar com ela nessa hora. Mas teve uma hora, antes de entrar no show, que ela perguntou: “*Essas que são as canárias?*”. E depois nos falou assim: “*Os meninos falaram muito bem de vocês. Depois eu quero ver, hein?*”, brincando. Aí foi o show dela. Durante o show, ela brincou com a gente. Ela olhava bastante prá gente, ria e tal...

Aquela noite eu fiquei acordada - eu queria ficar acordada!

Depois, quando terminou o show, foi cada um para seu camarim e a gente lá esperando eles, a gente foi prá Topic e ela num carro na

frente. Aí ela mandou que a Topic a seguisse. “*Não acredito! Meu Deus! A gente foi prá o hotel, onde a Beth estava!*”. Chegando lá ela nos perguntou: “*vocês querem ficar aqui ou querem ir prá outro lugar?*”. A gente falou: “*a gente quer ficar com todos, onde todo mundo ficar, a gente fica*”. Nós pensamos com a gente, mas não queríamos dizer: “*nós queremos ficar com ela, bem pertinho dela*”. Daí ela disse: “*então, vamos todos ficar aqui mesmo*”. Beth olhou prá gente e disse: “*agora vocês vão conhecer minha suíte master*”. Nós entramos, ela disse “*se vocês quiserem tomar alguma coisa, podem pegar o que quiserem. “Só deixem uma latinha de coca ligh, que esta é minha. O resto podem pegar, o que vocês quiserem... Tá, onde é que vocês querem sentar prá cantar prá mim?*”. E nós: “*ai meu Deus, pode ser ali*” (risos). Ela ligou pros meninos que estavam com ela e disse: “*trazem a filmadora*”. Eles subiram, arrumaram a filmadora. Depois nós sentamos e começamos a cantar as músicas que ela ia pedindo. Em determinado momento, ela sentou no nosso meio de nós e nos olhava, olhava. Olha assim admirada, a gente até ficou muito sem graça, cantando bem envergonhadas. “*Que lindas, que lindas! Elas cantam todas as minhas músicas!*”, começou a falar. Eu sei que ficamos até o dia clarear, porque a Beth ficou conversando até virar o dia. Aquela noite eu fiquei acordada - eu queria ficar acordada - porque não conseguia pregar o olho. Tudo parecia um sonho e não estava acreditando. Minha irmã e prima cochilavam e de vez em quando elas abriam os olhos, olhavam prá mim, olhavam prá Beth e fechavam os olhos de novo. “*É verdade!*” - se diziam e fechavam os olhos novamente. Elas achavam também que tudo aquilo era um sonho. Eh! Parecia um sono e ninguém estava acreditando. Aquilo ali não estava acontecendo, não era verdade! Nós desejamos muito aquilo! Dez dias depois estávamos novamente em São Paulo para o lançamento do CD que tínhamos participado da gravação. Nesta viagem, a minha mãe e meus tios também foram para assistir o show. A gente foi antes, uns dias antes... Nesses dias a gente conheceu tanta gente, tantos compositores que tínhamos vontade de conhecer: Xangô da Mangueira, Nei Lopes, Almir Guineto. Eles participaram do CD e no lançamento todos eles foram. Quando acabou o show fomos todos para uma choperia. Minha mãe não acreditava: “*Meu Deus, tá todo mundo aqui!*”. Tiramos muitas fotos, pois era um sonho realizado, né? Quando chegou no domingo combinaram de fazer uma feijoada prá nós, na casa da tia Cida⁴⁶, lá em

⁴⁶ Nome fictício.

São Mateus. Eles diziam que era a feijoada para as meninas de Floripa, o pessoal de Floripa. Aí a gente foi nessa feijoada. Aí chegou a gente acordou perto das 4 da tarde, porque lá não tem horário, né? Prá eles lá tudo é festa, então, tudo é música. A gente chegou lá na tia Cida, o telefone tocou, era a Beth: “*tô indo!*”. Ela foi mesmo lá prá favela. Durante a feijoada, a Beth ficou jogando baralho e nós na roda de samba. Toda hora que a gente cantava uma música, ela gritava: “*meu Deus, eu não acredito!*”. Ela dava risada e vinha dar um beijo e depois voltava a jogar. “*Canta aquela, canta aquela agora...*”, ela dizia (risos). Ela ali jogando, mas prestando a atenção na gente. Depois os meninos vinham com um papo assim: “*Vocês estão indo muito bem. Só peço prá vocês irem pegando a música, porque na hora a madrinha pedirá*”. Depois eles nos disseram ainda: “*- a gente não gosta de comentar muito, mas ela gostou muito de vocês*”.

“Querem ver como o pessoal da comunidade sabe cantar?”

Passou um tempo, eles ligaram de novo: “*nós vamos tocar com a madrinha, aluga uma Topic e vem, a gente paga tudo aqui*. Aí, eu, a minha irmã, os meus primos, além de Sérgio, um amigo que tocava no Grupo, e outro menino, acho que o Paulo, fomos os seis na Topic para Curitiba. Quando chegamos lá, Beth Carvalho nos disse que a qualquer momento no show, ela chamaria a gente prá cantar. Antes, ela nos perguntou quais músicas do repertório dela sabíamos cantar e, depois, escolheu a música que cantaríamos como ela. O show foi rolando bem legal, mas, por incrível que pareça, o povo não conhecia as músicas dela.

Era uma festa fechada da Tim Celular. O pessoal foi lá só porque tinha nome... Ela começou a falar: “*vocês têm que conhecer mais gente, tem que ir lá nas favelas, pros morros, vamos subir o morro prá conhecer, ver o que é samba*”. E continuou falando um monte de coisa: “*Querem ver como o pessoal da comunidade sabe cantar?*”. Aí ela pediu prá todo mundo ficar quieto, e nós lá embaixo na platéia. Nós seis do Grupo. Ela pediu pros meninos tocarem e nos chamou para cantar no palco. Enquanto cantávamos, ela chegou a fechar os olhos. Depois pediu prá todo mundo aplaudir a gente. Mais adiante no show, não demorou muito, ela chamou novamente nós três [as vocais] para subir ao palco. Ela disse: “*Eu quero chamar aqui três meninas, que são conhecidas como as canárias, que eu conhecia através do Quinteto em Branco e*

*Preto. Elas fizeram um trabalho com eles, gravaram e, por incrível que pareça, elas cantam todas as minhas músicas. Eu quero chamar aqui no palco a Ivone, a Rosa e a Maria*⁴⁷. Naquele dia, eu sei que Beth Carvalho tentou cantar com a gente, mas não consegui porque o tom estava muito alto para ela. Então, ela sentou, pegou um tamborim e ficou olhando a gente cantar. No palco ela não conseguiu cantar junto. Não alcançava o nosso tom, né? Ela ficou sentadinha assim olhando a gente cantar. O som estava perfeito. Foi uma noite perfeita!

Quando nós descemos era flash e mais flash sobre nós. “*Meu Deus, vocês são daqui? Vocês são de Florianópolis?*”, nos perguntavam. Na verdade, pouca gente sabe dessa história. Para as pessoas que falávamos sobre esta história com a Beth Carvalho, elas não acreditavam! Não acreditam! Até os próprios músicos do meio do samba achavam que esta história era mentira nossa, que nós não tínhamos conhecido a Beth Carvalho. Porém, num certo dia, quando Beth veio fazer um show aqui em Floripa, ela nos chamou e fomos lá acompanhar a passagem do som, antes do show. Quando Beth nos viu, disse: “*Peraí, as meninas que tu tá falando são as meninas que gravaram com o Quinteto? Não, não, elas vão ficar ali no palco comigo...*”. Ela nos chamou “*vêm cá*” e também o seu empresário e disse assim: “*podem arrumar mais três microfones, porque quero que elas fiquem lá em cima no palco comigo. Num momento do show eu vou chamá-las prá cantar comigo*”. Por nossa causa, ela mudou toda a estrutura do palco. Mudou tudo, tudo! A gente: “*Meu Deus...*”. Os caras do som, que já tinham trabalhado um monte, tiveram que mudar toda a estrutura do palco para nos colocar... E a Beth dizia prá nós: “*vocês não se preocupem!*”. A gente subiu no palco prá passar o som e a Beth ia mandando ajeitar aqui e ali... A produtora dela não acreditava muito no que via. Antes de Beth chegar prá passar o som, a gente conversou com a produtora e ela nos dizia: “*Não, não... Nem sei se a Beth vem...*”. Mas a gente sabia que ela vinha, porque os meninos do Quinteto nos falaram que ela sempre passa o som. No início, a gente tinha ficado sem sabe o que dizer... A gente ligou pros meninos e eles: “*liguem prá o empresário, falem com ele*”. Assim, a produtora percebeu que Beth realmente conhecia a gente. Quando a gente começou a cantar, a produtora abriu a boca, ela veio lá do fundo dizendo: “*Meu Deus, elas cantam muito!*” Aí ela chamou meu primo e perguntou como realmente a

⁴⁷ Nomes fictícios.

gente fazia no grupo. Na verdade, há músicas que a gente canta – a maioria delas –, que Beth também canta em seu show. Todas estas músicas, o meu primo também canta enquanto a gente faz coro. Em seguida, a Beth disse: “*Então, chama o seu primo aqui, ele vai cantar e tocar e vocês vão cantar*”. Assim, a gente mostrou o nosso trabalho prá ela. Um determinado momento, Beth disse: “*eu posso pedir a música?*” Sabe quais ela pediu? Ela pediu aquela *Vai Vadiar*, que o Zeca Pagodinho canta, mas não me recordo quem é o compositor, e aquela *Eu tenho um santo padroeiro poderoso, que é o meu pai Ogum* (cantando). Ela pediu essa também. Olha, naquele dia, por nós, ela mudou toda estrutura de palco para o show. Só sei que a gente saiu de lá para se arrumar quase na hora de começar o show.

E nós no nosso canto ali, humildezinha

Depois de tudo ensaiado, Beth nos perguntou se já tínhamos ingresso. A gente tinha ingresso da pista. Então ela disse: “*Não, eu quero vocês aqui na frente comigo, assistindo todo o show. Não tem uma mesa prá meninas?*”. Não tinha, estava tudo reservado.

“*Não, não tem problema a gente fica em pé. A gente fica ali no balcão do bar*”, dissemos.

“*Vocês ficam mesmo?*”, perguntou a Beth.

“*Sim, a gente fica! Não tem problema. Não tem problema!*”, dissemos.

“*Vocês querem cortesias?*”

“*A gente quer*”. Pedimos prá mãe, prá... Aí ela foi oferecendo quantos ingressos de cortesia nós queríamos para passar para outras pessoas. Depois, Beth chamou uma pessoa e recomendou que queria que nós ficássemos bem na frente e que era para dar os ingressos de cortesia que precisássemos. Foi assim, né? Mas, quando a gente chegou, não deixaram a gente entrar e mandaram chamar alguém. Aí veio aquela moça, a produtora: “*não, não... elas têm que entrar*”. E levaram a gente lá prá frente. O pessoal ficou meio assim olhando de lado, não olhava para nossos olhos, olhava pros pés, olhavam meio de canto assim. E nós no nosso canto ali, humildezinha. A produtora e o empresário vieram nos avisar que Beth mandou chamar gente no camarim. Ali ela nos disse: “*meu Deus, que lindas! Tudo isso prá me ver?*”. Ela falava assim. Aí ela pegou o repertório e disse: “*oh, vocês vão entrar aqui e depois*

dessa música aqui vocês já podem vir caminhando para subir ao palco, tudo bem?”. Ela falava enquanto uma cabeleireira fazia escova em seus cabelos. *“Então, até daqui a pouco!”*, disse. Voltamos para o nosso lugar e o empresário Beth avisou ao garçom: *“oh, tá tudo liberado prá elas, hein?”*.

Ali a gente era igual a eles...

Aí a gente chegou, aí foi chegando a hora do show, foi me dando um nervoso. Na hora que nos chamou, Beth falou tanta coisa que nem me lembro. A minha tia é que lembra: *“agora eu quero chamar aqui no palco...”* - começou a falar da história dos meninos, da gente e que a gente tinha que mostrar o nosso trabalho aqui em Floripa, porque a gente é daqui e aqui a gente nasceu e, também, que todo mundo tinha que valorizar. São meninas que cantam muito bem. O pessoal dos outros grupos que não acreditava, todas as pessoas que não acreditavam estavam lá. Quando nos chamou, Beth Carvalho disse: *“o palco é todo de vocês”*. E aí ela deixou a gente no palco e saiu, prá trocar de roupa. Porque a gente já sabia o esquema do show, como ia ser. Aí no que a gente ‘tava cantando, eles iam por uma mesa prá fazer um pagode de mesa. Quando nós descemos aí a gente eram outras pessoas, prá aquele pessoal que olhou prá gente... Aí vieram tiraram fotos, botaram a gente lá em cima, ali a gente era igual a eles... Quando a gente subiu, a gente não era igual, quando a gente desceu do palco, que começaram a nos tratar como igual a eles.

Até homens se acham ameaçados por nós

Se eu tive dificuldade como mulher? Ah, meu Deus! Como eu vou explicar?... Uma situação que aconteceu foi no carnaval, na escola de samba Copa Lord. Uma pessoa vinda do Rio para trabalhar na escola achou que nós queríamos tomar o lugar dele. Engraçado, só porque ele fazia diferente do que a gente faz. Mas ele arrumou um jeito não nos chamarem mais. Aí a gente vê que até homens se acham ameaçados por nós. Como aquela pessoa era lá do Rio de Janeiro, os diretores da escola preferiram dar espaço prá ele, preferiram ele a gente. Então, preferiram valorizar o que era de fora e não a gente aqui. Sentimos muito, pois somos da Escola Copa Lord de coração.

Algum constrangimento por ser mulher? Não! Eu não sei...! Estes dias atrás, estava vendo um vídeo da cantora Maria Helena e ela

comentava como as pessoas não ficavam muito à vontade quando cantava no meio de cantores de samba. Ah! Eu não vivi isto, não! A gente não pegou essa fase. Hoje em dia é tudo mais ou menos igual e é mais comum se vê mulheres cantando samba. No começo, cantavam as pastoras, as pastoras do samba, porque elas fazem a oitava acima dos homens, tons mais agudos... Só que não tem comparação com lá, em São Paulo, pelo fato das pessoas nos receberem tão bem. Em qualquer lugar que a gente vai cantar com os meninos num bar ou numa boate, as pessoas tanto homem como mulher, velho ou criança, vêm nos elogiar. E aqui, a gente vê que as pessoas gostam e não chegam... A gente gosta de receber aplausos. Algumas vezes sofremos tanto, porque as pessoas são muito frias aqui na cidade. Lá, em São Paulo, parece que há mais calor humano. É muito bom estar lá...

É o nosso sonho! É um dos nossos sonhos. É o nosso sonho, poder estar trabalhando com música em São Paulo. Não sei se moraria lá, mas eu adoro aquele lugar. O ideal seria estar trabalhando lá para não deixar todo mundo daqui. Mas estar trabalhando lá e vindo um pouco aqui, voltando... Os grupos de sambas que conhecemos em São Paulo nos disseram que se formos é garantido que a gente não vai morrer de fome, porque teríamos muito trabalho tanto cantando em barzinho como fazendo show. Segundo eles, há muito grupo precisando de coro como nosso; e que é difícil ter três mulheres cantando como nós, há mulheres cantando, mas não como a gente. Eles dizem que é muito bom ouvir nós três cantando juntas. Então, se a gente for termos oportunidade para cantar muito.

Ah, se formos pensar na possibilidade de ir para São Paulo, temos que pensar que tem que ir nós três: eu, minha prima e minha irmã. Mas, elas estão fazendo faculdade. Minha prima faz enfermagem e minha irmã, Pedagogia. Minha irmã se formará daqui um ano e meio e minha prima daqui três anos. Nós já procuramos conversar sobre isto: haveria a possibilidade delas trancar a faculdade, porque agora é o momento e não podemos deixar passar tanto tempo. Mas também tem a ponderação que seria melhor elas terminarem e irem com um diploma para de dia trabalharem e à noite vivermos da música. E eles acharam isso melhor. Ou também prá gente estar indo sempre que for possível e fazer shows por lá até elas se formarem...

Este é o nosso sonho!

Este é o nosso sonho! ... E da família também. Todo mundo apóia. O apoio familiar sempre, sempre teve presente na nossa vida. Uma porque meus tios, todos os músicos, sabem que é o nosso sonho. Eles sempre nos apoiaram desde o projeto quando eram pequenas. Toda a família se envolveu. A gente sente que tem um desejo deles também. Minha mãe cantava desde pequena, eu me lembro. Ela chegou a cantar em um bar de um tio, quando tinha pagode ela dava o microfone para cantar; quando tinha apresentação na creche para os professores, minha mãe e tia cantavam. Algumas vezes, estas festas eram à noite e não podíamos ir, mas víamos as fotos da mãe cantando. Eu não sei se é o sonho dela, mas que elas ficam muito felizes em ver a gente em cima do palco, elas ficam. Muito! Tanto que nos shows com o Quinteto e com Beth Carvalho, do palco nós as víamos chorando, foi aquela coisa. Foi muito bom! Ih! Aconteceram tantas coisas!

Uma coisa engraçada que a gente percebeu. Quando a gente foi prá São Paulo agora, a gente só foi a passeio, né? Tanto que quando a gente vinha embora, eles iam fazer o show lá no teatro... Ah, meu Deus, como fui esquecer o nome do teatro agora? Ah, depois eu lembro... Eles pediram... Perguntaram se tinha como a gente podia ficar mais uns dias prá eles estarem fazendo uma apresentação nossa, estarem apresentando a gente.

Uma herança cultural...

Certa vez em São Paulo, falamos do Cacumbi⁴⁸ daqui de Florianópolis que é uma herança cultura praticada por pessoas de nossa família. Meu tio, Capitão Amaro, era o principal incentivador, depois que ele morreu não levaram mais prá frente. Quando contamos esta história prá eles, eles: “*Meu Deus, você não devem deixar isso morrer, vocês tem que resgatar isso, vamos fazer alguma coisa. Tem que ter uma coisa diferente aí prá vocês*”, eles disseram. Cantamos um pedaço da música do Catumbi e eles nos diziam: “*que coisa linda, que coisa*

⁴⁸ Cacumbi, Ticumbi ou Catumbi são algumas variações do nome de certa manifestação afrobrasileira existente em Santa Catarina. Conjugando influências de cultura negra africana com as da religião católica, o Catumbi é composto por danças e músicas em homenagem aos padroeiros negros São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Cf. Alves, Lima e Albuquerque (1990).

maravilhosa!”. Em São Paulo, tem uma pessoa, um senhor de idade, o apelido dele é Sapopemba, ele é caminhoneiro, mas faz um trabalho de resgatar esses sons do interior de cultura afrobrasileira e gravar esses ritmos assim, tipo samba de roda. Ele está com um projeto de fazer um CD para resgatar músicas de manifestações populares Assim, quando nos levaram até a casa dele, ele perguntou um monte de coisas e conversamos. A gente cantou mais ou menos um pedacinho das músicas do Catumbi que conhecíamos. Ele pediu prá que a gente conseguisse o som. Eu não lembrava direitinho como se tocava. Aí a gente ‘tava tentando pegar algumas coisas prá levar prá mostrar prá eles lá, que eles tiraram o ritmo, mais ou menos o que a gente lembrou assim. A gente fez o som com a boca e eles tocaram no pandeiro. Aí a gente ensaiou um número, que fizemos tipo um *pout pourri* das músicas que a gente lembrava. A gente ligou prá mãe, daí elas passaram um pouco a letra por telefone. Eu queria tanto que elas estivessem ali.

Um dos motivos foram as drogas

Alguns dos meninos grupo saíram. Eles tiveram de sair prá tocar em outros grupos de pagode porque conseguiam tocar mais vezes e com isto ganhar muito dinheiro. Eles sentiram esta necessidade porque não trabalhavam e dependiam da música para estar ganhando alguma coisa. Eles foram prá outros Grupos de Pagode, quando a gente precisa, eles vêm tocar. E, ultimamente, eles estão tocando direto com a gente. A impressão que dá é que eles estão voltando de novo. Quando o grupo começou, os integrantes tinham a mesma faixa de idade. Isto mudou, mudou bastante. Um dos motivos foram as drogas.

Ah! o grupo já mudou bastante. Mudou mesmo. Uns saíram por motivo de drogas, outros que eram menores entraram no grupo. A gente sentiu muito, assim, porque ele era um músico muito bom, tocava pandeiro... Toca ainda. Foi uma pena assim, porque ele foi prá essa vida, caiu nessa vida, então. Ele era um músico muito bom, a gente tinha um entrosamento muito bom, eram tudo parente, a gente sentiu muito, foi difícil, como posso dizer? A gente se reerguer de novo, porque quando ele saiu a gente sentiu muito. Mas a gente nunca parou. Entrava um, a gente ensinava, ficava bom, bom, bom. Quando ficava perfeito saiam. Iam para um grupo de pagode. Acho até que a gente tem essa missão: estar ensinando, de estar dando uns toques, a gente prepara eles. É. Os meninos dizem: “*ah, a gente tem mais trabalho mesmo prá meninas,*

prós homens fica mais difícil, tem um monte de gente tocando por aí”. Eles falam bem assim. Mas é como a gente fala a gente no mundo conseguindo nosso lugar, vai resgatar eles. Uma que lá, eles também têm. Eles têm uma orquestra, eles montaram uma orquestra. Eles também são voltados ao trabalho social. Eu acho que se a gente estiver lá, tenho certeza que eles vão nos ensinar, para que possa estar repassando...

Por que aqui é assim?

Na verdade há poucos lugares de samba aqui. Hoje em dia aqui tem somente, que eu saiba a Praça Onze e o Bar do Tião... De samba mesmo, que eu sei é só isto. Porque os outros falam que é samba... Agora tem ali o *Katendê* fazendo um evento chamado o *Samba da Vela*. Mas não tem nada a ver como o *Samba da Vela* feito lá em São Paulo. Nada a ver, mesmo! Eles nem sabe o que acontece lá, que lá são os sambas inéditos. São os compositores que vão lá mostrar o samba. Aquelas velas são acesas... São dois tipos de velas, a vela rosa e a vela azul. Uma vela é para os sambas inéditos e a outra vela é prá sambas que já foram cantados, que já vão pro caderninho, que vão ser gravados. São sambas que já foram cantados, sambas que já são conhecidos do pessoal da comunidade. É assim, a vela é acesa, acho que às oito horas, e ela se apaga à meia noite Então o pessoal... Eu não sei... Tão usando esse nome sem autorização. Porque lá esse nome é registrado. Então, não sei se poderia estar usando assim. *Samba da Vela* é um reduto do samba que tem lá em São Paulo, um movimento de lá. A gente não chegou a conhecer ainda, não deu tempo de conhecer quando estivemos lá, mas dizem que é bem legal. A gente sabe que tem surdo e outros instrumentos mais originais do samba, que tem violão, cavaquinho... Quando anunciaram que fariam o *Samba da Vela* aqui em Floripa, eu achei que estavam trazendo o movimento de São Paulo prá cá. Nós falamos: “*ah, meu Deus, eles vão vir prá cá!*”. Mas não era. A gente comentou com eles e eles: “*ah, meu Deus, mas não podem fazer isto. Podem usar até vela, mas deveriam usar outro nome*”. Mas não sei... Aqui é grupo de pagode, né?

Aqui é pouco! Olha, aqui em Florianópolis, né? A gente vai prá Itajaí, a gente vai prá Joinville... Agora a gente vai tocar todo primeiro sábado e domingo em Itajaí, na Casa de Bamba. Lá o pessoal também gosta. Lá é até meio parecido com a Praça Onze. E lá é gostoso. A gente

toca de vez em quando em Itajaí e Blumenau, porque aqui era fraquíssimo.

Ah, é que a aqui... Não sei explicar! Parece que... Eu e a minha prima vamos aos lugares e pensamos: “*por que aqui é assim?*”. Tanto que, já fizemos de tudo para estar trabalhando, vivendo da música, mas a gente já viu que não dá, não tem como, mesmo. É difícil. Lá já é difícil, imagine aqui? Entendeu? O duro é que você não pensa que haverá condições aqui na cidade prá realizar um projeto assim, por isso o nosso desejo é mais sair do que ficar...

Minha família é católica, mas...

Minha família é católica. Eu cresci na igreja católica, mas também já fui para um Centro Espírita, de mesa branca, e também para a umbanda. Eu não tenho assim uma religião... Eu me batizei, fiz primeira comunhão, me crismei na igreja católica, mas hoje em dia eu vou num centro de umbanda prá me benzer, mas não tenho assim uma religião. Também não acompanho nenhuma atividade religiosa na umbanda, só vou mesmo prá me benzer, tomar *passé*⁴⁹, mas não acompanho não. Até faz pouco tempo que eu estive na igreja católica, em uma missa que as crianças daqui foram ensaiar para cantar, nós juntos prá ver e acabamos participando da missa. Depois nos convidaram para participar do coral da igreja. A gente está vendo se será possível, mas geralmente os ensaios do coral são aos sábados, e nos sábados nós cantamos. Na igreja, eles queriam fazer uma missa com o pessoal aqui da *aldeia*. Proposta seria cantar sempre no primeiro domingo de cada mês na missa das crianças. No entanto, como o nosso grupo estava indo tocar todos os primeiros sábados do mês em Itajaí, ir à missa todos os domingos de manhã ficava muito complicado. Agora, ouvi que a gente pode passar a tocar lá em Itajaí todo segundo sábado, aí vamos ver, ainda não sei.

Meu gosto forte mesmo é a umbanda

Eu gosto da umbanda. Eu me sinto bem lá no Centro Espírita, em que freqüentamos. Na igreja católica e na umbanda também me sinto bem. Mas, o meu gosto forte mesmo é a umbanda. Eu gosto mesmo! Olha, até conheço os cantos dos rituais de umbanda, porém não cantei lá

⁴⁹ Transmissão de fluidos de uma pessoa (encarnada e/ou desencarnada) para outra, com a finalidade de beneficiá-la.

ainda. Quando a gente está lá no Centro, lá no da Trindade ou no do João Paulo, eles nos convidam prá gente cantar e participar das festas. Eles sempre querem que a gente vá porque sabem que cantamos. Algumas vezes, eles pedem prá gente cantar e a gente canta.

Na verdade, sempre que nós vamos ao terreiro, as pessoas pedem prá gente cantar. A minha mãe sempre costuma ir para se benzer, tomar passe. Aqui de casa todo mundo vai à Umbanda prá se benzer. Minha mãe agora está freqüentando a missa para acompanhar minha sobrinha que está cantando no coral. Elas vão à missa todo o domingo. Minha sobrinha deve fazer catequese no ano que vem porque já está com idade e, também, porque está gostando dos ensaios do coral. Todas as crianças aqui da *Aldeia* estão indo para cantar lá na igreja católica.

A minha falecida avó, mãe da minha mãe, já foi iniciada na umbanda. Minha irmã começou a freqüentar, mas não foi mais. Os meninos do grupo de samba até são batizados como *ogãs*⁵⁰, eles freqüentavam, mas agora não vão mais. Aqui na *aldeia* só os mais antigos trabalharam no centro de umbanda. Eu quando vou... eu não sei... não senti nada ainda. Há pessoas que vão e sentem aquela vibração durante os rituais. Minha irmã foi uma que sentiu, mas eu sou mais encantada pelas músicas, fico louca pelos batuques e até fico com vontade de estar ali no meio, mas nunca senti nada. Eu acho que não tenho, porque eles dizem que quem deve e quem não deve estar ali dentro. Até hoje ninguém [entidade] falou prá mim ainda, então... Eu nunca senti nada. Agora os primos meus e a minha irmã vão porque sentem e sabem que tem que trabalhar, mas eu ainda não. Se fosse prá eu ir, iria. Se as entidades me dissessem que tenho que desenvolver minha espiritualidade, iria porque eu gosto! Agora, quando ouço os batuques fico louca, adoro!

Trabalhei mais em casa ajudando a mãe

Na verdade, o meu único emprego é onde estou até hoje: na creche. Trabalhar fora de casa nunca trabalhei, não. Trabalhei mais em casa ajudando a minha mãe. Não tive outro serviço além desse. Eu trabalhei na creche em 2004, depois fiquei parada dois anos. Em 2007, me chamaram novamente na creche para substituir uma professora com

⁵⁰ *Ogã* é uma pessoa iniciada nos rituais de matriz africana e uma de suas atribuições é tocar os atabaques durante as cerimônias.

licença gestação, lá estou até hoje. Eu gosto de trabalhar na creche, mas não é o que eu gostaria de estar fazendo. Como já disse: se pudesse estar vivendo da música, eu ficaria só com a música, mas é difícil, né? Só mesmo em São Paulo isto é possível. Só tentando prá saber se vai dar certo ou não [viver da música]. Essa é a minha vontade, o meu sonho.

Mas eu não sei... Não é o que eu quero

Os trabalhos que exerço não têm relação como meu sonho, meu projeto. São coisas separadas. E também não tem contribuído porque a creche... Não sei... Não me atrai. Há anos que tenho pensado nisso. Quando eu comecei a fazer o curso de magistério pensava assim: “*eu quero seguir, quero ser professora*”. Hoje penso diferente: quero chegar em São Paulo, é lá que a gente tem que estar. Penso isso muito forte. Já me perguntaram: “*porque você não estuda música prá ensinar crianças?*”. Ainda não surgiu nada assim prá mim. O que quero em torno da música não tem nada a ver com a escola. Naquele projeto social, em que começamos a cantar quando tinha uns treze anos, a intenção é era aprender a teoria e várias coisas para depois ensinar as crianças da comunidade quando a gente fosse maior. Eu acho que se continuasse naquele projeto, poderia estar hoje dando aula para crianças da comunidade. Essa era a intenção. Na época a gente gostou da idéias, como acabou a verba, acabou o projeto. Depois ficou só como reforço escolar, a música foi cortada. Na creche tem uma professora que está fazendo um trabalho voluntário, ela toca pandeiro, ensina musiquinha para as crianças. Ela ensina as crianças fazerem instrumentos com garrafa plástica e copos de iogurte; ela monta diversos instrumentos com eles. Na verdade, penso que dá prá fazer muitas coisas, mas eu não sei... não é o que eu quero. Meu negócio é cantar na noite.

Todo o dia eu chego em casa com minha cabeça estourando...

Eu gosto das crianças. Eu gosto do jeito delas e de estar lá pelas crianças. Gosto muito! Você precisa ver o jeito delas comigo. Emociona, né? Então, o dia-a-dia é legal, a não ser as outras coisas que acontecem no serviço. Acho que qualquer serviço tem problema. Lá as professoras e auxiliares estão divididas: professoras, professoras, e as auxiliares, auxiliares. Elas estão nesse pensamento. Atualmente, a direção da creche está sendo mudada. Quando era a outra diretora, era igual prá todo mundo: os trabalhos, o planejamento. Todo mundo tinha

que fazer: as auxiliares podiam participar como as professoras e podiam dar sua opinião. Agora com as professoras que chegaram é assim: professor é professor e auxiliar é auxiliar. Fica uma carga negativa e as crianças percebem o ambiente pesado. Já houve discussões entre professores e auxiliares. Por causa disso, pelo que está acontecendo, há dias que não tenho muita vontade de ir trabalhar; há dias que a gente está meio nervosa, meio atacada, e as crianças ficam estranhas porque elas sabem que a gente não é daquele jeito. E não é por causa delas, mas pelo ambiente tenso. Às vezes, fico com aquele pensamento: “*por que não chega o final do ano logo?*”. Sinceramente, fico desanimada e não vejo a hora, se desse prá ir prá São Paulo, eu iria logo.

Toda esta situação também tem a ver com o reconhecimento de nosso trabalho, por isso, a gente fica agoniada. Ah! É muito rolo, muita fofoca e eu não gosto dessas coisas, sabe? Aí, a gente escuta daqui, escuta dali, prá não dar rolo, fico quieta no meu lugar. Tem auxiliar que fala da professora com quem eu trabalho, e a professora fala mal dessa auxiliar. Sabe? É assim, e eu não gosto de confusão. Todo o dia chego em casa com minha cabeça estourando, sabe? Ontem, estava conversando com a menina que é auxiliar na parte da manhã, e ela me disse: “*ai, eu não agüento mais a professora da nossa sala. Não agüento mais! Qualquer hora eu vou explodir!*”. Hoje, quando eu cheguei à creche no meu horário, que é meio dia e meia, mas eu entro sempre meio dia, aí me disseram que ela passou mal, dor de cabeça muito forte, ela começou a chorar, chorar! Acho que ela não agüentou aquilo tudo ali. Ficou segurando, guardando com ela toda a tensão, depois acabou explodindo, chorando. Ela chorava tanto que teve que ser levada prá casa, porque estava passando mal. Mas, ela não teve coragem dizer o que estava acontecendo, o porquê passou mal, o porquê estava tão estressada. Tá todo mundo assim! Mais ainda as auxiliares de sala. Aí, as crianças percebem, ficam agitadas, pois toda a situação reflete nelas.

Na creche toda são 96 crianças e na minha classe são 19 crianças, a maioria delas é daqui do Morro da Caixa (Florianópolis). A maioria delas é branca e carente também. As professoras novas, na verdade, para provocar as auxiliares mais antigas, dizem que não devemos seguir uma rotina com as crianças. Mas, muitas coisas são rotinas e acho que deve ser assim. Há anos que é desse jeito e é desse jeito que vem funcionando, vem dando certo. A gente tem um jeito de

abraçar as crianças, e se esse jeito funciona por que mudar? Mas, professoras chegaram e quiseram mudar tudo. Só que não deu certo, está tudo errado, entendeu? E elas não querem admitir que o nosso jeito dava certo. Tanto que tem hora que elas berram com as crianças. Penso comigo: *“Ah, não precisa gritar!”*. Não é gritar, a gente fala firme com as crianças olhando prá criança. Elas querem amolecer, falando com carinho, toda hora tratando como as crianças como bebê. Elas não são bebês, elas mesmas falam: *“eu não sou bebê”*. Dá comida na boca. Não, elas têm que aprender a comer sozinhas! Eles já vieram de uma turma que sabiam fazer tudo sozinhos, tanto que eles estão regredindo. A minha turma já tem uns fazendo cinco anos e outros fazendo quatro anos. Mas, todas as crianças ficam esperando a professora dar comida na boca, porque uma professora começou a dar comida na boca de uma criança que não queria comer sozinha. Todo dia ela dava comida. Agora todas querem comer na boca. E os pais aparecem, reclamam: *“Ivone, o que está acontecendo, as crianças não eram assim, estão muito manhosa?”*. Essa professora nunca trabalhou na educação infantil, ela era do ensino fundamental. Daí, ela trata as crianças como se fossem bebezinhos. A gente fica agoniada porque não é assim que funciona. É claro, a gente tem a hora do carinho, de incentivar a comer, de dar carinho. Resumo: as professoras acham que têm que estar fazendo carinho e dando comida na boca da criança toda hora e nós (as auxiliares) achamos que as crianças já são grandes e têm que aprender a comer sozinhas. A Diretora da creche está do lado das professoras porque acha que elas estão certas e não aceita nossa opinião de jeito nenhum. Assim, o ambiente fica bem estressante. A creche começou a funcionar em fevereiro e quando saímos da primeira parada pedagógica pensamos assim: *“ah, elas [as professoras] vão pegar o jeito, vão se acostumar com o jeito da creche”*. Imaginávamos isto porque inicialmente elas chegaram e pediram muita informação: *“ah, gente fazia assim, assado”*. Mas, já estamos em setembro e nada mudou! Só rolou discussão. A gente tenta largar de mão, mas a gente não consegue! Não dá, a gente vê as coisas e vê a situação ali acontecendo...

Não há um planejamento prá seguir, tipo um projeto; *“ah, vamos falar sobre os animais”*. Elas não seguem. Tudo fica solto e você vê que as crianças estão perdidas. Têm crianças que não conhecem a letra do seu nome e estão fazendo quase cinco anos. Elas têm que ter um projeto ali prá ensinar. Nos outros anos ia tão bem, porque as professoras trabalhavam junto com as auxiliares. Meu Deus, a turma do

ano passado era tão inteligente! As crianças de agora também são inteligentes, só que não estão ensinando direito para elas o que é prá ensinar, entendeu?

Somos só nós duas, mesmo...

Eu tenho a minha irmã, a minha prima e também a Cris⁵¹, que considero como se fosse uma prima. A Cris é minha amiga desde a infância, desde os meus seis anos. Nós crescemos juntas e até hoje somos amigas. Ela é tratada como se fosse da família, frequênta aqui em casa e tudo. Hoje em dia como trabalha aos sábados e também tem namorado a gente não está saindo mais juntas e não estamos nos vendo. Éramos sempre nós quatro que combinávamos para ir a um barzinho no final de semana. E quando não tínhamos dinheiro, fazíamos comida na casa de alguém. Eu achava legal nessa época porque nós ficávamos as quatro até altas horas conversando sobre nós ou ia prá praia, sempre juntas. Agora cada uma foi para um lado e somente eu e minha irmã estamos mais unidas, porque a gente canta junto, está sempre conversando, dorme no mesmo quarto. A gente acha que somos só nós duas, mesmo. Na verdade, as minhas primas sabem tudo sobre a minha vida, tudo, já as amigas da creche não são tão assim, estas são mais colegas.

Prá todo mundo ficar olhando prá gente

Minha prima vende roupa e prata. Ela sabe tudo sobre meu gosto..., sobre meu jeito de se vestir. Ah! eu já gosto de me aparecer, né? E ela sabe disso: “- *Ivone gosta dessa calça! Essa vai ficar bem legal nela*”. Ela tem isto, tipo, vê a roupa e já me enxergar nela. Ela fala como vai ficar em mim, sabe o meu estilo, então, ela costuma separar roupas e bijuterias sem saber se vou comprar ou não. Ela tem uma lábia, que meu Deus! Quando a gente tinha costume de sair, ela me ligava: “- *com que roupa tu vais?... ah, então eu vou com aquela minha assim...*”. Era só prá todo mundo ficar olhando prá gente e essas coisinhas assim. A Cris é quem melhor sabe o meu jeito, as outras são apenas colegas, com elas não tenho tanta intimidade.

⁵¹ Nome fictício.

Eu sempre tive mais namorados brancos

Eu sempre tive mais namorados brancos. Não acho que as minhas relações afetivas isto tiveram alguma influências, mas tem essa coisa dos homens negros dizerem: “*ah! Você só quer branco*”. E eu respondo: “*Claro, vocês não dão bola*”. Não é que eu prefiro branco ou preto para namorar. É que normalmente aparecem os brancos prá ficar, e não os negros. Já namorei negro, mas sempre foram mais brancos. Ah! todas as minhas amigas pensam desta maneira. É tipo assim, parece que prá gente é mais normal ver um negro com uma branca do que os homens negros aceitarem a mulher negra como um branco aceita, por que eles sempre falam; “*tu só queres branco!*”. O homem negro fala sempre isso prá gente e já foram várias vezes que eu ouvi isto. Atualmente, eu nem falo mais nada. Agora, nunca me abalei...

Um salão prá negros seria legal...

Costumo fazer meus cabelos em casa mesmo. Estas minhas tranças são feitas em casa. Dessa vez foi minha mãe que fez as tranças em mim. A opção de fazer em casa é porque nunca ninguém faz, eu nunca vi um salão de beleza que faça... Há a Pérola que faz os penteados lá mesmo na Praça XV, porque não tem um salão prá negros. Eu nunca iria à Marilda, imagina eu fazer os meus cabelos rua com todo mundo passando. Algumas vezes, a gente fala assim “*ah, porque a gente não abre um salão*”, mas sempre fica assim, só no falar. Até tem o salão *Fios e Formas*, o único salão que tratar de cabelos negros. Mas um salão para cabelo afro, que saiba fazer tranças, não tem. Só tem prá tu fazer relaxamento no cabelo. Um salão prá fazer um afro, uma trança, eu nunca vi. Eu acho que um salão prá negros seria legal. Aqui na *aldeia* até as crianças pequenas fazem: trançado, borrachinha, outra sabe fazer unha, pintar unha, tirar cutícula, outra sabe fazer alisamento, penteado, maquiagem. Sempre outra que faz aqui, outra ali. E dava para montar um salão. A gente faz entre nós aqui, até prá pessoas de fora, “*se eu pagar, tu faz em mim?*”. A gente poderia montar um, né? Já falei que eu ficaria na parte administrativa, na propaganda, porque não sei fazer nada. A única coisa que sei fazer é pintar a minha unha, mas não consigo fazer em outra pessoa. Era bom ter um salão onde a gente pudesse ir, um lugar certo. Porque em casa é difícil, porque em casa as pessoas têm outras coisas prá fazer, e depois encontrar alguém em casa está mais difícil, também.

Ainda não parei prá pensar direito sobre o assunto

Aqui em casa minha irmã que faz pedagogia na Federal fala direto sobre cotas e ações afirmativas. Eu também acho que deveria ter como tem né? Como a gente fala aqui, acho que tem que ter cotas prá negros, porque os brancos estudaram em colégios melhores, colégio pago que têm um ensino melhor. Olha! Eu sou a favor, mas ainda não parei prá pensar direito sobre o assunto, sabe? Prá eu ter uma opinião mesma.

“O que elas estão fazendo aqui?”

Eu não lembro assim de ter passado por situação de discriminação racial. Eu não sei, pela cor... Eu não sei se eu já comentei com você sobre um show da Beth Carvalho que tinha só ricaço, todos sentados na parte que era reservada só as mesas de frente para o palco. As pessoas nos olhavam assim de cima abaixo, dos pés à cabeça, como se dissessem: “*o que elas estão fazendo aqui?*”. Bem dizer: “*elas não têm condições*”. Eu não sei! Depois a gente subiu ao palco e cantou com a Beth. Quando descemos, me sentia querendo dizer que éramos meio que igual a elas. Eu não sei ali eu me incomodei muito. Sabe que me deu vontade, quando desci daquele palco, de sair com o nariz empinado, nem olhando para os lados. Agora eu sou igual? Foi muito bom, elas ali olhando e eu pensando comigo, vamos ver como é que vai ser depois, né, quando ela chamar a gente lá em cima. E foi bem o que aconteceu, a gente subiu e quando a gente desceu a gente era igual a eles.

Também já teve aquela situação assim “*por que a gente veio prá cá, não devia ter vindo prá cá*”. Outras vezes a gente chega prá tocar e o pessoal fica com olhar estranho. Até o cara da mesa do som parece arrumar o som com má vontade. Eu não sei se eles acham que a gente não toca bem, não sei o que é, aquela coisa, o pessoal fica meio assim! Só depois da gente começar a tocar que querem tratar a gente bem, arrumar o som bem rápido. Quando chegamos o pessoal fica meio assim, indiferente, a não ser aquele pessoal que nos conhece. É sempre isto na maioria dos lugares que a gente vai. Vixe! Há várias vezes que parece que temos provar antes de ser reconhecidos. Normalmente, numa festa de aniversário, numa festa em algum outro lugar como um clube social, onde não se toca samba, a gente começa a tocar daí a situação vai mudando.

Na verdade, eu fico bastante incomodada com isto. Já teve vezes de a gente ir num lugar, era uma festa de *hip hop*, nós achamos que eles não iriam gostar, o clima parecia muito pesado, e quando a gente começou a cantar, todo mundo junto ali começou a curtir. Porém, minha vontade era ir embora, não me sentia bem, ‘tava uma carga muito negativa. Quando acabado de chegar em casa, depois daquela apresentação, minha tia nos ligou dizendo: “*acabaram de matar um menino lá dentro daquele bar*”. A gente viu que tinha um pessoal da barra pesada ali, a gente achou que eles não iam gostar. Eu não sei o que passava na nossa cabeça quando aceitamos tocar ali. Nós ficamos com uma sensação ruim. Quanto aos meninos [do grupo], eles já curtem tudo porque se tem mulher prá eles: “*tá tudo dez, tá tudo ótimo*”. A gente veio embora e eles ficaram por lá, mas na hora do tiroteio ficaram desesperados.

AUTORRETRATO III: JOÃO JEQUETIBÁ E OS ANJOS FINGIDORES

*As circunstâncias não conseguem me deter
Eu me levanto e continuo a caminhar
E confiante não há mais o que temer
Tudo aquilo que eu sonhei eu vou realizar
(Aline Barros)*

Sou professor...

Eu nasci em São Paulo, capital. Eu me formei em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina. No momento, também estou cursando jornalismo na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), estou fazendo a sexta fase. Sou professor e trabalho na Escola de Educação Básica Ir. Maria Teresa, na Ponte do Rio Imaruim, em Palhoça, e no CAIC, Centro Integrado de Atendimento à Criança e ao Adolescente, no Passa Vinte, também em Palhoça. Além disso, no CAIC trabalho com educação complementar: de manhã atendo crianças que vão às escolas no contra-turno e à tarde trabalho com teatro.

Moro com meus pais...

Há vinte e dois anos moramos aqui na Barra do Arariú, em Palhoça. Mas, nasci em São Paulo e vim para cá com um ano de idade.

A gente chegou a morar em Florianópolis, depois em Forquilha, São José, onde ficamos dois ou três meses, e em seguida a gente veio morar aqui na Barra. Aqui moro com os meus pais. Na verdade, moro com minha mãe e meu padrasto, além de uma irmã adotiva que tem dez anos, aliás, ela fez dez anos ontem. Também tenho uma irmã de sangue, que está casada e tem hoje vinte e três anos. Atualmente, ela mora em São Paulo.

Ele chegou ameaçar que mataria nós dois...

Minha mãe se separou de meu pai verdadeiro, quando eu tinha mais ou menos um ano de idade, porque ele batia nela. Este foi o motivo que a fez sair de São Paulo. Antes, ela não tinha nenhum vínculo familiar aqui em Santa Catarina. Ela saiu fugida de lá porque ele a maltratava. Ele bebia demais e maltratava minha mãe e a mim também... Ele chegou ameaçar que mataria nós dois! Certa vez, houve uma situação em que ele me pegou pelos pés ameaçando, e minha mãe se viu em apuros para conseguir me tirar das mãos dele. Neste dia ele estava completamente bêbedo. A partir daquele dia, ela decidiu cair fora, pois as coisas poderiam piorar. Assim, ela fugiu para a casa de uma ex-patroa que a conhecia antes dela se casar. Esta mulher, que deu todo apoio para minha mãe, teve uma de suas filhas mudando para Floripa, depois de se casar. Deste modo, minha mãe veio para trabalhar de doméstica na casa desta família. Até os meus sete anos, moramos com esta família, depois que minha mãe se casou novamente houve um rompimento... Um choque! Esta família cuidava da gente e o casal tinha se tornado meus padrinhos. Eu cresci acostumado com eles, fazia todas as atividades com eles, tinha aula de inglês, fazia diversos cursos, tinha outra rotina familiar. Inclusive, em alguns momentos, eu acabava desconsiderando a minha mãe porque ela era a doméstica da casa e para uma criança isto parecia muito vergonhoso.

Não quis ficar com minha mãe...

Eu não queria dizer para as outras crianças que minha mãe era uma doméstica, então, às vezes, omitia isto. Hoje, você percebe toda aquela situação de uma forma diferente, mas naquele período, me lembro, tinha uma conduta bem diferente. Também tinha os meus motivos, porque meu padrinho e minha madrinha me bajulavam muito: eles me tratavam como se eu fosse o filho deles e não da minha mãe.

Assim, quando minha mãe decidiu se casar novamente, eles romperam este vínculo afetivo, houve uma briga muito grande..., e diversas discussões. Eu me lembro que sofri bastante, porque estava acostumado com aquela vida. É óbvio que eu não quis ficar com minha mãe, porque queria ficar com eles. Achava isto natural porque eu não tinha uma vida instável. Para uma criança tinha tudo: brincava tinha um quarto só para mim além de um monte de benefícios. Eles queriam ficar comigo e tentaram me levar embora de volta para São Paulo. Mas, não, minha mãe lutou até o fim para eu ficar com ela. Naquela época, eles voltaram para São Paulo e o rompimento do vínculo ficou definitivo. Aí minha mãe casou com o meu atual padrasto.

Minha mãe tem até a terceira ou quarta série primária. Ela não sabe ao certo em qual série parou de estudar. A mesma coisa com o meu pai... Aliás, o meu padrasto... Ele estudou até a quarta série.

Desconheço a história de meu pai...

Minha mãe tinha vindo de Alagoas para São Paulo. Ela tinha perdido a mãe com sete anos e o pai com onze anos de idade. Nesta época, como ela e os irmãos eram muitos novos e não tinham qualquer experiência para tocar as terras dos pais, decidiram sair do campo para uma cidade grande. Eles eram ao todo oito irmãos (parece que dois ficaram lá, em Alagoas). Para São Paulo vieram minha mãe e um dos irmãos, com quem ela tinha uma relação afetiva bastante forte. Eles moraram em uma pequena quitinete até minha mãe começar a trabalhar como doméstica nesta patroa que a ajudou vir para Florianópolis. Ela, depois, arrumou outros empregos até montar uma banquinha em que vendia frutas e verduras. Aquela patroa ajudava e minha mãe até estava bem com o pequeno comércio crescendo. Foi neste período que ela conheceu meu pai e, depois, se casaram. Então, eu desconheço a história de meu pai, só sei que era um cara esperto, malandrão, ligado assim nas coisas. Ele era muito inteligente. Sei disso por tudo que minha mãe me conta sobre ele. Meu pai era um eletricista, mas fazia de tudo um pouco e era também muito mulherengo. Antes disto ela teve outros namorados, aquela coisa toda, né? Toda a grana que ela ganhava, mesmo trabalhando grávida, dava na mão de meu pai para ser depositado. Ela não sabia que ele gastava tudo com festa, com bagunça. Ela aos poucos foi descobrindo toda a história, com os parentes contando para ela abrir os olhos sobre as traições. Nesta época, ele bebia mais e mais e,

também, começou agredi-la quando chegava em casa. Logo que se casou, minha mãe ficou grávida e me teve, mas quando ele começou agredi-la muito, ela tomou a decisão de fugir.

Uma pessoa muito trabalhadora, muito dedicada

Por isso, ela não tinha nenhum conhecido aqui em Floripa. Nós não tínhamos ninguém, éramos os únicos. Isto por parte de mãe, por parte de meu padrasto, sim. Toda a família dele é daqui, todos os irmãos são daqui. Ele é daqui da Penha/SC, mas ficou morando um bom tempo no Paraná até mudar-se para cá. Os outros irmãos dele que são do Paraná. Eles são de uma família de quinze irmãos, morreram alguns... Eu acho que foram dois que morreram.

Minha mãe trabalhava como doméstica, fazia faxina. Há períodos em que ela trabalhou de carteira assinada também numa casa só e, em outros momentos, não permanecia muito tempo, sabe? Acho que trabalho de faxina, de empregada doméstica é muito transitório, porque a pessoa fica um período, fica um ano, dois anos, daí você sai e vai para outro lugar. No fundo depende de cada pessoa. Minha mãe é de um temperamento forte, sabe? Se tiver que dizer determinada coisa, ela fala e deu... Não tem medo, sabe? Inclusive para as patroas. Em alguns momentos, acho que isto acabou prejudicando ela. Alguns empregos ela perdeu porque não levava desaforo para a casa. Então, se percebesse que a pessoa estivesse pisando nela... Claro, existem inúmeras formas de dizer as coisas, mas ela não media as palavras. Então, dava cacetada mesmo. Ela perdeu alguns empregos em função disto, me recordo, mas sempre foi uma pessoa muito trabalhadora, muito dedicada.

Lembrança mais gostosa mesma

Eu estive em creche desde pequeno quando estava na casa de minha madrinha. Eu freqüentava uma creche até porque ela era dona de uma creche no bairro da Trindade mesmo, ali perto do CIC⁵². Ali passei quase todo o meu período na educação infantil. Naquela creche, que era uma instituição particular, havia diversas atividades inclusive aula de inglês e grupo de música. Eu a freqüentei até os 6 anos de idade, quando houve o rompimento, e, então, fui para o Educandário de Santa Catarina.

⁵² Centro Integrado de Cultura é complexo administrado pela Fundação Cultural Franklin Cascaes da Secretaria de Estado de Cultura e nele

Neste período, fomos morar um tempinho na Forquilha e depois viemos aqui para a Barra do Arariú. No Educandário de Santa Catarina eu ficava na parte da manhã e à tarde ficava em uma outra instituição escolar, que tem ali ao lado - mas não me recorro do nome até porque a memória do Educandário é mais forte que a escola. Parece até engraçado, a lembrança mais gostosa mesmo é a do Educandário, embora os meus colegas ali fossem crianças de risco que me batiam bastante. Em alguns momentos, éramos bem reprimidos. Os professores eram tradicionais e carregam consigo uma régua, com a qual, às vezes, nos batiam e, outras vezes, nos batiam, na hora do almoço, com uma concha na cabeça porque nós almoçávamos lá e fazíamos alguma bagunça. Apesar disso, eu tenho um carinho muito grande pelo Educandário, uma lembrança muito boa dos momentos que passei lá. Em contrapartida, você via a preocupação dos professores te quererem bem, à maneira deles é óbvio. Apesar do tradicionalismo da educação da época, eles te queriam bem. Por isso, tenho um carinho muito grande porque aprendi muito lá. Esta era uma fase da infância fundamental, importante.

Em um período do dia você estudava em qualquer outra escola e de manhã ou à tarde ficava no Educandário, que atendia as crianças no contra turno das escolas. Claro, para crianças até os seis anos de idade tinham creche e maternal. Por exemplo, como minha irmã ficava lá na creche, eu ficava com ela. Neste caso, nós íamos à escola de manhã e só saíamos de lá do (Bairro) Roçado por volta das seis horas ou sete horas da noite, horário em que minha mãe saía do serviço.

Fiquei no Educandário até a quinta série... Melhor, até a quarta série, porque a quinta série eu fiz na Palhoça. Na quinta série eu tive um problema nos dentes, estavam nascendo um atrás do outro, encavalados, e como tive que fazer tratamento, faltava bastante na escola. Eu perdi aquele ano por não conseguir acompanhar em função das faltas e também porque tinha ficado acostumado com Educandário. Isto me lembro muito bem! No Educandário tinha apoio pedagógico na parte da tarde, havia os professores me ajudavam nos exercícios e tarefas da escola. Quando saí dali senti muita falta deste tipo de apoio. Normalmente, ficava em casa e ainda tinha que cuidar de minha irmãzinha para a mãe poder trabalhar. Com isto, não estudava e perdi aquele ano.

Drama em relação à questão da cor da pele, sabe?

No ano seguinte, fui estudar em escola estadual no centro da Palhoça, ali fui até o primeiro ano de ensino médio. Era um menino tranqüilo, gostava de estudar, mas também não levava desaforo para fora. Desde o Educandário tinha um..., não sei..., drama em relação à questão da cor da pele, sabe? Por que os meus coleguinhas pegavam no meu pé e daí lixava: se me chamassem de “*negão*”, de “*macaco*” ou qualquer coisa do gênero, eu batia. Olha, se tinha uma coisa que me deixava muito enfurecido era isto. Quando estava no Educandário briguei algumas vezes por causa disto e não foi muito diferente quando fui para a escola Venceslau ou para o Colégio Ivo Silveira. Lembro-me que quebrei os dentes de aluno mirim e coisas do gênero. Tudo em relação à cor e geralmente a briga estava relacionada com o futebol. Engraçado, eu não brigava em qualquer outro esporte, e acho que poucas vezes briguei por isso em sala de aula. Mas, sempre estava relacionado ao esporte. Se o cara folgava comigo de imediato não fazia nada, mas quando nos encontrávamos no jogo de futebol, descontava tudo aquilo que tivesse me feito em outro momento ou em uma outra circunstância. Vou te contar: teve um caso engraçado no Colégio Ivo Silveira que eu nunca me esqueço. Um menino passou por mim quando estava trepado em uma árvore e gritou ‘*E aí, macaco!*’. Nossa, eu pulei da árvore, bati e ainda botei um monte de bosta de boi no rosto do guri. Olha, depois ficava mal. Eu fazia aquilo e ficava mal em todas estas situações depois me arrependia e até ia lá conversar com o menino. Mas eu bati em muitos... e também apanhei bastante. Esta situação de violência, talvez, se fosse hoje eu não estivesse mais vivo, porque realmente na época eu não levava desaforo para casa.

Isto me martelava, me marcava e me machucava

Por isso, hoje, eu entendo muito os meus alunos, as crianças com as quais trabalho: alunos hiper-ativos, alunos de difícil acesso ao coração, quer dizer, às vezes, não querem te escutar. Verdade, alunos com uma hiper-atividade tremenda que não param quietos e até mesmo com uma fúria, né? Porque há alguns que eu não sei o quê tem dentro deles que a gente não entende. Ontem, tive um caso deste no ônibus, o guri me dizia “*Eu vou te bater*”. Eu conversei um monte com ele, porque discuti com outro professor. Sei que, às vezes, você tem muitas dificuldades, muitos problemas. Era nisto que eu passava: a ausência de

meu pai que não conhecia e um padrasto, que na minha infância, foi omissos. Hoje não, meu padrasto é um amigo. Mas na minha infância ele foi extremamente omissos. Isto me indignava, me incomodava, porque eu queria ter tido alguém que pudesse contar, que me levasse a um parquinho, que me chamasse de filho com prazer. Eu me lembro muito bem disso, pois via os outros pais ir buscar os filhos na escola e os abraçavam e davam um beijo, enfim, elogiavam. Eu não recebi um único elogio e eu o considerava como um pai, porque não conheci o meu e ele era o meu pai. “Ah! *seu burro!*” para qualquer coisa que eu fazia de errado; “*Seu bastardo!*”; “*Não vai ser nada na vida!*”; “*Ah! Eu sabia, vai ser igual ao seu pai*” e essas coisas todas. Sabe? Isto me martelava, me marcava e me machucava. Então, em determinados momentos, extravasava através da violência com os coleguinhas. Claro, nada justifica isto. Hoje, sei que não se justifica, mas, esta questão do preconceito, tinha muito forte. Minha mãe sempre me dizia assim: “*Olha! Não leve desaforo para casa, neste sentido*”; “*Entende? Não deixe te xingar de ‘negão’, não deixe estas coisas assim...*”. Então, eu não levava nenhum desaforo para a casa.

... Somente eu de negro

Olha, neste período em que estava nestas escolas, o preconceito era muito forte. Na minha sala havia somente eu de negro e todo mundo era branco. Isto foi desde as séries iniciais até a faculdade. Sempre tive a experiência de um ou dois negros na sala e os restantes dos alunos eram em sua maioria de brancos. Desta forma, sempre tinha preconceito e, acho, tem até hoje. No Educandário, apesar de ser uma instituição que atendia crianças em situação de risco, a presença de negros não era tão forte, mas tinha, porque estava impregnado no social, né? Às vezes brincar de certa forma era pirraça, coisa de criança. Hoje, eu vejo com uma outra visão tudo isto, mas na época eu não tinha este entendimento. Se um menino zoasse com a minha cara, partia para cima mesmo...

Vou ser aquele cara de quem sempre fala

Fiz o primeiro ano do ensino médio no Colégio Ivo Silveira. Ah! Até esqueci-me de comentar: era um ótimo aluno nas disciplinas de Exatas, como Química, Física. Sempre tive uma facilidade muito grande para as Exatas. E no Ivo Silveira também. Mas, ali tive um professor

que marcou minha vida: chamava-se Gilberto⁵³, era o professor de Matemática. Até a sexta série não gostava muito de estudar, mudei quando conheci esta figura. Ainda, hoje, dá aula naquele colégio, mas deve estar para se aposentar. Ele era um professor que cobrava bastante e, geralmente, quando fazia prova depois dava um sermão em todo mundo. Muitos alunos o odiavam! No início, tinha muito medo de pegá-lo como professor, “eu vou reprovar”, pensava. Já tinha perdido um ano e não queria reprovar outro. Então, sentava bem na frente e me dedicava ao máximo. Eu me lembro que na primeira prova tirei dois, na segunda também tirei uma nota parecida com isto, foi a partir daí que pensei ‘eu vou ter que começar a estudar’. Assim, comecei a perguntar mais, sentar com colegas e fazer grupo de estudos. Daquele dia em diante, com os sermões que ele dava, comecei a tirar notas boas. Ele sempre falava: “*tem que estudar*”: “*Tem que se dedicar*”: “*A vida vai, além disso!*”: “*Vocês não se preocupam hoje, mas tem que se preocuparem com o amanhã!*”. Acho que tudo isto ficou impregnado na cabeça. Lembro-me dele com carinho muito grande e, até hoje, o admiro bastante, pois foi uma pessoa fundamental e importante na minha mudança que ocorreu no decorrer de minha trajetória de estudo. Ah! a figura do Gilberto, os seus sermões, as aulas, as lições de moral que ele nos dava foram fundamentais. Tanto é que tenho sua imagem no meu discurso como professor, não como moralista, mas como incentivador, para fazer com que os alunos se perceberem e refletirem em cima de sua prática ou, a partir do teatro, de vivência de histórias. Eu vivi várias destas situações na pele e sei como elas me ajudaram a mudar. Penso que, às vezes, o quê o aluno precisa é deste empurrão. Então, quando estudei com o Gilberto, ele como professor me motivava e eu me empenhava para tirar nota boa, passar de ano e para ele me elogiar: “*Pó! Gilberto, eu vou ser aquele cara de quem sempre fala tanto em seus sermões*”. Em seus sermões, ele citava exemplos de pessoas bem sucedidas e eu pensava como: “*um dia você vai me citar como exemplo*”. Assim, no primeiro ano me dediquei, me esforcei para ser aquele cara tipo modelo que ele pudesse usar como exemplo nas aulas. Nunca me esqueço disto.

Estudar em uma escola adventista...

No segundo ano do ensino médio, ganhei bolsa para uma escola particular. Na verdade, sou adventista de berço e sempre quis estudar em

⁵³ Nome fictício.

uma escola adventista, mas nós não tínhamos condições financeiras porque é particular, da igreja. Naquele ano, me deu na telha de ir lá pedir uma bolsa. Então, convidei uma amiga, que era adventista e estudava comigo no Ivo Silveira, para irmos juntos. Ela topou e fomos pedir. Nesta época, estava com uns quinze ou dezesseis anos. Chegamos ao colégio adventista e eu disse que era carente e não tinha condições financeiras, mas gostaria muito de estudar em uma escola adventista e vivenciar uma possibilidade de uma escola confessional. O diretor do colégio nos recebeu e nos disse: “*Olha, não temos bolsas, mas nós vamos dar um jeito. Se vocês têm este desejo, vão ser bolsistas na escola.*”. Acho que ele gostou porque, nesta época, cantava e sempre fui muito falador. Ela cantava também. Assim, começamos estudar naquele colégio.

Tenho os meus traumas também da escola pública...

Hoje, esta amiga está nos EUA fazendo doutorado, ela está com o marido que é engenheiro e que parece estar fazendo mestrado ou doutorado também. Ela era loirinha de olhos azuis, nós dois éramos bem amigos mesmos. Juntos, nós fazíamos diversas atividades. Sempre estávamos sempre juntos. Éramos bem amigos mesmos, não tivemos nada, nem um caso, nada durante todo este tempo. Ela era menina muito inteligente, tinha um QI acima da média. Nossa, ela só tirava dez...dez...e dez. Opa! Vou me juntar a ela, me aproximei e isto foi fundamental no ensino médio porque nós só tirávamos nota boa. Eu estava entre o primeiro e segundo aluno da escola, ela sempre era a primeira... Por causa disto, nós ganhamos um monte de prêmios na escola. Fui um aluno bem dedicado e bem esforçado, mas ali tinha uma educação diferente, a gente tinha uma vez por mês na capela do colégio, palestras sobre drogas, sobre relacionamento, sobre família, sobre como se comportar em casa. Todos os dias quando chegava lá na sala de aula tinha oração. Então, sai de um espaço onde era uma guerra... Escola pública, sabe? Tenho os meus traumas também da escola pública, onde você encontra alguns professores se preocupavam e tinha um carinho por seus alunos e outros não, que eram extremamente omissos.

Não deu certo!

Eu comecei trabalhar com carteira assinada só com 18 anos. Antes, tinha feito uns bicos, como eles chamam, né? Trabalhei de

servente, de vendedor de picolé... Também trabalhei numa fábrica, era uma marcenaria onde pintava torninho prá camas... Por causa deste trabalho fiquei doente, passei mal, pois o ambiente e o cheiro mesmo intoxicavam. Tive que fazer uma limpeza para desintoxicar... Mas, logo que terminei o ensino médio, com dezoito anos, comecei a trabalhar com carteira quando fui vender livros pela minha igreja. Na verdade, antes eu já tinha feito algumas vezes venda de livros nas férias, mas agora eu comecei a trabalhar com carteira. Dava uma graninha massa, em um ano e meio, mais ou menos, arrecadei uma grana prá viajar prá fora do país. Não deu certo! Acabei gastando toda a grana fazendo festa e... não juntei dinheiro nenhum. Minha mãe achava que estava guardando, mas botei tudo fora. Eu e um outro camarada meu, que também gostava de fazer festa, nós ficamos um ano e meio curtindo... Eu dava mil e uma desculpas na época. Uma vergonha! Depois disso, eu voltei e decidi mudar! Percebi que estava indo por um lado, que estava me desviando daquilo que eu queria e o tempo estava passando: “*Não, eu tenho que fazer uma faculdade!*”.

Encontrei-me como professor...

Eu voltei e fiz vestibular prá Jornalismo, consegui entrar e, depois, comecei trabalhar como professor fiquei um período só como professor substituto. Lecionei no Ivo Silveira, na Palhoça, uma escola do estado de ensino médio e onde tinha feito parte do meu ensino médio. Nesta época, atendia da 5ª série até o 3º ano do segundo grau. Durante dois ou três meses, trabalhei as disciplinas de História e Geografia no lugar de uma professora que tinha saído de licença. Depois comecei trabalhar numa emissora de rádio como representante comercial. Embora entrasse uma grana legal, não tinha muito interesse no tipo de trabalho que realizava, por isso, pedi prá sair, e aí eu abri uma escola de teatro no centro de Palhoça, onde dava alguns cursos... Até deu certa esta experiência, tanto que fiquei um ano com a escola, mas aí eu era muito bonzinho... Não cobrava a mensalidade... era muito bonzinho. Na verdade, não tinha uma pessoa prá fazer isso, acabei tendo que fechar porque a grana, o que recebia dava só prá pagar o aluguel e prá algumas despesas pequenas, não ‘tava valendo à pena! Nesse ano eu passei em outro vestibular, na Federal. Quando saí da emissora de rádio, eu já tinha trancado o curso de Jornalismo por falta de grana. Eu fiz o vestibular para Pedagogia e a partir daí comecei a lecionar numa escola pública. Nela estou até hoje. Acho que nesta escola eu me encontrei

como professor, onde houve um aprendizado tremendo em termos de organização e disciplina, de cobrança, planejamento, de conhecimento da realidade da escola. Eu estava, começando na Pedagogia e em paralelo vivendo numa escola que era padrão. Naquele ano, esta escola foi considerada a primeira ou segunda escola do Estado em termos de ensino e aprendizado. Inicialmente, comecei dando aula de Geografia como professor não habilitado – estava substituindo outro professor. Depois de seis meses quando ele voltou, passei para a função de técnico pedagógico e dava aula de teatro. A gente montou um grupo de teatro que, hoje, tem seis anos. Depois eu trabalhei um ano como professor de sociologia e, nos últimos três anos, como professor de artes na escola.

... Não tinha nada o que comer em casa

Então, os bicos foram por uma questão de necessidade, mesmo! Isto é, por querer comprar uma roupa, querer ir a um acampamento, a um passeio dos escoteiros ou poder ajudar a mãe em casa. Eu fazia estes bicos porque tinham situações que a gente não tinha nada o que comer em casa ou só o básico, só o necessário. Isto me obrigava a ter que fazer alguma atividade fora. A gente se virava nos trinta, né? Uma coisinha ali, outra coisinha lá, só prá ganhar uma grana. Mas, a minha mãe sempre foi uma guerreira... Normalmente, os bicos eram por pouco tempo, eu fazia isso durante um ou dois meses. Depois, logo minha mãe arranjava um jeito, arrumava um emprego, uma faxina. E eu tive o privilégio de só estudar até o ensino médio. Antes dos dezoito anos só fazia esses bicos e só. Não sei se foi um privilégio ou se é porque, às vezes, a questão da responsabilidade mais cedo é fundamental em alguns casos. Até os dezesseis anos foi bom, pois eu brinquei, passei, curti, namorei bastante.

Minha mãe sempre me incentivou a estudar

Fazer bicos ou começar a trabalhar mesmo sempre foram decisões minhas. Tinha que ajudar um pouco... Eu vou fazer, eu quero trabalhar para ajudar. Mas a mãe sempre me incentivou a estudar e ela não queria que eu trabalhasse; ela sempre se preocupou bastante com meus estudos e para ela eu tinha que terminar o ensino médio e fazer uma faculdade. Sempre se sacrificava para isto, sempre dava um jeito, mas, às vezes, não conseguia. Então, quando eu queria uma roupa ou alguma coisa, eu metia a cara e ia atrás. Com minha irmã já foi um

pouco diferente. Ela não gostava muito de estudar, não, ao contrário, eu gostava e me envolvia com a escola. Eu não sei se eu gostava de estudar ou se eu gostava do espaço, do ambiente escolar. Talvez, gostasse mais do espaço... Além do mais tinha os meus colegas, era comunicativo, fazia amizade com facilidade, então, eu queria estar nesse meio, nesse espaço. Minha irmã sempre era mais tímida, acanhada, talvez por isso não gostasse muito da escola. Também ela teve dificuldades: reprovou na primeira série e depois reprovou na segunda série. Quando eu fui para o Colégio Adventista fazer o ensino médio, minha irmã também foi. Na época, ela estava na sexta série, só que não conseguiu terminar porque, logo em seguida, com dezesseis anos - bem novinha - decidi casar. Depois de casada é que ela voltou estudar, fez supletivo para terminar o ensino médio e poder estudar fora. Hoje, está fazendo faculdade de música em São Paulo. A trajetória escolar dela foi bem complicada, agora, tem uma outra visão, vê a importância do estudo, de fazer uma faculdade, e essas coisas. Mas, na época não se importava porque queria casar, ter filhos. Estes eram os objetivos dela.

Não queria nada daquilo prá mim

Eu sabia que não queria nada daquilo prá mim. Fazia os bicos só porque era uma situação de necessidade mesmo; porque era obrigado, mas não porque pensasse em alguma coisa com objetivo futuro. Agora, em relação aos alvos, aos objetivos e aos sonhos, acho que foram se desenvolvendo com o tempo, porque a princípio eu queria ser uma coisa: pensei ser pastor, pensei ser matemático. Mas com o tempo fui mudando. Acho que era aquela coisa de adolescente, que não sabia muito bem o que queria, aí vai estudando as situações. Quando comecei pensar em faculdade, quis fazer jornalismo e depois fui parar na educação, fazendo pedagogia. Eu gosto dessas coisas, gosto um pouco da diversidade, de buscar outras coisas. Eu gosto é de novidade.

Perder o medo, perder a vergonha

Então, a colportagem é um setor da igreja adventista que atua com venda de livros e atividades sobre forma de evangelismo. Um das ações é vende de livros cristãos sobre saúde, sobre relacionamentos e ela tem como objetivo ajudar os jovens estudantes pagarem sua faculdade. Há pessoas que vivem só disso e que se mantém através das vendas de livros. Atuando como um colportador além de desenvolver o lado de

evangelismo, indo de casa em casa, também ajuda a perder a vergonha, perder o medo... O pastor sempre comentava: *“quem participa da colportagem é legal, é diferente. Tu vais gostar porque é uma grande lição, amadurece muito diante das necessidades que passa e da exigência de economizar o dinheiro”*. De outro lado, você tinha que convencer as pessoas a comprar os produtos relacionados à igreja ou sobre relacionamento e saúde. Muitos jovens não gostam, então, é um desafio tremendo. Algumas vezes, debaixo de sol, o dia todo, você visita vários lugares. Normalmente, é escolhida uma região onde todos os jovens voluntários ficam. Essa escolha é feita por um líder da igreja. Ele reserva ou aluga uma casa e no final e os todos os jovens que vão prá lá pagam a sua parte. Vamos supor se tem quarenta pessoas na casa, o aluguel, as despesas de luz, de água e assim por diante são divididos entre esses quarenta jovens. No caso do lugar é o líder da igreja que escolhe e divide uma região, por exemplo, Blumenau: ele pega vários bairros de Blumenau e manda uma dupla para cada lugar, cada bairro.

Vai ter que ralar e muito...

Hoje, há três grupos de colportagem em Santa Catarina: tem em Criciúma, em Blumenau e em Chapecó. Os jovens têm uniformes e uma carteirinha para se identificarem como estudante. Tem toda uma abordagem diferente dos vendedores comuns. Tu vens trazendo saúde faz tipo uma mini palestra para as pessoas prá poder entrar na casa das pessoas. E aí, depois de fazer amizade, você acaba apresentando o livro no final. Claro que as pessoas já estão vacinadas em relação a isso, mas é uma forma diferente e até educativa de vender, né? Tu cresces com isto! Também você tem que estudar um prospecto, tu recebes vários dados estatísticos em relação à saúde, ao matrimônio e diversas coisas. Aí tu vais te preparando prá aquilo, tu ganhas uma bagagem tremenda também. Para você colportar tem que fazer curso de três dias e, às vezes, dependendo da necessidade, de uma semana. Assim, tu tens treinamento de como se comportar na frente do cliente, como é o processo de venda. Eles criam um clima acirrado de competição entre os três grupos dessas três cidades para ver quem mais vendeu. Ninguém tem salário só comissão das vendas, você ganha metade, 50% de tudo que for vendido e no caso dos livros os valores também são de 50%, assim, metade do valor fica contigo e metade vai para a editora. Normalmente, é estabelecida uma meta, por exemplo, hoje em dia ela está em 12 mil reais e quem conseguir alcançá-la ganha uma bolsa. Por exemplo, minha

namorada está trabalhando em Chapecó para conseguir a bolsa. A bolsa é 12 mil, a metade disto fica prá ela e a outra metade vai prá a editora. Com essa bolsa dá para pagar a faculdade. Mas para conseguir alcançar esta meta você vai ter que ralar e muito. Vamos supor: terá que vender 200 reais por dia, não é pouca coisa, não.

Não, isso não é a minha praia

Eu fiquei colportando durante um ano e meio, antes de começar a faculdade, logo após sair do ensino médio. Quando eu fiz vestibular e passei para matemática, não quis, inicialmente, fazer o curso. Aí eu pensei: “*não, eu vou colportar, ganhar dinheiro*”. Na verdade, queria ir pro Chile, também não consegui ir porque faltou grana. Assim, fiquei na colportagem durante um ano e meio trabalhando. Na época, eu queria fazer Teologia, depois mudei de idéias quando fui trabalhar em uma rádio. Não quis mais fazer teologia porque via algumas coisas erradas dentro da igreja e aí achava que não ia ter estômago para agüentar ser pastor. Achei melhor não, porque pastor tem que ser bem submisso... Não, isso não é a minha praia.

Sempre gostei de trabalhar com criança de risco

A princípio, eu não me via como professor, embora os amigos, as próprias crianças, os adolescentes diziam: vai ser professor; vai fazer um curso na área de Educação... Eu fugi, eu lutei contra em relação a isso. Quando eu tranquei a faculdade de jornalismo, eu decidi: acho que é isso mesmo. Eu sempre me dei bem no grupo dos Desbravadores, então, eu vou encarar um curso na educação. A partir do momento em que entrei no curso de Pedagogia, comecei a pegar diversos trabalhos na área da educação. Trabalhei em escolas públicas e fiquei um tempo no PETI⁵⁴ também. No PETI desenvolvia atividades diversas no contraturno escolar, como teatro, música e dança com a criança. Também auxiliava com os seus deveres e tarefas escolares. Acho que sempre gostei de trabalhar com criança de risco, por isso, fiquei um bom tempo no PETI. Trabalhei com criança de risco no Morro da Caixa e no bairro da Costeira também. Até hoje, às vezes, faço esse tipo de trabalho. Este ano ainda é uma incógnita porque não sei como é que vai ficar. A

⁵⁴ Criado em 1996, o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) é um programa de transferência direta de renda, desenvolvido pelo governo federal para famílias de crianças e adolescentes com idade inferior a dezesseis anos envolvidos no trabalho precoce.

princípio, estou como oficineiro só no PETI, que fica no ‘Cidade da Criança’⁵⁵. Vou trabalhar ali durante uma tarde e receber um valor X. Também já fiz minha inscrição na Prefeitura de Palhoça para trabalhar em período integral, ainda estou esperando o resultado que deve sair na semana que vem. Na escola pública, onde estava antes, também está uma incógnita, ainda não sei se vão me contratar este ano, estou na expectativa... Mas, normalmente, eu faço diversas atividades nos finais de semana vou para a igreja trabalhar com as crianças nos Desbravadores ou com o coral.

Olha, a gente acaba sempre fazendo relação, de uma forma ou de outra, com todos estes espaços aonde eu atuo: os Escoteiros/Debravadores, a igreja, o PETI, o CAIC, o colégio estadual Ir. Maria Tereza, embora sejam realidades diferentes. As crianças deste colégio têm condições econômicas bem melhores, são os *playboys*. As crianças do PETI, do CAIC e do ‘Cidade da Criança’ já são meninos de risco... Todas são pessoas, crianças, o que muda são as vivências em cada um dos espaços. Todas as crianças precisam de afeto, abraço e carinho, né? E, é claro, as crianças de risco precisam muito mais que isso. Por isso, me sinto mais importante lá na Cidade da Criança fazendo esse tipo de trabalho como elas, fazer eles sorrirem, se sentirem amados mais do que lá no Ir. Maria Tereza, onde eles têm uma estrutura melhor. Não digo de afeto familiar, talvez, porque hoje a gente vê um número de divórcios, uma desestrutura familiar muito grande em todo segmento da sociedade. Mas, em termos financeiros, eles têm uma estabilidade maior por ter dinheiro. Então, você acaba relacionando uma coisa com a outra.

Mesmo não tendo nada

Acho que a minha mãe sempre foi uma pessoa bondosa e caridosa mesmo não tendo nada. Ela buscava do nada auxiliar o próximo, do vazio tirava força e isso me ajudou bastante. Mas a igreja, com certeza, tem uma influência muito grande, porque a gente arrecada alimento para doar, aprende a conviver ajudar o próximo, ter paciência, respeitar, ceder, perdoar... Tudo isso, de certa forma, te instiga a querer passar adiante. Então, a igreja, com certeza, tem uma força muito grande, né? Por isso se diz que são as instituições que seguram o planeta, senão a coisa tinha fica feia, né?

⁵⁵ O Complexo ‘Cidade da Criança’ foi criado pela Prefeitura de Florianópolis em...

Sentir na pele!

Pois é! Sempre teve o rótulo de... o negro. Queira ou não queira, não adianta se iludir, que tem! Está na sociedade, que está impregnada de uma forma ou de outra. Aliás, só sendo [negro] prá gente saber, sentir na pele! Então... Eu sempre tentei lidar com isso da melhor maneira possível. Algumas vezes eu me rebelava contra isto e dava umas porradas nuns e noutros, né? No começo, quando trabalhei como colportador, sentia dificuldade de entrar nas casas, quando tu vai vender um livro. Acho que o preconceito é muito grande... Vivi, em Blumenau, algumas situações embaraçosas, tipo, eu batia na porta e o cara começa a berrar, xingar. Tu sabes que com uma outra pessoa comum, ele não agiria daquela maneira: *“Ah seu chato, não sei o que. Não quero”*, dizia de maneira grosseira. E também te recebia, mas estava estampado no rosto, na fala, no jeito, na maneira de olhar, de desconfiança: *“pô, será que não é um bandido, será que não é um ladrão”*. Isso não só na colportagem como também atuando na educação. Algumas vezes, você passa por constrangimento até mostrar que é diferente e que tem potencial. No PETI não sofri isto também porque ali você estava com mais negros diante de si e também porque havia pessoas que têm outra visão, uma outra cabeça. Nada de preconceito! Até tenho um vínculo muito gostoso, carinho muito especial pelo PETI. Por isso, em todo esse tempo não consegui me desprender dali e costumo deixar uma tarde do meu ano prá poder ficar com eles, para fazer algum tipo de atividade voluntária lá na Cidade da Criança. Já em outros setores, não. Eu tive que conquistar o meu espaço.

Eu já vi alguns colegas meus sofrerem isso...

A princípio, era meio assim *“pô! o quê este cara quer, de boné virado, com um violão nas costas, músico, largadão, malandro...”*. Eu tive que mostrar que não era bem assim, que as coisas eram diferentes e, através do meu trabalho, ir conquistando o meu espaço, mostrando um comportamento diferente. Então, não bebo, não fumo, não cheiro, essas coisas todas. Isso também facilita meu envolvimento, meu entrosamento no meio em que eu chego. Mas se tu pega aí um rapaz, um jovem negro que fuma, que bebe, ou qualquer coisa do gênero, se ele já tem preconceito por causa da cor da pele, daí dobra, né? E eu já vi alguns colegas meus sofrerem isso, em função de ser diferente por usar trancinhas, ter uma roupa largadona. Eles tinham potenciais, mas o meio

não os ajudava. Claro, na função de professor, você tem que ter determinadas posturas e, às vezes, alguns desses meus amigos não tinham, talvez porque o meio não os ensinou ter essa postura.

...Nem tudo nessa vida está vinculado só à questão da cor

Certa vez, eu tive um professor negro ligado ao *hip hop*. O movimento do *hip hop* envolve roupa, música, enfim, estilos diferentes de vestir, andar, cantar e dançar. Então, tu vais querer mudar um cara desse, prá que ele entre dentro de um padrão social, que exige que se vista bonitinho. Um professor não pode usar boné, não pode usar a roupa largadona, é complicado! Aquele professor tinha um potencial tremendo, só que era rotulado em função da roupa, do jeito de falar, da gíria, mas era um cara bacana! Graças à Deus, consegui conquistar meu espaço. Tive dificuldade sim, em função de rótulo, mas com o tempo o pessoal foi vendo aos poucos o esforço, a dedicação. Eu acho também que nem tudo nessa vida está vinculado só à questão da cor. Claro que, tu sendo negro tás um pouco já rotulado, mas não... eu acho que qualquer pessoa, qualquer raça, tu tens que mostrar o teu potencial, quando tu chegas, quando tu comesças num determinado local, porque as pessoas são desconfiadas e ficam de olho em ti até por não saber o que vai acontecer...

A maioria dos negros não agüenta o tranco

Penso que a maioria dos negros não agüenta o tranco. Dizem: “*eu não nasci prá isso*” ou “*Eu não nasci prá estudar*”. Olha, já ouvi isso da boca de vários alunos negros e amigos que não conseguiram chegar porque eles mesmos tinham os seus rótulos. De certa forma, quando tu te vês num espaço que tu és minoria de cor, numa sociedade que discriminou por um bom tempo, que faz piada, que zomba e, tipo, não valoriza o seu cabelo, não valoriza a sua cor. Lógico, tu te sentes rejeitado neste espaço. Nas escolas, onde os professores são em sua maioria brancos e onde têm poucos negros, tu não te percebes naquele meio, e tu vês teus irmãos, teus amigos que não estão... Tu acabas não tendo força. Porque a tua música é diferente, a tua maneira de te vestir é diferente e, às vezes, não é muito bem aceito naquele espaço. Daí a coisa complica, complica mesmo, porque tu acabas... tu acabas não tendo força para lidar, a não ser que tu tenhas uma bagagem familiar sólida.

Uma mãe que me dizia: “não desista...”

No meu caso, tive uma mãe que me dizia: “*não desista, vai lá, tu vais conseguir, não podes parar...*”. Mas há casos que a mãe é omissa, até porque aqueles que vêm dos morros, da periferia, são negros. Eles saíram da senzala e foram para esses espaços e, em consequência disso, poucos conseguiram sair desse meio, poucos conseguiram sobreviver. E é verdade! Porque - falo pro meus alunos - como é que tu não tendo roupa, não tendo uma roupa decente e não tendo um bom vocabulário vai conseguir emprego. Como é que você vai competir com outro? Não consegue! É difícil. Há uma situação psicológica também, porque se falta comida em casa. Então, é mais ou menos essa situação que eu percebo. Os alunos negros acabam se perdendo nesse espaço, eles não têm força para sobreviver, para continuar, a não ser que eles tenham uma família sólida. Então, tem que existir uma base.

Como tu vais ter referência?

Mas, na falta de negros como tu vais ter referência? Há falta de negros na área de medicina, há falta de negros na área de esportes... Talvez nos esportes a gente tem mais presença, né? Nas áreas culturais também. Mas noutros setores são muito poucos. Então, como vai haver motivação nesses espaços, se não tem presença, ou se são poucos? Assim, em um meio sem presença de negros fica difícil ter algum apoio. Na minha escola são três negros entre cinquenta professores... Três negros! Hoje, eu estava observando isso: esta ausência não é só no colégio Ir. Maria Tereza é também no CAIC, em Palhoça, no PETI e na Cidade da Criança, em Floripa. E às vezes como é que tu vais indicar, se não encontras, né? Claro que tu vês que os negros são bastante unidos na militância, na luta, mas, de certa forma, em alguns momentos também eu vejo um preconceito em relação aos brancos. E isso acontece muito em alguns setores tanto no âmbito escolar como fora dele.

Preconceito dos próprios negros

Já percebi de colegas dizerem assim: “*o cara[negro] não anda muito com a gente, não. Ele forma seu grupinho ali separado!*”. O que também é desnecessário porque é preconceito igual, né? Não deixa de ser preconceito. Então, é complicado... Eu não sei até que ponto tu deve segregar para se fortalecer. Não sei até que ponto! É complicado. A falta

de gente [negra] nos espaços, em diversos setores, e, ao mesmo tempo, quando há, eles ficam se unindo ali, ficando montando grupinhos. Sabe? Às vezes, acaba sendo um preconceito dos próprios negros que conseguiram ascensão social em relação a outros que não conseguiram. Lamentavelmente isso acontece! Eu percebo esse tipo de coisa, acho isto bem complicado, é bem complicado... Porque isso parece ser algo inerente ao ser humano, o ser humano é egoísta. Tanto é que nossos amigos negros nos vendiam [como escravos]. Eles saíam de lá [da África]... É! são bem estranhas essas relações humanas, então não sei...

Pertencimento racial nunca influenciou as minhas relações

Olhando para trás, acho que a experiência de pertencimento racial nunca influenciou as minhas relações. Eu acredito que não! Também nunca usei isso como base, como suporte ou qualquer outra coisa. Na verdade, não me preocupei com a questão da raça em si. Acho que, em certos momentos, eu me percebi como negro e analisei a situação, mas não dei bola prá isso, sabe? Eu tenho que lutar para ser forte; eu tenho que conseguir meus objetivos, meus alvos, mesmo sabendo que a dificuldade é um pouco maior quando se é negro, quando se é pobre.

A gente percebe, sabe que as dificuldades são maiores de ascensão e de crescimento em função de todos os obstáculos que tu tens pelo caminho, por ser negro, por ser pobre, por ter nascido ou morar num lugar que não é legal. Então, as dificuldades vão ser maiores, é natural! Mas, de certa forma, cada um tem que lutar por aquilo que se quer, né? Tem que batalhar. Só que eu sei que essa regra não funciona prá todos e, por isso, tenho um cuidado ao comentar isso em relação aos meus colegas, que sei que têm crianças... um dedo não é igual ao outro. Talvez, tive facilidade prá conseguir terminar o ensino médio, terminar a faculdade, mas outros colegas não, porque o meio não colaborou e as coisas que não me abalaram, abalaram eles. Então, o que a gente tem que tentar fazer é analisar todos os casos mesmos e ver o que se pode tentar fazer para melhorar, o que pode ser feito de diferente para que não venha abalar as crianças que estão nas escolas, que estão no meio social.

Negros que conseguiram sobreviver são raros

O meu caso, negros que conseguiram sobreviver são raros. Talvez, por exemplo, como de outros, e diga... falando desse espaço de

Santa Catarina do sul do país, que é onde eu estou inserido. Acho que não posso dizer o mesmo referente ao restante do país, mas acredito que também aconteça a mesma coisa porque senão seria diferente; a gente veria mais negros nos hospitais, como médicos, mais negros como advogado e assim por diante, em diversos setores, uma melhor posição, as salas estariam lotadas de negros. Embora haja pesquisa que aponta o mesmo tanto de brancos como de negros na cadeia, porém boa parte dos negros está nos morros e não consegue terminar o ensino médio porque não tem oportunidade, não tem privilégios. Eles não matam, não roubam, mas não conseguem sair daquela vida... Eu não sei ser medíocre, mas acho que muitos deles estão felizes. Talvez, se eles tivessem uma oportunidade diferente, estariam numa situação melhor... Acho que oportunidade está relacionada ao acesso à escola. Quando eu falo em acesso, eu digo assim: muitas vezes, a criança tem uma desestrutura em casa que não permite parar escola ou se vai, desiste no meio do caminho porque o pai é um traficante, um bandido. Isto tudo em função de toda a trajetória que o pai dele teve, porque veio da favela, das periferias. A oportunidade é a oportunidade de se vestir melhor, oportunidade de ter uma alimentação saudável, de ir pra escola com uma cabeça legal. Por isso, eu vejo que o governo, o Estado, deveria suprir essa necessidade. Se a família não dá suporte, o Governo deveria dar, de uma forma e de outra, sabe?

... Se perceber como diferentes

Já é o momento das autoridades se preocuparem com as famílias, não importa se já sejam divorciados, e que venham a ver os filhos de forma diferente e que estas crianças venham a se perceber como diferentes, como uma pessoa que é importante na sociedade, que tem sonhos, que tem alvos, porque muitos delas não se percebem dessa forma e vivem por viver. Assim, torna a vida desgraçada também do outro. Se o pai não tem razão de viver, se a vida pra ele não faz qualquer sentido, o filho também não vai encontrar razão. Desta forma, o pai torna a vida do filho uma desgraça. Então, é necessária ao mesmo tempo oportunidade de atendimento psicológico, de orientação, de material escolar, que muitas vezes falta, de ônibus pra poder ir pra escola. Oportunidade de acesso e direito à lazer, à recreação e a outras coisas mais. Oportunidade de perceber o outro como legítimo outro, acho que é por aí... Essas são oportunidades que, muitas vezes, não são reconhecidas.

Um namoro às escondidas

Atualmente estou namorando. Na verdade, não é um namoro aprovado, é um namoro às escondidas porque os pais dela não permitem por ser muito nova, ela tem 17 anos. No momento, ela mora em Chapecó, no interior do estado, e trabalha com venda de livros. Dizem as más línguas que os pais dela não permitem por causa da idade mesmo e outros dizem que é por causa da cor. Ela é loirinha de olhos verdes. Tem toda uma história, um clima de romance assim... Há um ano e meio estou com este namoro escondido. Eu tinha saído de um namoro depois de três anos, aí logo em seguida conheci esta menina. Eu tinha dado um tempo de sete meses até a gente começar a namorar. Nós somos da mesma religião – a adventista -, e nos conhecemos dentro da igreja mesmo. Descobrimos que temos muitas coisas em comum: gostamos de teatro, por exemplo. Nós nos conhecemos trabalhando no grupo de Desbravadores. Este grupo é semelhante ao dos escoteiros e nele fazemos atividades diversas mais focadas na parte espiritual. Nele trabalha-se com a parte física, mental e espiritual. O grupo de Desbravadores se reúne todos os domingos para fazer atividades como saídas ao campo, viagens, passeios. Há alguns cartões de orientações que são seguidos de acordo com as faixas etárias das crianças e adolescentes, que vão dos dez até os dezesseis anos. Então, conforme a faixa etária, eles têm esportes, lição de conhecimento sobre a natureza, sobre o clima e assim por diante.

Bom, eu não acredito que não seja isto...

A minha namorada participa - melhor - participava comigo. Quando os pais descobriram que estávamos juntos a tiraram de todas as atividades. Nós fazíamos várias atividades juntos como, por exemplo, aula de violão. Aí a tiraram das aulas de violão. Agora está assim: ela está lá, em Chapecó, e eu estou aqui. A gente, às vezes, namora por telefone ou nos encontramos às escondidas. Bom, eu não acredito que não seja isto [a cor]... Talvez! Acho que os pais dela têm uma história mal resolvida, sabe? Então, tudo aquilo que eles viveram não querem que ela passe. Eh, eles sofreram bastante... Lógico, eles não querem que ela sofra. Sei que eles casaram cedo, que a mãe dela engravidou cedo e que passaram por muitas dificuldades. Assim, acho que eles têm medo que acontece a mesma coisa. Eh, como ela é muito nova, querem que ela estude e, primeiro, faça uma faculdade. Aquelas coisas todas! Acho que

este é um dos motivos, uma das justificativas. Aí tem as más línguas! O povão diz outras coisas. Mas, aí a gente fica em cima do muro. Por duas vezes conversei com o pai dela, mas como a gente começou às escondidas e eles descobriram. Acho que isto é a causa de toda aquela discórdia.

Têm a decisão da pessoa, as escolhas pessoais...

Muitos são os amigos que se perderam. Lamentavelmente, eu tive alguns amigos, pessoas queridas, que não sobreviveram. Isso dói quando tu trazes essas imagens na lembrança. Eu vejo que muito aconteceu em função de desestrutura familiar. Volto a repetir, volto a frisar essa questão da família, porque vejo que é fundamental. Também, às vezes, por negligência dos professores que, em determinados espaços, não exerceram sua função da forma que deveriam. Eles pecam por omissão! Às vezes, como professor se preocupa muito com a questão do dinheiro, né? Devemos nos preocupar com dinheiro, isso é importante, é fundamental, temos que lutar pela categoria, mas a partir do momento que escolhi essa função - ser docente - tenho que me virar nos trinta, porque eu escolhi isto. Eu passei quatro anos de minha vida lá na universidade e decidi fazer isso, então, já sei que é isso que eu quero e enquanto eu estiver dando aula, tenho que amar aquela criança como ninguém. Daí, o que eu puder fazer para mudar a realidade dela, eu devo fazer. E assim, nesse período, vi que muitos deixaram de fazer a sua parte e aquela criança, quem sabe, em algum momento, precisava ouvir o que não ouvia dos pais em casa, talvez, um bandido, um traficante, prostituta, ou qualquer outra coisa do gênero. A criança precisa ouvir do professor ou de qualquer outra pessoa do Estado, palavras de apoio, suporte para aquilo que ela não teve, sabe? Acredito também que há a decisão da pessoa, as escolhas pessoais. Todos nós decidimos e, mesmo sendo criança, sendo adolescente, a gente também escolhe. Aí tem essa coisa do bem e do mal dentro da gente. Tem esse lado. Tem o lado dos amigos que são influências muito fortes. Então, às vezes, não adianta você fazer um trabalho na escola e na sociedade, se todos os meninos são “malas”, não adianta! Sabe, quem não me deixou ser um “mala” foi a minha mãe!

Uma pessoa que eu não podia decepcionar

Pô, minha mãe sofreu tanto, né? Teve uma trajetória de vida cruel, então eu não poderia dar esse desgosto prá ela. Mas, sabe, se eu não tivesse minha mãe como a pessoa que eu não podia decepcionar, eu não sei o que seria de mim. Sempre tive isto em mente: Olha! Eu teria dado desgosto para ela. Em alguns momentos dei outros tipos de desgosto para ela, sabe? Por causa da influência dos amigos: houve uma situação, quando tinha entre sete e oito anos de idade, eu entrei com uns colegas no supermercado eles me convidaram para roubar *Ki-suco*. Olha que coisa de criança! Parecia-me algo bom, a gente vai fazer uma coisa diferente, um lanchinho à tarde! Só que não tinha consciência da responsabilidade, da gravidade da coisa. Naquele momento, eu não tinha a noção “*tu não podes roubar!*”. Uma criança, um adolescente não tem essa noção da gravidade da coisa. Eu fui lá, entrei no supermercado com meus amigos, que já tinham experiência e já eram fera nisso. Todos eles conseguiram fugir. Só que eu, por não ter experiência, me pegaram na entrada do supermercado. Sabe? Nunca me esqueço daquele dia. Da forma como o cara me tratou, como revistou a minha mochila e pegou todos os *k'sucos* (tinha um monte de *k'suco* ali...). Naquela situação me senti muito mal e quando o segurança disse que ia me levar preso e que ia chamar minha mãe. Pô! eu não queria decepcionar a minha mãe. Isto eu não queria. Eu falei quase chorando: “*por favor, não faça isso*”. Ele me deixou ir, mas aprendi aquela lição! Depois de um tempo eu contei prá mãe e ela sentou comigo e conversou bastante: “*você não pode fazer isso*”. Minha mãe sempre foi aquela pessoa que fazia o meio de campo, sentava comigo para conversar, passava a mão na cabeça... Agora, muitos de meus amigos não tiveram isso, sabe? Esse afeto, esse carinho, esse olhar diferente que é necessário, sabe? Eu vejo pela minha irmãzinha adotiva, a mãe dela fez um monte de coisa errada, agora a criança está tendo outra postura, outra educação, outro envolvimento com a escola. Ela ainda não reprovou nenhum ano porque está sendo conduzida. Então, o meio familiar tem uma forte influência sobre você, embora há algumas coisas da genética nisso tudo. Neste sentido, acho que eu tenho um pouco do meu pai - embora eu não o conheça -, tenho algumas coisas dele, mas aquilo que aprendi com minha mãe e que aprendi no meio social em que estou inserido foi muito mais forte do que a genética de meu verdadeiro pai. Diziam que ele era um bandido, um tremendo picareta... Por isso, vejo sim o quanto é necessário prá não se perder e o Estado deve se preocupar com a estrutura familiar, com o

ambiente onde a criança está inserida, com os investimentos na categoria docente, no próprio sistema de ensino, nas relações entre as pessoas na escola. O preconceito está impregnado nas pessoas, por isso, os valores devem ser trabalhados, inclusive os da questão racial, porque a criança tem que crescer sabendo que tem que respeitar o coleguinha; que a cor da pele, de certa forma, não interfere, não influencia em nada. Isso deve vir de casa, pois se não há este suporte da tv, dos meios de comunicação como essa criança vai ser diferente?

Um ponto escuro no meio deles

Eu não fui criando tendo como referência famílias negras, não. Muito pelo contrário, fui criado entre alemães. Acho que era uma mistura de alemão com italiano e todos eram bem clarinhos. Eu era – e minha mãe também - um ponto escuro no meio deles. Mas eles tinham um coração fantástico, de uma sensibilidade, de uma percepção! Mas, de certa forma, também não deixaram de escravizar a minha mãe, que trabalhava na casa como empregada doméstica. Talvez, por ser uma criança diferente, comunicativa, falava com todo mundo, chegava no espaço e agradava, então, me tornei um ‘branco’.

“Não, eu sou negro!”

Acontece isso, às vezes, com a gente em determinados meios, como, por exemplo, na escola: “*tu não és negro, tu és moreno*”. Só faltam dizer que tu és moreno claro! E não é assim! Eu falo que sou negro. Vivi uma situação engraçada, certa vez: uma aluna da 1ª série falou isso sobre uma outra menina, a Vitória⁵⁶. Eu não me esqueço dessa cena! Um dia, os alunos começaram a pegar no pé da Vitória, uma mulatinha linda, negra, assim, linda, linda! Aquela aluna começou a dizer como a Vitória era feia e os outros alunos da classe começaram a xingar também. Vitória era a única aluna negra da sala. Então, eu disse assim: “*...se a Vitória é feia, eu também sou feio! Ela é feia por causa da cor da pele? Então, eu também sou feio, porque sou negro, sou igual a ela*”. E a aluna me respondeu: “*Não, professor, ela é negra, mas o professor não é negro, não!*”. Olha, tive que trabalhar com eles a questão de valores: “*eu sou negro como a Vitória, e toda a minha família é negra. Se vocês não gostam dela por causa disto, então, vocês não gostam de mim também!*”, falei. As crianças arregalaram os olhos...

⁵⁶ Nome fictício.

Acho que uma coisa não tem a ver com outra, porque as crianças até têm todo o direito de não gostar de outra criança, mas não por causa disso. Muitas vezes, na sociedade, a gente é tratada dessa maneira. Eles te clareiam, te tornam branco e nem te percebem como negro naquele meio. Tu não és visto. Tu és tratado como se fosse um problema dizer... Eu faço questão de dizer, principalmente, nesses espaços que te chamam de mulato, de moreno: “*não, eu sou negro!*”. Acho que a gente tem que ter consciência e implantar isso nos outros.

Hoje vivo um momento inconstante...

Eu já conquistei algumas coisas na minha vida e sou muito grato a Deus por isso: a faculdade de pedagogia, o jornalismo, que eu não acabei ainda, mas pretendo terminar. Só que hoje vivo um momento inconstante, sabe? De não saber ao certo o que eu quero daqui prá frente, até mesmo em nome da questão financeira. Quando olho prá trás, percebo ter feito diversas coisas, participado de diversos cursos, diversos projetos como voluntário e, ainda, não ter adquirido muita coisa, a não ter ajudado minha mãe a ter uma casa, né? No entanto eu... eu não tenho nada, sabe? Segura João! Acredito que agora é o momento de adquirir algo prá mim, de criar uma estrutura, de direcionar o meu caminho! Talvez, por isso eu estou bem confuso: o quê vou fazer agora? Se vou permanecer na área musical, se vou entrar na área de jornalismo, ou entrar de cabeça prá valer na educação? Por essas três áreas tenho um carinho muito grande, tenho uma afeição muito forte! Penso ser possível relacionar as três áreas, mas tenho que ver de que forma vou ganhar dinheiro daqui prá frente e também poder fazer os meus trabalhos de voluntário, de assistência na sociedade. Não tenho com quem conversar sobre isto, não tenho referências. Hoje, minhas referências, meus amigos, são meus alunos. Então, acabo tendo poucos amigos adultos, né? E ainda por eles não terem o mesmo nível universitário, talvez, por não terem o mesmo pensamento, não ajudam muito nessa situação e, pior, vejo que alguns não têm o mesmo nível universitário que eu, estão melhores de vida, né? Então, minhas referências hoje são mais meus colegas e um ou outro professor, por isso, não tenho conseguido discutir muito e, talvez, eu esteja tão perdido. Eu já tenho alguma idéias formada na cabeça sobre aquilo que quero e onde pretendo chegar, mas, ao mesmo tempo, não! Isto é, ao mesmo tempo em que eu não sei. Eu acho que sei... É mais ou menos assim!

Por aí que eu quero caminhar...

Eu quero cantar, quero gravar música *gospel*, sempre gostei disso, mas sei que da música não posso conseguir muito dinheiro. Mas vou seguir, vou tentar, vou fazer a minha parte!

Aline Barros é uma cantora brasileira de *gospel* que vende muito. Há outros cantores que se dão super bem, mas é uma luta. Isso é processo gradativo, eu sei que vai demorar bastante, mas é por aí que eu quero caminhar... Viver da música e do jornalismo, como documentarista. Também não quero deixar a educação, porque tenho um carinho muito especial. Eu tenho que continuar fazendo o meu trabalho social enquanto não vou conseguindo aquilo que eu quero, né? E quando conseguir, eu acho que vai ser mais fácil poder fazer um trabalho social muito mais sólido, com mais força. Isto porque quer queira ou não, preciso de dinheiro prá poder ajudar, prá poder mudar e transformar. Antes eu achava que não.

Igreja como foco...

Sempre tenho a questão da igreja como foco. Os meus princípios, as minhas decisões são tomadas relacionadas à igreja. Tanto quanto à música *gospel*... Decidi isso, porquê? Por causa da igreja. A faculdade que fiz ou estou fazendo, tudo tem referência com a igreja, porque eu pretendo trabalhar na igreja. E sempre fazendo trabalhos paralelos, e sempre com vínculo com a igreja, porque a igreja foi a base da minha educação. Eu acho que ela tem uma força muito grande. Ela tem uma influência muito, muito forte na minha vida, sabe? Em todos os aspectos, ela tem uma influência muito forte, porque me ajudou a criar cada degrau, o passo a passo desde a infância, passando pelas classes da igreja, pelo grupo de escoteiros, depois no juvenil, quando a gente ia trabalhando como voluntário na igreja. Quando grande, eles me colocavam na função de professor dentro da igreja para montar peça de teatro ou para participar do grupinho do coral... Enfim, fazia tudo isso... A igreja te dá experiência e com ela tu vais crescendo. Acho que a igreja é, de certa forma, uma instituição que protege e cuida, socialmente falando, mas também tem um monte de falhas. Em função disso, eu, às vezes, me retraio e não me arrisco tanto, sabe? Por isso, vou pelas beiradas, devagar, né? Não estou me referindo à questão da doutrina, que acredito, né? Estou me referindo ao sistema, aos homens que são

falhos como em qualquer lugar, em qualquer espaço. A doutrina é algo que eu acredito, nela cresci e estudei.

Não me sinto, talvez, preparado prá essas normas e exigências...

Na igreja Adventista há diversos setores em que eu poderia trabalhar (colégio, internato, canal de televisão *Novo Tempo*, emissora de rádio *Novo Tempo*, etc). Eu pretendo trabalhar futuramente em algum deles. Confesso, sempre fugi destes espaços. Fui por acho que é muito burocrático. Eles cobram muito, né? Então, você tem que estar preparado para esse tipo de cobrança. Na verdade, quero estar numa posição melhor, talvez, prá dar mais que ser explorado. Por isso, não fui ainda trabalhar num espaço adventista, porque eu sei que os professores sofrem muito e são bastante cobrados. É uma instituição boa e séria, mas os professores são muito cobrados e ganham muito pouco. Até demais! Então, compensa mais eu estar em uma escola pública, porque nela eu faço as coisas como gosto. Não é que não queira ser cobrado, não é isso! É que tenho uma liberdade maior. No colégio adventista terei cobranças e, agregado a isso, há alguns preconceitos que fogem da minha formação feita em uma universidade federal, sabe? Muitas coisas iriam ter que ser dribladas para eu ter que entrar nos eixos da igreja, entende? Então, quero me preparar prá isso, porque ainda não estou preparado para enfrentar estes confrontos. Acho que o meu mundo ainda hoje é trabalhar no Estado, nas prefeituras, né? Há algumas coisas da igreja que me podam, não me deixam crescer. Nela não existe toda liberdade para trabalhar com teatro, música, cinema e outras coisas mais. Isto não existe nas escolas do Estado. Hoje, eu não me sinto, talvez, preparado prá essas normas e exigências. E, além disso, discordo de algumas destas idéias, de algumas destas coisas que fazem na igreja. Quando eu gravar um trabalho, me tornar mais conhecido, o espaço dentro da igreja pode se abrir muito mais, porque os músicos e os pastores são bem vistos e bem quistos dentro da igreja. Assim, vou ter uma abrangência maior, vou poder falar talvez implantar algo daquilo que discorde hoje, que acho que não tá legal.

AUTORRETRATO IV: MARIANA CARVALHO E ONDE SE CHEGA ASSIM

*“Sempre precisei
De um pouco de atenção
Acho que não sei quem sou
Só sei do que não gosto...
Esse é o nosso mundo
O que é demais
Nunca é o bastante”*

Vim para cá e nunca saí

Nasci na Serrinha, que fica no bairro da Trindade [Florianópolis]. Cheguei a morar no centro de Floripa, mas com um ano idade eu vim para cá e nunca sai. Minha mãe nasceu aqui na cidade e meu pai é baiano, nasceu em Itabuna, na Bahia. Atualmente, eles são separados. Não sei dizer se meu pai continua morando aqui na cidade, eu perdi o contato com ele. Até os meus 10 anos de idade a gente se encontrava com frequência. Bom, depois perdemos o contato, não sei quando foi a última vez que nos vimos.

A minha mãe está aposentada

A minha mãe está aposentada faz um ano. Ela era merendeira do Colégio de Aplicação da Universidade Federal. Faz um ano que ela está aposentada. Ela só teve o primário completo, porque parou de estudar na quinta série. Quando ela entrou no Colégio de Aplicação não existia concurso na época e a minha avó já trabalhava no Restaurante Universitário, no ‘bandejão’ universitário. Acho que era mais uma questão de contato, era mais por indicação, porque ela não entrou por concurso, eu acho! E para você estudar no Colégio de Aplicação tinha que ser filho de funcionário ou ter tempo de serviço na universidade. Eu entrei no colégio por tempo de serviço. Algumas coisas mudaram: hoje, você só entrar como aluno por meio de sorteio; outras coisas também mudaram agora a maioria dos serviços de limpeza é terceirizado.

Minha mãe servia cafezinho aqui neste Centro (Centro de Comunicação e Expressão – CCE), ainda quando a biblioteca central da universidade era de madeira e ficava atrás do Departamento de Letras. Enquanto minha avó trabalhava no RU, minha mãe trabalhava aqui

neste departamento. Ela já me falou onde era o lugar, mas esqueci. Os locais aqui na universidade mudaram bastante depois de várias construções. Tenho um tio que trabalha no Centro de Saúde, mais no Hospital Universitário, na parte administrativa.

A UFSC sempre foi o meu quintal

Quando criança, eu freqüentava muito o campus universitário. Minha mãe trazia a gente prá andar de bicicleta. Assim, a UFSC sempre foi o meu quintal, o quintal da minha casa. Eu me imaginava um dia estar aqui estudando. No morro onde morava não dava prá andar de bicicleta na minha rua, assim, a mãe descia comigo e a gente ia ou para a Avenida Beira Mar ou vinha prá cá, no campus. Havia um laguinho, agora está drenado, que tinha muitos peixinhos. Lógico, a gente trazia comidinha, pãozinho e ficava dando comida pros peixes. No Colégio de Aplicação as atividades de nossa educação física eram feitas também no Centro de Esportes da universidade. Acho que até hoje o Aplicação só tem uma quadra e ainda ela não é coberta. Então, as Olimpíadas promovidas pelo colégio eram aqui dentro do campus. Tudo acontecia aqui na UFSC. Assim, sempre estive muito envolvida com a universidade.

Acho que não caiu a ficha para minha irmã

Logo que terminou a escola [ensino médio], com dezoito anos, minha irmã passou para Ciências Sociais também aqui na UFSC, mas ela não gostou do curso e o abandonou. Ela não agüentou! Agora ficou mais séria, mas era a revoltadinha de casa. Ela pretende, atualmente, fazer Pedagogia e quer pagar a universidade. Como nossos pais são diferentes e o pai dela paga uma pensão, ela pretende utilizar o dinheiro para fazer uma universidade particular. O meu pai não pagou pensão, ele não tinha condições e o pai dela tem um pouquinho mais de condições. Acho que ela tem que continuar estudando, porque senão perde a pensão, tem mais isso também! Ela estudou até o ano passado, depois fez cursinho de novo. Enrolou, enrolou, e foi prá faculdade. Agora tá dizendo que quer estudar na UNIBAN, quer fazer Pedagogia. Ela fez um semestre de Ciências Sociais. Imagine prá quem tem dezoito anos e vive num mundinho... Acho que não caiu a ficha para minha irmã, sabe? Aquela coisa de achar que dinheiro dá em árvore... Ela acha que o dinheiro vem de maneira fácil. Ela trabalhou uma vez, por uns meses,

fazendo *telemarketing*, foi o seu primeiro emprego. Até que ficou um tempinho porque não era difícil, mas ela tinha que vender muito e para isso você tem que ter lábia. Ela acabou demitida, porque não fazia muita venda. Daí ela pegou o gostinho da coisa, de ficar na vida boa, né? Também com a pensãozinha do pai e mais um dinheirinho da mãe! Além do mais, ela tem umas amigas que têm a vida boa, têm tudo muito fácil. Daí, prá ela, parece que ‘tá demorando mais prá cair a ficha. Eu também tive uma vida assim! Sempre tive muitos amigos com condição social melhor que a minha. Sempre! Aí é muito difícil ter um envolvimento com um pessoal de uma classe inferior. Até porque no colégio [Aplicação] em que estudava não tinha muita gente carente. Hoje, talvez tenha mais, mas naquela época não tinha porque eram muitos filhos de professores e de funcionários da UFSC. Era muito diferente. Hoje tá mais aberto à sociedade.

Na rua da minha casa, os meus amigos ou eram da mesma classe social ou eram um pouco melhor. Então, amigo, o meu estalo foi ali pelos dezesseis anos a partir de ver o esforço da minha mãe para criar duas filhas... e sozinha. Assim, para mim foi mais fácil. E prá minha irmã não está,... Dá vontade de dar umas esganadas! Mas já dei uma desistida. Minha mãe fica muito brava e há aquela briga entre as duas. Eu fico no fogo cruzado, ali no meio... Não é fácil!

Minha mãe nunca pediu prá eu trabalhar...

Minha mãe cobra bastante. Sempre cobrou bastante. Comigo nem tanto. Quando eu atingi a maioridade, acho que com dezessete ou dezoito anos, ela já viu, não que eu seja uma pessoa certinha, mas ela viu que eu ia atrás das coisas, me virava. Também, comecei a trabalhar com 20 anos. Minha mãe nunca pediu prá eu trabalhar, mas eu trabalhava porque tinha vontade. Quando fiz o vestibular na primeira vez, não passei, fiquei um ano correndo atrás de emprego, fiquei um ano sem fazer nada e eu não consigo ficar sem fazer nada, não consigo ficar parada. “*Eu preciso fazer alguma coisa*”, pensava comigo. Quando comecei a trabalhar, o meu primeiro emprego foi no comércio, numa loja de roupa. Era época de natal e sabia que seria contratada só por dois meses. Engraçado, a maioria dos meus empregos foi bem perto de casa. O primeiro foi nesta loja de roupas, sempre por indicação de alguém que me conhecia. Nunca consegui deixar um currículo para depois me

chamarem ou me chamaram após gostarem do meu currículo. Sempre alguém me indicou.

Não sei quantas vezes deixei meu currículo!

Nossa, meu Deus, não sei quantas vezes deixei meu currículo! Por mais que você tenha experiência, se você não tem um contato, 'alguém que te ajuda', você não consegue. Depois eu consegui numa empresa de transporte rodoviário, que ficava ao lado da igreja da UFSC. Ali fiquei durante uns 8 meses, depois esta empresa fechou. Quando estava com 20 anos, eu fiz um curso de comissária de bordo, porque eu não tinha passado para o curso que prestei vestibular, tinha prestado para Letras e Secretariado. Assim, precisava estudar e trabalhar. Precisava fazer os dois! Eu fiquei só trabalhando e não curtia muito só trabalhar, precisava me envolver com outras coisas. Só que quando terminei o curso de comissária, achei que não era bem o que eu queria fazer. Eu queria mesmo é ter passado na UFSC, isso ficou bem dentro de mim, mas fique buscando o tempo todo me ocupar enquanto não passava no vestibular. Eu prestei três vezes até ser aprovada. O meu primeiro vestibular foi para Letras e Secretariado Bilíngüe, depois Pedagogia e, por último, Letras: Inglês. Neste período, consegui outros empregos, saí da área de turismo porque queria ir pra São Paulo tentar a carreira de comissária. Só que eu mandei o currículo e não me chamaram. Ah! Foi superchato! Eu fiquei um tempo muito chateada, aí desisti de novo.

E tinha que usar muita maquiagem

O curso de comissária era só à noite, das seis da tarde, até umas dez e meia. Na verdade, comecei fazendo o curso pela manhã, mas depois passei pra noite, porque eu não gostava de maquiagem de manhã. E tinha que usar muita maquiagem! Sombra, lápis, batom, enfim, tudo... Eu não gostava de me maquiagem de manhã, no máximo uso um lápis, mas tinha que usar sombra, pó e estas coisas... O curso exigia que a gente se arrumasse como se estivesse pronta para ir viajar, como se fosse para embarque e arrumada como uma comissária... meia calça, maquiada, toda arrumadinha assim. Foi legal! Tive bastante amigas que gostaram e que ficaram um ano na empresa. Até fizeram um pezinho de meia e depois voltaram. Isso é engraçado, eu também nunca tinha andado de avião, tanto que fui andar de avião agora, aos 26 anos. E o mais

engraçado...: eu morri de medo! A minha primeira aterrissagem foi horrível!

...Fui ficando

Depois desse curso e outro de secretariado técnico, e eu peguei um estágio numa empresa na Tecnópolis⁵⁷. Mas é difícil também ser secretária porque geralmente as pessoas te confundem com recepcionista e te colocam recepcionista. Nesta empresa, só havia dois diretores, mas nenhum tinha secretária. Mais essa ainda! Dali eu fui parar na área de produção de uma empresa de *software* voltado para engenharia civil e onde embalava produtos a vácuo. Depois fui parar numa empresa da área de cobrança. Eu fiquei oito meses na Tecnópolis, quando o estágio era de três meses, mas fui ficando. Na verdade, fui ficando porque estava sem minha carteira assinada e ganhava mais por isto. Só que depois fiquei pensando comigo: “*pô, eu quero minha carteira assinada, porque lá na frente isso vai contar prá minha aposentadoria*”. Resolvi ficar só até arranjar outro emprego. Aí consegui entrar na Videoteca, uma locadora de vídeos. Em todas as empresas, trabalhava mais como recepcionista do que de secretária. Trabalhei também em café e loja de modas.

‘Tava virando minha vida do avesso...

Acho que muita gente me conhece do período que trabalhei neste café e restaurante. Lá eu fiquei uns oito meses. Em resumo: eu fiquei no restaurante depois fui para um shopping e dali prá uma loja de Modas e Jóias, depois fui para a Tecnópolis e Videoteca, onde fiquei até julho deste ano, porque eu queria pegar bolsa permanência na universidade federal e uma das exigências é que não poderia estar trabalhando. Olha, também estava cansada de trabalhar no final de semana e nos feriados. Final de semana eu já estava acostumada, mas feriado ‘tava pesando muito! Eu ‘tava virando minha vida do avesso... Sabe? Nem ‘tava dormindo direito... Depois queria ver os amigos, queria trabalhar e estudar, não estava dando para fazer mais nada. Eu estava querendo um pouquinho de liberdade, como poder ir num fim de

⁵⁷ O Parque Tecnológico Alfa - Tecnópolis é um espaço localizado no início da Rodovia SC-401, em Florianópolis, destinado a receber indústrias e empresas de desenvolvimento de softwares, criado em 1991 pelo governo do estado. A expectativa é criar um grande pólo de tecnologia, já tendo recebido cerca de 50 empresas.

semana à praia, porque nem isso conseguia fazer. De vez em quando, faço uns bicos prá eles. Mas, eu só faço isto para uma única pessoa, meu antigo chefe. Ele tem uma franquía e me paga bem mais que os outros, então, sempre dou preferência prá ele e também porque ele foi um chefe muito legal comigo. Assim, a prioridade é dele sempre.

Eu tinha que sair de lá...

Agora, vim parar na UFSC, antes estava fazendo um curso de Letras-Ingês, numa universidade particular que se chama Borges de Mendonça, hoje, Instituto do Saber. Inicialmente, ela funcionava no centro da cidade, mas, neste momento, está funcionando junto com a Faculdade Decisão, aqui na Trindade. Só que eu não gostei da parte administrativa deles, até falei, reclamei... Tentei fazer transferência prá universidade federal, mas eles perderam minhas notas, meu histórico. Deu o maior rolo. Eu tinha que sair de lá. Como tinha o curso de secretariado técnico ali, tinha um desconto.

“... de repente o vestibular não é prá ti!”

Houve um período em que fiquei mais trabalhando do que estudando. Eu me lembro que fiquei revoltada com o vestibular quando não passei na primeira que fiz. Estava bem estressada porque tinha tirado dez em Redação, e ela valia 12 pontos; tinha tirado, na verdade, 10,40. Como sempre quis fazer Letras, estava bem nas provas da área de humanas, mas me dei muito mal em Matemática e Física. Não cheguei a zerar, mas fui muito mal, acho que tirei 2,40 pontos e, no total, tinha feito 48,33 pontos. No último vestibular fiz novamente uns 48 pontos e uns quebradinhos. Então, me irritei tanto que fiquei dois anos sem fazer vestibular. Dois ou três anos sem fazer vestibular! Fiquei bastante chateada e aí decidi ficar mais trabalhando, me disse: “*Vou trabalhar. Vou trabalhar e fazer uns cursos por fora*”. Enquanto isso tinha escutado um monte de gente me dizer: “*ah, Mariana, de repente o vestibular não é prá ti!*”. Eu fiquei magoada, não pode ser! Ouvi muito isso! “*De repente é um curso técnico mesmo que você tem que fazer*”. Ai, não pode ser! Sabe? Eu sou meio determinada, às vezes, me dá uma desanimada, mas eu sempre fui muito atrás do que eu queria, outras vezes, não fui por medo. Tenho essa coisa de ser meio medrosa também, mas na questão de emprego, quando não gostava, largava mesmo porque

tinha certeza que encontrava outro melhor. Acho que depois do terceiro emprego isto foi mais tranquilo, acredita que encontraria outro melhor.

Foi um tempo importante da minha vida

No colégio, ao invés de sair com 17, saí com 20 anos. Reprovei muitas vezes, chegava a matemática, reprovava. Foram três vezes: na quinta série por meio ponto em matemática; na sexta por um ponto em matemática e no primeiro ano do ensino médio, tinha que tirar um sete na prova de física, tirei quatro. Não passei. Aliás, matemática e geografia no primeiro ano me pegavam. O Colégio de Aplicação era, assim, bem pesado, mas apesar disso ele foi o amor da minha vida, tanto que a semana passada, nós, os alunos do terceiro ano, nos reencontramos numa festa promovida pelo Colégio. O Colégio foi um tempo importante da minha vida, foram 14 anos dela. Um dia penso em dar aula lá. Era bem puxado e tinha uma preguiça gigante prá matemática. Até hoje não gosto muito. Aí tu começa a ver as coisas que tu não gostas. O Colégio era bem puxado, os deveres eram assim de várias páginas.

“Vou te reprovar por causa disso, disso e aquilo...”

A primeira vez que reprovei - nunca vou esquecer -, o professor de Matemática chamou minha mãe e eu, e falou assim: *“olha, Mariana, vou te reprovar por causa disso, disso e aquilo, tem que estudar mais um pouquinho...”*. Na verdade, tinha que tirar nota 6 na prova, mas tirei somente 5,5 porque tinha errado questões de sinais, o mais e o menos. Acho que até hoje tenho muito falta de atenção. Fazia toda a conta certinha e chegava ao final, errava o sinal. Gostava do professor de Aritmética da quinta série, ele foi até legal comigo apesar de ter me dado aquele sermão e depois me reprovado. Eu achei legal, até hoje ele dá aula lá. Depois eu passei tranquila pela quinta. Chegou na sexta de novo reprovei em Matemática, porque eu relaxei mesmo e não queria mais estudar esta disciplina. Na sétima e na oitava, tranquilo. No primeiro ano do ensino médio já era meio grandinha e tinha um problema sério, agora com a Física. Os professores sempre foram muito bons, bem exigentes, todos, todos. Acho que só o Inglês mesmo era mais tranquilo, e Educação Artística também.

Uma certeza tenho...

Ah! ali tive muitas coisas interessantes! Tive aula de violão, aula de flauta doce... Lembro-me que fiquei desesperada porque tinha que ser quinze alunos e era a minha última chance de conseguir ir para as aulas de violão. Nossa, eu chorei, chorei, até me colocaram. Até hoje toco, mas só com os meus livrinhos com músicas cifradas Na época, eu precisava muito aprender violão, porque gostava muito do 'Legião Urbana'. No colégio também cantava no coral desde os 10 anos. Mas ainda não posso dizer que sou uma grande cantora, falta muito, muita coisa... Também parar e continuar, parar e continuar não ajuda. Iniciei algumas vezes aula de canto, mas tive que parar por causa de dinheiro. Não é muito barato. A última vez que estava fazendo aula de canto, mas a professora matava muita a aula: "*ah, não quero mais essa professora*", decidi. Antes dessa, tive aula com a professora do colégio mesmo, a gente até chegou a fazer apresentação pública, mas esta professora ficava tão nervosa nas apresentações que me deixava completamente tensa, ficava quase sem voz, por isso, ela me deixou meio desiludida. Então, parei de novo. Depois de ficar um tempão sem aula, recomencei no ano passado, mas já dei uma segurada novamente. Sabe? Vai aparecendo outras coisas, e aí você quer aprender outras coisas. Agora, queria aprender teclado. Ah! uma certeza tenho: não vivo sem música. Eu acordo com a Itapema [emissora de rádio FM] ligada! Pareço um "ET": adoro, adoro Itapema, MPB...

Isto tudo tem muita influência da minha mãe, porque ela tinha discos dos Demônios da Garoa, Vinicius de Moraes, Clara Nunes... Também tenho um tio que cantava (acho que canta ainda) no coral da UFSC. Quando o coral fez a primeira viagem para se apresentar na Europa, ele foi junto e tem muitas fotos, recortes disto...

Por que eu tenho mais amigos homens?

Eu só tenho contato com a família da parte de minha mãe. Cresci com a minha avó sempre do lado, porque a gente morava numa casa de madeira atrás da casa dela e tinha, ao lado, a casa do meu tio mais novo e de meus primos. O terreno era bem grande e, entre as casas, havia um quintal bem espaçoso em que todos os primos brincavam. A minha avó faleceu há uns seis anos e agora só tem dois tios ali, o mais novo, o temporão, que é do segundo casamento da minha avó e o segundo mais novo, além de minha mãe, eu, minha irmã. Tem mais: a

minha avó casou duas vezes e a maioria dos filhos é do primeiro casamento. Do segundo casamento ela teve só um filho. Este segundo avô era com quem convivia mais tempo e é dele que sinto mais saudade. Ele era bem direto, brincava de casinha comigo e eu vivia muito grudado nele, por isso, tenho muita saudade. Ele preenchia aquela ausência do pai. Por mais que a gente não se dê conta, mas acho que isso era forte. Quando a gente é criança não sabia que substituía meu pai. Hoje, pensando um pouquinho, acho que era uma presença muito forte. Eu acho que por isso, agora tenho mais amigos homens que mulheres. Pode ser eu não sei! Nunca conversei sobre isso com psicólogo, nunca toquei nessa questão com ninguém, mas é uma coisa que fico pensando mesmo: por que eu tenho mais amigos homens? Talvez, justamente pela falta de contato masculino, pela falta de um pai. Engraçado, eu tenho mais tios, que tias (só aquelas que se casaram com meus tios); tenho mais primos, que primas! Sempre brinquei mais com os primos do que com as primas. Engraçado, não tinha pensado nisso!

Se ele quiser saber sobre mim...

A separação foi muito difícil para minha mãe, eu tinha um ano quando aconteceu. Meu pai bebia muito e na primeira vez que ele bateu nela, ela terminou. Foi obrigada a terminar. Ela o mandou embora. Isso é o que sei por parte dela, nunca perguntei prá ele o que aconteceu. Antes deles se separarem, meu pai nos levou prá São Paulo a fim de conhecermos a sua família, porque ela está praticamente toda em São Paulo. Acho que tenho este nome por causa disto, é um nome meio paulista, foi ele que me deu. Os pais dele ainda devem estar morando em São Paulo. Ele pode estar aqui, em Laguna, não sei. Tinha o endereço, mas quando era bem novinha eu rasguei, não queria saber, eu dizia: “*eu não quero saber, se ele quiser saber sobre mim, que venha!*”. Eu não acho que há necessidade dos filhos irem atrás dos pais, os pais é que têm que vir atrás dos filhos. Não vejo necessidade e também não me faz falta. Hoje, não me faz mais falta! Se um dia ele fez falta, eu não senti, porque minha mãe me deu tudo. Tudo que ela podia dar ela deu... e minha avó também, ela sempre ajudou muito a minha mãe; construiu nossa casa, que antes era toda feita de madeira, depois fez uma casa de material. Por ser a única filha, então, minha avó ajudou bastante minha mãe. Então ela ajudou bastante minha mãe.

Não sei muita coisa dos meus ancestrais...

Toda a família da parte de minha mãe era daqui de Floripa. A família de meu avô também. Mas, não sei muita coisa dos meus ancestrais. Talvez, eu me envolvendo em alguma pesquisa, queira ir mais a fundo. Não sei se pesquisando a origem do nosso sobrenome, o Vieira dos Santos, é suficiente. Este é um sobrenome bem comum aqui na região. Uns dizem que é de origem portuguesa, outros que é espanhola, não sei mesmo! Sobre a parte masculina da minha família, eu sei muito menos! Acho que minha mãe deve saber melhor, tem mais informações sobre os meus avós. Mas, acho difícil também! A minha avó não conversava muito com minha mãe como minha mãe conversa comigo. São bem diferentes as duas gerações, elas eram muito diferentes. A minha avó até brincava um pouquinho, dançava com a gente, ao contrário, minha mãe sempre foi bem mais brincalhona. Às vezes, eu brigava com ela para não brincar tanto desse jeito. Mas ela puxou muito o meu avô, que era muito brincalhão. Os dois, o pai dela e o segundo marido de minha avó, sempre brincaram muito com a gente.

Era um grude...

Eu era muito agarrada como minha mãe, meu Deus, ainda sou! Era um grude. Imagina sua mãe trabalhando no mesmo lugar que você estuda, convivendo vinte e quatro horas por dia com ela. Ela era a merendeira no Colégio, e ainda é. No começo ela limpava as salas dos prédios da universidade e eu ai atrás dela, ajudando. A gente apagava o quadro negro das salas sempre juntas, limpava as carteiras, as lixeiras de sala de aula. Ela não me mandava fazer isto, fazia porque gostava muito de estar com ela. Depois ela saiu da faxina e passou a ser merendeira do Colégio.

Minha mãe tinha vontade de ser professora... Queria ser professora. Hoje, acho que não tem mais esta vontade. Outro dia atrás, estava passando na televisão uma senhora com mais ou menos 80 anos dizendo que tinha voltado para a universidade e estava muito feliz. Eu disse: “*olhe aí, mãe!*”, e ela me respondeu: “*hoje, eu não quero mais*”. Ela gosta muito de dançar música sertaneja, de ir a botecos com música sertaneja. Ela gosta muito de sair! Atualmente, se envolveu com um grupo de idosos. Ela não é idosa, está com 57 anos! Acho que ela está num grupo de idosos prá poder conversar, se envolver e também porque

eles fazem muitos passeios de excursão, vão a hotel-fazenda e outros lugares assim.

Minha mãe é umbandista

Minha mãe é umbandista e todas as quintas-feiras ela vai para o Centro, como ela fala, '*fazer suas obrigações*'. Particularmente, gosto um pouco de tudo sobre religião. Eu procuro ouvir tudo, exceto a evangélica. Desta, talvez, tenho resistido um pouco, porque a minha avó, nos últimos anos da vida dela, começou a se envolver muito com a igreja evangélica. Ela dava muito dinheiro prá eles e até parou de tomar os seus remédios. Acho que acabou falecendo por causa dessa doutrina de acreditar que seria curada através da igreja. Então, me decepcionei bastante com a igreja evangélica. Eu não gosto muito do jeito deles e sou contra todas as religiões que pedem dinheiro. Qualquer uma! Se eles pedem um maço de velas, uma caixa de fósforos, um cachimbo. Isto é uma coisa! Mas se pedem dinheiro para uma consulta, como muitas delas fazem, já sou contra. Não acho legal.

A gente não pode perder o elo de espiritualidade...

Eu fui batizada, crismada e tudo que a igreja católica pede. As professoras de catequese passavam nas casas da comunidade para inscrever as crianças. Estas catequistas - acho que na minha rua havia umas cinco - iam às casas todos os anos para fazer a inscrição das crianças. Então, fiz tudo, renovação do batismo, catequese. Olha só de catequese devo ter feito uns quatro anos, esta foi a época em que mais estive envolvida com a igreja, porque ia nas missas todos os domingos. Minha mãe não ia muito, ela já estava na umbanda. Acho que desde que me conheço por gente, minha mãe era umbandista. Eu ia às sessões numa boa. Hoje, já não vou tanto, mas ia mais porque era menorzinha e tinha que ir ou ficar com a minha avó. Às vezes, as sessões terminavam tarde, tinha sono e dormia na casa das senhoras, pois sempre tinha uma caminha para as crianças. Depois, quando me desgrudei de minha mãe, tinha dezesseis e comecei sair mais na noite. Você sabe, né? Na sexta-feira, geralmente, é o dia que começa o final de semana e a gurizada quer mais é cair na noite! Até os doze e treze anos ia quase toda a semana nas sessões de umbanda com minha mãe. Nas sessões, me envolvia mais com as crianças e só participava naquilo que nós crianças podíamos participar.

Até hoje esta situação é bem tranqüila, sem muitos conflitos, mesmo participando de religiões diferentes. Eu acredito que cada pessoa deve seguir aquilo que ela acha melhor, a gente não pode perder o elo de espiritualidade que cada um tem. Tem um povo que vai para o *Santo Daime*, outro para o *Hare Krishina*, se a pessoa está bem, consegue manter o equilíbrio dela, fazer as coisas delas, não interessa a religião que ela tem.

Sua família é que vai ser seu alicerce

Minha mãe nunca me impôs nada. Nunca! A única coisa que ela me exigia é que estudasse. Nunca me impôs nada, nem quanto à profissão, nem quanto à religião, nem quanto a namorado. Eu não gosto disso, não quero aquilo! Sobre a questão de amizade, ela me alertou bastante, às vezes falava: “*cuidado com essa amizade, sua verdadeira amiga sempre vai ser eu!*”. Era uma coisa que sempre me dizia: “*Você pode ter sua amizades pelo mundo, mas sua família é que vai ser seu alicerce. Quando tu estiveres mal, eu é que vou estar lá para te ajudar!*”. Cresci ouvindo isso, principalmente, nas vezes que era mal-criadinha, naquela fase rebelde. Hoje, a necessidade de querer ter o meu canto, de querer ter uma casa, de querer estar mais livre está mais presente. Mas não quero ficar muito longe de minha mãe também!

Um período muito difícil assim

Minha irmã obedece a mim um pouco mais que a minha mãe, porque tenho um jeito diferente de falar com ela. Minha mãe é bem mais brava. Eu já gritei algumas vezes também, pois minha irmã me tirou do sério, mas agora quando peço com jeito ela faz na hora, ao contrário, minha mãe pede brigando, ela já não faz. Com ela tem que chegar pisando em ovos, cheia de dedos. Um pouco fui eu que a estraguei. Mimei muito! Eu sempre quis muito uma irmã e pedia prá minha mãe. Nessa época, minha mãe tinha um relacionamento que durou mais ou menos uns sete anos. Então, dizia que queria muito uma irmãzinha. Tinha sete anos quando ela nasceu e era a minha bonequinha. Com um aninho de idade ela teve um problema de pele raro, surgiam bolhinhas de água pelo corpo inteiro e quando estouravam, viravam escaminhas. Foi super difícil porque abriam feridas nas mãozinhas, nos pezinhos. Com isso, ela tinha dificuldades de escrever, de andar. Então, ela foi muito cuidada, muito mimada, era super protegida, tinha que passar

creme, tinha que fazer um tratamento todo especial. Tudo que tu podes imaginar a gente usou. Ainda, hoje, ela tem manchinhas, não tão visíveis, porque não abrem mais... Mas ela é teimosa, ela não usa os cremes com deveria usar. Homeopatia ela usou bastante. Esse foi um período muito difícil assim prá gente. Minha mãe chorava muito, a noite inteira. Imagina ver o bebê dela todo machucado! E ninguém sabe o nome da doença. Então, a gente a super protegeu, talvez, a gente pode ter estragado ela e, às vezes, ela é tão rude. Ela foi criada de um jeito tão especial, que por vezes age de um modo que magoa.

Nunca fiquei muito tempo sozinha

Eu tenho um namorado há três anos. Eu sempre namorei muito e nunca fiquei muito tempo sozinha. Namorei uns três anos, depois fiquei durante uns dois anos sozinha. Aí namorei por quatro anos e agora esse de três anos. Curiosamente, no geral, meus namorados geralmente são todos brancos. Não foi porque eu escolhi assim, sempre tive pouco contato com homens negros. Eles falam que são as mulheres que escolhem. Eu acho diferente, ao contrário, acho que são os homens que escolhem. Tem, também, essa questão de se ter atração pelo oposto. Não sei se tem alguma coisa a ver! Acho que a mulher tem mais emoção. Eu sempre fui de bater os olhos e gostar! Isto pode ser uma questão mais relacionada ao meio onde vivi desde o colégio.

Convivi com poucas crianças negras...

Eu tenho – e tive - poucos amigos negros e acho que a única amiga que é... Ela não tão presente assim, mas que marcou muito foi uma menina chamada Viviane⁵⁸. Acho que ela foi minha amiga, amiga negra, mais presente no Colégio. Eu convivi com poucas crianças negras, aquela foi uma das únicas que me lembro agora. O tio dela trabalha aqui na UFSC, e eu quando a encontro a chamo de mana, porque ela era como uma irmãzinha. Acho que a mãe dela também era separada, porque quando ia a sua casa só consigo me lembrar dela, da mãe e do irmão. Quanto a homens, o meu melhor amigo negro morava na frente da minha casa. Agora não mora mais, faz alguns dias ele passou a morar com uma menina. Ele foi prá casa dela morar. Ele é DJ e

⁵⁸ Nome fictício.

foi o amigo negro mais presente na minha vida, é o meu irmãozinho de coração.

Não sou presa a essas questões de cor

Olha, nunca parei prá pensar nisso! Até eu acho tudo normal, pois não sou presa a essas questões de cor, sabe? Talvez, por eu ter nascida numa época mais fácil, digamos, que não pegou aquela questão racial mais forte que nossos pais passaram. Talvez, algum olhar ou outro tu tenhas sentido, mas quanto mais tu pensas nisso mais tu atraí. Se ficar pensando que em tal lugar tu vais sentir preconceito, por causa disso ou daquilo, tu acabas sofrendo preconceito! Talvez, na minha infância, quando era bem criancinha, as pessoas começavam a te dar uns apelidinhos que te faziam sentir algum preconceito. Mas sempre me sai muito bem desse tipo de situação! Quando estava na minha fase adolescente e adulta, eu nunca senti isso. Talvez, tenha me envolvido com as pessoas certas, não sei... porque sempre fui muito bem recebida na casa de meus amigos brancos e negros.

Tu esqueces... que tens uma cor!

Nunca me chamaram a “tua amiga moreninha” ou a “tua amiga negrinha”. Sempre me chamaram pelo nome. Eu nunca senti na pele, sabe? ... Tu esqueces. Esqueces! Esqueces que tens uma cor! Por mais que de vez em quando você faça uma poesia no dia da consciência negra ... Por mais que a gente lute, vá atrás, ache legal existirem as cotas, lute politicamente! Eu prefiro discutir politicamente algumas coisas a ficar no dia-a-dia pensando que sou negra e, por causa disto, as pessoas estejam fazendo isso ou aquilo. A minha mãe já tem mais isso! Estes dias, por exemplo, ela estava vendo um programa na tevê, *Ídolos*⁵⁹, e lá pelas tantas escolheram este e não aquele candidato. Aí ela me solta esta: “ah, tá!, eles só escolheram este porque aquele outro é

⁵⁹ *Ídolos* é um programa de calouros, com base em um programa de calouros criados pelo britânico Simon Fuller, também chamado de *Ídolos*, onde milhares de candidatos se inscrevem para mostrar seu talento musical. Este programa teve duas temporadas (2006 e 2007) na emissora de televisão SBT, mas, atualmente, os direitos autorais estão cedidos à emissora da Record, que já realizou duas temporadas (2008 e 2009). Grosso modo, o programa consiste de duas etapas, a primeira chamada de audição, na qual são selecionados os candidatos por uma equipe de jurados, e, na segunda etapa, a realização de *performance* dos candidatos em palco sob avaliação de jurados e do público telespectador, que pode votar pela eliminação dos candidatos.

negro!”. Eu digo: “*Oh, meu Deus! Mãe me dá um tempo!*”. Ela tem isso ainda, sabe? “*Ah, imagina! Aquele cantor é negro, até parece que eles vão votar nele*”, ela insistiu. Sabe, esse programa de calouros acabou recentemente, e achei o resultado final meio injusto. No fundo, eu também tinha achado que o menino negro – e, na verdade, ele nem era tão negro assim, era bem mais claro que eu, bem mais! - cantava melhor que o outro menino, mas o outro ganhou. Minha mãe sempre toma partido desta maneira. Ela acha que é isso: preconceito de cor. Talvez, pode ser que ela tenha sofrido mais preconceito do que eu ou tenha visto mais coisas do que eu. Bem, estou imaginando porque ela nunca me comentou nada sobre situações vividas por ela.

Não me lembro de uma única amiga negra dela...

Minha irmã também é negra, bem negra. Ela vive assim como eu, a maioria das suas amigas é branquinha. Não me lembro de uma única amiga negra dela. Agora, amigos negros ela tem mais e se envolve bastante com o pessoal do pagode. Ela tem amigos em bandas de pagode. Têm os meninos de pagode com quem ela sai, mas hoje também já é mais misturado. Hoje em dia tem mais banda de pagode com meninos brancos e meninos negros. Por isso, minha irmã tem mais amigos negros. Ela tem meninos com quem namorou que eram negros. E namorou bem mais que eu. Ah! bem mais!

Totalmente o oposto de tudo que imaginei prá mim

Na minha vida, não só nos relacionamentos, a questão de ser ou não negro nunca foi decisivo. É claro que eu fico feliz quando eu vejo um negro se dar bem, “*ah! que bom!*”. Tem essa coisa dentro da gente, tem isso: “*oh! que bom!*”. Nos meus relacionamentos eu sempre falo sobre isto. Neste caso agora que estou tendo, o meu namorado é loiro e eu nunca gostei de loiro. Ele é totalmente o oposto de tudo que imaginei prá mim. Ele faz engenharia mecânica e é descendente de italiano. Já falei prá ele isto, ele só ri. Essas coisas a gente não escolhe, ele é descendente de italiano por parte mãe e a família é de Chapecó, interior do estado. Ele é bem mais novinho que eu, então, acho que sou a primeira namorada séria ou sou a primeira. Ele tem 22 anos. Então, sou o primeiro namoro sério dele. A gente já terminou uma vez, ele viajou, foi prá Europa, voltou agora em março. A gente tinha terminado não por cauda da viagem, mas por outros motivos, sabe? Essas coisas de

menino, que tem muita coisa prá fazer, que não dá conta da namorada. Ele tem duas bandas, faz duas faculdades e não sei mais o quê. Aí, a corda arreventou pro lado mais fraco: a namorada. Depois, acaba achando que a gente tá cobrando demais. Agora ele voltou, a gente combinou e tá melhor, tá melhor do que antes! Acho que tem essa coisa dele ser mais novo, mas temos que nos entender, daí eu brinco: “*quem manda querer namorar pirralho, dá nisso!*”. É que sempre namorei meninos da mesma idade, nunca mais novos e sempre mais morenos.

Impressão de que os meninos negros não queriam namorar comigo

Eu sempre tinha a impressão de que os meninos negros não queriam namorar comigo, só querem ficar. Eu já fiquei com meninos negros, mas o que fiquei mais tempo foi por seis meses, e quando descobri que tinha outra namorada, dei um fora nele. Outras vezes foram nos pagodes da vida ou em formaturas. Eu sou meio exigente também: tem que ser negro e ser lindo, não gosto de negro meia boca, tem mais essa! Tem que ser meio modelo. E também por causa dos meios em que ando, quando era mais nova ia a pagode, mas eu nunca ia assim como eles falam, “*ir prá guerra*”. Ia mais prá dançar, eu gosto muito de dançar, sempre fui prá dançar, nunca prá procurar menino, porque namorado a gente não encontra assim! A gente encontra na escola! O meu primeiro namorado foi na escola, outro foi na sinuca e este, agora, na aula de canto. Então, nunca saio prá procurar homem, saía prá dançar. Depois deixei de sair prá ir a pagode, porque deixei de gostar de pagode e passei a gostar mais de samba de raiz. Não gosto mais de pagode! E acontece que quando você vai pro pagode ou pro samba, está quase tudo igual e, às vezes, têm mais pessoas brancas que negras. Misturou tudo! Não tem mais essa coisa de ser só prá negro ou nas quadras de escola de samba. Mas, no *rock’n’roll*, por onde eu circulo, tenho a impressão que há mais pessoas brancas, pois nunca vi um negro gostar de *rock’n’roll*.

Não saio mais como saía antes...

Em relação à música, sou bem eclética, só sertanejo não gosto muito. Eu já fui à festinha da Engenharia que era uma parada da [Engenharia] Mecânica, curti horrores! Então, depende da companhia, como quem tu estás. É bem difícil ir prá música de *dance*, tipo como é que fala, aquelas que viram a madrugada: isto *rave*. Fui uma vez só, faz

tempo, achei legal, mas nada demais, não achei tão bom, é quase igual ao *Planeta Atlântica*, só que você vai embora às seis da manhã, quando ia lá ao *Planeta* só chegava em casa por volta das oito da manhã. Agora parei de ir, porque só tem bandinha bem prá criança, você chega lá e só tem criança. Eu detesto!

Dos bares que o pessoal tem indo mais à noite, eu gosto mais dos da Lagoa: o *Drakkar* e o *John Bull*. Também ‘tava indo muito no ‘*Célula Cultural Mané Paulo*’, que fica ali no [bairro] João Paulo, em frente à Videoteca, em que trabalhava. Ali tocam só bandas da Ilha. Agora esse ano eu dei uma segurada mais pela questão da faculdade. O ‘*Célula Cultural*’ começou no centro com o nome de *Cube da Luta*, que era o nome da festa. Havia algumas regras, tipo, era sempre música própria e 3 bandas por noite. Quando fecharam lá, surgiu o ‘*Célula Mané Paulo*’, que foi criado pelos meninos de uma banda que botaram a mão na massa e construíram o lugar, que era um espaço antigo. Agora, tenho saído muito pouco este ano, dei uma segurada! Não saio mais como saía antes por causa da faculdade, por causa da demanda de textos que tenho que ler. Esse último semestre foi bem mais corrido, sai bem pouco! Até os 18 anos saía de segunda a segunda, depois fui diminuindo, só uma vez por semana, continuo ainda neste ritmo de uma vez por semana. Agora tô saindo uma vez a cada duas semanas. Normalmente, saio só de casal, com meu namorado ou com outros casais. Saio com grupos de amigos quando tem uma coisa em comum, um show que todo mundo vai.

Muito de meus amigos já estão na fase de casar

Tenho uma amiga que voltou recentemente da Nova Zelândia e eu ‘tava um tempão sem a ver. Ela acabou casando lá e foi morar com o menino. Agora ela veio visitar a gente e vai ficar mais um ano, depois ela volta porque eles querem construir casa lá. Muito de meus amigos já estão na fase de casar por causa da idade. Eu tenho amigo de várias idades, só que hoje tenho andado mais com pessoas a minha faixa etária, tipo, de 26 a 30 anos. Convivo com os amigos do meu namorado que são os mais novos porque são do grupo de amigos da escola onde estudou, são meninos mais novos de 22, 23 e 24 anos. Meus amigos, que a gente chamava, brincando, de quarteto fantástico, tem 27, 29 e 30, dois já casaram. Estava morrendo de saudade desta amiga, porque a gente fazia parte deste quarteto, saíamos somente nós quatro, sempre e todos.

Éramos só nós quatro! Três meninas e um menino... Duas já casaram, eu estou namorando e o outro menino, tá na vida, pegando todas (...). As minhas amigas de infância, que têm a mesma idade que eu e que moravam na mesma rua de casa, já se casaram e têm filhos. Todas! Eu tenho poucos contatos com elas. Também depois de casadas, é um problema sério! Algumas ainda ligam, “*ah, vem prá cá*”, mas às vezes é longe! As meninas que moram perto não ligam e eu também não vou atrás, nunca fui atrás. Agora dou uma esnobada, se quiserem que venham.

Na minha vida, eu sei, [as idéias] não vão bater

Tem o pessoal da faculdade: fiz amizade com três pessoas, aquelas com as quais tenho envolvimento mais forte. Pena que algumas delas abandonaram o curso porque tinham muita coisa prá fazer. Fiquei bem triste! A minha sala é muito heterogênia e tem muita menina nova... A maioria é muito mais nova que eu, tem gente com 17, 19 anos ou por aí. Poucos têm entre 26 e 30 anos e somente 4 pessoas com mais de 40 anos. A gente se envolve um pouquinho com todo mundo, mas dependendo do assunto, não dá prá falar de tudo com todos, não dá! É normal. Quando me envolvo com um pessoal mais jovem, fora da sala, é a mesma coisa, não tem jeito, a cabeça é outra. Ainda tem o pessoal que tá naquela “*ah, porque que eu tenho que aprender isso?*”. Isso me dá um nervoso! Então, acabo conversando só o básico, não entrando muito em discussão com essas pessoas, evitando atritos. Assim, falo o essencial e faço os trabalhos acadêmicos junto com elas, mesmo que as idéias não batam. Talvez durante a análise e discussão de um texto, as idéias batam, mas na minha vida, eu sei, não vão bater. O pensamento, as idéias, a vida, o ser humano não batem sempre. É aquela coisa assim, um assunto polêmico: “*tem que prender ou tem que matar?*”; “*mata mesmo, tem que acabar com ele*”. É aquela coisa de responder sem pensar. Essas coisas me dão um nervoso! Então, procuro não entrar em discussões polêmicas com esses tipos de pessoa. Não dá, é impossível! Sou extremista demais!

... Mais feliz do que imaginava ser

Eu acho que hoje sou mais feliz do que imaginava ser. Aos 18 anos, me imaginava com 25 e com 26 já ter um filho. Quando eu cheguei aos 24 não tinha nem namorado, não tava dando, e pensavam

“*não, não vai ser agora, vai demorar um pouquinho*”. Não ‘tava namorando aos 20, 21 e 22, estava soltinha, soltinha! Com 23, 24 anos, estava com um namorado, mas o cara era muito chato: “*Meu Deus! não vou casar!*”. Terminei. Ele era muito ciumento, não dava mais! Ah! Agora estou feliz! Este ano foi muito especial porque consegui muitas coisas que queria. Eu consegui muitas coisas mesmo. Em 2008, eu estava bem triste, estava de saco cheio do meu trabalho, de saco cheio da minha faculdade, porque lá eu brigava bastante, até fiz um abaixo-assinado. Acho que queria acabar com aquela universidade. O nosso curso era novo e eles sempre davam mais aulas voltadas para a administração e, para piorar, a minha turma era muito apática. Quando saí de ensino médio, tinha um professor que entrava com o jornal em sala de aula, discutia a vida. Então, a gente foi ensinada a ser muito crítico e estar com um povo apático, me dava um desespero. A maioria estava ali por causa do canudo, até os mais velhos também. Ali fui ficando bem triste!

Hoje, penso que seria bem legal estar casada com 35 anos e com 37 já queria ter tido os meus filhos; aos 38 anos seria um momento muito bom para estar traduzindo, trabalhando com tradução, começando ou na metade do meu doutorado. Penso, a princípio, dar aula na USFC, mas o que quero mesmo é trabalhar em casa com revisão e tradução. Isto é onde eu quero parar...

Pode não ser o quê eu quero

Quanto aos meus planos, no começo não me acho determinada, mas depois... É a mesma coisa quando estou escrevendo um texto ou começando uma pesquisa, vou amassar papel umas cinco vezes. Porém, quando começo e vejo que estou indo bem, não paro mais. É difícil parar no caminho, mesmo que ache depois que estava errada. Eu vou em frente. Pode não ser o quê eu quero, mas vou terminar. Foi assim no colégio quando reprovei três vezes: “*eu odeio matemática e vai ser nesse colégio que eu vou terminar, vai ser aqui, não tem essa!*”; “*Ah! eu quero fazer faculdade e vai ser na UFSC!*”. É assim! Tem que ser em tal lugar e desse jeito, por mais que demore. Demorei anos para entrar na UFSC no curso que queria, mas tudo bem, hoje, eu estou aqui!

Disso tenho medo!

Medo? Eu tenho medo de viajar. Tenho medo de viajar, viajar sozinha, de ficar fora do país! Disso tenho medo! Tenho um medo enorme e preciso de alguém prá estar comigo. Eu quero conhecer muitos lugares, quero conhecer a Inglaterra, a Nova Zelândia, mas preciso de alguém lá me esperando, assim vou ficar mais tranqüila. Eu tenho esse medo de ir sozinha, mais por causa da língua, por não dominar tanto ainda. Não preciso eu estar falando super ou hiper bem quando sair daqui, mas de repente estar mais segura. Talvez, depois de dar minha primeira aula, vou me sentir mais segura. Sinto que vou precisar passar por isso. Já entrei no PET-Letras⁶⁰ mais por isso, para aprender a desenvolver pesquisas e dar aula. Então, acho que depois que começar a dar aula, vou me sentir um pouco mais segura. Mesmo que a minha aula seja um fracasso, o retorno e o resultado me interessam para poder avaliar. Então, ainda não passei por esses desafios. Agora estou precisando passar por isto.

Morro de medo de preconceito nos EUA

Na minha vida apareceram umas coisas bastante interessantes. Encontrei muitos anjos na minha vida. Na primeira faculdade que eu pagava, a mãe de uma amiga me ajudava pagar. Ela pagava um pouco e minha mãe também dava um pouco para as mensalidades. Ela sempre esteve presente no meu caminho, principalmente, depois que sua filha foi para Nova Zelândia. A partir daí a gente se tornou muito amiga. Ela me tem assim como uma filha. É muito engraçado, é muito lindo! Recentemente, por meio dela, conheci um casal de Denver, (capital do Colorado, EUA) e dei aulas de português durante uns dois dias, eles pagaram direitinho e no final me disseram: “*a gente quer ajudar com seus estudos.*”. Sempre morro de vergonha se ganho alguma coisa, sou péssima prá ganhar presente, eu sou péssima mesmo, fico muito tímida quando ganho alguma coisa. O casal se ofereceu pagar metade, não, 75% de meus estudos em Denver, com possibilidade de ficar um mês aprendendo inglês numa casa de família. Não consegui responder de cara, na hora! Não falei: “*ah, eu quero, eu quero!*”. Pelo contrário, fiquei chocada! O casal era estranho... Muito estranho! Eu o conheci a

⁶⁰ Criado e implantado em 1979 pela CAPES, o PET (outrora Programa Especial de Treinamento, hoje Programa de Educação Tutorial) é um programa acadêmico direcionado a alunos regularmente matriculados em cursos de graduação.

uma semana e os caras já me oferecerem uma viagem? Então, fiquei bem atordoada... Não aceitei de cara! Em primeiro lugar, não tinha os 25% para completar. Esta foi a primeira coisa que me barrou. Minto, a primeira coisa que me barrou foi que eu já estava me boicotando; a segunda: não tinha dinheiro prá completar. Sabe? Fui me boicotando e até hoje eu estou me boicotando prá não ir sozinha. Depois fiquei perguntando prá um montão de gente: “*como é que é lá, nos EUA?*”. E é engraçado, morro de medo de preconceito nos EUA, aqui não tenho medo, mas lá eu tenho. Eu morro de medo dos Estados Unidos. Então, me disseram: “*ah, não! lá agora é assim*”. Não, eu morro de medo de preconceito lá. Talvez, de tanto ver filme *hollywoodiano*, que mostra que há ainda muito disso por lá. Isto é algo que me incomoda. Sabe aquelas piadinhas que aparecem nos filmes de Hollywood? Aqueles filmes de ação em que se fazem brincadeiras como: “*e aí, negão, não sei o que?*”? Eu já vi muito! Isso me irrita muito! Talvez, por isso eu tenha visto mais filme europeu. Quando era adolescente até gostava, mas tu vais ficando mais velha, vai enchendo o saco. Daí tu ficas pensando e vais ficando mais chatinha. Então, fiquei pensando comigo: “*uma família estranha e cheia de hábitos e eu que não sou muito regradinha na minha alimentação. Não, não dá!*”.

Geralmente eu almoço tarde, mas agora comecei a me organizar por circular na casa de outras pessoas. Por exemplo, na casa do meu namorado todo mundo almoça junto, todo mundo no mesmo horário. Assim, comecei a me disciplinar na casa das outras pessoas. Em casa não, se não estou com fome eu não vou comer agora, vou comer depois. Lá não, eu vou tomar café com todo mundo: “*e aí a minha liberdade, meu Deus?*”. Vou ter que falar com quem vou sair, aonde vou e que horas voltarei, enfim, terei que ter um horário prá voltar prá casa. Eu fico pensando nisso também. Aqui não tem ninguém que fica me vigiando mais, quando era pequena minha mãe me vigiava, agora nem ela me vigia mais. Ela quer saber aonde eu tô, falo que estou em tal lugar e volto tal dia. Isto ainda eu falo prá ela. Então, tenho medo disto e tenho medo também de travar. Nas aulas de inglês escrevo tranqüila, mas na hora da entrevista em inglês, fico tão nervosa, que até parece que esqueci tudo, tudo o que eu sei. Quando encontro uma pessoa, por exemplo, na Lagoa, que fala inglês, não tenho vergonha de errar. Eu posso errar várias vezes, mas o cara vai me entender, beleza! Agora na entrevista sei que vou ser analisada e isto eu odeio. É muito estranho, é muito desconfortável.

Talvez, nos olhares, sim, percebo muito preconceito

Eu tenho medo de sofrer preconceito aqui no Brasil, mas eu não me incomodo, porque aqui eu estou em casa, me sinto em casa. Até porque acho que a gente está bem mais protegida atualmente. Ainda não sofri nada. Acho até que aqueles que querem discriminar não fariam nada porque sabem que poderão ser processados. Talvez, nos olhares, sim, percebo muito preconceito. Até porque namoro uma pessoa de outra cor e nos lugares em que a gente chega, sei que vamos chamar a atenção das pessoas. É óbvio que sei disto e não me incomoda mais. No começo me incomodava um pouco. Agora não, se uma pessoa fica me olhando muito, sorrio prá ela: “*ela deve estar me achando bonita*”. Eu não senti nada. Até porque na família de meu namorado, a avó dele é meio racista. Ainda bem que ela não mora aqui, mora em Chapecó, não costumo encontrar com ela. Então, o problema é dela, não é meu! Eu nem penso em mudar a idéias dela, mesmo porque já é velha e não vai mudar a cabeça e o jeito de pensar. O pai dele me recebe bem, a mãe é diferente. Acho que ela tem ciúmes do filho mesmo. Sogra é assim mesmo e eu não estou disputando nada. Com os meus amigos não sinto o preconceito forte, nem na faculdade. A gente até pensa assim: “*sou a única negra do PET-Letras e sei que sou o 1% que entrou na empresa onde trabalho*”. Sabe? Dá uma pensadinha assim, mas se a gente ficar pensando nisso, vai se sentir perseguida, aquela mania de perseguição, sabe? Não, passei na seleção do PET porque o meu texto era bom, melhor que o de outras pessoas. Também não vou pensar que por causa de eu ser negra entrei naquela empresa. Em muitas empresas sei que fazem discriminação, não adianta tapar o sol com a peneira. Sei que tem muita gente racista, muitas pessoas botam só 1%, por que querem que tenha somente isto mesmo para que outras pessoas nem percebem que há apenas pessoas brancas. Tem gente que não vê isso, não percebem, nem conhece os funcionários,

Como me sentia sendo uma negra chegando à Universidade

Não, não existem negros. Se a pessoa quiser cotas pra ficar bem na fita. Tem aquelas coisas, não sei se no final do ano, se tiver no regulamentozinho, que 1% é bom para a empresa, ela fica bem vista, como se tivesse feito uma ação social. Algumas pessoas me conheciam - três meninos me conheciam - só que eles não colocam nome nos textos. Só que um menino disse que sabia que o texto era meu pelo o que estava

escrito. E depois, no final quando a gente passa por uma entrevista, coincidentemente, conhecia o entrevistador, um cliente da videoteca, onde trabalhava. Florianópolis é um ovo, todo mundo se conhece de algum lugar. Na entrevista, ele me perguntou como me sentia sendo uma negra chegando à Universidade, “*olha eu estou chegando agora, ainda não senti muito não, mas eu estou muito feliz*”, falei. De fato, estava terminando o primeiro semestre e dava prá sentir mesmo, mas estava muito feliz.

Ensino um pouco sobre as maldades do mundo...

Olha, dependendo da pessoa eu sou mais paciente ou mais explosiva. Tenho o meu limite. Assim, depende do momento e do meu humor, mas tenho paciência sim. Tenho que ter! O menino que estou namorando agora é muito diferente de mim. Há coisas que aprendo com ele e muitas outras ele aprende comigo. Talvez, ele esteja aprendendo comigo ser mais solidário e ensino um pouco sobre as maldades do mundo. Digo: “*vai com calma porque as pessoas se aproveitam demais*”. Algumas vezes, ele é muito bonzinho, dou uns toques prá não ser tão bonzinho assim. Por outro lado, ele me dá uma idéia mais racional das coisas, porque, muitas vezes, não tenho o pensamento muito racional. Eu sou muito ‘emoção’! Eu não sei dizer os momentos em que sou mais racional, é difícil! Eu peso tudo, tudo. Mais adiante, eu vou passar por um momento importante: vou fazer de uma comissão em um processo de seleção de alunos e de professores para um curso de extensão. Nesse processo, vou ter que ser mais racional. Nessa hora, a gente precisa ser mais racional. Eu vou ser racional na hora em que eu estiver lendo o texto de cada um dos candidatos, na hora da entrevista e, no final, é óbvio, se eu conhecer a pessoa levarei isso em consideração. Quando for professora também vou ter que fazer isso. Vou ver aquele aluno lá, como ele foi durante o ano, não posso pensar só na parte escrita, não só em um momento específico.

Por cotas pensei que separavam, discriminavam...

Muitas vezes fiquei nervosa num processo assim. No meu último vestibular estava muito nervosa. Até achei que não ia passar. Estava envolvida com o curso de comissária, tinha ido pra Porto Alegre, passei na primeira etapa, fiquei na prova de inglês, oral e escrito. Tinha feito a prova escrita em São Paulo e a oral em Campinas. Eu não passei! Estava já me vendo nos Emirados Árabes, para onde iria. Mas no final

fiquei muito nervosa, prá variar... Então, pensei que não passaria no vestibular, por que estava fazendo muitas coisas ao mesmo tempo. Mas eu fiz o vestibular e passei! Também fiz porque um amigo insistiu muito, fez uma pressãozinha otimista e fui na dele... Fiquei muito feliz por ter passado, mas tinha dúvidas se faria pelas cotas ou não. Porque por cotas pensei que separavam, discriminavam. Sabe? Ainda hoje sou contra as cotas! Ter feito o vestibular por cotas foi contra os meus princípios. Eu penso muito sobre isto, de, às vezes, não conseguir dormir. Não todo dia, mas de vez em quando dou uma pensada. Inda não sei se é a melhor solução. Eu fico pensando e, por vezes, fico tão feliz: se não fossem as cotas, eu não estaria aqui. Será? Eu fico pensando nisso... Mas eu nunca vou saber, porque eu não vou fazer de novo!

AUTORRETRATO V: JÚLIA E TODOS OS SONHOS DO MUNDO

*“Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim.
Eu sou assim, quem quiser gostar de mim eu sou assim.”
(Wilson Batista)*

Moro aqui com minha mãe e duas irmãs

Nasci em Florianópolis e moro aqui com minha mãe e duas irmãs mais novas que eu. Minha mãe é de Lages, no interior do Estado, e veio para cá com a sua família quando tinha 15 anos. A minha irmã do meio nasceu na cidade de Rio Grande, quando a minha mãe ainda era casada. Minha mãe casou aqui mesmo, em Floripa, depois foi morar em Rio Grande, e quando meus pais se separam, ela voltou. Acho que já faz uns quinze anos que voltamos a morar na cidade.

Minha mãe é professora... Meu pai era da marinha...

Minha mãe é professora formada. Formou-se em Pedagogia e depois fez pós [especialização] em educação infantil. Agora, está lecionando aqui no município de São José. Na verdade, de uns três anos prá cá ela leciona como professora. Antes disso, ela não tinha profissão nenhuma. Ela tinha casado cedo, com 18 anos engravidou de mim e não teve condições, porque com a gravidez parou de estudar na oitava série. Também trabalhava na casa de família, como empregada doméstica.

Quando ela casou foi morar, primeiramente, no Rio de Janeiro, depois no Rio Grande. Ali se separou quando eu tinha seis anos de idade e voltou prá Florianópolis para morar com meu avô. Quando moramos durante um ano no Rio de Janeiro, eu era recém nascida. Minha família foi prá lá porque meu pai era da marinha, e sempre era transferido. Por isso, ficou um tempo aqui em Floripa, em seguida foi por Rio, voltou prá cá e depois foi para a cidade de Rio Grande. Quando estávamos no Rio Grande minha irmã nasceu. Minha mãe ficou morando lá até minha irmã ter uns quatro e eu seis anos.

... A grande oportunidade para alguém

Mamãe ficou parada sem estudar durante uns dez anos. Depois de se separar e voltar para Floripa, ela começou a estudar. Ela fez todo o ensino médio. A princípio, ela queria mesmo fazer um curso técnico em enfermagem, mas, naquela época, não tinha dinheiro prá pagar e nem não com quem deixar a gente, pois éramos muito pequenas. Aí surgiu a oportunidade de fazer a faculdade de pedagogia, na UDESC. Daí ela foi fazer o curso, na verdade, sem a convicção que era aquilo que desejava, mas sabia que era uma grande oportunidade para alguém, como ela, que queria muito voltar a estudar, dar continuidade aos estudos. Na época, este curso de pedagogia era ofertado especificamente para mulheres negras. Assim, ela começou o ensino à distância e se formou faz uns três anos. Desde então ela v⁶¹ em atuando como professora, fazendo concurso prá trabalhar como ACT. Acho que lá ela se encontrou, porque ela gosta bastante. Agora, ela acha que era isso mesmo. Ela tem duas Pós [especialização], na área de educação infantil. Hoje, ela adora ser professora e está trabalhando em São José como ACT. Todo ano faz concurso e faz 4 anos que ela é professora na rede.

Seu eu pudesse ter escolhido...

Atualmente, meu pai mora aqui, naquelas casas da Marinha, no Estreito. Ele é marinho e está casado de novo, tem outra mulher, mas

⁶¹ Diferente de como expressa Júlia, os professores não concursados são contratados para atuarem na educação básica, no ensino profissionalizante, na educação de jovens e adultos e educação especial das escolas regulares da rede pública estadual, por meio de processos seletivos, que, normalmente, ocorrem nos finais de ano (entre outubro e novembro) para preencher as vagas para o ano letivo seguinte. Estes contratos são chamados de Admitidos em Caráter Temporário (ACTs). Igualmente, os municípios seguem o mesmo padrão de seleção.

não tem filhos. Ele só teve as duas filhas com minha mãe. Olha, a gente se dá mais ou menos. Porque a gente assim...: quando eles se separaram, se pudesse ter escolhido, na época, com quem ficaria eu teria ficado com meu pai, porque era muito apegada a ele, tanto eu como minha irmã. Só que a mulher com quem ele casou não gostava da gente. Ela não gostava da gente e nem de toda a família dele. Acho que ela não gosta de ninguém! Ele é dela e pronto. Durante um tempo, a gente teve bastante dificuldade de manter contato com ele, porque ela não gostava. Por causa disto, ele nos via escondido e quando íamos, nos finais de semana, na sua casa, logo ela queria que fôssemos embora. Ela não gostava da gente nem de nos receber em sua casa. Até hoje é assim! Por isso, a gente se fala algumas vezes por telefone, a gente vai lá na Marinha vê-lo e, de vez em quando, a gente sai. Mas, na casa dele a gente não vai mais justamente por causa dela. Não sei o motivo dela não gostar de nós, mas a gente acredita que quando ela era mais nova fez laqueadura e não pode ter filhos. Então, o fato dele ter duas filhas... deve mexer com ela. Olha meu pai é assim, dá prá ver que é louco por nós, ele adora a gente. Acho que isso causa ciúmes nela, pelo fato dela não ter dado um filho pra ele também. Ela não podia ter filhos, ele não deu bola, porque ele já tinha duas filhas. Então, a raiva dela é essa, não ter tido filhos com ele.

...Se parar de estudar, não volto mais

Até os cinco anos não estudava, ficava em casa com minha mãe. Quando meus pais se separaram e nós viemos pra cá, tive que ir pra creche. Estudei aqui no Kobrasol [Bairro de São José] por um tempo, depois estudei a primeira série no Ribeirão da Ilha [Florianópolis]. Da segunda série até a oitava série fiz aqui na EEB Lauro Muller, no centro de Florianópolis. Na verdade, até o segundo ano do ensino médio fiz na Escola Lauro Muller e quando estava no segundo ano me deram uma bolsa de estudo para fazer o terceiro ano no Colégio Catarinense. Eu queria muito passar na faculdade e fiz meu primeiro vestibular para Psicologia. Se bem que estava na dúvida entre Psicologia e Enfermagem. Uma amiga muito próxima me dizia: “*Não, Júlia, faça prá Enfermagem, porque a prova é mais fácil.*”. Mas eu, teimosa, prestei psicologia e não passei. Tinha ido muito bem no vestibular e se tivesse feito para Enfermagem, eu teria passado, com certeza! Nem que não ficasse numa boa colocação, mas teria sido melhor que Psicologia. Depois, não parei de estudar, fiz Magistério só pra não ficar parada nesse tempo, mas vi que aquilo não tinha nada a ver

comigo! Aí, resolvi fazer técnico de Enfermagem e achei que era tudo aquilo que queria fazer mesmo! Quando fui fazer vestibular novamente para Enfermagem, tinha deixado passar a data de inscrição, como tinha feito o ENEM⁶², me inscrevi para a UNIVALI⁶³ e UNISUL⁶⁴. Com as minhas notas do ENEM eram muito boas, conseguiria escolher outros cursos, como Fisioterapia, mas resolvi escolher Enfermagem mesmo. Na UNIVALI fiquei um ano com bolsa parcial e, logo, no ano seguinte consegui uma bolsa integral. Com isso, pude conciliar o curso de Técnico de Enfermagem com o de Enfermagem. Na metade do ano passado [2008] me formei em técnico de enfermagem e agora vou concluir a graduação, falta somente um ano e meio. Comecei o curso com dezenove anos, vou me formar bem nova, né?

Quando, pela primeira vez, fiz o vestibular e não passei, a minha preocupação era essa: se parar de estudar, não volto mais! Porque todo mundo é assim ou não volta ou demora pra voltar. Por isso, a minha preocupação era para que não parasse de estudar, podia fazer até pedagogia, já que tenho muitos familiares que são professores. “*Talvez, também goste disso*”, pensei. Assim, comecei o magistério, mas quando iniciei os estágios, eu em disse: “*Não, não é pra mim! Não tenho jeito para o magistério!*”. A partir daí fui fazer o técnico de enfermagem e no ano seguinte já estava fazendo graduação. O curso técnico era à noite e a graduação à tarde. Um determinado momento, até pensei em parar o curso técnico e só fazer a graduação, mas minha mãe me disse que era bom que fizesse os dois e quando arranjasse um emprego, teria experiência. Então, continuei numa boa! E não me arrependi, não! Então, foi só um ano que fiquei parada.

Será que é isto mesmo que eu quero?

⁶² O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi criado em 1998 pelo Ministério da Educação e tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim do ensino médio. Tem direito de participar do exame, alunos concluintes ou que concluíram o ensino médio em anos anteriores. Este também é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni) para ingresso em universidades particulares que aderiram ao programa.

⁶³ Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI -, instituição de ensino superior de caráter comunitária, com sede na cidade de Itajaí e com diversos campi, entre eles o da cidade de Biguaçu, na grande Florianópolis, onde a informante estuda.

⁶⁴ Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL -, instituição de ensino superior de caráter comunitária, com sede na cidade de Tubarão, também possui outros campi, entre eles o da cidade de Palhoça.

Olha, sempre gostei da área da saúde, não sei o porquê! Quis fazer Fisioterapia, Psicologia, mas nunca pensei na Enfermagem, prá ser bem sincera. Assim, achava que era um trabalho bem braçal e que isso não era pra mim: sem paciência para atender gente doente, gente reclamando. Um dia, quando meu tio ficou internado no hospital, por estar muito doente e quase falecer, eu ficava com ele no período de manhã. Assim, comecei a prestar a atenção e ver o trabalho dos técnicos de enfermagem, das enfermeiras; comecei achar muito interessante o quê eles faziam e via que não era bem assim como pensava antes. É um trabalho de destaque e tem que ter estômago, também, né? Se a pessoa não gostar daquilo que está fazendo, não fica na profissão. Acho que foi mais ou menos a partir daí que comecei a ver que queria me formar em enfermeira. Mas, até hoje tenho dúvidas: “*será que é isso mesmo que eu quero?*”. Eu começo a me perguntar isto e quando paro, penso, não vejo outra coisa que gostaria de fazer. Então, vou continuar na Enfermagem, se não vejo outra coisa que gostaria de fazer, se não sei fazer outra coisa, vou continuar na enfermagem mesmo. Muitas pessoas me perguntam: “*ah, tu podias fazer Medicina!*”. Mas, são coisas totalmente diferentes. Medicina é medicina e enfermagem é enfermagem. Uma depende da outra, mas são profissões totalmente diferentes. Eu não coloco isso na minha cabeça, nem quero fazer e nem me interessa a Medicina.

...Não sou de pegar qualquer coisa

Olha, a minha vida profissional tem um currículo pequenininho assim. Quando estava no ensino médio, fiz estágio numa clínica aqui no centro como auxiliar, minha função era distribuir laudos. As pessoas faziam os exames médicos e eu fazia a distribuição dos laudos. Mas, fiquei ali, naquela clínica, por pouco tempo, acho que uns seis meses. Depois fiquei parada sem trabalho. Em seguida trabalhei pela Fundação da UDESC, não sei se ainda existe, ela mandava dinheiro para projetos de extensão, assim trabalhava como *office girl* e fazia arquivamento de dados, atendimento ao pessoal, coisas assim. Era um contrato temporário voltado para alunos do ensino médio, por isso, trabalhei durante todo o terceiro ano e assim que terminei o terceiro ano, terminou o contrato e não tinha como revalidar o contrato. Depois deste contrato temporário, fiquei parada um tempão, sem trabalhar.

Quando voltei a trabalhar, fiquei um mês só na *Brasil-Telecom*, depois não trabalhei mais. Até procurava serviço, não tinha nada assim

que eu... Eu até procurei, mas também não sou de pegar qualquer coisa; qualquer coisa não ia trabalhar. Qualquer coisa, não! Tinha isto comigo, pelo menos vou trabalhar numa coisa que ganhasse pelo serviço que estava fazendo. Se for ganhar 200 reais para trabalhar quatro horas ou seis horas, sem tempo para estudar, eu preferia ficar em casa estudando. Ficar ganhado bem mal, se matando... Não, nada a ver! Então, trabalhar em qualquer coisa não era comigo. Como lhe disse, depois que trabalhei na *Brasil-Telecom* não trabalhei mais. Fiquei só estudando. Fazia o técnico de enfermagem à noite, a faculdade à tarde. De manhã, usava para organizar os trabalhos da faculdade e do curso técnico, porque era prova aqui, prova ali. Eu ficava me descabelando para cumprir tudo como queria. Ah! Agora sim, depois que terminei o técnico, sobra um tempinho para poder arrumar um emprego legal. Mas, como não tinha experiência na área da saúde, em todo lugar que procurava era aquela coisa: “*Tem experiência?*”. Não. “*Tem que ter experiência!*”. A minha idade também, eu era muito nova, tinha vinte anos. Não conseguia pela inexperiência e pela idade. Teve um concurso no HU – processo seletivo temporário – onde não tem essa de experiência, não. Se você tira aquela nota de aprovação, você está dentro. Na primeira vez, prestei e não passei. Novamente, fiz no ano seguinte quando teve e aí eu passei. Agora, estou trabalhando lá já faz uns 5 meses. Eu trabalho lá na Emergência. Foi mais no susto, né? Eu não tinha experiência nenhuma, quando fui contratada me disseram: “*só tem a emergência pra trabalhar. Serve?*”. Sim, pode ser! No início foi bem difícil, depois de um mês me adaptei bem. Eu gosto bastante. É difícil, mas é um trabalho bom.

... As coisas acontecem para mim

Eu sou! Eu sou uma pessoa, digamos, bem chata, bem *cri cri*, porque gosto das minhas coisas bem assim. Eu organizo minhas coisas, organizo o meu tempo. Eu digo: hoje eu vou fazer isso, assim, isso, aquilo... Se alguma coisa, naquele dia, não deu certa, parece que acabou tudo. Aí eu organizo tudo de novo: hoje eu vou fazer isso, isso e mais aquilo que ficou de ontem. Sou bem planejada, gosto de organizar minhas coisas pra poder ficar bem... Eu não sou de ir fazer uma coisa pra ver se dar. Eu penso tudo antes de fazer, bem planejadinho. Isso, às vezes, é até ruim, pois quando uma coisa não sai como queria, eu fico super estressada. Aí sobra prá quem estiver perto...

Olha, por incrível que pareça, uma coisa assim que surge nas minhas idéias e que converso com minha mãe sobre isso, acontece. Não sei se é sorte, mas eu digo: eu quero isso eu vou atrás. Assim, me organizava e ia atrás. É bem difícil uma coisa que eu planejo dar errado. Às vezes, estava planejando uma determinada coisa e outra acontece de bom que nem planejava e que me leva para o caminho que desejar ir. É assim. A minha mãe diz que tenho sorte para as coisas que eu planejo. Acho que as coisas vêm, as coisas acontecem para mim. Não sei se é porque o que gosto, corro atrás! Penso sempre positivo, mas se der errado, eu fico doida. Se como fiz não deu certo, paro, me organizo de novo e eu penso: *“peraí, se não deu certo hoje, amanhã vai dar”*. Não deu amanhã, depois vai dar. Porque senão...

...O quanto nós somos diferentes

Na minha casa, às vezes, até comento sobre o quanto nós somos diferentes. Minha mãe é bem mais faladeira, fala alto, muito bagunceira, pensa uma coisa, mas nem sempre faz o que pensou. Tenho outra irmã que é muito mais na dela, mais quieta e não demonstra muito quando não gostou de algo ou quando está com raiva. E eu também sou mais tranqüila, mais na minha, mas também quando eu não gosto de uma coisa eu demonstro, eu digo que não gosto, que não quero. Quando eu quero, eu planejo minha vida. Quando quero, eu mesmo vou, eu mesmo faço. Deu certo, deu. Não fico esperando, eu meto a cara, se tiver que dar errado vai dar se tiver que dar certo também vai dar.

A minha referência...

A minha mãe é a minha referência pra mim, porque tem aquela história, sabe? Casou nova, separou nova, quando teve vinte e cinco anos, se separou, teve que carregar duas filhas trabalhando o dia todo e mesmo assim decidiu voltar a estudar. E uma coisa ela sempre nos dizia: *“minhas filhas nunca vão trabalhar na casa de ninguém, nunca vão limpar sujeira dos outros”*. Então, ela é a minha referência. Tem a minha madrinha, irmã de minha mãe, também professora está fazendo o doutorado dela. Ela trabalha na área de educação. Ela mais o meu padrinho são pessoas também muito importantes na minha vida. Assim, quando minha mãe precisou voltar a estudar, foram eles que ajudaram bastante ficando comigo e minha irmã. Eu sempre os vi como um exemplo, toda vida foram atrás do que eles queriam, mas sem esquecer-

se de onde vieram! A gente está aqui, hoje, porque lutou, sempre estudou, sempre batalhou. Toda a vida eu vi eles assim. Então, são pessoas em que me espelho bastante. Assim, não quero decepcionar! Será que vou decepcionar? Não posso decepcionar! Querendo ou não, na minha família poucos estudaram, aliás, a maioria não estudou, casou cedo, engravidou, teve filhos, aquela coisarada toda! Eu não queria isso pra mim! Quiseram casar, ter filhos, então, querendo ou não eles sabem quem estudou, vai em frente! Sabe? Às vezes tenho medo de decepcionar, né? Sempre procuro me espelhar neles, não só neles, não só por eles. Tê-los como referência é uma coisa que eu gosto!

Sempre freqüentei a igreja católica, mas...

Minha mãe sempre foi católica, mas de uns quatro ou cinco anos pra cá ela passou a ser espírita. Ela vai sempre num centro de umbanda, mas não é macumba...! As pessoas pensam isso, né? Até eu, antes de conhecer o centro dela, pensava assim. Ela participa das sessões toda sexta feira. Ela gosta bastante e segue com entusiasmo. Todas as sextas, ela e a sua irmã mais nova vão juntas.

Bom, eu me batizei, fiz primeira comunhão e fiz a crisma, e toda aquela coisarada, na igreja católica. Sempre freqüentei a igreja católica, mas só que hoje tem coisas que gosto da religião católica e coisas que gosto do espiritismo. Por aquilo que ouço e converso com as minhas amigas, mas não sou praticante de nenhuma religião. Eu tenho a minha crença, acredito em Deus, rezo, peço, mas praticar, seguir, estar numa mesma igreja, freqüentar um mesmo local, assim não! Acho importante a gente ter uma fé. O fato de estar indo ou não á igreja é mais uma questão de princípio. Eu acredito em Deus, e quando preciso... Não, não só quando preciso, faço minhas orações à noite, agradeço pelo meu dia, se não foi um dia bom, peço que amanhã seja um dia melhor... Mas, não sinto falta de ir a uma igreja, não. A fé está dentro de mim! Assim, eu procuro seguir aquilo em que acredito.

Ser mulher, ser negra tem um preço

Eu quero ter uma profissão, amanhã eu quero ser uma enfermeira. “A Julia não é nada?”. “Não, Júlia é enfermeira e trabalha em tal lugar!”. É claro que o fato de ser mulher, ser negra tem um preço. Porque você sabe, tem o preconceito. Eu não dou tanta bola assim, mas minhas colegas percebem que sou a única negra que faz o

curso de enfermagem. Elas não falam verbalmente, mas o olhar, a forma como me olham já diz alguma coisa. Ai a gente procura apoio, e minha madrinha fala bastante assim: “mulher vá em frente!”. A gente tem que procurar ser melhor em tudo, porque você sabe ser negra e ser pobre tem que ser melhor em tudo. Tem que vencer! Às vezes, eu penso comigo assim: “tenho que ser a primeira sempre”. Mas, isto é muito difícil... Não, eu não acho que estou sendo muito exigente comigo, porque não fico me torturando: “ah! eu sou negra!”, sabe? Eu tenho uma meta! Se a gente tiver uma meta e procurar seguir esta meta, a gente chega lá. Se eu não conseguir chegar lá, tento ver outras formas para fazer. Pode não ser bem aquilo que eu queria, mas é mais um passo pra aquilo que eu quero.

Já sofri discriminação sim, mas eu era meio inocente

Na escola exatamente nunca vivenciei discriminação alguma, porque nunca fui assim “ah, porque eu sou negra”. Nunca liguei muito prá essas muvucas. A maioria das minhas amigas também sempre foi branca. A maioria! Tive poucos amigos negros, a maioria era branca. Então, procurava não sentir constrangimento por isso. Nunca fiquei pensando nisso, meu cabelo é isso, é aquilo... Eu era eu, eu era do jeito que era e nunca ninguém me fez sentir. Acredito que já sofri discriminação sim, mas eu era meio inocente, acabei não percebendo. Quando estudava no ensino médio e trabalhava em uma clínica, saí dali porque uma mulher que trabalhava no mesmo setor tinha uma implicância comigo que ninguém entendia os porquês. Os médicos gostavam de mim, todo mundo gostava de mim, me ajudava na minha função. Mas, aquela mulher implicava muito, era demais! Tudo o que fazia, implicava. Ela chegava e implicava. Aí, uma senhora – ela era negra - que também trabalhava lá, na área de limpeza, me falou: “*um dia aquela mulher foi muito grossa comigo, e eu saí e fui chorar no banheiro*”. Eu pensei comigo, isso nunca passaria pela minha cabeça. Outra moça que trabalhava nesta clínica me viu e falou assim: “*Oi, foi fulana que brigou contigo, né? Não liga não, porque ela não gosta de negro, ela me trata assim também*”. Uma outra menina também me falou a mesma coisa. Éramos três pessoas negras, e ela só se comportava assim com a gente. Aí começamos a suspeitar. Na época, eu trabalhava de manhã e a pessoa que me contratou me chamou e falou que a loira não gostava de mim, que implicava comigo, e ela nem entendia a razão, mas como era uma funcionária muito antiga, trabalhava há mais de dez anos, não poderia mandar ela embora por causa disso. Então, me

perguntaram se não queria mudar o meu horário, isto é, passar a trabalhar à tarde para não encontrá-la durante o serviço, somente poderíamos nos encontrar na saída. Depois disto, preferi sair da clínica, não quis trabalhar mais ali. O pessoal queria montar um processo em nome da turma, mas a minha família achou que isso ia ser muito doído, me machucaria muito. Então, preferimos deixar pra lá. Eu pedi demissão, mas também as outras meninas não continuaram lá. Recentemente, encontrei um delas que foi fazer o curso técnico comigo e ela me falou que tudo aquilo era raiva de negro também. Procuo não pensar de modo que estas coisas não me façam desanimar, por isso deixei de trabalhar ali.

... Os cabelos de negro...

Ouçõ, às vezes, comentários de outras colegas sobre os cabelos. Os cabelos de negro... os nossos cabelos são mais cheios, mais crespos. Sempre há preconceito associado ao cabelo. O tema da mulher é o cabelo..: Só que eu sempre procurei amarrar os cabelos, nunca deixo os meus cabelos de qualquer jeito. Minha mãe tem uma preocupação enorme com isso, por isso sempre andei com os cabelos arrumados. Eu tinha uma colega, que mesmo com os cabelos arrumados, dava pra ver que eram mais duros, crespos... Os outros falavam: “*olha o cabelo Dela! É cabelo de coco, é cabelo duro*”, aquela coisarada toda. Os cabelos da menina não cresciam e o pessoal pegava no pé dela. Olha, eu nunca permiti que fizessem piadinha comigo ou sobre negro. Nunca permiti porque sou negra, adoro a minha cor, gosto do meu cabelo assim e ele sempre foi desse jeito. Não sei se porque minha mãe sempre me dizia para não ter vergonha da minha cor; que não é por que é negra que é feia e que eu era linda. Ela me dizia que as pessoas tinham inveja por causa da cor de pele, da beleza que o negro tem, uma beleza muito diferente. Então, sempre procurei olhar por esse ângulo; sempre me aceitei como eu sou, gostava de mim como eu era. Por incrível que pareça, as pessoas pegavam no pé não por causa da cor, mas por ser muito magrinha; chamavam-me de Olívia Palito, de pau de virar tripa. Assim, elas me chamavam, não era pela cor da pele. Por isso, não senti grande preconceito.

Nunca deixo ninguém falar assim...

Apelido? Bom, não gosto quando falam “*a neguinha ali*”, “*a moreninha lá*”. Eu de imediato digo “*não sou moreninha não, sou negra*”. Se me chamarem de neguinha, eu digo “*neguinha não, eu tenho nome*”. “*Olha lá, aquela neguinha, mais escurinha...*”; eu digo: “*Não, neguinha mais escurinha tem nome*”. Sempre assim, nunca deixo ninguém falar assim.

Costumo freqüentar sempre os mesmos locais

Eu gosto de praia, no verão vou sempre à praia. Gosto de cinema e gosto de sair à noite pra dançar, gosto bastante de dançar. Gosto de pagode, de samba. Algumas músicas de MPB que curto, mas é assim: ouvi a música, gostei da música, não tem um artista assim que curta. Normalmente, gosto é da música. Gosto de sair para dançar e costumo freqüentar sempre os mesmos locais. E ia muito no *Scala*⁶⁵, na sede da *Coloninha*⁶⁶, no *Praça Onze*⁶⁷. Também gosto de acompanhar o carnaval. Torço pelo *Copa Lord*⁶⁸, sempre! Mas, agora, acho que eles estão de palhaçada, com história de escolher muito o pessoal que sai na escola. Apesar disso, eu gosto muito da *Copa Lord*. Sempre que há ensaio, vou acompanhar com minha irmã mais nova. Quando há programação, alguma coisa lá na sede da *Coloninha*, eu também gosto de ir. Eu já saí em desfile de escola de samba. Foi pela *Copa Lord*. Eu amei. Saí em uma ala coreografada. Vamos ver se, no próximo ano, dá para bancar os custos das fantasias. Se der, com certeza, eu vou sair de novo.

⁶⁵ Casa de show e dança que apresenta diferentes estilos musicais, sua sede fica na cidade de São José, na Grande Florianópolis.

⁶⁶ Sociedade Recreativa e Cultural Unidos da Coloninha, fundada em 1960, é umas das principais escolas de samba de Florianópolis e é a única que possui sede com funcionando semanalmente com apresentação de grupos de samba e pagode. Outra particularidade é a única que tem sede em uma comunidade fora da Ilha de Santa Catarina.

⁶⁷ Praça Onze é um bar e restaurante considerado um dos redutos do samba de raiz e pagode. Fica cidade de São José, na Grande Florianópolis.

⁶⁸ Escola de Samba Embaixada *Copa Lord*, fundada em 1955, é uma das sociedades carnavalescas mais antiga da cidade de Florianópolis e tem sua sede bairro Morro da Caixa, em Florianópolis.

Grupo de amigos muito grande eu não gosto de ter

Mas, grupo de amigos muito grande eu não gosto de ter, nunca vou ter. Muita gente da muita briga, muita bagunça, dá rolo! Sempre saio com uma ou duas amigas minhas, mas muita gente não.

Eu sempre gostei de negros para namorar...

No momento, estou sem namorado. Estava namorando, agora não tenho mais, depois que namorei por quatro anos. Agora, estou só procurando. Não, procurando não, estou ficando com outro menino. Ele é branco também. Particularmente, eu sempre gostei de negros para namorar, mas o fato de ser branco ou negro nunca interferiu nas minhas escolhas. Não tenho nada contra! Mas, o meu interesse sempre foi por homens negros. Mas aí os homens brancos querem mais... Eles também gostam bastante de negras. Por incrível, parece que o negro não valoriza o negro como o branco. O branco valoriza mais o negro do que os próprios negros. Eu namorei quatro anos com um homem negro, a gente terminou. Agora eu estou com outro menino.

É difícil o negro valorizar o negro

Eu acho que as escolhas dependem de cada pessoa. Por exemplo, meu ex-namorado, nós terminamos e agora ele namora outra menina e ela negra. Mas assim, eu acho que, bem dizer, os meninos brancos te acham mais bonita; eles valorizam mais o seu cabelo, os seus olhos, a sua cor. O negro... - não sei te explicar - assim... É difícil o negro valorizar o negro. O homem negro gosta mais da mulher branca, valoriza mais a mulher branca, sei lá? Tem essa questão, pelos amigos que tenho, pelas falas do meu ex-namorado, ele implicava bastante com a questão dos cabelos da mulher negra. Implica bastante, sabe? Eles falam mal dos cabelos das gurias lá...!

“Mas, eu sou negra e os meus cabelos também são assim?”, dizia.

“Não, os seus cabelos é bom!”, ele respondia. Ou ainda: “Ah! mas os seus cabelos são muito bonitos...”. Tem essa coisa assim, sabe?

Eu sempre ouço mais comentários negativos mais em relação aos cabelos da mulher negra do que os da branca. Mas, é aquela questão assim, eles não estão somente desvalorizando a outra pessoa, eles estão se desvalorizando, porque eles são negros também. As mulheres não

têm cabelos bons ou cabelos ruins, simplesmente, elas têm cabelos diferentes. Cada uma com os seus cabelos.

A maioria de minhas amigas é branca...

Entre as minhas amigas não chegamos a parar para falar sobre estas percepções. A maioria de minhas amigas é branca, tenho bastante amigas brancas e elas se divertem, comentam com carinho porque você é negra, porque você é diferente. Elas ficam: “*ai, que bonito, ai que lindo*”, e elas pegam no pé: “*ai que lindo o seu cabelo crespo*”. Elas gostam, valorizam, não tenho grandes problemas. Quando ouvem comentários, comentários maldosos, elas não falam, não expressam, porque elas não olham como a gente olha.

Meus projetos...

Entre os meus projetos está, primeiramente, terminar a minha graduação. Depois quero fazer um concurso para entrar na Marinha. Não sei se porque meu pai é da marinha e meu tio também, mas quero tentar a Marinha, a Aeronáutica. Desejo ir para a área militar. Fazer concurso e ser enfermeira das forças armadas. Ainda não sei pra onde, mas vou querer fazer concurso. Depois, pretendo fazer uma especialização. No momento, porém, tenho muitas dúvidas. De início, quero fazer minha pós na área de saúde coletiva. Ainda, estou descobrindo um outro lado voltado mais para pediatria. Estou gostando da área de pediatria. Gosto também da parte de cardiologia. Sei, com certeza, que farei uma especialização, só não sei ainda em qual área. Pretendo até o ano que vem me decidir e logo fazer a pós para não parar meus estudos. Logo iniciar uma pós e depois fazer o meu mestrado e só. Não pretendo fazer doutorado, não. No máximo, até o mestrado para que possa tentar dar aula numa universidade ou num curso técnico. Eu gosto de explicar o que penso. Quando eu sei de alguma coisa, gosto de contar pra todo mundo: “*Não, não é só isso que eu quero saber*”. Mas eu conto a coisa toda.

É engraçado, né? Não fui pra área da educação, mas estou ficando, né? Eu pretendo fazer o mestrado, porque quero dar aula depois. Acredito que posso ter uma renda maior, depois tem menos risco de insalubridade, o ambiente é menos insalubre.

No campo pessoal...

Quanto aos meus projetos, no campo pessoal, pretendo morar sozinha, pretendo casar, ter filhos. Para isto pretendo encontrar uma pessoa que goste de verdade para casar e ter filhos. Não quero ter mais de dois filhos, também. Porque é assim, eu gosto muito de estar como minha família, gosto muito de família. Eu me vendo, sei lá, ali com cinquenta anos e aí não ter filhos, um companheiro, marido, pra estar comigo, nem que fosse pra eu cuidar dele, ele cuidar de mim, vendo uma internet, assim, solitária. Todo mundo quer constituir família, pra ser feliz, formar família, ter emprego. Eu penso assim: é claro que a escolha profissional hoje em dia é muito importante. Têm pessoas que só vivem, passam a vida toda pensando somente na parte profissional. Quando chegam lá na frente, aos quarenta, cinquenta anos, elas têm o que? Trabalham a semana inteira e quando chega o final de semana ficam em casa sozinhas, porque tem uma amiga ou outra, mas amiga tem sua família, seu marido, seus filhos; tem a família de seu marido, tem a sua família... Então, tenho muito medo de ficar sozinha. Eu não quero ficar sozinha. Eu quero constituir família para ter alguém perto de mim. Quando eu casar e se um dia me separar por não dar certo o casamento, querer ter os meus filhos. Eu tenho essa preocupação! Não quero me matar de trabalhar, ter três a quatro empregos, quero sim, ter um emprego, continuar estudando, fazer o meu mestrado, fazer um curso ou outro para estar me atualizando. Assim, trabalhando, mas com tempo para constituir minha família, minha casa; não quero me matar trabalhando para fazer fortuna, ficar rica. Rica eu não vou ficar, mas pelo menos quero ter condição para que possa evoluir, que possa sair, fazer uma coisa diferente, ir a restaurante, pegar um cinema, ter o meu carro para passear. Eu quero trabalhar para ter condições de ter aquilo que eu quero! Não quero ficar rica, porque as pessoas que se matam de trabalhar, ficam doentes. Isto não vale a pena, não quero para mim. Quero sim, estudar e ter a minha vida profissional, mas também eu quero viver.

Quero ser respeitada pelo meu trabalho

Eu quero ser independente, porque não quero depender dos outros. Quando estiver bem, profissionalmente, acredito que vou poder ajudar as pessoas que estão a minha volta. Por isso, quero ficar bem comigo mesmo para depois ficar bem com as outras pessoas. Isto é uma

coisa que quero bastante! Aí tem gente que me fala: “*ah, você poderia estudar, ir embora para o exterior*”. Não, não quero! Desejo conhecer sei lá, a Bahia, Amazonas, Manaus. Conhecer o outro lado do mundo? Não tenho grande curiosidade sobre isso. É lógico que tem alguns países que tenho curiosidade conhecer como os Estados Unidos. Mas, assim, não tenho vontade de ir embora do país, trabalhar, estudar, não tenho vontade disso. Eu quero ser importante naquilo que escolhi, não quero meu nome em jornal, televisão, revista. Eu quero ser respeitada pelo meu trabalho.

Claro, isso é bom, mas não quero, em nome de uma vida profissional bem sucedida, largar minha vida pessoal, minha vida familiar. Acho que você precisa da família, precisa do outro, precisa de um companheiro, de alguém. A vida profissional não é tudo, porque ali no ambiente profissional você é feliz e todo mundo te fala “*fulana de tal, não sei o quê...*”. Depois você volta prá casa, e aí? Não tem ninguém te esperando!

Isto deve ser coisa de mãe...

Com minha mãe, tenho uma relação bem legal, profunda. De amiga, mesmo. A gente briga muito porque nós temos gênios muito diferentes: ela e Deus, de um lado, e eu e Deus, do outro. Por isso, a gente discute muito, uma com a outra, mas sempre voltamos atrás. Na verdade, ela sempre volta primeira! Isto deve ser coisa de mãe, pois sempre volta primeiro. Algumas vezes, há coisas que ela fala que eu não sei, acho que se explicam pelo fato dela ter casado cedo, ter perdido a adolescência muito cedo, ter trabalhado cedo, tudo muito cedo. Às vezes, espero outra mãe! Isto é, gostaria que fosse mais minha mãe e não só minha amiga, porque tem hora que quero a minha mãe. Penso assim! Ela costuma dizer que sou o porto seguro lá de casa, que tenho mais equilíbrio. Sempre usa essa frase assim... Ela também costuma dizer isso para suas amigas e todas estas amigas acabam tendo curiosidade em me conhecer. Acho isto até muito engraçado: “*Ah! essa é a queridinha da mamãe!*”. Ela nunca me falou pessoalmente por que pensa assim, mas acredito que é porque eu tenho uma disponibilidade assim, de ir atrás, de resolver as coisas sérias “*ah mãe, eu fiz isso, fiz aquilo, aconteceu isso e fiz isso e aquilo*”, sabe? Pra ela, querendo ou não, isso ajuda bastante, porque trabalha o dia inteiro, fica fora de casa o dia todo. Claro, agora eu também fico. Quando tem que resolver as

coisas, eu digo: “*Vai lá, faz assim*”. Às vezes, acho ruim, porque queria que ela me dissesse, que ela resolvesse sozinha. Por isso, algumas vezes, eu falo: “*é, eu é que pareço a sua mãe*”. Até parece que trocamos os papéis, né? Rio disto também. Minha mãe ela é bem... - como posso dizer -, é uma pessoa muita alegre, é uma pessoa muita espontânea. Até demais, que me incomoda um pouco. Não, não é por vergonha ou qualquer coisa assim, mas porque espero muito dela, por ter vivido muito mais, esperava que fosse bem mais madura para enfrentar qualquer situação. Claro, ela tem seu lado decidido, quando ela quer uma coisa ela vai. Só que tem coisas que é assim: quero isso e o que preciso pra conseguir? Preciso fazer isso, isso e aquilo... Acho que falta este espírito nela. Ela quando quer uma coisa fica meio enrolando, enrolando, sabe como é? Isso me incomoda um pouco...

Eu não sei de onde veio essa característica minha, da minha mãe não é, nem do meu pai também! Meu pai é um “*deixa a vida me levar*”, tipo deu, deu! Não deu? Amanhã a gente vê o que faz. Olha, não tenho esse sossego assim: não é amanhã, é hoje! O quê tem que ser feito, não pode esperar! Deste modo, brigo bastante com ele também. Eles me perguntam e digo que já falei: faz assim, faz assado. Às vezes, tento me colocar no lugar deles, como se fosse comigo: “*ah se fosse comigo, eu também não sei como faria, mas acho que tem que fazer assim...*”.

Meus pais eram um casal muito jovem

Acho que estes comportamentos de meus têm a ver com a juventude deles: meu pai tinha 20 anos quando casou e minha mãe estava com dezoito. Ela teve uma gravidez mal planejada e eu vim por acaso. Minha mãe não queria se casar, meu avô foi quem exigiu que se casasse. Minha avó, mãe do meu pai, disse: “*não, vai assumir agora!*”. Até tenho a impressão que eles se gostavam, se curtiam, mas não tinham nenhuma maturidade para, naquele momento, ter um filho. Também, os dois começaram a trabalhar muito cedo, com quatorze ou quinze anos de idade. Então, parte da adolescência e da juventude eles perderam: aquilo de sair, de curtir, de ir para um clube, de namorar. Nem bem estavam namorando e logo ela engravidou e tiveram que se casar. Na época, ela trabalhava numa casa como doméstica, e assim de filha passou a ser a mãe. Acho que isto tudo influenciou o quê os dois são hoje.

Meus pais eram um casal muito jovem! Meu pai também, na época, só tinha a oitava série e minha mãe estava fazendo o ensino médio. No fundo, foram meio que atropelados por toda aquela situação. Quando ela se separou, ainda era nova, e já tinha duas filhas pequenas para dar conta. É claro, meu pai pagou pensão, mas foi um trabalho para assumir, por isso minha mãe teve que ir a justiça, aquela coisarada toda. Assim, querendo ou não, minha mãe acabou saindo da adolescência para a fase adulta. Ela foi prá fase adulta, com pouca idade, mal tendo vivido a adolescência. Todas aquelas coisas que ela poderia fazer quando tinha a minha idade e não fez: quero comprar uma roupa, vou lá e compro; quero sair com o meu dinheiro, saio. Ela não teve isso. Na verdade, ela sabia que se gastasse aquele dinheiro, é ela quem ia ficar sem, porque tinha filhas prá arrumar, prá comprar roupa, um calçado. Então, a sua preocupação era com as filhas, não era ela primeiramente.

Minha mãe não é como eu...

Minha mãe não é como eu: eu sou eu. Penso assim! Depois que ela retomou a vida dela, e quando estava mais independente, voltou a estudar, fez a sua pós-graduação e agora que está tudo bem. Nós, as filhas, mais crescidas e se virando. Agora, ela vai poder curtir o que não curtiu, digamos assim. Acho que ela tem que passar por isso. A mesma coisa eu penso de meu pai: porque eu acho que é um baita homem e está somente com quarenta e dois anos. Não sei se a vida é tão simples assim, mas acho que é mais uma questão de amadurecimento: meus pais não tiveram esse tempo para amadurecerem. Tudo foi muito rápido e as responsabilidades apareceram muito cedo. Há pessoas que aprendem nessa situação. As pessoas têm diferentes maneira de ser também, e elas levam isso que aprenderam pelo resto da vida. Sabe? Há pessoas que crescem e amadurecem rápidas e acabam tendo uma outra atitude na vida. Eu acredito que com meus pais foi diferente. Eles foram adultos muito cedo e até certo foi bom, mas agora que os filhos estão bem, grandes, criados, eles precisam curtir aquilo que eles não puderam ser antes. Eu aceito isso! Não sei se estou certa ou se estou errada, mas, às vezes, a impressão que eu tenho é esta.

Da minha mãe, gosto de sua atitude de decisão. Ela é uma pessoa bem decidida, quando ela quer uma coisa, é isso, é aquilo. Ela é bem decidida, não tem vergonha de nada, ela vê e faz. Às vezes, até admiro ela por assim meio cara de pau. Ela faz seus planos e não está

nem aí, não liga muito para que os outros vão falar. Isso acha muito bom nela. Às vezes, queria ter a cara de pau que ela tem, outras vezes, acho muito ruim. Eu não sou cara de pau, tem momentos que sim, mas não tenho cara de pau.

Ele é uma pessoa em quem não me espelho

Do meu pai, o que acho bonito nele é a sua inocência. Ele é uma pessoa muito boa de coração, de pegar e ajudar as pessoas. Eu acho bonito isso dele, porque as pessoas não são mais assim. Se tiver cinco reais, dá dois e cinquenta e, ainda, é capaz de dar os outros dois e cinquenta e ficar sem nada. É só isso que admiro nele! Ele é uma pessoa em quem não me espelho. Eu procuro não me espelhar, porque não vejo grandes qualidades nele. Não sei se porque ele é uma pessoa com quem convivi muito pouco! Convivi muito com ele somente até os meus seis anos de idade e, na verdade, tenho a impressão que não o conheço direito e ele não nos conhece também. Quando nos encontramos, tenho a impressão que não sabe sobre mim, o que gosto e não gosto. Ele vem com “*aí filhinha, aí fulaninha! Tudo bem?*”, passa a mão nos meus cabelos, aperta o meu nariz, que parece nem ter notado que nós crescemos e que, com a nossa idade, sabemos fazer outras coisas, assim como, ao invés de “*vamos num cinema?*”, ele quer nos levar numa pracinha...

Todos respeitam bastante isso...

Todos meus parentes têm características bem diferentes. É até engraçado, parece a ‘*Grande Família*’. Há pessoas com características bem diferentes: uns estudaram, outros não estudaram; uns têm condições financeiras melhores, outros menos; uns mais independentes outros menos, mas a gente se respeita, cada um é do jeito que é. É claro, tem sempre aquele que se acha, que fala mais, mas cada um procura respeitar a escolha de cada um. Todo mundo se respeita, ninguém menospreza o outro, ou fica “*faz isso, faz aquilo*”. Todo mundo faz aquilo que gosta, aquilo que quer e todos respeitam bastante isso.

O que vale é fazer aquilo que se gosta

Eu já pensei nisso. Às vezes a gente sente aquela obrigação, a família coloca uma certa obrigação, tipo: “*vai estudar, vai trabalhar*”. “*Daqui alguns anos você vai estar no serviço público*”, eles falam isso.

Fulano está estudando, cicrano está estudando. Eu penso que as pessoas fazem escolhas. Eu estudo não é porque me mandaram estudar ou porque minha família quer que estude, simplesmente porque, felizmente, encontrei algo que gostava. Gosto de estudar e quero ter uma profissão! Porque eu quero e não porque minha mãe mandou. Vou confessar uma coisa: a inscrição para o Enem e a bolsa do ProUni⁶⁹, só contei depois que consegui a bolsa. Foi uma surpresa prá todo mundo. Quando saiu o resultado, liguei para minha mãe e ela nem sabia que eu tinha me inscrito. Por isso, acho que cada um faz a sua escolha. Tenho primas que preferiram se casar, ter filhos, trabalhar numa loja. Se elas estão felizes com isso. Então, pra mim, tudo bem! Eu sei que não queria isso pra mim: casar, ter filhos e trabalhar numa lojinha. Eu iria queria isso pra mim? Não, não queria mesmo! Por isso, procurei dar continuidade aos estudos. De vez em quando, pego muito no pé da minha irmã, pois ainda não terminou o ensino médio. Ela me diz: *“acho que vou fazer farmácia, ah não sei...”*. Ela trabalha numa farmácia de manipulação, faz creme, e entende um monte daquilo, só que é uma malandra, tem preguiça de estudar! Sei que não adianta forçá-la a fazer uma graduação se não é isso que ela quer. Mas, acho que se não for fazer uma graduação, faça um curso técnico e se aperfeiçoa naquilo que gosta. Porque pra mim o que vale é fazer aquilo que se gosta. Se é para trabalhar na *Comcap*⁷⁰, se é para ficar numa loja atendendo, cada um faz o que quer. É claro, que no meu ambiente de trabalho sou outra pessoa, me comporto diferente, falo as coisas nos termos técnicos, como tem que ser. Procuo manter uma postura profissional e se quero ser respeitada, tenho que ter uma postura profissional, não é?

Eles me olham como exemplo...

Dá pra ver que eles estão bem orgulhosos *“ah, a minha prima ... ah, a minha irmã”*. A minha irmãzinha, que tem onze anos, ela diz: *“eu digo na escola, minha irmã é linda e vai ser enfermeira”*. É muito

⁶⁹ O Programa Universidade para Todos (ProUni) foi criado em 2004 pelo Ministério da Educação, e tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Para obter o direito de acesso à concessão de bolsa, o candidato deve prestar o Exame do Ensino Médio (ENEM) e participar dos processos de ingresso das instituições que aderem ao programa.

⁷⁰ A Companhia Melhoramentos da Capital – **Comcap** - é a empresa de economia mista que cuida da limpeza da cidade do Florianópolis, contratada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, sua acionista majoritária.

engraçado, né? Minha outra irmã também: “*ela faz enfermagem, ela é técnica e trabalha no HU*”⁷¹. Elas têm aquela coisa, elas são bem orgulhosinhas de mim. Meus pais também são bem orgulhosos: “*minha filha faz isso, minha prima faz aquilo*”. Minhas tias me procuram: “*o médico me deu esses remédios, será que são bons mesmo?*”. Qualquer probleminha eles vêm me perguntar, “*o que é isso, como é aquilo?*”. Meu avô que tem diabetes, quando passou mal, eu fui ajudar atendê-lo. Eles são bem orgulhosos, “*ah minha sobrinha, ai minha prima*”. Eles gostam e vem como uma coisa bem positiva. Eles me olham como exemplo, “*olha a sua prima estudou, tem uma profissão*”. É tudo muito carinhoso, a minha formação não interfere em nada, todo mundo se dá bem, se respeita, cada um faz o que gosta mesmo se vai trabalhar numa loja. Importa a pessoa estar feliz...

AUTORRETRATO VI: ÁLVARO PEROBA, UM NEGRO QUE NÃO SABE TOCAR NADA

O curso que queria fazer

Até o segundo ano ou terceiro ano primário estudei na escola estadual Irineu Bornhausen, no Bairro de Estreito (Florianópolis). O meu pai era da marinha quando, em 1973, foi transferido prá Foz do Iguaçu, no Paraná. Fiz até sexta série em Foz do Iguaçu, em seguida fui pro Colégio Militar, no Bairro do Tarumã, em Curitiba, onde completei todo primeiro e o segundo grau como interno. Em 83 fiz meu primeiro vestibular na UFSC, em Florianópolis para Odontologia, mas reprovei. Depois de fazer mais meio ano de curso, passei no vestibular para Odontologia na Universidade Federal de Pelotas/RS. Antes de aprovar lá, também tinha feito e aprovado no vestibular na UDESC para Computação. Na época, era uma área nova, mas sentia que não era a minha praia, como se diz. Achava que tinha conhecimento e estrutura, mas não tinha habilidade para isto. Por isso, optei pela Odontologia, pois me identifiquei muito: “*era o curso que queria fazer*”.

Meu pai e minha mãe tinham segundo grau

Antes, éramos em 9 irmãos, aí uma faleceu há 3 ou 4 anos atrás... Agora tenho duas irmãs com superior incompleto, um é advogado, e o restante dos irmãos tem somente o segundo grau. Meu pai

⁷¹ Hospital Universidade da Universidade Federal de Santa Catarina.

e minha mãe tinham segundo grau. Ela foi professora, naquela época, nos anos 40 e 50. Nos anos 40, ela era professora do primário, né? Seria, hoje, o correspondente ao ensino básico. Minha esposa está fazendo Pedagogia na UNIASSELVI, uma instituição particular⁷². Ela também tem o curso de Magistério e atua como professora de educação infantil na prefeitura de São José. A minha filha, com onze anos, está na quinta série do 1º grau. Ela estuda em uma escola particular.

Tive muita sorte...

Cheguei a ser um oficial temporário da Marinha já exercendo a função como dentista. Nessa época, havia uma particularidade, não sei se você sabe, quem não tivesse dinheiro não tinha condição de montar um consultório particular, então, tinha que trabalhar com comissão. Eu como tive muita sorte, peguei ali, pá, coisa e tal, e consegui entrar na Marinha. Aí fiquei dois anos na Marinha na condição de oficial temporário. Com este período passado na Marinha que, em seguida, consegui adquirir montar o meu consultório. Também, antes do abrir meu consultório eu trabalhei em posto de saúde da prefeitura de Florianópolis. Era temporário também. Contrato de dentista.

“Quer ser alguém? Tem que estudar!”

O meu pai sempre estimulou o estudo para todos nós e, hoje, tento passar isso para minha filha. Ele tinha o segundo grau cursado também em Colégio Militar... Ele sempre nos orientou, mostrou o futuro para a gente: “*Quer ser alguém? Tem que estudar!*”, dizia. Ele tinha aqueles provérbios populares de antigamente: “*quer vencer? Então, tem que estudar!*”; “*quer chegar? Então, tem que estudar*”. Quer dizer, ele orientou e estimulou todos os irmãos a estudar. Uns não completaram, outros se casaram. Três ou quatro somente quiseram completar o ensino superior...

De longe, meu pai foi a pessoa mais importante para incentivar a estudar. Ele nos estimulava mesmo. Pense numa família unida: muitas

⁷² Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI) é um instituição particular de ensino superior de Santa Catarina, que concentra oferta de curso na modalidade de Ensino a Distância. Em 2009, esta instituição teve que desativar 60 de seus 93 pólos de Ensino a Distância para promover reestruturação em comum acordo com o MEC.

das famílias não têm condição de se unir. Tem atrito, principalmente, quando a família é muito grande. Um não gosta da cunhada, outro não gosta do primo e etc. Nós tínhamos uma grande família, mas com capacidade de nos reunir. Todo o final de semana estava na casa de alguém. Tenho a minha irmã mais velha que, em todo o final de semana, reúne o pessoal para almoço lá em sua casa. Então, a gente sempre foi unida e estimulada a estudar. Mas, meu pai foi aquele fator preponderante, o grande incentivador! Não que não tenha defeito uma formação superior, não. Mas, foi meu pai quem me orientou, me incentivou, me deu força para estudar.

Uma grande decepção...

Eu tive sim, como já comentei antes, uma grande decepção em relação a minha filha. Eu saía para trabalhar de manhã muito cedo e só voltava para casa à noite! Então, eu perdi um bom período da infância dela, porque não vi minha filha crescer no berço. Quando não estava trabalhando, estava fazendo cursos e sempre à noite. Eu voltava dez, onze horas do trabalho para casa. Na época, eu não tinha carro e a locomoção era uma dificuldade. Hoje, minha filha está uma mocinha e eu tento recuperar um sentimento que ficou para trás por não ter estado mais junto, de não ter sido um pai mais participativo. O meu sentimento de não acompanhar bem o crescimento dela, não ter participado mais do jeito que queria é que mais tento recuperar atualmente.

A grande alavanca...

Minha família tinha muita unidade, né? A gente tinha condição de... (econômica). Assim, temos de buscar uma universidade. Em termos de possibilidade de buscar uma universidade, hoje, acho que está mais fácil do que a minha época. A possibilidade de você galgar, crescer é muito maior hoje em dia. Eu noto que há uma relação entre estudo e família. E ela diz muito, principalmente, quando não se tem objetivos, não tem estímulos. Isto tudo é muito influenciado pela família. A família, eu acho, é a grande alavanca que pode nos ajudar alcançar nossos objetivos. Hoje, esse pessoal mais jovem está com as coisas mais fáceis. A informação 'tá mais fácil. Hoje, se quiser se consegue fazer faculdade pela internet, a distância, né? Antigamente você tinha mais dificuldades. Era mais difícil... Também você não tinha um exemplo como referência. Um negro doutor! Um negro advogado! Um negro médico! Um negro

professor de história... Eu não havia este referencial. Quando estudei no Colégio Militar, praticamente não tinha como sair do quartel para passear. Normalmente, nós saíamos no final de semana, sexta, sábado ou domingo... E olhe lá! Se fizesse bagunça, ficava detido e não podia sair mesmo! Hoje em dia, eu acho que falta mais “*é querer ser*”, ter objetivo; deixar de fazer algumas coisas para alcançar seus objetivos! Isso. Acho que falta mais presença da família. E como falta...

Tem que ter um objetivo na vida

Penso que para a pessoa arrumar um bom emprego, um bom serviço, precisa querer se aperfeiçoar, tem que ter um objetivo na vida, querer ser. Eu, desde pequeno sempre lia livro de história, via aquelas enciclopédias de antigamente, ia prá cama e ficava lendo. Tinha o hábito de leitura, aquele desejo de ser (...), de querer ser alguém. Achava que isto era possível através dos estudos... Acho que infinitesimalmente está correlacionado com a profissão que você quer ter e o grau de sua escolaridade, de sua educação.

Só um negro havia... era eu

Eu posso falar? (... pausa...). Não tendo uma única referência de uma pessoa negra, você fica constrangido! Vou dar um exemplo, certas patologias acontecem mais com a raça negra... Devido até à dieta do negro, devido às características do negro. Por exemplo, ele é mais propenso a ter pressão alta. Numa turma de noventa estudantes, só um negro havia... Era eu. Prá quem todos aqueles estudantes olhavam? Apontavam aquele negrinho ali! Estas situações criavam aquele constrangimento. Era aquela coisa, mas eu tinha base, tinha estrutura, tinha família. Naquela época, eu até tentava brincar com isto, levava na brincadeira... Olha! Tudo isso a gente passa, né? Hoje, eu fico até muito feliz, em ter muitos colegas, muitos conhecidos; ter uma profissão. Olha! foi difícil ter uma profissão (...). Mas, isto é possível e dá prá buscar, só que tem que querer né?

“O que você quer aqui?”

No Colégio militar também tinha dois afrodescendentes – aliás, quando tinha dois! Éramos muito poucos... Na faculdade de odontologia só tinha dois alunos negros. Quando eu cheguei na Universidade de Pelotas, ele estava saindo. Então, eu fiquei sendo o único. Às vezes

aconteciam àquelas coisas, né? Um dia eu cheguei atrasado na aula: “*O que você quer aqui?*”, me perguntou o professor. E eu respondi: “*Professor, sou aluno também*”. “*Ah, desculpa!*”, disse ele. Olha! Eu vivi estas situações, isso acontecia no início da faculdade em Pelotas. A cidade de Pelotas era uma cidade predominantemente negra, por isso até fiquei abismado, não se via negros na faculdade de odontologia, na de medicina também não se via. Nas engenharias e no direito eram poucos... Acho que por metro quadrado, pensando em termos de proporção, havia mais negros naquela cidade que aqui em Florianópolis. Na cidade de Pelotas havia a Rua Andrade Neves, não sei se você a conhece? Havia muitas pessoas negras que circulavam por ali. Então, eu sentia essa dificuldade, apesar de achar que o povo gaúcho é bem mais culto, tem mais tradições do que o ‘*catarina*’, principalmente, o povo negro. Em termos gerais, acho que o negro lá é mais culto e tem mais cultura do que o negro ‘*Catarina*’. Ou o afrodescendente como você quiser.

... Não é algo que ache tranqüilo de levar

Ser referência por ser negro não é algo que ache tranqüilo de levar. É uma coisa muito chata! Há tantas pessoas com capacidade por aí. Mas, vejo tanta falta de estímulo... Aí você fica sendo aquele negro ou aquela negra que vai ser o exemplo... no fundo só por ser a exceção, né? E vai aí deixando a vida levar, o tempo passar. Eu não gosto de ver uma pessoa com talento desperdiçado. Por que não vão desenhar nas férias, se gostam e desenham bem? Por que não pensam em fazer um curso de arquitetura, de moda, cursos que exigem saber desenhar bem. Ah! Mas não tem o estímulo! Eu, às vezes, me acho um tímido, sabe? Tudo mundo fala aquelas coisas e tal, mas eu gosto de ir ali no cantinho e falar com a pessoa no pé do ouvido dele ou dela: “*Vai lá meu irmão, vá estudar!*”. Acho que se deve estimular as pessoas. Muitos colegas e conhecidos, hoje, estão fazendo faculdade, uns estão no curso de Direito. Até digo prá eles assim: “*quando chegar na época da formatura, tu me convida, porque quero estar na sua formatura*”. Em dois mil e dez, dois mil e onze, acho que vou ter muitas formaturas prá ir. Não tenho acompanhado, mas espero que eles se formem de verdade. Acredito nisto: uma palavra de incentivo, talvez, possa transformar a vida de uma pessoa: “*Vamos lá meu amigo, você vai conseguir*”. Eu tive mais facilidade na vida por ter condições econômicas, né? Mas, hoje

acho que está mais fácil, por há mais oportunidade para qualquer pessoa estudar, é só querer ser...

Eu gosto do samba, mas...

Eu gosto de ver futebol na casa de amigos; gosto de ir à sede da Coloninha; gosto, mas raramente vou ao cinema, a um show, a um teatro. Não, não tem nada que não gosto fazer... Gosto mais de música, de samba, mas de samba das antigas, de samba de raiz, de samba de outra época, né? Aqueles tinham letra, tinham melodia! Tenho aversão aos pagodes que são feitos hoje em dia, acho eles muito ... sentimentais e não acrescentam nada, né? Você vê, me lembro de um Lupicínio Rodrigues: “*esses, moços, pobres moços, ah se soubessem o que eu sei*”... É um gaúcho! Tinha letra e melodia. Mas, também não sou um apaixonado, apaixonado pelo samba. Eu gosto do samba, mas... Sabe? O meu sentimento maior é uma MPB, da qual eu gosto bem mais. Mas, o samba eu gosto mais por proximidade, talvez, por proximidade da Coloninha. Eu moro na Coloninha, aquela coisa toda, e meu pai sempre cantou e freqüentou a sede da escola de samba da Coloninha. Agora, até hoje não canto nada. Sabe? Tinha aquele samba de antigamente que ele contava de cantar. Ele tocava na Marinha, aquela coisa toda! Lembro que meu pai cantava no banheiro prá minha mãe ouvir. Então, a gente ouvia também, mas eu digo: gosto mais do samba das antigas, vamos dizer assim, e não do pagode de hoje. No pagode não sou chegado, não. Na verdade, eu não tive nem o dom para tocar algum instrumento... Eu devo ser o único negro que não sabe tocar nada... Não sei e não sei mesmo! Você também não sabe tocar nada? Não sabe mesmo? Então somos nós dois. Pensei que eu era o único... Até pego um instrumento e vou até um pedacinho e daí em diante mais nada...

... Dificuldade tremenda nos relacionamentos

No Colégio Militar a gente não tinha lazer, o que brecava muito era a falta de dinheiro. Eu recebia mesada da família, mas não sobrava para gastar. No Colégio Militar eles davam um bom ensino, mas eles te cobravam muito também. E hoje um aluno passa de série e não aprendeu direito. Antes, um aluno de uma série anterior vinha te pedir alguma explicação, em qualquer momento, você era capaz de resolver um exercício, uma dúvida... Éramos mais cobrados. E nossas atividades eram mais internas... Aqueles alunos que moravam perto tinham

condição de ir para casa, principalmente, aqueles que moravam em Paranaguá, Ponta Grossa. Aqueles que moravam perto podiam sair numa sexta... Muitos que moravam longe, como eu, só podiam ir para suas cidades somente nas férias escolares, né? E as nossas atividades lá eram o futebol, a piscina,,,, e brigas (risos), Éramos todos moleques! Às vezes, a gente ia num baile lá em Curitiba. Mas, eu também sentia que Curitiba era uma cidade muito fechada... Assim, a gente tinha uma dificuldade tremenda nos relacionamentos. A gente vivia uma comunidade militar e algumas vezes no final de semana íamos ao Círculo Militar do Paraná⁷³ só para ir ver uma hípica ou ir apreciar as meninas que circulavam por lá...

Pelotas, poxa, era uma cidade de negros...

Quando eu estava fazendo a universidade em Pelotas, né? Além do frio, a cidade de Pelotas me deu uma cultura mais elevada. Como te falei, vinha do exercito com uma cultura mais militar, muito rígida, autoritária, fechada. Então, naquela época, havia também uma dificuldade de você fazer amizades, ter amigos, alguém. Eu não sabia falar inglês, pedir uma coisa em inglês, uma coisa boba, meio assim metida... Nesse meio você não se expõe muito. Mas, eu ‘tava ali naquela fase de meus 18, 19, 20 anos, quando consegui passar em Pelotas e entrar na faculdade, sentia que estava vivendo em situação totalmente oposta ao período passado no ambiente militar. Quando cheguei lá, também não conhecia, só tinha um tio que morava na cidade de Rio Grande. Pelotas, poxa!, era uma cidade de negros... Mas quando entrei na faculdade vivia somente naquele círculo universitário, e só. O negro não freqüentava aquele círculo ou freqüentava pouco mesmo... Na Odontologia, como já disse, éramos somente dois... As atividades de lazer que faziam lá eram nos finais de semana na república que a gente tinha. Normalmente, a gente a transformava em uma boatezinha. Coisa de estudantes...! Nesta república, morávamos em cinco pessoas, três delas faziam odontologia, outro fazia agronomia e outro arquitetura... Quando alguém tinha prova, não tinha nada. Mas, toda a sexta feira era aquela história: carne, abacaxi com cachaça, tipo de caipira, vinho... Também tinha a boate da Odonto no prédio da Faculdade de Odontologia toda a sexta. Era o nosso local de ‘esquenta’. Estas coisas

⁷³ Fundado em 1939, o Círculo Militar do Paraná é uma associação cultural e recreativa, em que os sócios são civis e militares.

tinham a da Medicina, do Direito. Ali se juntava uma galera, ali se jogava futebol (eu jogava também).

No tempo da faculdade, nós ficamos mais no círculo de estudantes... Durante o curso só tínhamos contato com a comunidade por meio de atividades de extensão do curso. Acho que se chamava Odonto Social... Eu não tinha, assim, muito contato com o povo mesmo, fora destas atividades. Eu cheguei a ter alguns amigos, algumas amigas fora do círculo da universidade, mas eram poucos. O gaúcho é meio fechado, porém quando se abre, dá até casa prá você.

Sempre vivi mais... no meio de brancos

Eu sempre, sempre, desde criança, eu sempre vivi mais... (pausa)... no meio de brancos. Quando estava em Foz do Iguaçu, eu vivia mais no meio dos brancos (pausa)... É aquela coisa, né? Tudo é conhecimento, é cultura! Hoje, isto também se aplica mais ao negro (pausa demorada). Antigamente, você, poxa! Só namorava uma menina branca, uma branca mesma. Mas, havia uma grande uma dificuldade, era aquela dificuldade depois o convívio. Um beijo era um choque... Uma loucura! No colégio militar eu não senti, não percebi... O pior mesmo quando é velado, né? Na Faculdade, ficava muito constrangido por ser o único. Não gostava de ser o único. Mas, até hoje isto é estranho na cultura da grande massa, do povo, né? Certa vez estava abrindo meu consultório e uma pessoa chegou e perguntou se o dentista estava: “*Ah, o senhor é o dentista?*”. Quando eu saí da universidade, eu ficava possesso com uma situação desta. “*Que a senhora acha, minha senhora? Estou aqui de...*”. Hoje, tento levar na brincadeira: “*Não, ele deve estar atendendo!*” Levo na gozação. Comecei a botar na cabecinha, não é culpa dela... Ela nunca viu. Aquela criança de hoje nunca viu um médico negro, um dentista negro ou um professor de história negro. Hoje, eu levo na brincadeira.... Eu tive que agir assim... Não eu sabia antes, né? Quando eu trabalhava ali em Barreiros, tive uma situação.... (pausa). Mas já a perdoei também. “*Não vou naquele dentista, porque ele é negro!*”, disse uma mulher. Agora você se acalma! Este caso me contaram, não sei se foi verídico, mas eu já a perdoei e tomara que Deus a ilumine. Agora, sofrer racismo na frente, por enquanto ainda não enfrentei, não senti.

A maioria dos meus clientes é de brancos

E... também, hoje, a maioria dos meus clientes é de brancos. Mas por quê? Porque têm condições de pagar. Entre aspas, né? Mas 99% dos que me mantêm é esse público branco. Porque a maioria de colegas, conhecidos e a maioria dos negros são atendimentos pelos postos de saúde. Aquela coisa: a família é muito grande. Imagina ter que gastar 500 reais...! A família tem que comprar o leitinho, a carminha, o churrasco... Eu acho, sinto isso! Na verdade, é raro que tem um plano de saúde particular para faz qualquer coisa, aí. Mas a gente vai entrar na histórica econômica de cada um? A Unimed, entre os grandes planos de saúde, por exemplo, não abre prá dentista. Mas temos, aí, planos de Uniodonto, clínicas populares, que agora estão se expandindo. Acho que a gente deve passar informações, e não é querer ser o bom, ser o melhor, mas eu não estudei tanto para por quaisquer dez contos botar uma restauração, Tô errado? tá entendendo? Tem essas nuances. De vez em quando eu pego aquela situação: “*Oh! Álvaro, quanto tá um dente? Pode me fazer um canal em troca de 'dez real'?*”. O cara não tem conhecimento e pensa que é só um precinho. Eu não faço! A gente tem é que informar as pessoas, a gente acaba tendo que ser um consultor.

O ensino se desvirtuou muito

Bom, eu acho – e dizem - que o país precisa de tecnólogos e de mais escolas técnicas. O mercado precisa, né? É um curto período de tempo prá formar esse pessoal. O ensino se desvirtuou muito. Antes, você tinha o antigo científico. Lá tu ias com mais igualdade de condições para um vestibular. Olha, sobre cotas nas universidades: uma parte eu sou a favor. Eu vou tentar explicar: O negro sofreu? Sofreu. Negro prá conseguir ele sempre tem que provar mais uma coisinha poder dizer que ele pode ser. Sempre tem um quê a mais. Mas, precisa ser pensada a forma como que está levando essa de cotas, porque tem que ter o mérito de obter essa cota. Não é simplesmente você vir da escola pública que vai garantir a sua entrada numa universidade. Eu acho que faltam mais critérios. Contudo, se me perguntarem: “*tu és a favor ou contra? Eu sou a favor?*”.

Branco, todos brancos!

Acho que deve ser considerado todo o trajeto escolar, a sua condição financeira. Eh, muita gente fala “*tem branco pobre*”. Tem, não

tenho dúvida. A gente não quer fazer aquela divisão, longe disso, mas negro precisa ser inserido nessa sociedade, prá não ficar aquela raridade em todos os lugares e profissões mais prestigiosas. Até hoje, eu sempre dou o exemplo e faço até um desafio: você vai a qualquer shopping da cidade e das 50 lojas que tem ali, você não encontra um único negro. Se encontrar será uma raridade, concorda? Vamos pega um exemplo próximo daqui, esse, este shopping na frente no calçadão da Rua Felipe Schmitt, no centro de Florianópolis, não encontro nenhum negro. Se encontrar, é raridade. Brancos, todos brancos! A dificuldade de se ver um caixa, um gerente negro... Olha, o negro está sempre prá trás. Acho que falta apoio, falta incentivo, estímulo.... E essa dificuldade se deve porque não abre aquele leque de oportunidade para aquela criança negra, por exemplo, de que ela pode também chegar lá. Quando uma pessoa me chama de doutor, eu pego a criança: “*Vai ser o que – eu brinco – o que você quer ser?*”. Acho que seria bacana pode dizer para esta criança negra “*Olha, aquele é dentista mesmo?*”; “*Aquele homem é médico*”, “*Aquela é uma professora de história*”; e “*A aquela moça é professora*”. É preciso ter a referência. Sabe? É isto que hoje em dia eu noto: as pessoas não têm aquela referência. Eu sempre procuro colocar isso para as pessoas. Muitas famílias ganham bem e não conseguem se reunir em volta de uma mesa, de um churrasco ou em volta até de um culto. Todas as pessoas têm dificuldades de uma maneira geral. É difícil de reunir...

O negro não tem muita base, tem pouco estudo

Também acho que falta a base! Ele (negro) não tem base e assim ele sempre vai apanhar. Ele não vai, digo, processar sem treinar. A última parte de um problema, por exemplo, a divisão por fração, há pessoas que nunca viram. Lógico, ela sempre vai errar a questão. Aí sempre vai ficar fora. O negro não tem muita base, tem pouco estudo. Se continuar assim não vai chegar nunca. Então, o quê eu estou dizendo? Bom, acho que serão necessárias cotas prá alguns... O governo, em geral, é aquela coisa! Educação para todos? Precisa? Precisa. Há certas áreas que faltam profissionais qualificados no país. Alguns dizem “*ah! você ter um Doutor, prá você ter um Doutor na sua frente...*”. Sinto que falta mesmo é muita orientação! Acho que tem que pegar aquele moleque de dezoito, de dezenove anos, que está com os hormônios extravasando, e direcionar o seu talento para algo, para algum objetivo. Não é querer moldá-lo, mas dar a possibilidade de vários caminhos: não para ser um policial, um oficial de polícia, um soldado, mas que

chegasse e dissesse: “*olha pense na sua família, na sua comunidade e você pode fazer assim, assado. Se fizer isto pode acontecer isto, se fizer aquilo poder acontecer outra coisa...*”. Assim, dar aquelas pistas, né? E o mercado atual está saturadíssimo, então, eu acho que em quase todas as profissões você precisa de alguma orientação, de alguns toques, de dicas, entende?

Enquanto o poder público não for atuar na comunidade...

Hoje, nós conversamos sobre políticas públicas. Isto parece até um modismo: políticas públicas prá cá, políticas públicas prá lá. Vamos fazer cotas, vamos abrir cursinhos de pré-vestibular, etc, etc. Mas, acho que enquanto o poder público não for atuar na comunidade, sem ser a polícia, nada muda muito! O poder público só aparece na comunidade... Só vai lá dando cacetada. O poder público só vai policiar no morro ou nos bairros mais carentes, mas não se leva uma instituição para um bairro, não leva lazer para o bairro. Imagina você botar cinema nos morros!

Certas coisas da vida não cabem no mar

Olha, certa vez eu li na revista Veja uma entrevista daquele jogador de basquete norte-americano que está com *Aids*, se não me falha a memória, o *Magic Johnson*, dizendo que colocou lá no Brooklin restaurante, cinema, teatro e estes espaços nunca foram depredados. Aliás, a população tem o que fazer agora. Não conheço, só estou falando com base no que eu li nesta reportagem, mas a cara do Brooklin mudou quando antes era um bairro violento. Eu não sou um especialista em segurança, mas imagina aquela criança, aquele adolescente: “*pô! só vem com polícia aqui e não me dão nada!*”. Lá no morro você vai encontrar somente professores receosos de estarem ali e mal remunerados. Assim, forma-se aquela trinca. As aulas serão matadas, e pronto. Diz o professor de educação física: “*toma a bola aí e jogue pelada das 10 às 11 horas da manhã, depois volta para tomar aquela sopinha na merenda da escola*”. E olhe lá se tiver sopinha na merenda, né? Ai criança e o adolescente vão prá casa e chegam em casa vêem o pai que não está trabalhando. Veja não há uma cobrança ou um incentivo prá estudar, né? Criança, hoje em dia, precisa ser ajudada para mudar! Ela está diante de uma gama de informação da mídia, que passa muitos conceitos errados... Como posso dizer? Não sei qual é o termo, me foge

o termo agora da cabeça. Talvez seja coisa de velho ou de alguém ultrapassado! Mas, certas coisas da vida não cabem no mar! Tipo o que? Posso ser tachado de retrógrado com isto, mas, o que uma novela vai passar para uma criança de 14 e 15 anos, o homossexualismo? Temos que ser compreensíveis? Sim. Mas tudo tem seu tempo. Então, aquela criança com pouca idade, com a mãe ou o pai desempregado, não fica parada em casa (e a mãe não está nem aí!). As crianças só querem sair e ficar na rua, aquela balbúrdia toda. A conseqüência? Elas vão dar de cara com quem? Com a polícia, com pontos de prostituição, boca do tráfico de drogas... Esta é a situação da pessoa que vive e mora em bairro carente...

Vendo o que estava errado... Não me manifestava

Já fui filiado a partido político. Já fui filiado a um partido, mas não me empenhei... Naquela época, também era meio jovem e não tinha nenhuma atividade em termos de política. Eu fiquei conhecendo, vendo o que está errado também e não me manifestava. Hoje, eu tenho algumas pretensões, mas não de atuar e sim de estar dentro de um partido para ser mais atuante, tentar modificar a realidade ou tentar ajudar a modificá-la. Quando eu era pré-destinado para o exército, para a marinha, não me envolvia com os partidos políticos. O meu desejo, naquela época, era ser oficial da marinha. Consegui este objetivo em um breve período, mas consegui. O meu desejo era estudar no colégio militar. Acalentava o sonho de vestir uma farda. Também era uma época que os militares mandavam – o período militar. Tinha lá os seus excessos! Aqui tem paralelo que quero fazer; hoje, a estrutura de família conta muito, na época, eu tinha tudo para ser um piradão no Colégio militar: afastado da família, da sua cidade natal, namoro da adolescência (apesar de ter tido poucas namoradas), mas eu me direcionei.

Quando estava no colégio militar não tinha envolvimento em nada e não se falava nada lá dentro. Eu ‘tava num círculo militar no qual não tínhamos noção da falta de estudo da população. A própria vida nos afastava e tudo era cooptado, atrelado ao governo federal, governo militar. Eu não sabia que havia uns 40 milhões de famintos. Não tínhamos noção dessa dimensão. Hoje, com o papel da imprensa e da informação só não sabe quem é surdo ou mudo.

Você passa a construir muros...

Olha por mais que eu esforce dando estudo para minha filha, você passa a construir muros. Muros e Muros. Vamos nos proteger! Com isto eu não tenho como saber como está a minha vizinha, o filho dela, o neto e até o primo. Uma comunidade precisa saber onde vou colocar minha filha, meu primo, meu irmão. O que você faz? Nós da sociedade estamos construindo forma de isolamento como morar em apartamentos (...). Por quê? Por causa de segurança... Nós só vamos modificar isto se tiver mais política direcionada ao social; não podemos ficar com os teorismos, com idéias, hipóteses, teses. Há necessidade de atuar para que Florianópolis não vire um Rio de Janeiro, onde você já vê bandidos peitando o policial. Com este destaque, eu vou voltar ao mesmo assunto anterior: o papel que a mídia dá pro bandidinho de doze, quatorze anos?. Isso tem que ser enfrentado para se resolver. O gurizão se sente o líder da comunidade dele. Aí você vê a mãe chorando e dizendo: “*eu não sabia que me filho virou bandido*”. Como não sabia, minha senhora? Senhora trabalha? Não? O pai trabalha? Não? Como um rapaz de quatorze anos trazer dinheiro, aquele tênis bonito, aquela coisa toda (...), então não se dá bola. Olha, eu digo isso a partir daquilo que a gente vê em Florianópolis, mas esta cidade pode ser diferente, no Rio de Janeiro, hoje, acho que tá um absurdo!

Não existe pouco desumano: ou é desumano ou não é...

Bom! Hoje, é preciso dar mais informação para minha filha. Óbvio, deixar dinheiro, um patrimônio prá ela. Porém, deixar patrimônio é só uma parte. Também quero dar informações, mostrar um caminho prá ela. Mas, em termos de comunidade, é preciso saber como está meu vizinho como pessoa, não se pode ir muito à direita, nem é à esquerda. Você não achou muito desumano? Não existe pouco desumano: ou é desumano ou não é. O meio termo não existe, né? É importante saber do seu sentimento senão é aquela coisa que eu falei prá você: nós vamos fazer casas com muros bem altos, vidro até em cima, dois *pitbulls* na garagem, porque você não sabe se vão assaltar você ou não.

Nunca atuei...

Sabe? Não tenho envolvimento com as entidades de representação de minha categoria. Falo da Associação Brasileira de

Odontologia, secção de Santa Catarina. Eu pago regularmente a anuidade, mas nunca atuei. Ela promove cursos, congressos, palestras... Na minha profissão, é aquela coisa, geralmente quem atua mais na associação é aquele dentista mais bem estabelecido ou já tem uma fundação em casa, isto é, o apoio de mamãe e papai. Assim, fica fácil para pode atuar... Por exemplo, se você sai aqui do consultório para as atividades da associação é perco bastante... Mas, penso que não justifica deixar de participar: eu me policio nisso aí. Porém, acho que a associação não é muito atuante, não. O nosso Conselho de Odontologia é bem mais atuante, pois há punição quando alguém faz alguma coisa aberrante. Em termos de Conselho e Associação, a imagem que eu tenho prá mim é que o Conselho atua de forma correta. A associação até promove curso, mas a sua atuação deixa a desejar no dia a dia... É sério! Olha, eu nem me lembrava que há a associação, que coisa! Eu até hoje nem lembrava (...).

III PARTE

TESSITURAS DA PELE

1. Sobre comboio de cordas de pessoas comuns: tessituras da pele

*‘Nunca imagine que não ser
diferente daquilo que pode parecer aos outros que você fosse
ou pudesse ter sido
não seja diferente
daquilo que tendo sido
poderia ter parecido a eles ser diferente.’
(Durquesa, Alice no País das Maravilhas)⁷⁴*

O mosaico dos estudos sobre relações raciais e sobre juventude, apresentados nos capítulos anteriores, sugeriu indicadores presentes no debate daqueles dois campos de estudos para seguida, a partir da confrontação dos Auto-retratos narrativos e das histórias singulares dos sujeitos da pesquisa. A intenção foi expor as preocupações que nos mobilizaram e que subsistiram ao longo desenvolvimento do trabalho de campo empírico e processo de análise para apreender a experiência social de jovens negros em relação aos seus processos de identitários e de pertencimento racial. Por isso, nos vimos na exigência de abordar aqueles campos de estudos e identificar interrogações que merecem ser enfrentadas. Como procuramos explicitar anteriormente, as pesquisas sobre juventudes, em particular, reforçam uma percepção de que os jovens estão vinculados a diferentes formas de coletivos sociais com os repertórios analíticos dimensionando as ações coletivas para captar os sujeitos jovens constituindo identidades coletivas.

De fato, quando se afirma a exigência da leitura da realidade social sobre o princípio estruturante das relações raciais com todos os seus desdobramentos, trazemos também uma forma de afirmar a complexidade da existência dos sujeitos nos labirintos da vida real. As interrogações implicam dimensões, sem as quais as possibilidades de resposta se tornam por demais incompletas, parciais. Nesta medida, como já alertávamos na introdução, tal compreensão nos leva a defender que há diferenças fulcrais entre interrogar a experiência social de ser negro a partir de sua condição de jovem e interrogar, igualmente - para

⁷⁴ CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas. São Paulo: Ed. ano, p. 115

este mesmo sujeito - como apreende, como negro, a experiência social de sua condição juvenil.

Percorrendo as narrativas das histórias singulares vislumbramos a complexidade da condição humana, própria de qualquer pessoa, contudo permeada por marcadores de pertencimento racial. Cada uma destas pessoas negras, para muito além das expressões estereotipadas difusas na sociedade brasileira, expõe que os registros de racismo e discriminações encontram-se tanto em sua experiência singular – como indivíduo – quanto em sua dimensão como sujeito coletivo. Impressiona nas narrativas, com suas contradições e incoerências, como cada indivíduo, no desencadear de seus processos existenciais, elabora mecanismos pelos quais se defende, se atrapalha frente à realidade adversa, e ao se amedrontar, evitar desejar falar sobre aquilo que não se deseja falar. Diante de situações repletas de constrangimento, delinea estratégias e as executam sem qualquer linearidade aparente. Há, entretanto, nesta mostra tão complexa quanto delicada, a expressão de uma gama de liberdade de ser jovem e negro(a).

De fato, se o racismo e discriminação impõem-se como fenômenos onipresentes nas relações humanas, eles repercutem na experiência social dos sujeitos – homens e mulheres -, que trazem na tessitura da pele registros de pertencimento singular em face de suas relações humanas ou raciais. As peculiaridades daí advindas também repercutem nas maneiras de pensar, sentir e agir, enfim, como são professadas e publicamente proclamadas aquelas relações.

O sociólogo português, José Machado Pais (2001), quando analisa a realidade social contemporânea de jovens portugueses, argutamente evoca metáforas que nos faz observar a força dinâmica destes processos vitais em:

A vida é uma urdidura enredada de constrangimentos. Da mesma forma que as lançadeiras de um tear lançam a trama que atravessa a urdidura, os jovens lançam-se com igual fervor na urdidura da vida. Urdindo sonhos e desejos, inquietações e temores, expectativas e ilusões. O sucesso em ponto-cruz com o fracasso. Tramando o destino, se possível antes que este os trame. As urdiduras da vida vão-se

reconfigurando, ganhando novas malhas, novas enlaces, novas texturas (idem, p. 9).

Como pensar estas urdiduras enredadas de constrangimentos quando se é jovem? Estes sujeitos transitam pelas vias fluidas, se deparando com encruzilhadas abertas ou fechadas, e enfrentam diferentes agências sociais sejam aquelas mais tradicionais, como a família e a escola, ou mais dinâmicas que se interpõem, a partir de espaços de sociabilidade, pela interação com os grupos de pares, formas lazer, de consumo ou produção cultural. Em alguma medida, todas produzem nesta experiência juvenil, traços de estilos, *habitus* e modos de vida, com suas expressivas ambigüidades.

Contudo, neste impulso de pensar as teias de constrangimentos presentes na experiência da condição juvenil se coloca uma outra dimensão: e quando se é jovem e negro? Como pensar as urdiduras dos sujeitos – homens e mulheres - em um contexto social no qual o racismo e a discriminação apresentam-se tão entranhados nas relações humanas? As narrativas de histórias individuais expuseram algumas das vicissitudes aparentes ou reais e dos esforços de constituir construtos para, como em um tabuleiro de jogo de xadrez, no movimento das peças, acionar fugas ou possibilidades de enfrentar o mundo da vida e das relações humanas.

Em 2000, próximo ao início de um terceiro milênio, o geógrafo Milton Santos (2000) publica no jornal Folha de São Paulo um artigo que traz uma perspectiva singular – e bastante instigante – para vislumbrar a discussão a respeito do negro na sociedade brasileira. De partida, o autor nos adverte que ser negro no Brasil é, com freqüência, ser objeto de um olhar enviesado e ambíguo, e, para enfrentar esta discussão, é indispensável ponderar três dados de base: a *corporeidade*, a *individualidade* e a *cidadania*.

A *corporeidade*, sugere Santos, implica o reconhecimento de dados objetivos, ainda que sua interpretação possa ter um caráter subjetivo. No caso brasileiro, continua Santos, com alguma similitude à demarcação da linha da cor existente nos Estados Unidos, mesmo que muitos pesquisadores não queiram reconhecer: “...o corpo da pessoa também se impõe como uma marca visível e é freqüente privilegiar aparência como condição primeira de objetivação e de julgamento, criando uma linha demarcatória, que identifica, separa, a despeito das

pretensões de individualidade e de cidadania do outro. Então, a própria subjetividade e a dos demais esbarram no dado ostensivo da corporeidade cuja avaliação, no entanto, é preconceituosa” (p.15). Em certo sentido, o ser humano tem o seu corpo, com todas as suas vicissitudes e marcadores, como expressão: ele é o seu corpo.

A *individualidade* inclui dados de natureza subjetiva, ainda que possa ser discutida objetivamente. Neste sentido, podemos afirmar que há um repertório de dados distintivos que trata da singularidade do indivíduo e que diz respeito ao processo de seu desenvolvimento como indivíduo único, mas que não se encontra fora das relações sociais (ELIAS, 1994).

Por sua vez, a *cidadania* define-se teoricamente por concessões políticas, de que se pode efetivamente dispor, acima e além da corporeidade e da individualidade, contudo o seu primado é pela igualização entre todos os sujeitos sociais. No contexto da cidadania se inscrevem os recursos culturais e processos decisórios que, por vezes, caracterizam mais intensamente os modelos de sociedades democráticas (embora, seja bastante razoável não tratá-los como inexoráveis ou irreversíveis)

No caso brasileiro, continua Santos, com alguma similitude à demarcação da linha da cor existente nos Estados Unidos, mesmo que muitos pesquisadores não queiram reconhecer: “...o corpo da pessoa também se impõe como uma marca visível e é freqüente privilegiar aparência como condição primeira de objetivação e de julgamento, criando uma linha demarcatória, que identifica, separa, a despeito das pretensões de individualidade e de cidadania do outro. Então, a própria subjetividade e a dos demais esbarram no dado ostensivo da corporeidade cuja avaliação, no entanto, é preconceituosa” (i). Em certo sentido, o ser humano tem o seu corpo como expressão: ele é o seu corpo.

Encontramos elementos de identificação em diferentes narrativas sob formas distintas de percepção de nossos entrevistados e contextos relacionais que expõem um jogo de percepções, sem que as direções estejam precisas. O corpo dissimula sentidos tácitos marcados nos juízos difusos carregados de expressividade. João Jequetibá, no exercício da docência com estudantes dos anos finais do Ensino

Fundamental, narra o seguinte diálogo em sala por causa de Vitória, uma menina negra:

Acontece isso, às vezes, com a gente em determinados meios, como, por exemplo, na escola: “*tu não és negro, tu és moreno*”. Só faltam dizer que tu és moreno claro! E não é assim! Eu falo que sou negro. Vivi uma situação engraçada, certa vez: uma aluna da 1ª série falou isso sobre uma outra menina, a Vitória. Eu não me esqueço dessa cena! Um dia, os alunos começaram a pegar no pé da Vitória, uma mulatinha linda, negra, assim, linda, linda! Aquela aluna começou a dizer como a Vitória era feia e os outros alunos da classe começaram a xingar também. Vitória era a única aluna negra da sala. Então, eu disse assim: “... *se a Vitória é feia, eu também sou feio! Ela é feia por causa da cor da pele? Então, eu também sou feio, porque sou negro, sou igual a ela*”. E a aluna me respondeu: “*Não, professor, ela é negra, mas o professor não é negro, não!*”. Olha, tive que trabalhar com eles a questão de valores: “*eu sou negro como a Vitória, e toda a minha família é negra. Se vocês não gostam dela por causa disto, então, vocês não gostam de mim também!*”, falei. As crianças arregalaram os olhos...

Este diálogo tem sua força expressiva quando nos sinaliza que a rede de constrangimento possui sentidos cruzados. A objetivação do corpo, que nos alertava Santos, logo, é um enunciado produzido pelo discurso do Outro da relação e que pode, como é o caso, carregado de atributos valorativos tácitos que não se põe explicitado de todo na exposição do diálogo vivido por João. Petronilha B.G. Silva (2002) destaca como “... *palavras, gestos, situações vividas, reflexões, iniciativas de pessoas cujo corpo é negro, costumam gerar, de saída, julgamentos preconceituosos que atingem a maneira de ser, a concepção de mundo, a inteligência, os ideais tanto dos donos deste corpo como de seus juizes*”. (p. 41)

Estes aspectos, também presentes nas narrativas de Júlia Figueira, reforçam que a expressividade do corpo se revela para uma

consciência (sempre com conteúdo valorativo), trazendo signos inscritos em seu próprio e, com frequência, solicitam a afirmação,

Eu quero ter uma profissão, amanhã eu quero ser uma enfermeira. “A Julia não é nada?”. “Não, Júlia é enfermeira e trabalha em tal lugar!”. É claro que o fato de ser mulher, ser negra tem um preço. Porque você sabe, tem o preconceito. Eu não dou tanta bola assim, mas minhas colegas percebem que sou a única negra que faz o curso de Enfermagem. Elas não falam verbalmente, mas o olhar, a forma como me olham já diz alguma coisa. Ai a gente procura apoio, e minha madrinha fala bastante assim: “mulher vá em frente!”. A gente tem que procurar ser melhor em tudo, porque você sabe, ser negra e ser pobre tem que ser melhor em tudo. Tem que vencer! Às vezes, eu penso comigo assim: “tenho que ser a primeira sempre”. Mas, isto é muito difícil... Não, eu não acho que estou sendo muito exigente comigo, porque não fico me torturando: “ah! eu sou negra!”, sabe? Eu tenho uma meta! Se a gente tiver uma meta e procurar seguir esta meta, a gente chega lá. Se eu não conseguir chegar lá, tento ver outras formas para fazer. Pode não ser bem aquilo que eu queria, mas é mais um passo pra aquilo que eu quero.

Os argumentos de Santos (2000), com argúcia, trazem consigo o reconhecimento de que tais questões também estão presentes na constituição da individualidade. Segundo ele, a individualidade, outra dimensão para pensar o negro, é:

... Uma conquista demorada e sofrida, formada de heranças e aquisições culturais, de atitudes aprendidas e inventadas e de formas de agir e de reagir, uma construção que, ao mesmo tempo, é social, emocional e intelectual, mas constitui um patrimônio privado, cujo valor intrínseco não muda a avaliação extrínseca, nem a valorização objetiva da pessoa, diante de outro olhar. (p.15)

Por certo que os conteúdos das experiências sociais expostas nas narrativas dos sujeitos desta pesquisa, expõem esta trama complexa, da qual não se deve esperar posições unívocas, homogêneas, estabilidade – mesmo porque as próprias vivências colocam diferentes níveis de tensões, de problemáticas. O grau de exigência de maleabilidade e adaptabilidade se torna, em alguma medida, diretamente proporcional às funções e contextos das relações humanas. Para tanto, na sociabilidade inerente aos seres humanos, seguindo uma expressão de Elias (1994), a cada sujeito da relação cabe mobilizar um repertório ilimitado de ações que precisa desenvolver dentro de si. Embora, à primeira vista, os seus atos, comportamentos, formas de pensar, de sentir e de decidir possam parecer, estritamente, de caráter individual, eles não mais que expressão das influências do contexto social, isto é, *“da rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos de ‘sociedade’”* (idem, p. 23)

Numa direção semelhante da reflexão encontra-se a observação de Scott (1999) sobre como a identidade está amarrada a noções de experiência: historicizar a identidade implica necessariamente analisar o posicionamento dos sujeitos.

Significa, isto sim, supor que o surgimento de uma nova identidade não é inevitável ou determinado, não é algo que sempre esteve lá esperando para ser apresentado, muito menos um movimento político específico ou em um momento histórico particular. (idem, p.41)

Entretanto, pondera Santos (2000) que a cidadania brasileira, frágil e mutilada, expõe mais emblematicamente a situação do negro na sociedade. Assim, os interesses cristalizados, que produziram convicções escravocratas que ainda permanecem arraigadas, mantêm os estereótipos, que no limite do simbólico, incidem sobre diferentes dimensões das relações sociais. Destaca Santos: *“Na esfera pública, o corpo acaba por ter um peso maior do que o espírito na formação da socialidade e da sociabilidade”* (p.15).

Nesta perspectiva, sobressai com viço o depoimento apresentado de Júlia, por exemplo, quando ela nos faz deparar com sua percepção de quase um ‘não lugar’ – a única negra no curso de graduação - e a manifestação de uma certa apreensão de estranhamento

em face de sua presença. Diante deste cenário ela nos oferece um movimento de lançar mão de algo: o apoio, mas, sobretudo da referência de sua madrinha, mulher e negra, que por aqueles espaços institucionais transitou e, em certo sentido, lhe oferece um significado de ‘vencer’. Contudo, o *‘ter que vencer sempre’* de Júlia fornece uma das medidas de como o corpo suporta um peso maior que o espírito, seguindo o raciocínio de Milton Santos.

Em um preciso momento nos deparamos com as ponderações de Mariana, tentando expor como se sente, por vezes, *‘boicotando’* as *‘estranhas’* oportunidades que lhe aparecem, como, por exemplo, a ajuda da mãe de sua amiga para pagamento da mensalidade de sua universidade, quando estudava em universidade paga. Entretanto, o seu depoimento expõe um dilema sobre a possibilidade de aceitar ou não um convite para ir aos EUA, aperfeiçoar o seu domínio da língua inglesa, o qual não dá margem para dúvida sobre os constrangimentos reais ou imaginários.

...fiquei perguntando prá um montão de gente: *“como é que é lá, nos EUA?”*. E é engraçado, morro de medo de preconceito nos EUA, aqui não tenho medo, mas lá eu tenho. Eu morro de medo dos Estados Unidos. Então, me disseram: *“ah, não! lá agora é assim”*. Não, eu morro de medo de preconceito lá. Talvez, de tanto ver filme *hollywoodiano*, que mostra que há ainda muito disso por lá. Isto é algo que me incomoda. Sabe aquelas piadinhas que aparece nos filmes de Hollywood? Aqueles filmes de ação em que se fazem brincadeiras como: *“e aí, negão, não sei o que?”* Eu já vi muito! Isso me irrita muito! Talvez, por isso eu tenha visto mais filme europeu. Por fim, assevera Milton Santos: *“A conquista, por cada um, da consciência não suprime a realidade social de seu corpo nem lhe amplia a efetividade da cidadania”*.

Mariana nos sinaliza que há algo em jogo, mobilizando-a intensamente. O seu *“boicote”* diz menos sobre os recursos financeiros que seriam necessários, também, sobre o fato de ter que lidar *‘tecnicamente’* com uma língua estrangeira ou, ainda, enfrentar as mudanças de comportamentos que sua decisão em morar em outro país

numa casa e família estranhas. Seu relato nos faz ver que o seu corpo carrega em si marcadores que podem acionar situações embaraçosas e incômodas ou, até mesmo, hostilidades.

Ainda que haja determinadas soluções elaboradas por esta jovem negra, seja (re)fazendo seu percurso no sentido de criar novas perspectivas para sua vida acadêmica – como ingressar em um grupo de trabalho acadêmico mias promissor –, houve em sua trajetória impedimentos a um convite /sugestão e isto passa a exteriorizar sua própria percepção de si. É certo que a percepção que Mariana faz de si mesma demanda e pode render-lhe a construção de outras estratégias para sua formação e, ou aperfeiçoamento, contudo ela já estará integrada ao seu repertório – consciente ou não – de enfrentamento ao racismo, ainda que sua onipresença se imponha de modo real ou ilusoriamente. De qualquer forma, Mariana não relativiza os fios de seus desconfortos.

Como assevera Milton Santos (2000): “... a conquista, por cada um, da consciência, não suprime a realidade social de seu corpo nem lhe amplia a efetividade da cidadania”.

Imbuídos destes fios norteadores, nos parece sugestivo expor algumas tessituras presentes nas narrativas das histórias singulares dos sujeitos da pesquisa, explicitando-as sobre dois eixos de análise. O primeiro que nos fornece destaques de experiências associadas às instituições sociais, particularmente, família, escola, trabalho e religiosidade. E, em um segundo momento, expor aquelas experiências mais associadas às dimensões de sociabilidade e da constituição juvenil.

1.1. As experiências associadas às instituições sociais (família, escola, trabalho, e religiosidade)

Os contextos familiares

De partida, chamam a atenção algumas experiências dos jovens no contexto familiar. Sem uma pretensa e equivocada idéia de aludir a parâmetros comparativos que ilusoriamente induzem à generalização, dois aspectos na constelação familiar devem ser indicados: o destaque da figura feminina como chefe e referência e a ausência da figura paterna na experiência juvenil.

É notoriamente reconhecido que o arranjo familiar predominante na sociedade brasileira se caracteriza pelo casal com

filhos, tendo o homem exercendo o papel principal de referência e chefia. Contudo, nos últimos 15 anos, os indicadores sociais referentes a composição dos arranjos familiares brasileiros têm apresentado mudança bastante pronunciada, com o aumento constante dos arranjos tendo a mulher como papel de chefia e referência familiar, isto é, os arranjos do tipo casal com e sem filhos chefiados por mulheres saltou 22,3% em 1993 para os expressivos 33%, segundo os dados oficiais, que Os pesquisadores Pinheiro et al. (2009) nos fazem observar que esta tendência, que é não particular somente ao Brasil, tem sido acompanhada por estudiosos do tema porque ela pode sugerir duas direções importantes: *“por um lado, aponta para contextos de precarização da vida e do trabalho feminino e, por outro, revela também sobre processos de (des)empoderamento das mulheres”* (p.17). Estes indicadores por si mesmos expressam mudanças nas relações de gêneros, principalmente por explicitar a repercussão do papel desempenhado pela mulher no mercado de trabalho e na composição da renda familiar.

Embora, não se deseje depreender nenhuma generalização, mas chamar a atenção como papel feminino - a mãe de modo especial – sobressai nos diferentes arranjos familiares dos sujeitos da pesquisa. A figura materna apresenta-se com um papel de coesão e referência nos percursos existenciais dos entrevistados, impactando positivamente em seus processos de auto-organização e interação com os ambientes sociais externos ao familiar.

Michael, por exemplo, apresenta uma ambivalência bastante interessante, pois demanda uma interrogação a respeito do que compreende como expressão de laços familiares. Em sua narrativa, faz destaque a respeito de suas dificuldades na relação com a sua mãe e família, apesar de ter vindo a Florianópolis atrás dela e, ainda, mora no fundo de sua casa,

Primeira vez que estive aqui em Floripa foi com a idade de 6 anos ... para conhecer a família de minha mãe. (...) eu morei minha vida toda com minha avó e meus irmãos, no Rio de Janeiro. Não conhecia minha mãe porque quando meus pais se separaram eu tinha três meses. ... Fui criado pela minha avó que está hoje com oitenta de dois anos. Ela foi, de fato, minha mãe.

Ele continua ainda,

Infelizmente, - eu vou ter que falar isso - mas para mim minha família mesmo mora no Rio. Eu considero a galera de lá como minha verdadeira família; o pessoal daqui eu não acho! Não fomos criados juntos, não temos afinidade. Nunca passamos um natal juntos; nunca fizemos festa juntos! Nem pensar! No Rio, não, é diferente, é família mesmo! Lá, a galera toda está mais junta, a gente está mais colada. Não tem jeito! Minha raiz mesmo é carioca. É, eu sou de lá!

De seu lado, Ivone descreve a sua família como uma ‘aldeia’, porque ela encontra-se em um espaço geográfico em que diferentes gerações estão agregadas pelos laços de com parentesco direto entre eles,

desde criança moramos neste lugar. Aqui onde moro há onze casas e todos são parentes. Tudo família mesmo! Aqui em minha casa mora um monte de gente também: minhas irmãs – nós somos quatro, todas mulheres –, uma prima, mais um menino que minha mãe adotou, um tio da parte da mãe e além, é obvio, de minha mãe e meu padrasto. Então, o total é... um, dois, três... [contando nos dedos] são dez pessoas. Ah! Esqueci de minha sobrinha, filha de minha irmã mais velha. Mas, é tudo família mesmo. A gente até chama o local de *aldeia*. (...) A *aldeia* composta mais de parentes por parte de minha mãe, de minha vó e de meu vô, pais de minha mãe. Mas há pessoas também da parte de meu pai, mas são poucas.

Nos depoimentos de João sobre a imagem materna é destacada a partir de suas características associadas ao mercado de trabalho, expondo um misto de admiração e reconhecimento como uma fonte referencial, a quem ‘*não pode decepcionar*’, como diz em um determinado momento.

Minha mãe trabalhava como doméstica, fazia faxina. Há períodos em que ela trabalhou de carteira assinada também numa casa só e, em outros momentos, não permanecia muito tempo, sabe? Acho que trabalho de faxina, de empregada doméstica é muito transitório, porque a pessoa fica um período, fica um ano, dois anos, daí você sai e vai para outro lugar. No fundo depende de cada pessoa. Minha mãe é de um temperamento forte, sabe? Se tiver que dizer determinada coisa, ela fala e deu... Não tem medo, sabe? Inclusive para as patroas. Em alguns momentos, acho que isto acabou prejudicando ela. Alguns empregos ela perdeu porque não levava desaforo para a casa. Então, se percebesse que a pessoa estivesse pisando nela... Claro, existem inúmeras formas de dizer as coisas, mas ela não media as palavras. Então, dava cacetada mesmo. Ela perdeu alguns empregos em função disto, me recordo, mas sempre foi uma pessoa muito trabalhadora, muito dedicada

Julia, com seus 21 anos, expressa uma dimensão marcadamente geracional, principalmente quando acentua a sua relação com a mãe, nas situações de interação e de conflito,

com minha mãe, tenho uma relação bem legal, profunda. De amiga, mesmo. A gente briga muito porque nós temos gênios muito diferentes: ela e Deus, de um lado, e eu e Deus, do outro. Por isso, a gente discute muito, uma com a outra, mas sempre voltamos atrás. Na verdade, ela sempre volta primeira! Isto deve ser coisa de mãe, pois sempre volta primeiro. Algumas vezes, há coisas que ela fala que eu não sei, acho que se explicam pelo fato dela ter casado cedo, ter perdido a adolescência muito cedo, ter trabalhado cedo, tudo muito cedo. Às vezes, espero outra mãe! Isto é, gostaria que fosse mais minha mãe e não só minha amiga, porque tem hora que quero a minha mãe.

Ou, ainda, na sua relação com o pai,

Do meu pai, o que acho bonito nele é a sua inocência. Ele é uma pessoa muito boa de coração, de pegar e ajudar as pessoas. Eu acho bonito isso dele, porque as pessoas não são mais assim. Se tiver cinco reais, dá dois e cinquenta e, ainda, é capaz de dar os outros dois e cinquenta e ficar sem nada. É só isso que admiro nele! Ele é uma pessoa em quem não me espelho.

O único assunto sobre o qual Mariana não desejou falar, porque a deixou muito emocionada, foi a respeito da sua relação com os pais. Assim, ao mesmo tempo em que considera que seu pai demonstra um comportamento desinteressado e se esboçar vínculo afetivo, ela ressalta, ao contrário, como a mãe é forte e presente nos principais momentos de decisões pessoais. Diz ela,

A separação foi muito difícil para minha mãe, eu tinha um ano quando aconteceu. Meu pai bebia muito e na primeira vez que ele bateu nela, ela terminou. Foi obrigada a terminar. Ela o mandou embora. Isso é o que sei por parte dela, nunca perguntei prá ele o que aconteceu.

Por sua vez, nas relações entre pais e filhos, Álvaro diz se sentir '*culpado*' por não ter sido presente fisicamente, no crescimento da filha, situação que procura superar neste momento de sua adolescência, se colocando como um pai atencioso e provedor, chefe da família. E assim ele diz:

Eu tive sim, como já comentei antes, uma grande decepção em relação a minha filha. Eu saía para trabalhar de manhã muito cedo e só voltava para casa à noite! Então, eu perdi um bom período da infância dela, porque não vi minha filha crescer no berço. Quando não estava trabalhando, estava fazendo cursos e sempre à noite. Eu voltava dez, onze horas do trabalho para casa. Na época, eu não tinha carro e a locomoção era uma dificuldade. Hoje, minha filha está uma mocinha e eu tento recuperar um sentimento que ficou para traz por não ter estado mais junto, de não ter sido um pai mais participativo.

Uma outra dimensão de experiências no contexto familiar emerge com João. Durante longos anos de sua infância, esteve em uma situação, como ele mesmo descreve, muito similar à de adoção. Uma situação, que segundo ele, gerou sentimentos contraditórios e desconfortáveis entre a escolha do conforto e afeição dedicada por parte dos seus ‘padrinhos’ e condição da mãe, exercício a função de empregada doméstica na mesma família.

Eu não fui criando tendo como referência famílias negras, não. Muito pelo contrário, fui criado entre alemães. Acho que era uma mistura de alemão com italiano e todos eram bem clarinhos. Eu era – e minha mãe também - um ponto escuro no meio deles. Mas eles tinham um coração fantástico, de uma sensibilidade, de uma percepção! Mas, de uma certa forma, também não deixaram de escravizar a minha mãe, que trabalhava na casa como empregada doméstica. Talvez, por ser uma criança diferente, comunicativa, falava com todo mundo, chegava no espaço e agradava, então, me tornei branco

Relações de trabalho e ocupação

Ivone mantém uma relação, com dispêndio de energia emocional, entre a escola e o desejo de ser cantora de samba. Ela expressa o quanto o seu trabalho é desinteressante em contraposição ao trabalho sonhado: a experiência de trabalho de numerosos jovens fosse caracterizada por uma distância importante, sentida e expressa, entre suas aspirações e a realidade concreta (conteúdo e ambiente) do seu trabalho. Frequentemente a decepção os espera na entrada de projeto. Entre os retratos narrativos, o de Ivone é a que melhor expressa tais oscilações. Ela se encontra atuando no mercado de trabalho como auxiliar de sala em uma creche, um trabalho desinteressante que não preenche minimamente os seus e desejos e projetos pessoais de futuro, ainda que esteja envolvida com um curso (Magistério) sem perspectiva e desejo de conclusão ou que não ache que tenha.

Os trabalhos que exerço não têm relação como meu sonho, meu projeto. São coisas separadas. E também não tem contribuído porque a creche... Não sei... não me atrai. Há anos que não tenho

pensado nisso. Quando eu comecei a fazer o curso de magistério eu pensava “*eu quero seguir, quero ser professora*”. Mas quero chegar em São Paulo, é lá que a gente tem que estar. Penso isso muito forte. Já perguntaram: “*porque você não estuda música prá ensinar crianças*”. Ainda não surgiu nada assim prá mim. O que quero em torno da música não tem nada a ver com a escola.

Por sua, Michel e Júlia, sugerem comportamentos inversamente proporcionais, muito próximos das inferências sugeridas por Pais (2003), quando analisa os comportamentos juvenis em outros contextos sociais. Diz o autor:

...alguns jovens movem-se no labirinto da via numa entra ao acaso ao destino enquanto outros actuam de forma estratégica, isto é, considerando várias tramas possíveis que podem modificar-se à medida que se confrontam com os imprevistos da vida, dado que esta se encontra sujeita a uma série de contingências, as chamadas contingências da vida” (p. 11).

Michael, em um preciso momento, descreveu o filme que melhor representaria o que pensa de si mesmo: o filme “*KIDS*”.

Eu fiquei assim parado quando eu assisti àquele filme. Caralho, meu!! Que loucura! Era bem isso mesmo a nossa vida! A gente se encontrava no alto da Boa Vista, ou na Lapa. Éramos mais de cinqüenta garotos, entende? E dali surgiam várias festas. No meio daqueles garotos, havia sempre um que conhecia outro, que conhecia outro e assim por diante. Da zona norte a gente ia para a zona sul, sabe? Atravessávamos a ponte Rio-Niterói e íamos para a casa de algum camarada. Caramba! Era assim mesmo nossa vida: completamente sem rumo.

Esta imagem ainda se apresenta bastante forte, apesar das muitas mudanças. As suas ocupações são sempre em torno da apresentação da dança em eventos ou com atividades de ensino da

danças. Assim, transita como um ‘pipa solta’ pela cidade, sempre com as vestimentas prontas para qualquer oportunidade ou ‘parada’.

Por sua vez, Júlia demonstra disposições mais estritamente racionalizadas e planejadas. Ela nos manifesta desejo de movimentar –se nos espaços de sociabilidade como quem toma as rédeas de todos os passos para afirmar e se estabelecer em suas escolhas profissionais

Quando eu quero, eu planejo minha vida. Quando quero, eu mesmo vou, eu mesmo faço. Deu certo, deu. Não fico esperando, eu meto a cara, se tiver que dar errado vai dar se tiver que dar certo também vai dar.

Mas, para Júlia, estas disposições também carregam consigo o seu como, até mesmo redimensionar o tamanho e extensão de seus projetos,

... Não, eu não acho que estou sendo muito exigente comigo, porque não fico me torturando: “*ah! eu sou negra!*”, sabe? Eu tenho uma meta! Se a gente tiver uma meta e procurar seguir esta meta, a gente chega lá. Se eu não conseguir chegar lá, tento ver outras formas para fazer. Pode não ser bem aquilo que eu queria, mas é mais um passo pra aquilo que eu quero.

Entretanto Júlia parece se colocar em esforço emocional por transitar em espaços sociais que lhe exigem constante atitude de prontidão e afirmação. Identifica que há socialmente uma desvantagem que se manifesta e que se impõe, à revelia de seus de seus investimentos e desejos emocionais, e apresenta alguns motivos por ter esta conduta. No espaço do mercado de trabalho, ela se deparou com experiências bastante constrangedoras em relação a sua condição de mulher negra:

Acredito que já sofri discriminação sim, mas eu era meio inocente, acabei não percebendo. Quando estudava no ensino médio e trabalhava em uma clínica, saí dali porque uma mulher que trabalhava no mesmo setor tinha uma implicância comigo que ninguém entendia os porquês. Os médicos gostavam de mim, todo mundo gostava de mim, me ajudava na minha função. Mas,

aquela mulher implicava muito, era demais! Tudo o que fazia, implicava. Ela chegava e implicava. Aí, uma senhora – ela era negra - que também trabalhava lá, na área de limpeza, me falou: “*um dia aquela mulher foi muito grossa comigo, e eu saí e fui chorar no banheiro*”. Eu pensei comigo, isso nunca passaria pela minha cabeça. Outra moça que trabalhava nesta clínica me viu e falou assim: “*Oi, foi fulana que brigou contigo, né? Não liga não, porque ela não gosta de negro, ela me trata assim também*”. Uma outra menina também me falou a mesma coisa. Éramos três pessoas negras, e ela só se comportava assim com a gente. Aí começamos a suspeitar.

As experiências difusas no contexto de ocupação e trabalho exemplificam, de modo singular, as turbulências e flexibilidade pelos novos arranjos e transformações no mundo do trabalho. Os jovens se vêem num turbilhão que lhes exigem capacidades inventivas, sem garantia alguma de segurança. Mas, o agravante neste contexto são os mecanismos de lançar mão para contornar obstáculos que se apresentam e, ao mesmo, explicar precisamente porque deveriam enfrentá-los.

Em um ponto extremo oposto das experiências juvenis mais viçosas, encontramos Álvaro, com atividades profissionais definidas, um dos poucos dentistas negros na região da Grande Florianópolis. Seu depoimento sobre as experiências no mercado de trabalho na condição de negro são bastante emblemáticas,

Certa vez estava abrindo meu consultório e uma pessoa chegou e perguntou se o dentista estava: “*Ah, o senhor é o dentista?*”. Quando eu saí da universidade, eu ficava possesso com uma situação desta. “*Que a senhora acha, minha senhora? Estou aqui de...*”. Hoje, tento levar na brincadeira: “*Não, ele deve estar atendendo!*” Levo na gozação. Comecei a botar na cabecinha, não é culpa dela... Ela nunca viu. Aquela criança de hoje nunca viu um médico negro, um dentista negro ou um professor de história negro. Hoje, eu levo na brincadeira.... Eu tive que agir assim... Não eu sabia antes, né? Quando eu trabalhava ali em Barreiros, tive uma situação.... (pausa). Mas já a perdoei também. “*Não*

vou naquele dentista, porque ele é negro!”, disse uma mulher. Agora você se acalma! Este caso me contaram, não sei se foi verídico, mas eu já a perdoei e tomara que Deus a ilumine. Agora, sofrer racismo na frente, por enquanto ainda não enfrentei, não senti.

Expressões religiosas e as ambivalências

Nas narrativas sobre as experiências no contexto das expressividades religiosas sobressaem marcas de como os comportamentos flutuam entre diferentes religiões sem que encontre um ponto fixo. E, por outro, temos Álvaro, o único que se manifestou categoricamente como católico apesar de não ser praticante.

Há várias dimensões que se referem a mudanças na contemporaneidade e que diz respeito estritamente à identificação de novos comportamentos juvenis.

Sobre isto, Novaes (2004) enfatiza o que está acontecendo, atualmente, no campo religioso sinaliza para três mudanças principais: 1) a diminuição do percentual de que se declara católico (de 83,76% em 1991 para 73,77%, em 2000); 2) o crescimento dos evangélicos (em 1991 para 15,45% em 2000); e o aumento dos “sem religião” (de 4,8% em 1991 para 7,4 % em 2000).

Na procura indicar algumas notas sobre o contingente que se declara sem ‘sem religião’, Novaes traz interessantes contribuições para olharmos as manifestações de expressões religiosas nas narrativas. Ela destaca que algumas de suas pesquisas sobre religiosidade entre Jovens do Rio mostraram há menos transferência da religião dos pais para os filhos, mas isto não significa que os filhos deixem de ter alguma expressão religiosa, pois parte daqueles que não seguem a religião dos pais buscam outras religiões.

Novaes destaca que muitos dos jovens entrevistados continuam se declarando como católicos, mas não deixam de freqüentar outros credos, como centros espíritas e religiões de matriz africana como umbanda e candomblé. Este último fenômeno observa ainda Novaes, expressam estratégias de apresentação social em face dos preconceitos e perseguições sofridas por estas religiões. Mas isto revela um aspecto: *“...sentimentos de “duplo pertencimento” que fazem com que um pai ou*

uma mãe de santo possam dizer, sem constrangimento: “sou católica e da umbanda” ou “sou católica e do santo”.

Estes trânsitos possíveis estão presentes nas manifestações de Mariana a respeito das práticas religiosas de sua mãe e a sua compreensão de espiritualidade sem estar vinculada à nenhuma instituição religiosa por não expressar as suas convicções pessoais,

Minha mãe é umbandista e todas as quintas-feiras ela vai para o centro, como ela fala, ‘*fazer suas obrigações*’. Particularmente, gosto um pouco de tudo sobre religião. Eu procuro ouvir tudo, exceto a evangélica. Desta, talvez, tenho resistido um pouco, porque a minha avó, nos últimos anos da vida dela, começou a se envolver muito com a igreja evangélica. Ela dava muito dinheiro prá eles e até parou de tomar os seus remédios. Acho que acabou falecendo por causa dessa doutrina de acreditar que seria curada através da igreja. Então, me decepcionei bastante com a igreja evangélica. Em não gosto muito do jeito deles e sou contra todas as religiões que pedem dinheiro. Qualquer uma! Se eles pedem um maço de velas, uma caixa de fósforos, se pedem um cachimbo. Isto é uma coisa! Mas se pedem dinheiro para uma consulta, como muitas delas fazem, já sou contra. Não acho legal.

Aspectos das observações de Novaes também estão presentes nas manifestações de Julia a respeito deste duplo pertencimento religioso, sem, contudo, garantia de algum envolvimento efetivo.

Minha mãe sempre foi católica, mas de uns quatro ou cinco anos pra cá ela passou a ser espírita. Ela vai sempre num centro de umbanda, mas não é macumba...! As pessoas pensam isso, né? Até eu, antes de conhecer o centro dela, pensava assim. Ela participa das sessões toda sexta feira. Ela gosta bastante e segue com entusiasmo. Toda as sextas, ela e a sua irmã mais nova vão juntas. Bom, eu me batizei, fiz primeira comunhão e fiz a crisma, e toda aquela coisarada, na igreja católica. Sempre freqüentei a igreja católica, mas só que

hoje tem coisas que gosto da religião católica e coisas que gosto do espiritismo. Por aquilo que ouço e converso com as minhas amigas, mas não sou praticante de nenhuma religião. Eu tenho a minha crença, acredito em Deus, rezo, peço, mas praticar, seguir, estar numa mesma igreja, freqüentar um mesmo local, assim não! Acho importante a gente ter uma fé. O fato de estar indo ou não á igreja é mais uma questão de princípio. Eu acredito em Deus, e quando preciso... não, não só quando preciso, faço minhas orações à noite, agradeço pelo meu dia, se não foi um dia bom, peço que amanhã seja um dia melhor... Mas, não sinto falta de ir a uma igreja, não. A fé está dentro de mim! Assim, eu procuro seguir aquilo em que acredito.

Ivone, ao seu modo particular, expressa como os seus laços familiares trazem elementos a respeito de seus vínculos religiosos, entretanto, seu comportamento não deixar de ser ambivalente e flutuante. Há em sua narrativa outro dado emblemático e revela aspectos de suas estratégias no campo das expressões religiosas: o elo entre a música e os rituais da igreja católica e dos terreiros de umbanda, onde transita, sem maiores constrangimentos.

Minha família é católica. Eu cresci na igreja Católica, mas também já fui para um Centro Espírita, de mesa branca, e também para a umbanda. Eu não tenho assim uma religião... Eu me batizei, fiz primeira comunhão, me crismei na igreja católica, mas hoje em dia eu vou num centro de umbanda prá me benzer, mas não tenho assim uma religião. Também não acompanho nenhuma atividade religiosa na umbanda, só vou mesmo prá me benzer, tomar *passe*, mas não acompanho não. Até faz pouco tempo que eu estive na igreja católica, em uma missa que as crianças daqui foram ensaiar para cantar, nós juntos prá ver e acabamos participando da missa. Depois nos convidaram para participar do coral da igreja. A gente está vendo se será possível, mas geralmente os ensaios do coral são aos sábados, e nos sábados nós cantamos. Na igreja, eles queriam

fazer uma missa com o pessoal aqui da *aldeia*. Proposta seria cantar sempre no primeiro domingo de cada mês na a missa das crianças. O nosso grupo ‘tava indo fazer todos primeiros sábados do mês em Itajaí, e ir à missa todos os domingos de manhã, fica complicado. Agora já mudou, a gente vai tocar lá em Itajaí todo segundo sábado. Aí vamos ver o que faremos.

De modo bastante expressivo, Ivone manifesta que o ponto de interseção, que fornece os elementos para o seu trânsito em diferentes espaços de expressão religiosa, é a música e canto. Contudo, ela deixa bastante explícito que o trânsito entre espaços religiosos é uma conduta também de outros membros da família, como a mãe e as sobrinhas, que estão se preparando para fazer a 1ª comunhão em uma igreja católica.

Eu gosto da umbanda. Eu me sinto bem lá no Centro Espírita, na católica e na umbanda também. Mas meu gosto forte mesmo é a umbanda, que eu gosto. Eu até conheço os cantos dos rituais de umbanda, mas não canto lá. (...) eles nos convidam prá cantar e participar lá da festa. Eles sempre querem que a gente vá porque sabem que cantamos. Algumas vezes, eles pedem prá gente cantar e a gente canta.

Na verdade, sempre que nós vamos ao terreiro, as pessoas pedem prá gente cantar. A minha mãe sempre costuma ir para se benzer, tomar passe. Aqui de casa todo mundo vai à Umbanda prá se benzer. Minha mãe agora está freqüentando a missa para acompanhar minha sobrinha está no coral. Elas vão à missa todo o domingo. Minha sobrinha vai fazer catequese no ano porque já está na idade e também porque ela está gostando dos ensaios. Todas as crianças aqui do quintal estão indo cantar lá na igreja.

A minha falecida avó, mãe da minha mãe, já foi iniciada na umbanda. Minha irmã começou freqüentar, mas também não foi mais. Os meninos do grupo de samba até são batizados como *ogãs*, eles freqüentavam, mas agora não vão mais. Aqui na *aldeia* só os mais antigos trabalhavam no

centro de umbanda. Eu quando vou... eu não sei... não sinto nada. Há pessoas que vão e sentem aquela vibração durante os rituais. Minha irmã foi uma que sentiu, mas eu sou mais encantada pelas músicas, fico louca pelos batuques e até fico com vontade de estar ali no meio, mas nunca senti nada, eu acho que eu não tenho, porque eles dizem quem deve e quem não deve estar ali dentro. Até hoje ninguém falou prá mim ainda, então... eu nunca senti nada. Agora os primos meus e a minha irmã vão porque sentem e sabem que tem que trabalhar, mas eu não. Se fosse prá eu ir iria, se dissessem que eu tenho que desenvolver minha espiritualidade, iria porque eu gosto e quando ouço os batuques fico louca, adoro

Michael transita entre os códigos e rituais com crenças difusas, mas sua referência maior são as religiões de matriz africana. Não por sua parte, se movimenta com

Eu tenho uma religião, tenho sim. Eu sou negro e adoro ser negro e acho que a cultura negra é muito linda. Eu acho que negro não tem uma religião, ele nasce aquilo. Eu gosto do som do atabaque, eu gosto das vestimentas afro, eu gosto de búzios, até tenho uma sina de búzios na minha vida. Na verdade, eu gosto da umbanda, da história dos negros e dos escravos. Eu gosto daquilo. Mas transitar, eu não transito. Minha vó é da umbanda e vai à igreja. Ela é do tempo antigo, de fazer aquelas misturas de paxá, e de rezar em cima do bagulho, bem jeito de macumbeira. Mas ela não cultua santos. Ela sabe os nomes... Minha vó é engraçada... Ela tem quadros, mas de escravos mesmo. Ela se lembra da mãe dela, da avó dela. São fotos de escravos mesmos. A família dela é de Minas Gerais, lá isso é forte mesmo, os papos sobre escravidão ainda é forte por lá. A história, a memória. Daí vem o candomblé, que é as festas que eles faziam por lá. Então eu gosto disso. É uma religião que acho bonita, eu não vou muito, mas acho bonita. Gosto de usar guia de proteção. Tenho uma guia que eu uso hoje.

João, entre os diferentes sujeitos, expõe uma peculiaridade. Em função de seu envolvimento direto com atividades em uma igreja, mas que também flutua ambivalente entre lançar-se na rede de suas estruturas, exercendo o posto de pastor, e renunciar as exigências que adviriam da decisão.

Sempre eu tenho a questão da igreja como foco... os meus princípios, as minhas decisões são tomadas relacionadas à igreja. Tanto quanto à música *gospel*... Decidi isso, porque? Por causa da igreja. A faculdade que fiz ou estou fazendo, tudo tem referência com a igreja, porque eu pretendo trabalhar na igreja. E sempre estou fazendo trabalhos paralelos, e sempre com vínculo com a igreja, porque a igreja foi a base da minha educação. Eu acho que ela tem uma força muito grande. Ela tem uma influência muito, muito forte na minha vida, sabe?

Hoje eu não me sinto, talvez, preparado prá essas normas e exigências. E também discordo de algumas idéias, de algumas coisas. Quando eu gravar um trabalho, me tornar mais conhecido, o espaço dentro da igreja pode se abrir mais porque os músicos e os pastores são bem vistos e bem quistos dentro da igreja.

Espaços educativos e a experiência de ser único

As experiências sociais expressas nas narrativas das histórias singulares sugerem como os espaços educativos (incluindo aqui as instituições que vão do atendimento à primeira infância até as instituições universitárias) se apresentaram nos percursos de escolarização sob um forte sentido de estranhamento, seja em relação aos repertórios civilizatórios que são mobilizados por intermédio de conhecimentos e saberes escolares, seja simplesmente na fluidez das redes de relacionamento afetivos. O signo '*negro*' e as referências identitárias associadas ao pertencimento étnico-racial parecem estar fora do alcance de percepção daqueles sujeitos, homens ou mulheres, nestes percursos.

João explicita não somente as experiências de comentários depreciativos, de expressões verbais difusas de discriminação profundamente com marcadores raciais, mas também as suas atitudes pessoais de enfrentamento a estas diferentes situações presentes nos contextos escolares, sem que ao mesmo a figura dos profissionais ao menos apareçam na mediação. Ele também nos expõe como a figura materna se apresenta, mais uma vez, como referência ou suporte na sua expressão singular: “*Minha mãe me ensinou a nunca levar desaforo para casa*”,

Olha, neste período em que estava nestas escolas, o preconceito era muito forte. Na minha sala havia somente eu de negro e todo mundo era branco. Isto foi desde as séries iniciais até a faculdade. Sempre tive a experiência de um ou dois negros na sala e os restantes dos alunos eram em sua maioria de brancos. Desta forma, sempre tinha preconceito e, acho, tem até hoje. No Educandário, apesar de ser uma instituição que atendia crianças em situação de risco, a presença de negros não era tão forte, mas tinha, porque estava impregnado no social, né? Às vezes brincar de certa forma era pirraça, coisa de criança. Hoje, eu vejo com uma outra visão tudo isto, mas na época eu não tinha este entendimento. Se um menino zoasse com a minha cara, partia para cima mesmo...

Álvaro, como anunciamos atrás, se localiza em uma das extremidades das experiências geracionais juvenis. O peso e tormento pessoais em função de ter constituído trajetória por espaços, em que sendo o único negro seria uma marca, não pode ser minimizada na ponderação. A sua trajetória escolar o faz ter experiência de diferentes cidades (Foz do Iguaçu e Curitiba, no estado do Paraná, e Pelotas/RS), em função das constantes transferências do pai, que era oficial do exército, e, por consequência, toda a família. Mas, estas cidades do sul do país lhe proporcionaram experiências bastante similares, como diz:

No Colégio militar também tinha dois afrodescendentes – aliás, quando tinha dois! Éramos muito poucos... Na faculdade de

odontologia só tinha dois alunos negros. Quando eu cheguei na Universidade de Pelotas, ele estava saindo. Então, eu fiquei sendo o único. Às vezes aconteciam aquelas coisas, né? Um dia eu cheguei atrasado na aula: “*O que você quer aqui?*”, me perguntou o professor. E eu respondi: “*Professor, sou aluno também*”. “*Ah, desculpa!*”, disse ele. Olha! Eu vivi estas situações, isso acontecia no início da faculdade em Pelotas. A cidade de Pelotas era uma cidade predominantemente negra, por isso até fiquei abismado, não se via negros na faculdade de Odontologia, na de Medicina também não se via. Nas Engenharias e no Direito eram poucos...

Esta experiência de ser a única ou uma das poucas referências de pessoa negra, que persistem na memória, igualmente, se apresenta nas narrativas de Mariana,

Eu tenho – e tive - poucos amigos negros e acho que a única amiga que é... Ela não tão presente assim, mas que marcou muito foi uma menina chamada Viviane⁷⁵. Acho que ela foi minha amiga, amiga negra, mais presente no Colégio. Eu convivi com poucas crianças negras, aquela foi uma das únicas que me lembro agora.

O contexto escolar, com estes marcadores, faz parte da experiência de Júlia,

Na escola exatamente nunca vivenciei discriminação alguma, porque nunca fui assim “*ah, porque eu sou negra*”. Nunca liguei muito prá essas muvucas. A maioria das minhas amigas também sempre foi branca. A maioria! Tive poucos amigos negros, a maioria era branca. Então, procurava não sentir constrangimento por isso. Nunca fiquei pensando nisso, meu cabelo é isso, é aquilo... Eu era eu, eu era do jeito que era e nunca ninguém me fez sentir. Acredito que já

⁷⁵ Nome fictício.

sofri discriminação sim, mas eu era meio inocente, acabei não percebendo.

A experiência de ser única ou ser uma das poucas referências de pessoa negra têm o seu verso da medalha. Ele se apresenta não menos delicada e complexa como a anterior. As narrativas sugerem que o sentido de pertencimento e dos processos identidades são contrastivos e, também, pronunciadamente relacionais. De fato, na experiência pessoal de ser visto como referência em função da ausência carrega um peso que nem sempre se está disposto a carregar. Esta complexidade está presente na narrativa de João,

Mas, na falta de negros como tu vais ter referência? Há falta de negros na área de medicina, na falta de negros na área de esportes... Talvez nos esportes a gente tem mais presença, né? Nas áreas culturais também, mas noutros setores são muito poucos. Então, como vai haver motivação nesses espaços, se não tem presença, ou se são poucos? Assim, em num meio sem presença de negros fica difícil ter algum apoio

Também se apresenta presente na história de Júlia,

Dá pra ver que eles estão bem orgulhosos “*ah, a minha prima ... ah, a minha irmã*”. A minha irmãzinha, que tem onze anos, ela diz: “*eu digo na escola, minha irmã é linda e vai ser enfermeira*”. É muito engraçado, né? Minha outra irmã também: “*ela faz enfermagem, ela é técnica e trabalha no HU*”⁷⁶. Elas têm aquela coisa, elas são bem orgulhosinhas de mim. Meus pais também são bem orgulhosos: “*minha filha faz isso, minha prima faz aquilo*”. Minhas tias me procuram: “*o médico me deu esses remédios, será que são bons mesmo?*”. Qualquer probleminha eles vêm me perguntar, “*o que é isso, como é aquilo?*”. Meu avô que tem diabetes, quando passou mal, eu fui ajudar atendê-lo. Eles são bem orgulhosos, “*ah minha sobrinha, ai minha*

⁷⁶ Hospital Universidade da Universidade Federal de Santa Catarina.

prima”. Eles gostam e vem como uma coisa bem positiva. Eles me olham como exemplo, “*olha a sua prima estudou, tem uma profissão*”. É tudo muito carinhoso, a minha formação não interfere em nada, todo mundo se dá bem, se respeita, cada um faz o que gosta. Se vai trabalhar numa loja, mas se é feliz...

Contudo, são nas narrativas de Álvaro que visualizamos manifestação do alcance destes constrangimentos e os delicados processos que são mobilizados interiormente para satisfazer exigências impostas por uma realidade social que, permanentemente, parece solicitar dos sujeitos um trabalho emocional frente os dispositivos discriminatórios, ainda, que estes se apresente para si numa direção positivada. Ele nos faz observar, a partir de seus comentários sobre o assunto

Ser referência por ser negro não é algo que acho tranqüilo de levar. É uma coisa muito chata! Há tantas pessoas com capacidade por aí. Mas, vejo tanta falta de estímulo... Aí você fica sendo aquele negro ou aquela negra que vai ser o exemplo... no fundo só por ser a exceção, né? E vai aí deixando a vida levar, o tempo passar.

Todas estas diferentes expressões a respeito do lugar e sentido ocupado pelos contextos educativos nas experiências existenciais dos sujeitos pesquisados expõem, com extraordinária contundência, que no ambiente educacional há uma combinação de elementos que conformam as convivências da diversidade e das múltiplas identidades em processo de constituição com obstáculos reais, imaginários ou simbólicos de compartilhamentos possíveis da diversidade humana, com seus valores e cosmovisões plurais.

1.2. As experiências relacionadas às sociabilidades e à constituição juvenil (relações afetivas e matrimoniais, conflitos geracionais, estética).

Relações afetivas e matrimoniais

Nos percursos de cada sujeito entrevista, emergem elementos das relações sociais e do quanto nelas está inscrita a dimensão das relações afetivo-amorosas, com parte de suas constituições como pessoa.

Segundo Petruccelli (2001), existe consenso entre os pesquisadores que estudam a instituição matrimonial de que as relações afetivas e as escolhas do cônjuge ou companheiro não são resultado de um jogo aleatório. Elas expressam “*regras sociais muito determinadas, que tendem a facilitar a composição de alguns tipos de uniões e a dificultar outros, construindo um sistema que estrutura os intercâmbios de indivíduos e de grupos*” (p. 32).

Quando observadas as narrativas, particularmente das mulheres, há alguns indícios que expõem elementos associados ao mercado das escolhas afetivas e que trazem questões particulares das relações raciais (escolhas afetivo-amorosas entre brancos e negros). Ainda, por extensão, aparecem aspectos de mudanças que vêm ocorrendo em comportamentos geracionais, mesmo que não impactem pronunciadamente, mas sinalizam transformações nos comportamentos dos jovens na atualidade.

Vamos perscrutar um pouco os depoimentos, para em seguinte recuperar alguns destaques das pesquisas de Petruccelli sobre o mercado matrimonial.

Mariana faz as seguintes observações a respeito de suas relações afetivo-amorosas:

Eu sempre tinha a impressão de que os meninos negros não queriam namorar comigo, só querem ficar. Eu já fiquei com meninos negros, mas o que fiquei mais tempo foi por seis meses, e quando descobri que tinha outra namorada, dei um fora nele. Outras vezes foram nos pagodes da vida ou em formaturas. Eu sou meio exigente também: tem que ser negro e ser lindo, não gosto de negro meia boca, tem mais essa! Tem que ser meio modelo.

Curiosamente, no geral, meus namorados geralmente são todos brancos. Não foi porque eu escolhi assim, sempre tive pouco contato com homens negros. Eles falam que são as mulheres

que escolhem. Eu acho diferente, ao contrário, acho que são os homens que escolhem. Tem, também, essa questão de se ter atração pelo oposto. Não sei se tem alguma coisa a ver! Acho que a mulher tem mais emoção. Eu sempre fui de bater os olhos e gostar! Isto pode ser uma questão mais relacionada ao meio onde vivi desde o colégio.

Mariana também demonstra uma percepção a respeito de como as relações afetivo-amorosas de sua irmã com 18 anos são bem mais fluidas e dinâmicas que suas na mesma idade dela,

Minha irmã também é negra, bem negra (...). Agora, amigos negros ela tem mais e se envolve bastante com o pessoal do pagode. Ela tem amigos em bandas de pagode. Têm os meninos de pagode com quem ela sai, mas hoje também já é mais misturado. Hoje em dia tem mais banda de pagode com meninos brancos e meninos negros. Por isso, minha irmã tem mais amigos negros. Ela tem meninos que namorou que eram negros, mais que eu. Ah! bem mais!

Ivone, além de sinalizar percepções semelhantes, acrescenta mais ingredientes ao assunto, ao incluir as problematizações com os homens negros e a percepção das pessoas com as quais convive sobre as diferentes relações afetivo-amorosas,

Eu sempre tive mais namorados brancos. Não acho que as minhas relações afetivas tiveram alguma influência, mas tem essa coisa dos homens negros dizerem: “*ah! Você só quer branco*”. E eu respondo: “*Claro, vocês não dão bola*”. Não é que eu prefiro branco ou preto para namorar. É que normalmente aparecem os brancos *prá ficar*, e não os negros. Já namorei negro, mas sempre foram mais brancos. Ah! Todas as minhas amigas pensam desta maneira. É tipo assim, parece que *prá gente é mais normal ver um negro com uma branca do que os homens negros aceitarem a mulher negra com um branco, por que eles sempre*

falam; “*tu só queres branco*”. O homem negro fala sempre isso prá gente e já foram várias vezes que eu ouvi isto. Atualmente, eu nem falo mais nada. Agora, nunca me abalei...

Julia, por sua vez, quando apresenta informações sobre suas relações afetivas, destaca se sempre gostou de namorar homens negros, mas que enfrenta dificuldades,

No momento, estou sem namorado. Estava namorando, agora não tenho mais, depois que namorei por quatro anos. Agora, estou só procurando. Não, procurando não, estou ficando com outro menino. Ele é branco também. Particularmente, eu sempre gostei de negros para namorar, mas o fato de ser branco ou negro nunca interferiu nas minhas escolhas. Não tenho nada contra! Mas, o meu interesse sempre foi por homens negros. Mas aí os homens brancos querem mais... Eles também gostam bastante de negras. Por incrível, parece que o negro não valoriza o negro como o branco. O branco valoriza mais o negro do que os próprios negros. Eu namorei quatro anos com um homem negro, a gente terminou. Agora eu estou com outro menino.

Em outro contexto aparece João e seu namoro “*às escondidas*”, contudo demonstrando que os elementos ,

Atualmente estou namorando. Na verdade, não é um namoro aprovado, é um namoro às escondidas porque os pais dela não permitem por ser muito nova, ela tem 17 anos. No momento, ela mora em Chapecó, no interior do estado, e trabalha com venda de livros. Dizem as más línguas que os pais dela não permitem por causa da idade mesmo e outros dizem que é por causa da cor. Ela é loirinha de olhos verdes. Tem toda uma história, um clima de romance assim... Há um ano e meio estou com este namoro escondido.

Em seus estudos, Petruccelli (2001), argumenta que há diferentes complexidades no mercado matrimonial quando analisado sob a perspectiva de endogamia, em que a escolha dos parceiros se dá exclusivamente no interior do grupo de iguais, e exogamia, em que os intercâmbios afetivos se produzem livremente e as uniões expressam diversas combinações. Com recortes de cor/raça, gênero, faixa etária e escolaridade, este pesquisador simula várias combinações e chega à conclusão de que “*a manutenção das fronteiras inter-raciais e a reprodução das desigualdades são asseguradas a partir da importância da seletividade marital no comportamento nupcial por grupos de cor da população brasileira.*” (idem, p. 51). Ele destaca que mulheres brancas levam vantagem no mercado matrimonial, enquanto mulheres pretas são as mais preteridas.

Este autor identifica, que ainda que não possa se configurar como uma tendência, a existência de um aumento de relações inter-raciais entre as gerações mais novas. Isto é, estes dados mostram que as variações mais importantes entre as gerações de 87 para 98 parecem ter acontecido com a taxa de endogamia das mulheres pretas, e em particular com a das mais jovens, que diminui de 66% para 56%, fazendo com que a porcentagem de uniões das mesmas com homens brancos aumente de 13% para quase 20%.

Em seus retratos narrativos, os jovens de estudo podem estar oferecendo dados acerca de sua experiência, e de se encontrarem numa fissura de mudanças sociais que mereceria aprofundada.

Relações geracionais e seus conflitos

Entre todos os jovens de diferentes faixas etárias, Mariana é aquela que melhor expressa às dimensões conflituosas com marca geracional. Com 29 anos, momento da entrevista, ela convive com diferentes conflitos próprios de mudanças em que se encontra na atualidade. Primeiramente, ela nos informa sobre a sua relação afetivo-amorosa com um atual namorado, “*Totalmente o oposto de tudo que imaginei prá mim*”,

Ele é bem mais novinho que eu, então, acho que sou a primeira namorada séria ou sou a primeira. Ele tem 22 anos. Então, sou o primeiro namoro sério dele. A gente já terminou uma vez, ele

viajou, foi prá Europa, voltou agora em março. A gente tinha terminado não por cauda da viagem, mas por outros motivos, sabe? Essas coisas de menino, que tem muita coisa prá fazer, que não dá conta da namorada. Ele tem duas bandas, faz duas faculdades e não sei mais o quê. Aí, a corda arrebentou pro lado mais fraco: a namorada. Depois, acaba achando que a gente tá cobrando demais. Agora ele voltou, a gente combinou e tá melhor, tá melhor do que antes! Acho que tem essa coisa dele ser mais novo, mas temos que nos entender, daí eu brinco: “*quem manda querer namorar pirralho, dá nisso!*”. É que sempre namorei meninos da mesma idade, nunca mais novos e sempre mais morenos

Mariana se vê, também, vivendo em conflito na relação com sua irmã mais nova, de 18 anos, do segundo casamento de sua mãe:

Logo que terminou a escola [ensino médio], com dezoito anos, minha irmã passou para Ciências Sociais também aqui na UFSC, mas ela não gostou do curso e o abandonou. Ela não agüentou! Agora ficou mais séria, mas era a revoltadinha de casa... Como nossos pais são diferentes e o pai dela paga uma pensão, ela pretende utilizar o dinheiro para fazer uma universidade particular. O meu pai não pagou pensão, ele não tinha condições e o pai dela tem um pouquinho mais de condições. Acho que ela tem que continuar estudando, porque senão perde a pensão, tem mais isso também! Ela estudou até o ano passado, depois fez cursinho de novo. Enrolou, enrolou, e foi prá faculdade. Agora tá dizendo que quer estudar na UNIBAN, quer fazer Pedagogia. Ela fez um semestre de Ciências Sociais. Imagine prá quem tem dezoito anos e vive num mundinho... Acho que não caiu a ficha para minha irmã, sabe? Aquela coisa de achar que dinheiro dá em árvore... ela acha que o dinheiro vem de maneira fácil. Ela trabalhou uma vez, por uns meses, fazendo *telemarketing*, foi o seu primeiro emprego. Até que ficou um tempinho porque não

era difícil, mas ela tinha que vender muito e para isso você tem que ter lábia. Ela acabou demitida, porque não fazia muita venda. Daí ela pegou o gostinho da coisa, de ficar na vida boa, né?

Ainda, depara-se com diferentes conflitos com as possibilidades de opções para as atividades de lazer e suas sociabilidades:

É bem difícil ir prá música de *dance*, tipo como é que fala, aquelas que viram a madrugada: isto *rave*. Fui uma vez só, faz tempo, achei legal, mas nada demais, não achei tão bom, é quase igual ao *Planeta Atlântica*, só que você vai embora às seis da manhã, quando ia lá ao *Planeta* só chegava em casa por volta das oito da manhã. Agora parei de ir, porque só tem bandinha bem prá criança, você chega lá e só tem criança. Eu detesto!

As transformações pelas quais ela passa demandam outras formas de sociabilidade e referências de relação.

Até os 18 anos saía de segunda a segunda, depois fui diminuindo, só uma vez por semana, continuo ainda neste ritmo de uma vez por semana. Agora tô saindo uma vez a cada duas semanas. Normalmente, saio só de casal, com meu namorado ou com outros casais. Saio com grupos de amigos quando tem uma coisa em comum, um show que todo mundo vai.

No contexto da universidade, onde esta cursando o curso de Letras-Inglês, Mariana sente fora de sua ‘*turma*’, na medida em que quase todos os seus amigos estão casados.

fiz amizade com três pessoas, aquelas com as quais tenho envolvimento mais forte! A minha sala é muito heterogênia e tem muita menina nova... A maioria é muito mais nova que eu, tem gente com 17, 19 anos ou por aí. Poucos têm entre 26 e 30 anos e somente 4 pessoas com mais de 40 anos...Quando me envolvo com um pessoal mais jovem, fora da sala, é a mesma coisa, não tem

jeito, a cabeça é outra. Ainda tem o pessoal que tá naquela “*ah, porque que eu tenho que aprender isso?*”. Isso me dá um nervoso! Então, acabo conversando só o básico, não entrando muito em discussão com essas pessoas, evitando atritos. Assim, falo o essencial e faço os trabalhos acadêmicos junto com elas, mesmo que as idéias não batam. Talvez durante a análise e discussão de um texto, as idéias batam, mas na minha vida, eu sei, não vão bater. O pensamento, as idéias, a vida, o ser humano não batem sempre.

Estética: os cabelos de negro

Gomes (2005), ao destacar que o cabelo crespo e o corpo negro só adquirem significado quando pensados no cerne do sistema de classificação racial brasileiro, observa que “*O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, pois representa algo mais, algo distinto de si mesmo*” (p. 8). Aponta a autora, que os cabelos negros se tornam no contexto da sociedade um importante signo identitário. Efetivamente, o cabelo dos negros em suas cores e textura naturais impõe-se como elemento de realce no quadro da etiqueta social inscrita nas relações raciais. Ele se constitui neste marcador que aciona e revela acerca de como os sujeitos se colocam e são colocados para muito além da dimensão estética *in stricto*.

Nesta medida, o relato de Julia expõe uma delicada e complexa experiência em que os cabelos se apresentam com marcado de expressão de discriminação,

Ouçó, às vezes, comentários de outras colegas sobre os cabelos. Os cabelos de negro... os nossos cabelos são mais cheios, mais crespos. Sempre há preconceito associado ao cabelo. O tema da mulher é o cabelo... Só que eu sempre procurei amarrar os cabelos, nunca deixo os meus cabelos de qualquer jeito. Minha mãe tem uma preocupação enorme com isso, por isso sempre andei com os cabelos arrumados. Eu tinha uma colega, que mesmo com os cabelos arrumados, dava pra ver que eram mais duros, crespos... Os

outros falavam: “*olha o cabelo dela!, é cabelo de coco, é cabelo duro*”, aquela coisarada toda. Os cabelos da menina não cresciam e o pessoal pegava no pé dela. Olha, eu nunca permiti que fizessem piadinha comigo ou sobre negro

Ivone, por seu turno, traz para a visibilidade, indicadores de constrangimentos pela falta de espaços e serviços que incorporem os aspectos associados aos cuidados de si quando se tratada especificamente daqueles associados ao corte e tratamento estético dos cabelos de pessoas negras.

Costumo fazer meus cabelos em casa mesmo. Estas minhas tranças são feitas em casa. Dessa vez foi minha mãe que fez as tranças em mim. A opção de fazer em casa é porque nunca ninguém faz, eu nunca vi um salão de beleza que faça... Há a Marilda⁷⁷ que faz os penteados lá mesmo na Praça XV, porque não tem um salão prá negros. Eu nunca iria à Marilda, imagina, eu fazer os meus cabelos rua com todo mundo passando. Algumas vezes, a gente fala assim “*ah, porque a gente não abre um salão*”, mas sempre fica assim, só no falar. Até tem o salão *Fios e Formas*, o único salão que trata de cabelos negros. Mas um salão para cabelo afro, que saiba fazer tranças, não tem. Só tem prá tu fazer relaxamento no cabelo. Um salão prá fazer um afro, uma trança, eu nunca vi. Eu acho que um salão prá negros seria legal. Aqui na *aldeia* até as crianças pequenas fazem: trançado, borrachinha, outra sabe fazer unha, pintar unha, tirar cutícula, outra sabe fazer alisamento, penteado, maquiagem. Sempre outra que faz aqui, outra ali. E dava para montar um salão. A gente faz entre nós aqui, até prá pessoas de fora, “*se eu pagar, tu faz em mim?*”. A gente poderia montar um, né? Eu falei que eu ficaria na parte administrativa, na propaganda, porque eu não sei fazer nada. A única coisa que eu sei fazer é pintar a minha unha, mas não consigo fazer em outra pessoa. Era bom tem um salão onde a gente

⁷⁷ Nome fictício.

pudesse ir, um lugar certo. Porque em casa é difícil, porque em casa as pessoas têm outra coisa prá fazer, e encontrar a pessoa em casa é difícil, também.

Os aspectos que destacamos fornecem dados irrefutáveis sobre relações raciais e seus impactos no cotidiano dos sujeitos da pesquisa. Como já realçamos, e vale a pena reforçar novamente, nas palavras de Santos (2000), “*no caso brasileiro, o corpo da pessoa também se impõe como uma marca visível e é freqüente privilegiar a aparência como condição primeira de objetivação e de julgamento, criando uma linha demarcatória.*”(p.15) Como nos mostram as falas, a linha demarcatória revela distinção em que o cabelo negro sofre uma negatização: não é bom, não dispõe de espaços sociais para seu tratamento e escolha de traços estéticos. Como alerta aquele autor, o cabelo negro, como parte da corporeidade, “identifica e separa, a despeito das pretensões de individualidade e de cidadania do *outro*” (idem, p. 15).

1.3 Certezas e sonhos: projetos de futuro incertos

Na condição de jovem há os conflitos comuns a jovens, contudo não se pode desprender que os mesmos são permanentemente inscritos em relações raciais e como tal podem, a qualquer momento, ter presente, elementos acionados pela discriminação.

Importa, pois, marcar como estes homens e mulheres negros vivem num entrelaçamento de questões: conflitos como jovens e a imanência do acionamento do racismo em suas vivências destes conflitos, ou ainda, o quanto estão subjacentes a eles ingredientes de obstáculos, manejo de disposições, exatamente porque o racismo esta imanente. Como argumenta Souza (1983) “*As estratégias, táticas e compromissos que o pensamento do sujeito negro cria diante do racismo, demonstram o que foi afirmado*” (p.10).

Quando os sujeitos – homens e mulheres – de nossa pesquisa expuseram elementos referentes às suas certezas e sonhos, no desejo de lançar-se rumo ao futuro, compartilham a percepção presente na atual conjuntura da experiência juvenil. As gerações juvenis desde os meados do século passado vêm se defrontando com várias transformações econômicas, sociais e culturais, e, particularmente, vêm enfrentando as vicissitudes de um mercado de trabalho mais, mutante e com

oportunidades marcadamente desiguais. De algum modo, os diferentes retratos narrativos nos expuseram que, mesmo com faixa etária similar, as experiências juvenis apreendem as particularidades desta conjuntura de modo plural: ser pobre, mulher e negra, homem e negro, jovem e negro são combinações que não podem esmaecer na leitura desta realidade social e seu impacto na sociedade brasileira.

As narrativas apresentam medos difusos, reais ou imaginários, que entrelaçam o modo de pensar, agir e todos os movimentos destes jovens. Uns dos principais medos compartilhados é o medo de que o futuro posse escapar-lhe das mãos, lançando-os em um futuro incerto e indefinido.

João, por exemplo, nos fazer observar que seus principais medos estão relacionados ao sentimento de que pode não colher os frutos de seus investimentos pessoais no momento presente, como estudar, concluir um curso de graduação (Pedagogia) e ainda esforçar-se para terminar o seu curso de Jornalismo. Por isso, ele sente-se em um momento inconstante e de indefinição.

hoje vivo um momento inconstante, sabe? De não saber ao certo o que eu quero daqui prá frente, até mesmo em nome da questão financeira. Quando olho prá traz, percebo ter feito diversas coisas, participado de diversos cursos, diversos projetos como voluntário, e ainda não ter adquirido muita coisa, a não ser ajudado minha mãe a ter uma casa, né? Mas, eu... eu não tenho nada, sabe? Segura João! Acredito que agora é o momento de adquirir algo prá mim, de criar uma estrutura, de direcionar o meu caminho! Talvez, por isso eu estou bem confuso: o quê vou fazer agora, se vou permanecer na área musical, se vou entrar na área de jornalismo, ou entrar de cabeça prá valer na educação?

Michael, por sua vez, se depara com a constatação que ainda não conseguiu realizar nenhum de seus objetivos. Ele transita no contexto da cultura hip-hop, com a qual mantém uma relação mesmo no sentido de ação política e mais na sua dimensão de expressão cultural. E, no entanto, não consegue acessar recursos para financiamento como os

equipamentos culturais, que poderiam, segundo ele, fornecer autonomia financeira deseje.

Hoje, eu tenho vários grupos aqui também. Então, eu vivo disso, camarada, mas agora tenho contrato com a prefeitura até novembro. Aí é uma graninha legal. Se dá para viver com isto? Dá, não dá não! Por isso, a gente procura parceiro direto para trabalhar. Dá prá mim assim me estabelecer, mas até agora eu não consegui alcançar nenhum objetivo meu: comprar uma moto ter minha casa, ter minhas paradas, sabe? Ainda não deu! Vai dar um dia! Mas ainda não deu, agora dá para me manter. A vida não é só isso, eu ando muito de um lado pro outro. Ainda não é legal, não!

Júlia compartilha de sentimentos semelhantes aos de João. Mas ela não só manifesta os seus receios quanto a fato de que irá conseguir colher os frutos de seus investimentos atuais como os medos relacionados as suas escolhas pessoais: “*será que é isto mesmo que eu quero?*”. Suas reflexões são, neste sentido, bastante sugestiva.

Olha, sempre gostei da área da saúde, não sei o porquê! Quis fazer Fisioterapia, Psicologia, mas nunca pensei na Enfermagem, prá ser bem sincera. Assim, achava que era um trabalho bem braçal e que isso não era pra mim: sem paciência para atender gente doente, gente reclamando. Um dia, quando meu tio ficou internado no hospital, por estar muito doente e quase falecer, eu ficava com ele no período de manhã. Assim, comecei a prestar a atenção e ver o trabalho dos técnicos de Enfermagem, das enfermeiras; comecei achar muito interessante o quê eles faziam e via que não era bem assim como pensava antes. É um trabalho de destaque e tem que ter estômago, também, né? Se a pessoa não gostar daquilo que está fazendo, não fica na profissão. Acho que foi mais ou menos a partir daí que comecei a ver que queria me formar em enfermeira. Mas, até hoje tenho dúvidas: “*será que é isso mesmo que eu quero?*”. Eu começo a me perguntar isto e quando paro, penso, não vejo outra coisa que gostaria de fazer.

Então, vou continuar na Enfermagem, se não vejo outra coisa que gostaria de fazer, se não sei fazer outra coisa, vou continuar na Enfermagem mesmo. Muitas pessoas me perguntam: “*ah, tu podias fazer medicina!*”. Mas, são coisas totalmente diferentes. Medicina é Medicina e Enfermagem é Enfermagem. Uma depende da outra, mas são profissões totalmente diferentes. Eu não coloco isso na minha cabeça, nem quero fazer e nem me interessa a Medicina

Júlia, a mais nova das entrevistadas, também demonstra outras preocupações: o medo de ficar sozinha, após todos os seus investimentos.

Pretendo morar sozinha, pretendo casar, ter filhos. Para isto pretendo encontrar uma pessoa que goste de verdade para casar e ter filhos. Não quero ter mais de dois filhos, também. Porque é assim, eu gosto muito de estar como minha família, gosto muito de família. Eu me vendo, sei lá, ali com cinquenta anos e aí não ter filhos, um companheiro, marido, pra estar comigo, nem que fosse pra eu cuidar dele, ele cuidar de mim, vendo uma internet, assim, solitária. Todo mundo quer constituir família, pra ser feliz, formar família, ter emprego. Eu penso assim: é claro que a escolha profissional hoje em dia é muito importante. Têm pessoas que só vivem, passam a vida toda pensando somente na parte profissional. Quando chegam lá na frente, aos quarenta, cinquenta anos, elas têm o que? Trabalham a semana inteira e quando chega o final de semana ficam em casa sozinhas, porque tem uma amiga ou outra, mas amiga tem sua família, seu marido, seus filhos; tem a família de seu marido, tem a sua família... Então, tenho muito medo de ficar sozinha. Eu não quero ficar sozinha. Eu quero constituir família para ter alguém perto de mim.

Entretanto se os medos manifestos expõem uma certa insegurança quanto aos seus projetos de futura, olhados a partir do momento presente, os desejos e sonhos dos entrevistados expõem elementos que

sinalizamos anteriormente a partir das palavras de Pais (2001): “ *jovens lançam-se com igual fervor na urdidura da vida. Urdindo sonhos e desejos, inquietações e temores, expectativas e ilusões*” (p. 9)

Michael manifesta seus desejos para o futuro que tema em não se concretizar, mas põe-se na luta,

Então, meu sonho é isso aí, fazer uma academia e também uma casa de *hip hop*, que não funcionasse só aos sábados e domingos, como a Escola Aberta tá fazendo. Infelizmente, a Escola Aberta não vai dar em nada. e não vai prá frente porque quando você faz um trabalho por muito tempo, muito tempo, acaba batendo na mesma tecla, aí o aluno começa a debandar. Se você não der um atrativo prá estes alunos, se não fizer coisas diferentes, se não tirá-los dali da comunidade para que vejam outras coisas, eles vão debandar, eles vão procurar o que fazer. Então, a gente quer fazer uma ‘parada’ diferente, assim de segunda a segunda, como novidade vamos botar a criançada no palco, quem é de teatro vai para o teatro, quem é da dança é da dança e vai procurar saber mais sobre a dança.

Todos desejos e o sonho de Ivone estão relacionados à música e ao samba. Não em seus depoimentos a manifestação de um sentido de busca origem de pertencimento étnico-racial, embora todas as suas referências tenham, dissimuladamente, elementos indiciários disto.

Este é o nosso sonho! ... e da família também. Todo mundo apóia. O apoio familiar sempre, sempre teve presente na nossa vida. Uma porque meus tios, todos músicos, sabem que é o nosso sonho. Eles sempre nos apoiaram desde o projeto quando eram pequenas. Toda a família se envolveu. A gente sente que tem um desejo deles também

Por sua vez João nos demonstra, como em sua forte relação com a igreja adventista, uma certa ambivalência. Os seus desejos estão associados à música: ser cantor de gospel, conjugando estas atividades

com seus investimentos no campo da escolarização. Mas, ser cantor de gospel e estar submetido à standardização de sua igreja, ou projetar a sua própria autonomia.

Eu quero cantar, quero gravar música *gospel*, sempre gostei disso, mas sei que da música não posso conseguir muito dinheiro. Mas vou seguir, vou tentar, vou fazer a minha parte ...! Aline Barros é uma cantora brasileira de *gospel* que vende muito. Há outros cantores que se dão superbem, mas é uma luta. Isso é processo gradativo, eu sei, que vai demorar bastante, mas é por aí que eu quero caminhar... Através viver da música, do jornalismo, como documentarista. Também não quero deixar a educação, porque tenho um carinho muito especial. Eu tenho que continuar fazendo o meu trabalho social enquanto não vou conseguindo aquilo que eu quero, né?

Mariana

Hoje, penso que seria bem legal estar casada com 35 anos e com 37 já queria ter tido os meus filhos; aos 38 anos seria um momento muito bom para estar traduzindo, trabalhando com tradução, começando ou na metade do meu doutorado. Penso, a princípio, dar aula na USFC, mas o que quero mesmo é trabalhar em casa com revisão e tradução. Isto é onde eu quero parar...

Com agudeza, Souza (1983) realiza uma pesquisa pioneira e bastante inventiva nos anos 1980 para compreender as vicissitudes de pessoas negras quanto aos processos identitários e de mobilidade social na realidade de uma sociedade que aciona diferentes dispositivos, dissimulados ou explícitos, marcadamente de discriminação e racismo. Ela nos alerta sobre a exigência de pensar a tensão entre o pensamento, a realidade do corpo e a constituição do processo de identidade negra. Seguindo, de sua inspiração, podemos asseverar que todos os traços que emergem dos auto-retratos apresentados produzem um efeito extraordinário: a experiência de torna-se negro se impõem sem essencialismo vulgar e, completamente, distante de qualquer

compreensão de que de identidades fixas e homogêneas. Ao contrário, elas são portadores de processos singulares, contraditórios, complexos, mas repletas da humanidade própria do momento presente, sem deixar os traços das referências para um futuro melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS URDIDURAS DO TEMPO PRESENTE

“Muita vez, a causa principal da pobreza, em ciência, é a riqueza presumida. A finalidade da ciência não é abrir a porta ao saber infinito. Mas colocar um limite à infinitude do erro.”
(*Vida de Galileu, de Bertolt Brecht*)

Há algo de irrisório em torno do exercício investigativo que, com o resultado de suas reflexões, tenta afirmar uma hipotética riqueza de conhecimentos presumidos. Há, ainda, algo mais irrisório, que em face do esforço intelectual, não seja capaz de descrever um movimento sobre o seu próprio ato de pensar e que não seja capaz de reconhecer que, no limite das fronteiras improváveis, as narrativas singulares podem se apresentar como vestígios de grandes narrativas solidárias, diversas e plurais.

Com o título **Tessituras da Pele; Juventude(s), Relações Raciais e Experiências Sociais**, esta investigação considerou como pressuposto que a experiência social de juventude(s) negras passa, necessariamente, pela compreensão das particularidades das relações raciais constituídas na sociedade brasileira. A partir disto, traçamos o seguinte problema central: se o racismo é onipresente nas relações humanas e sociais, como os jovens negros percebem e vivenciam, em diferentes dimensões sociais, as suas experiências de constituição identitária em face de pertencimento racial.

A pesquisa, com interface entre dois importantes campos de estudos, o das relações raciais e da juventude, foi delineada em três objetivos, quais sejam: investigar as experiências sociais de jovens negros em sua interação com espaços de socialização e sociabilidades, em relação ao seu pertencimento racial e às estratégias e lógicas de ação na constituição de seus processos identitários e, por fim, identificar a elaboração e reflexibilidade sobre as formas de pertencimento e ações assumidas por eles, em face da onipresença do racismo.

Para além da escolha temática, dos objetivos e da exigência metodológica, desejamos enfatizar um lugar político de reconhecimento e afirmação das expressões juvenis associadas à juventude negra. Nesta

perspectiva, as preocupações se dirigiram para experiências sociais dos indivíduos nas fronteiras da vida social. Com outras palavras, tomamos a dimensão pessoal da vida social como perspectiva de construção de um protocolo de procedimentos para abordagem do campo empírico.

Particularmente, no trabalho de campo procuramos delinear os traços das histórias singulares dos sujeitos da pesquisa, a partir de entrevistas narrativas semi-estruturadas. Este trabalho definiu o caráter e a formato de exposição dos depoimentos. Ao procurar organizar cada auto-retrato, conforme proposição de Lahire, e, ainda, uma singular perspectiva inspirada em Stuart Hall (1997/1998), a partir de suas reflexões sobre identidades mínimas de sujeito social em dimensão relacional.

As histórias narrativas construídas nos proporcionaram visualizar o quanto a experiência social de jovens negros solicitam a identificação de nexos estabelecidos na interação com os espaços de socialização e sociabilidades. No fluxo dos acontecimentos experienciados, a onipresença do racismo impõe constrangimentos bastante expressivos, ainda que não totalmente presentes na flexibilidade de todos os jovens. Há, pois, um pertencimento imposto de fora, nas relações sociais, pela condição de corporeidade, que escapa a sua própria subjetividade, tal como adverte Santos (2000) ao afirmar que “*sem dúvida, o home é o seu corpo, a sua consciência, a sua sociabilidade, o inclui sua cidadania*” (p.15). Contudo, esta complexa constituição, no caso dos homens e mulheres negras, não raro, é sobre-representada por outrem, socialmente, a partir da “*realidade social de seu corpo*”. Isto impõe então, um manejo de respostas, de estratégias nem sempre percebidas pelo próprio sujeito. Deste modo, ao considerar a dimensão pessoal da vida social, a pesquisa possibilitou acompanhar, a partir das narrativas de cada sujeito, diferentes lógicas e ações assumidas por eles para constituir o sentido de pertencimento como a dimensão e a dinâmica do processo identitário.

Estes retratos narrativos, de histórias singulares, sugerem o quanto o processo de constituição das identidades singulares são instáveis, contraditórias e enredadas de constrangimentos de diferentes níveis, direções e intensidades. Em determinados momentos, acontecimentos semelhantes se cruzavam e perpassavam as diferentes histórias e intercambiavam experiências, sem que os sujeitos tivessem alguma relação de proximidade entre si. Em outros momentos, as

histórias sugeriram que havia pontos cegos que escapava do campo de percepção de cada indivíduo e, portanto de sua consciência.

Stuart Hall (1998), analisando o contexto social jamaicano, alerta para a necessidade de reconhecer que a identidade não está dada e disposta para ser assumida, *ela necessariamente precisa ser aprendida* (p. 27). Por seu turno, nas histórias singulares, os jovens negros que traçavam os seus próprios retratados nos alertam para a necessidade de outro reconhecimento não menos importante, mas instigante: *a identidade também precisa necessariamente ser desejada*. Por isso, foi necessário pensar cada jovem na experiência de sua condição juvenil e, em seguida, pensar na experiência na sua condição de negro. Assim, percorrendo os fios narrativos, sobressaem vigorosamente as diferenças fulcrais para apreender, na condição de jovem, a experiência de sua condição de negro, ou, dito de outro modo, na condição de negro, a sua experiência juvenil, como procuramos alertar em diversos momentos.

Para cada um destes jovens, a onipresença do racismo se apresenta em situações tão pesadas, como o desabafo de Álvaro, uma dentista, profissão exercida por poucos negros na região de Florianópolis, a respeito de não se sentir tranquilo em ter que ser referência unicamente por ser negro: *“ser referência por ser negro não é algo que ache tranquilo de levar”*. O trabalho emocional exigido para que cada jovem negro transite e que se encontram descritos em suas narrativas devem ser dimensionados. Por sua vez, há que se reconhecer também que os diferentes contextos de socialização e sociabilidades demandam o acionamento e manuseio de emoções, ainda que nem sempre cada sujeito se sinta nas condições de acionar.

Alguns aspectos vislumbrados, a partir das suas histórias, merecem ser recuperados para o nosso campo de observação e reflexão. Partimos de uma suspeita de que o caminho mais adequado era abordar a compreensão dos sujeitos singulares na dimensão social. No entanto, é sugestivo expandir para outros processos e recortes analíticos.

Gostaríamos de sugerir ao menos quatro aspectos que nos instigaram. Como já informamos anteriormente, os seis autorretratos não pretenderam se constituir em uma espécie de paradigma do campo empírico e nem indicar nenhuma generalização. Entretanto, estruturamos os retratados tentando potencializar múltiplas perspectivas da dimensão pessoal da vida social.

1. A constelação familiar e as expressões religiosas como uma nova marca geracional

Um dado emblemático presente nas narrativas se apresenta quanto o grau de liberdade dos jovens em torno de sua expressão religiosa. E este dado está inversamente proporcional às idades. Álvaro, que possui 42 anos, é o único que declara ser católico, embora não seja praticante. Com dezoito anos, Júlia transita em dois espaços de expressão religiosa sem nenhum constrangimento aparente. Júlia e Álvaro descrevem as suas histórias nas extremidades geracionais.

2. As relações afetivas inter-raciais.

As questões em torno do mercado matrimonial deveriam ocupar nossa atenção. As situações conflitivas nas escolhas afetivas e matrimoniais deveriam se constituir como uma investigação importante, pois como já foi sinalizado o jogo das combinações e intercâmbios afetivos não acontece em um território sem tensões e de modo aleatório. Assim, a composição das relações afetivas inter-raciais para a pertinência de novas pesquisas nesta direção. Algumas pesquisas, como é o caso de Petruccelli, sinalizam o indício de mudanças, sem que seja reconhecida a existência de uma tendência.

3. O contexto dos processos de escolarização como espaço conflitivo de identidades e pertencimentos raciais.

Os contextos dos processos de escolarização se constituíram entre as instituições de socialização, nos espaços onde os jovens experienciaram as suas percepções de solidão. E não só, nestes espaços encontramos os conflitos mais intensos entre as crianças. E nenhuma situação os jovens indicaram que obtiveram alguma atenção. As situações de atritos que se apresentaram nas narrativas, em nenhum as referencias quanto ao seu pertencimento e identidade foram acionados positivamente.

4. As mudanças pessoais frente às questões geracionais

As mudanças pessoais frente às questões geracionais ficaram bastante visíveis a partir das histórias de Mariana. Talvez fosse uma perspectiva de estudos. Na origem de nossos estudos, as preocupações geracionais estiveram presentes, entretanto, tomamos outra direção.

Seria sugestivo pensar estudos que investigassem as mudanças comportamentais geracionais de forma longitudinal, isto é, acompanhando diferentes gerações a partir do recorte arbitrário de faixa etária. Em outra direção, apontamos o quanto pesquisas que abordassem as situações conflituosas e mudanças de comportamento em uma perspectiva geracional no interior da família. As relações de Mariana com irmã de 18 anos e até mesmo com sua própria mãe, com 55 anos, indicam que suas experiências juvenis captam, extraordinariamente, tensões e conflitos geracionais. Além disso, expressa as mudanças de subjetividades que se encontram na dimensão social das relações.

Estamos convencidos que as proposições, ainda que provisórias e singulares, apenas sugerem uma dimensão a ser ponderada. De fato, todos os elementos que emergiram apontam para a importância de considerar a dimensão pessoal na dimensão social como um exercício de reconhecer e afirmar politicamente novas subjetividades e as identidades que se encontram fora das percepções analíticas.

Muito do exercício investigativo construído neste trabalho teve inspiração, e de alguma maneira fortaleceu a convicção que havia um caminho que valia a pena ser percorrido, e que Stuart Hall sugere a partir de sua experiência, *“desde o início – na realidade muito antes de eu compreender isso tudo na teoria – eu me dei conta de que a identidade é uma invenção. A identidade se forma no ponto instável onde as histórias inenarráveis da subjetividade encontram as narrativas da história e da cultura.”* (Hall, 1997/1998, p.25).

Por fim, compartilhamos com Melucci (2001) a convicção a respeito do quanto devemos tornar mais humano o esforço contínuo e necessário para reduzir e diminuir a injustiça, para tornar vivível este planeta e a nossa vida pessoal.

A construção de uma sociedade planetária mais igual, assim como de sociedades locais menos dramaticamente dilaceradas pela desigualdade, permanece uma aspiração fundamental para todos aqueles que se interrogam sobre o futuro de nossa espécie e agem pelo bem comum. Mas esta tendência para a justiça e para a equidade deve, hoje, ser sustentada por uma capacidade de análise dos modos como a desigualdade se forma e se mantém em todos os processos sociais e pessoais

que nos envolve. As idéias de que só a mudança das estruturas pode produzir transformações, sem envolver os nossos modos de construir, individual e coletivamente, a mesma experiência humana, pertence às ilusões do passado. Se seremos, ou não, capazes de fazer também das nossas mentes, dos nossos afetos e emoções, das nossas necessidades espirituais, um terreno de experiência de mudança, este é o desafio que devemos enfrentar. (idem, p. 27)

Quando iniciamos esta pesquisa tínhamos anunciado que as respostas, por vezes, escondem perguntas fundantes, aquelas que motivaram a perseguir a curiosidade que desse sentido ao esforço de exercitar a reflexão diante da busca da *infinitude* do erro, na expressão de Brecht. E, uma de nossas interrogações foi tentar perscrutar aquilo que Milton Santos enunciava como um dos desejos do negro brasileiro: *tornar-se um homem e mulher comuns*. Havia uma força nessa idéia que, modestamente, por meio da construção das narrativas de histórias de homens e mulheres comuns, procuramos traduzir nesta pesquisa e em sua escritura final.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa*, nº 5 e 6. São Paulo, ANPEd, 1997.

ABRAMO, Helena W. Condição juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005.

ADÃO, Sandra Regina. **Movimento hip hop**: a visibilidade do adolescente negro no espaço escolar, 2006. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2006

ADORNO, Sérgio. Discriminação racial e justiça criminal. *Novos Estudos* nº 43, novembro. 1995.

ALBUQUERQUE, Rute Miriam. **Malungo**: itinerário plural de relações com os saberes. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2009.

ALMEIDA, José Nilton. **Os Gregos Rindo de Si Mesmos**: um olhar sobre a Democracia. 1994. 188f. Dissertação de mestrado (Fundamentos da Educação). Maringá: UEM, 1994.

ALVES, J. LIMA, R.; ALBUQUERQUE, C. (orgs.). **Cacumbi**: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.

ANDREWS, George Reid, Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano. *São Paulo, Estudos Avançados* 11 (30), 1997, pp. 95-115.

ARAÚJO, Hermetes R. **A invenção do Litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BAIROS, Luiza Helena de. Mulher Negra: o reforço da subordinação. In: LOVELL, P. (Org.) **Desigualdades raciais no Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1991.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARBOSA, Raquel. **A questão do quesito raça/cor nos prontuários do Programa Sentinela**. Florianópolis, SC, 2007. 83 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, 2007.

BARCELOS, Luiz. Educação: um quadro das desigualdades raciais. **Estudos Afro-Asiáticos n° 23**, dezembro, 1992.

BATISTA, Luís Eduardo. **Mulheres e homens negros: saúde, doença e morte**. 2002. 232 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

BATISTA, Marta; GALVÃO, Olívia. Desigualdades raciais no mercado de trabalho brasileiro. **Estudos Afro-Asiáticos n° 23**, dezembro, 1992.

BELTRÃO, Kaizô; TEIXEIRA, Moema. O vermelho e o negro: raça e gênero na universidade brasileira – uma análise da seletividade das carreiras a partir dos Censos demográficos de 1960 a 2000. Rio de Janeiro: IPEA (texto para discussão n° 1052). 2004.

BERQUÓ, Elza. Nupcialidade da população negra no Brasil. **Textos NEPO n° 11**, agosto, 1987.

BERTÚLIO, Dora Lúcia de Lima. Racismo e Desigualdade Racial no Brasil. In; Duarte, Evandro C. Piza et al. **Cotas Raciais no Ensino Superior: entre o jurídico e o político**. Curitiba: Juruá, 2008.

BOTEGA, Gisely P. **As relações raciais nos contextos educativos: suas implicações na constituição do autoconceito das crianças negras moradoras da comunidade de Santa Cruz do município de Paulo Lopes/SC**. Florianópolis, 2006. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A juventude é apenas uma palavra*. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: Nogueira, M.A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 33-38.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes**: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da USP. 2000.

CAMACHO, L. M. Y. A invisibilidade da juventude na vida escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 02jul.dez.2004.

CAMARANO, Ana Amélia et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA (texto para discussão nº 1038), 2004.

CAMPOS, Cynthia Machado. Identidades e diversidades no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas. *Fronteiras: Revista de História*. Florianópolis, 1999.

CAMPOS, Cynthia Machado. **Santa Catarina, 1930**: da degenerescência à regeneração. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis**: relações sociais e econômicas. Florianópolis: Insular, 2000.

CARDOSO, Fernando Henrique. IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro**: Experiências de populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.

CARRANO, P.C.R. **Angra de tantos reis**: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade. 1999. 460 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

CARVALHO, Andréa Aparecida de Moraes Cândido de. **As imagens dos negros em livros didáticos de história**. Florianópolis, 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina,

Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2006.

CARVALHO, J.J. Exclusão racial na universidade brasileira: um caso de ação negativa. In: Queiroz, Delcele (org.) **O negro na universidade**. Salvador: Novos Toques, 2002.

CARVALHO, J. J. **Inclusão Étnica e Racial no Brasil**. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

CERTEAU. Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007, 13ª edição.

CHARLOT, Bernard. **Da relação como saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: ArtMed., 2000.

CHAUÍ. M. **Escritos sobre Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

CORTI, Ana Paula O.; SPOSITO, Marília. Pesquisa sobre Educação e os Temas Emergentes. In: SPOSITO, Marília (Coord.). **Juventude e escolarização** (1984-1998). Brasília: Mec/Inep/Comped. (Série Estado do Conhecimento), 2002.

CUNHA, Estela. Diferenciais na mortalidade de menores de um ano segundo raça: novas constatações. Caxambu: XI Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, v. 3, 1998.

CUNHA. Olívia Maria Gomes. Depois da festa: movimentos negros e “políticas de identidade” no Brasil. In: Alvarez, Sônia E. et al. **Cultura e Política nos Movimentos Sociais Latino-americanos**: novas leituras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

DAYRELL, Juarez. Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília (Coord.). **Juventude e escolarização** (1984-1998). Brasília: Mec/Inep/Comped. (Série Estado do Conhecimento), 2002.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPED, nº 24, 2003.

DIJK. Teun A. van (org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, Maria Betânia P. G. G. **Negro e educação**: um estudo na escola pública de primeiro grau. 1997. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DURAND, Olga Celestina S. **Jovens da ilha de Santa Catarina: Socialização, Sociabilidade**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da USP. 2000.

DURAND, Olga Celestina e FURINI, Dóris Regina M. Os jovens e os programas educativos em Florianópolis: uma frágil relação? In: SPOSITO, Marília P. (org.). **Espaços Públicos e Tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras**. São Paulo: Global, 2007, p. 83-108.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. Sociologia do conhecimento: novas perspectivas. *Soc. estado*. [online]. 2008, vol.23, n.3, pp. 515-554. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v23n3/a02v23n3.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2009.

FRAGA, Paulo César Pontes; IULIANELLI, Jorge A. Silva (orgs.). **Jovens em Tempo real**. São Paulo: DP&A, 2003.

FREITAS, Maria V. e PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs.). **Políticas Públicas e Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa, 2003.

FREITAS, Patrícia de. **Margem da palavra, silêncio do número: o negro na historiografia de Santa Catarina**. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Fundação Franklin Cascaes, 1993.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.

GONÇALVES, Luiz Alberto de O.; SILVA Petronilha B. G. **O jogo das diferenças: multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. “Raças”, racismo e grupos de cor, no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, (27), 1995, p. 45-63.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Preconceito e discriminação. Queixas de ofensas e tratamento desigual dos negros no Brasil. Salvador: Programa A cor da Bahia/mestrado em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. n. 3, 1998.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Classes, Raças e Democracia**. Paulo: Editora 34, 2002a.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2002b.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Entre o medo de fraude e o fantasma das raças. In: Steil, Carlos Alberto (Org). **Cotas na Universidade: um debate**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. São Cortez, 2008a.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A. Democracia Racial. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/asag>. Acesso em: 30 jan. 2008b.

GUIMARÃES, Mary Francisca. **Preconceito racial em questão**. Belo Horizonte, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1996.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. 1996. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24: 68-75.

HALL, S. Identidades Mínimas. Nossa América. *Revista do Memorial da América Latina*. São Paulo: IMESP, nº 13.1997/1998.

HALL, S. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. 1ª reimpressão revista.

HALL, S. **A Identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11ª edição.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. **Estrutura social, mobilidade e raça**. Rio de Janeiro: IUPERG, 1988.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e desigualdade racial no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Belo Horizonte: Ed. UFMG: Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005. 2ª edição.

HERINQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90, Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

IANNI, Octavio. Escravidão e Racismo. São Paulo: Hucitec, 1978.

IANNI, Octavio. Octavio Ianni: O preconceito racial no Brasil. Estudos Avançados. [online]. 2004, vol.18, n.50, pp. 6-20. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100002. Acesso em: 07 set. 2007.

JOVCHELOVITH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa como texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

KRISCHKE, Paulo J. Juventude e socialização no Sul do Brasil: revistando a teoria de Ronald Inglehart sobre mudança cultural. In: KRISCHKE, Paulo J. (org.) **Ecologia, Juventude e Cultura Política**: a cultura da juventude, a democratização e a ecologia nos países do Cone Sul. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

LARAIA, Roque. Relação entre brancos e negros no Brasil. BIB – Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, nº 7 (p.p. 11-36). 1979.

LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. Lunardelli, 1979.

MAO, M. C.; SANTOS, R. V. **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

INSTITUTO SINDICAL INTERAMERICANO PELA IGUALDADE RACIAL. Mapa da População Negra no Mercado de Trabalho. São Paulo: INSPIR/DIEESE, 1999.

MARTINS, Alaerte. Diferenciais raciais nos perfis e indicadores de mortalidade materno. Brasil. Brasília: DFID (relatório de pesquisa). 2004.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTINS, Roberto. Desigualdades e discriminação de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro no final do século XX. Brasília: OIT (relatório de pesquisa), 2003a.

MARTINS, Roberto. Desigualdades raciais e políticas de inclusão racial: um sumário da experiência brasileira recente. [s.l.]: CEPAL; (relatório de pesquisa), 2003b.

MELUCCI, Alberto. **Acción Colectiva, Vida Cotidiana y Democracia**. México. El Colégio de México, Centro de Estudios Sociológicos, México, 1999.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu**. Porto Alegre: Unisinos, 2004.

MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociologia Reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de Marca**: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Edusp, 1998.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria I. M., EUGÊNIO, Fernanda (ogs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NOVAES, Regina; CARA, Daniel. Jovens como sujeitos de Direitos: novas interrogações. In: RIFIOTIS, Theophilos e RODRIGUES, Tiago H. (orgs.) **Educação em Direitos Humanos**: discursos críticos e temas contemporâneos. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

NOVAES, Regina. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estud. av.* [online]. 2004, vol.18, n.52, pp. 321-330. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300020. Acesso em 28 abr. 2009.

OLIVEIRA, Leunice M. **Currículo e cultura negra na Restinga**: um estudo de escolas e agências socioeducativas – rompendo o silêncio, criando identidade. Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.

OSÓRIO, Rafael. **Mobilidade social sob a perspectiva da distribuição de renda**. Brasília: UnB (dissertação de mestrado em sociologia), 2003.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIXÃO, Marcelo J.P. **Desenvolvimento humano e relações raciais**. (coleção Políticas da Cor). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PAIXÃO, Marcelo J.P. Desigualdades raciais no acesso a terra. Brasília: PNUD. Trabalho brasileiro no final do século XX. Relatório de pesquisa. Brasília: OIT, 2005.

PAIXÃO, Marcelo J.P. Panorama da inserção da população infanto-juvenil brasileira no mercado de trabalho através de um recorte por cor/raça. In: BENECKE, Dieter; NASCIMENTO, Renata (orgs).

Política social preventiva: um desafio para o Brasil. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer. 2003b.

PAIXÃO, Marcelo J.P. **Crítica da Razão Culturalista**: relações raciais e a construção das desigualdades sociais no Brasil. 2004. 296f. Tese de doutorado (Sociologia). Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2004.

PAIXÃO, Marcelo J.P. Contando vencidos: diferenciais de esperança de vida e de anos de vida perdidos segundo os grupos de raça/cor e sexo no Brasil e Grandes Regiões. Relatório de pesquisa. Brasília: DIFD, 2004.

PAIXÃO, Marcelo J.P. Nada haver ou tudo a ver? Diálogos entre a questão do desenvolvimento econômico e das relações raciais no Brasil. In: SICSÚ, João, PAULA, Luiz; RENAULT, Michel (orgs) **Novo-desenvolvimentismo: um projeto nacional com equidade social**. Barueri: Manoel Editorial; Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2005.

PASSOS, Joana Célia. **Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública**. 2010. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

PASTORE, José; SILVA, Nelson do Valle. **Mobilidade Social no Brasil**. São Paulo: Makron, 2000.

PEDRO, Maria Joana et alii. **Negro em terra de branco: escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PEDRO, Maria Joana. **Mulheres honestas mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Editora UFSC, 1994.

PEDRO, Maria Joana. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, M. (org). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

PETRUCCELLI, José L. Casamento e cor no Brasil: a reprodução das diferenças. I e II Concurso Nacional de Monografias Sobre População e Desenvolvimento. 1999.

PETRUCCELLI, José L. A declaração de cor / raça no Censo 2000: um estudo comparativo. Rio de Janeiro: IBGE (texto para discussão, nº 6). 2002.

PINHEIRO, Luana et al. **Retrato das Desigualdades de gênero e raça** – 3. ed. Brasília: Ipea: SPM: UNIFEM, 2008. 36 p. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/livreto_retrato_3edicao.pdf. Acesso em 27 ab. 2009.

RATEKE, Deise. A Escola Pública e o PROERD: Tramas do agir policial na prevenção às drogas e às violências. 2006. Dissertação (Educação). Florianópolis: UFSC, 2006.

ROMANELLI, Geraldo. Questões teóricas e Metodologias nas Pesquisas Sobre Família e Escola. In: Nadir Zago, Marília P. Carvalho,

Rita Amélia T. Vilela. **Itinerário de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ROSEMBERG, Fúlvia. Segregação espacial na escola paulista. In: LOVELL, Peggy (org) – **Desigualdade racial no Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG / CEDEPLAR. 1991.

SANSONE, Lívio. Um campo saturado de tensões: o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil. *Estud. afro-asiát.* [online]. 2002, vol.24, n.1, pp. 5-14. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101. Acesso em: 13 nov. 2009.

SANTOS, Erisvaldo P. **Religiosidade, identidade negra e educação**: o processo de construção da subjetividade de adolescentes dos Arturos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1997.

SANTOS, G. et al. A Juventude Negra. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P. (orgs.) **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005, p 291-302.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A Invenção do Ser Negro**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. Folha de São Paulo, São Paulo, 07 de maio de 2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0705200007.htm>. Acesso em: 04 mar 2008.

SCALON, Maria. Cor e seletividade conjugal no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos, nº 23, dezembro. 1992, p.17-36.

SCHAWRCZ, L. M. As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O Contexto brasileiro: in: SCHAWRCZ, L. M.; QUEIROZ, R. S. (orgs.). **Raça e Diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 147-185.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: LEITE, Alcione S., LAGO, Mara C. S. e RAMOS, Tânia R. O. (orgs.). **Falas de Gênero**: teorias, análises e leitura. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999, p. 21-55.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC. Vol. 13. n.1, p. 11-30, 2005.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização. MAO, M. C.; SANTOS, R. V. **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

SERPA, Élio C. A Identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Florianópolis. Revista de Ciências Humanas, v. 14, n. 20, 1996, p. 63-79.

SILVA, Cristiane I. **O acesso das crianças negras à educação infantil:** um estudo de caso em Florianópolis. Florianópolis, 2007. [94] f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, 2007.

SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a Cidade:** segregação urbana e racial em São Paulo. Brasília: Fundação Palmares, 2006.

SILVA, Nelson V. O preço da cor: diferenciais raciais na distribuição da renda no Brasil. Rio de Janeiro: Pesquisa e Planejamento Econômico 10 (1), Abril, 1980.

SILVA, Nelson V. Cor e o processo de realização sócio-econômica. In HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson V. **Estrutura social, mobilidade e raça**. Rio de Janeiro: IUPERG, 1988.

SILVA, Nelson V. Estabilidade temporal e diferenças regionais no casamento inter-racial. Estudos Afro-Asiáticos, nº 21, 1991.

SILVA, Nelson V.; HASENBALG, Carlos. **Relações raciais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed; IUPERJ, 1992.

SILVA, Nelson V. Uma nota sobre “raça social” no Brasil. Estudos Afro-Asiáticos, 1994, nº 26, setembro.

SILVA, Nelson V. Morenidade: modo de usar. Estudos Afro-Asiáticos nº 30, dezembro, 1996.

SILVA, Paulo Vinícius B.; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: Lugares de Negros e Brancos na Mídia. In: DIJK. Teun A. van (org.). **Racismo e Discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008, P. 73-115.

SOARES, Sergei (2000) – O perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. Brasília: IPEA (texto para discussão nº 769).

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPOSITO, Marília P. Estudo sobre juventude e educação. In: **Juventude e Contemporaneidade**. São Paulo: ANPED. Revista Brasileira de Educação. N. 5-6, 1997.

SPOSITO, Marília P. (coord.). **Juventude e Escolarização** (1980-1998). Brasília: Mec/Inep/Comped. (Série Estado do Conhecimento), 2002.

SPOSITO, Marília P. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, Maria V. e PAPA, Fernanda C. (orgs.). **Políticas Públicas**: juventude em pauta. São Paulo: Cortez: Ação Educativa: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

SPOSITO, Marília. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 87-128.

SPOSITO, Marília P. (org.). **Espaços Públicos e Tempos juvenis**: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Global, 2007.

SPOSITO, Marília P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da Escola. In: PAIXÃO, L.P. e ZAGO, Nadir (orgs.). **Sociologia da Educação**: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 2007, p.19-43.

SPOSITO, Marília P. (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. Volume I. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009a. Disponível em: <www.observatoriojovem.org>. Acesso em: 04 mar. 2010.

SPOSITO, Marília P. (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social. Volume II. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009b. Disponível em: <www.observatoriojovem.org>. Acesso em: 04 mar. 2010.

SPRANDEL, Maria A. **A pobreza no paraíso tropical**: interpretações e discursos sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 20004.

TELLES, Edward. E. Características sociais dos trabalhadores informais. O caso das regiões metropolitanas brasileiras. *Estudos Afro-Asiáticos*, (19): 1990.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VELHO, Jorge. **Subjetividade e Sociedade**: uma experiência de geração. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VILHENA, Luís. **Ensaio de antropologia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 1997.

WOOD, Charles . Categorias censitárias e classificações subjetivas de raça no Brasil. In: LOVELL, Peggy (org.). **Desigualdade racial no Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG; CEDEPLAR, 1991, p. 93-111.

WOOD, Charles; CARVALHO, José. **A demografia da desigualdade no Brasil**. (série PNPE nº 27). Rio de Janeiro: IPEA, 1994.

ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R.A. T. (orgs.). (2003). **Itinerários de Pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZALUAR, Alba. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. . In: VIANNA, H. (org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 17-57.